POESIAS

DE

M. M. DE B. DU BOCAGE.

POESIAS

DE

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE,

COLLIGIDAS EM NOVA E COMPLETA EDIÇÃO,
DISPOSTAS E ANNOTADAS

POR

I. F. DA SILVA:

E PRECEDIDAS DE UM ESTUDO BIOGRAPHICO E
LITTERARIO SOBRE O POETA, ESCRIPTO

POR

L. A. REBELLO DA SILVA.

TOMO II.

LISBOA
EM CASA DO EDITOR A. J. F. LOPES,
Rua Aurea N.º 227 e 228.

MDCCCLIII.

ODES.

ODES.

I.

Os Amores.

Dos malignos Amores
Girava os ares o volatil bando,
Seus aúreos passadores
Dos eburneos carcazes semeando:

O mais destro frécheiro,
O chefe da invencivel companhia,
Que tem do mundo inteiro
A seus pés o destino, e monarchia:

Aquelle, que em desmaio
Muda ao tigre o furor, se a dextra move,
Que até, sem medo ao raio,
Sacrilego farpão cravára em Jove:

Do azul campo sereno
Desce, em fim, c'os irmãos a fertil prado,
Visinho ao Tejo ameno,
E diz á turma, de que vem cercado:

«Eu, que não satisfeito
De combater, de triumphar na terra,
Comvosco tenho feito
Aos proprios ceos inevitavel guerra:

«Eu, que prazer sentia
Em forjar aos mortaes mortaes pezares,
Que ufano, alegre, via
O sangue borbulhar nos meus altares:

«Eu, que em mavorcia lida
Tornei purpureo o limpido Scamandro,
Eu, cruento homicida
De Hero gentil, do nadador Leandro:

«N'este dia de gosto,
Em que brotou de generosa planta
Aquella, cujo rosto
Almas captiva, corações encanta:

«N'este bom dia, em que ella,
Em que Marilia, nossa gloria, Amores,
Appareceu mais bella
Que a flor de Venus na estação das flores;

«Do que fiz me arrependo,
Quero affamar-me por mais alta empreza:
Eternisar pretendo
A melhor producção da Natureza.

«Um de vós, sem demora,
Procure o velho, que em perpetua fome
Rijos troncos devora,
O ferro, o bronze, o marmore consome:

«Vá dizer-lhe, que parta
Logo o instrumento sanguinoso, e duro,
A fouce, nunca farta
De mandar os mortaes ao reino escuro:

«Que respeite, rendido,
Um dia tão sagrado, e tão jocundo,
Em que deixa Cupido
Pela primeira vez em paz o mundo:

«E se o monstro faminto
Não dobrar a cerviz no mesmo instante,
Mostrarei que me sinto
Para a vingança com valor bastante:

«Farei que saiba o quanto
Póde o fervor de um amoroso affecto;
Farei, que lave em pranto
As cans espessas do medonho aspecto.

«O mundo não tem visto
Obrar Amor prodigios cento e cento?
Pois veja agora n'isto
De meus portentos o maior portento.»

Disse, e depois que sôa
Tenue susurro, a ordem se executa:
Um delles parte, e vôa
Do Tempo á carcomida, horrivel gruta:

O velho injusto, e forte,
Consúmidor das cousas, encostado
No regaço da Morte,
Fouce na mão, cadaveres ao lado,

Vendo entrar de repente
O bello infante, o nuncio de Cupido,
Alça a rugosa frente,
Em tom lhe diz suberbo, e desabrido:

«Infeliz! Que arrogancia,
Que imprudencia, que fado ou que desdita
Te guia á negra estancia,
Aonde o Tempo com a Morte habita?

«Não pasmas, não tens susto
De olhar-me? De me ouvir? Pois eu te ensino
Com meu braço robusto
A acatar-me, a temer-me, audaz menino.»

Disse, e, vermelho o gésto,
Torcendo os olhos, que chammejam ira,
Move o braço funesto,
E co'a sanguinea fouce ao deus atira:

O ferro os ares mede,
Obedecendo á furia, que o sacode;
Mas eis que retrocede
Fugindo ao numen, que ferir não póde.

Elle então co'um sorriso,
De altivez desdenhosa acompanhado,
Volve os olhos ao liso,
Curvo instrumento, que lhe foi lançado;

E ao monstro, que veneno
Vomita da nojosa boca escura,
«Cessa, (diz) eu t'o ordeno
Em nome de Marilia bella, e pura.»

Elle proseguiria;
Mas os dois feros socios, escutando
Pela voz da Alegria
O nome encantador, suave e brando,

Quaes os deuses do inferno,
Que a fronte, ouvindo Orphêo, desenrugaram,
E o ferreo sceptro eterno
Das inflexiveis mãos cair deixaram:

O furor impaciente,
Que as entranhas lhe róe, subito amançam;
Erguem-se, e de repente
Da mimosa deidade aos pés se lançam.

« Adoravel menino,
(Clamam tremendo os dous) tu nos domaste;
Quando o nome divino
Da singular Marilia articulaste.

« Dize, dize o que intentas,
Que já qualquer de nós te está subjeito,
E as nossas mãos cruentas
Trêmulas vês de affecto, e de respeito. »

« Quero já destruido
(Torna o menino) em honra d'este dia
Esse ferro buido,
Que com vipereo sangue a Morte afia.

« Marilia, cujo agrado
Desencrespa, e serena o mar, e o vento,
Hoje vê renovado
Seu natalicio, festival momento.

« A destra Natureza
De regosijo, de altivez se cobre
Por crear tal belleza,
Alma tão pura, coração tão nobre:

« Até Venus benigna
A disputar-lhe os cultos não se atreve;
Á louva, a julga digna
Dos cysnes, e da concha cor de neve.

« Eia, pois, humilhados
De Marilia ante os olhos vencedores,
Ante os dous adorados
Ninhos das Graças, ninhos dos Amores:

« Sacrificai-lhe as furias,
As furias que defeza não consentem;
Nunca, nunca as injurias
Do Tempo, ou Morte profanal-a intentem. »

Com isto os labios cerra;
E logo o Tempo dos nervosos braços
Arroja sobre a terra
A fouce, que entre as mãos fez em pedaços;

Depois, inda curvado,
Diz: « Está transgredida a lei da Sorte;
Amor, vai descançado,
Que a Marilia veneram Tempo, e Morte. »

Ao seu gentil monarcha
Torna o menino aligero, e lhe conta
Que o Tempo achou, e a Parca
Prompto a seu mando, a seus desejos prompta.

Juntos então revôam,
E, de Marilia proximos aos lares,
Os Amores entôam
Hymnos canoros nos cerúleos ares.

II.

Ao Senhor José Bersane Leite.

EURO, batendo as azas procellosas,
O pelago entumece;
Medonhos escarcéos de fôfa espuma
Ás nuvens se arremessam:
Do trovão, do fuzil o estrondo, o lume
Atrôa, e cresta os ares,
Horrido aos olhos, horrido aos ouvidos;
Luctam c'o a vaga enorme
Affrontados baixeis, no Tejo arfando:
Ao repellão frequente
Resiste apenas a robusta amarra.
Oh que terror semêa
O tumulto, que o mar, e o céo revolve!
Lá negreja no occaso,
De espectros ladeada, a Noute horrenda!
Lá desce, lá caminha,
E envolve manso e manso a natureza
No véo caliginoso.
Ó crime velador, a audaz ternura
A saúdam, risonhos:
Ávida turba com silencio cauto
Meios e ardis traçando,

Lhe espreita os passos, lhe calcûla as horas;
A fragil posse anhela
D'esses idolos vãos — ouro, belleza —
Tão fataes, tão queridos!
Oh venturoso tu, que, rodeado
De candidos prazeres,
Nos lares teus, nos lares da virtude,
Ora em extasis doce
Pendes do cysne, que as meandrias aguas
Ao sacro Tibre invejam;
Ora todo te dás ao som divino,
Ás lyras milagrosas
Do meu Tionio, do atilado Eurindo,
De Leucacio fecundo,
Que, accezos despregando ao estro as azas
Pelo ceruleo vácuo,
O sol transcendem, sómem-se nos astros,
Do Fado a nevoa rompem,
Mysterios sondam, maravilhas palpam;
Em quanto o zoilo inerte,
Cego ao rasto, ao fulgor, que pelos ares
O arduo vôo assignal-a,
Morde, e remorde as viboras do seio,
Pragueja, brama, escuma;
A cholera de Jove antes quizera,
E ir, despojo do raio,
Arder c'o as Furias, ulular no inferno,
Ouvir troar Sumano,
Que soffrer o clarão da gloria alheia.
Feliz, feliz mil vezes

Tu, meu Josino, que á verdade affeito,
Nunca do eximio vate,
Do herói, do sabio o credito escassêas!
Não figuras, não sonhas
No merito dos mais o teu desdouro;
Ás paixões sobranceiro,
Ao jugo da razão vontade preza;
Do auctor distingues o homem:
Se espirito falaz co'a vil calumnia
Ennevoar teus dias,
E se as musas de si lhe derem tanto,
Que embóque épica tuba,
Que o som da eterna Iliada renove,
Dirás, dirás absorto:
« Na voz, que me feriu, revive Homero! »
Exemplo venerando!
Raros o seguem, se o proclamam todos.
Mas vive tu, Josino,
Vive co'a gloria, co'a perpetua gloria,
Que ao grave exemplo quadra;
Só com ella porém medrar teu nome
Não deve entre os famosos;
Teu genio lide, esmere-se a tua alma
Na próvida cultura
Do monte augusto: admirem-te os que admiras;
Sê mais fiel, mais grato
Ás musas, que te querem, que te acenam,
Que os louros te cultivam:
Não temas, não fraquejes; vôa e canta
Além do vulgo insano:

Estatuas e padrões consome o tempo,
Desaba o sêrro annoso,
Perece o ferro, o bronze, e versos vivem.
Para cantar de amores
Suave inspiração lá tens nos olhos,
Nas ondadas madeixas,
No riso ingenuo da louçan Ritalia,
De Anarda encantadora:
Para cantar de heróes, que á patria deram
Não cuidadas victorias,
De sangue, de suor, de pó manchados,
Forçando o mar, e a terra,
Lê Camões, lê Camões, com elle a mente
Fertiliza, afervóra,
Povôa, fortalece, apura, eleva;
Que o malfadado Elmano
Em tosco domicilio, onde o sobpeam
Carrancudas tristezas,
Affaz o lutuoso pensamento
Ao phantasma da morte;
Mantem na solidão, no horror das trévas
Reflexões amargosas,
E vê na confusão da natureza
O quadro da sua alma.

III.

Ao Senhor André da Ponte do Quental e Camara.

O TYRANNO de Roma empunha o raio;
Despede-o contra Séneca innocente,
Ao sabio perceptor fulmina a morte
O discipulo ingrato.

De Nero á dura voz se amorna o banho;
As veias se retalham, corre o sangue,
Avermelham-se as aguas, folga o monstro;
O philosopho expira.

Socrates immortal, que um Deus proclama,
O mestre de Platão, lá comparece
De accusadores vís ennegrecido
No corrupto Areópago.

D'altas meditações, d'altas virtudes
Colhe.. (que fructo!) .. a gélida cicuta;
Cae em silencio eterno, eterno somno
O oraculo de Athenas.

No abysmo do infortunio, da indigencia
Agonizam Camões, Pachecos morrem;
Mendigo, e cego, pela iniqua patria
Erra o gran Belizario.

De atros vapores, de tartareas sombras
Nomes augustos a calumnia abafa,
Té que rebente um sol da noute do Erro,
A Razão justiçosa.

Os homens não são máos por natureza;
Attractivo interesse os falsifica,
A utilidade ao mal, e ao bem o instincto
Guia estes frageis entes.

Em quanto das paixões activo enxame
Ferve no coração, revolve o peito,
Perde o caracter, o equilibrio perde
A Rectidão sisuda.

Eis surge imparcial Posteridade
Na dextra sobpezando ethereo facho;
Tu, candido, gentil Desinteresse,
Tu lhe espertas a flamma.

O Criterio sagaz, á frente de ambos,
Apparencias descrê, razões combina,
Esmiuça, deslinda, observa, apura;
E depois sentencêa.

Já sem nodoa a virtude então rutila,
Já sem mascara o vicio então negreja,
Desce ao tumulo a Gloria, heróes arranca
Aos dominios da morte.

Se não somos heróes, se em nós, oh Ponte,
Affouteza não ha, não ha constancia,
Para com ferrea mão suster da patria
A nutante ventura:

Se em util, em moral philosophia
Não damos aos mortaes a lei, o exemplo;
Se dos luzeiros septe á clara Grecia
O grau não disputamos:

Nossos nomes, amigo, alçados vêmos
Acima dos communs: ama-nos Phebo,
As Musas nos enlouram; cultos nossos
Mansa Virtude acolhe.

Em tenebrosos carceres jazemos;
Falaz accusação nos agrilhôa;
De oppressões, de ameaços nos carrega
O rigor carrancudo;

Mas puro dom dos céos, alva innocencia
Esta affronta, este horror nos atavía;
Intima candidez compensa as manchas
Da superficie escura.

Males com a existencia andam cosidos;
Desde o primario ponto do universo
Esta amarga semente sobre a terra
Caîu da mão dos fados.

Em tanto que a raiz tenaz, fecunda
Infecta o coração da natureza,
Os tugurios suffoca, assombra os thronos
A venenosa rama.

Que muito que empeçonhe os nossos dias
O que os seculos todos envenena!
Não merecer-se o mal é jus, é parte
Para sentir-se menos.

Deixemos a perversos delatores
Os filhos do terror, phantasmas negros,
Q'o medonho clarão da luz interna
Assopram sobre os crimes.

Se a verdade entre sombras esmorece,
Se das eras tardias pendo, e pendes,
Para o são tribunal, que ao longe assoma,
Eia, amigo, appellemos.

Tambem ha para nós posteridade,
Quando lá no sepulchro em cinzas soltos
Não podérmos cevar faminta inveja,
Calumnia devorante:

Os vindouros mortaes irão piedosos
Ler-nos na triste campa a historia triste,
Darão flores, oh Ponte, ás lyras nossas,
Pranto a nossos desastres.

IV.

Allegorico — Moral:
O quadro da vida humana.

De porto mal seguro a turvo pégo
Sae mesquinho baixel com raras vélas,
Vai crespas ondas pavido talhando
    Á discrição dos ventos:

Nauta inexperto lhe dirige o léme,
Chusma bisonha lhe marêa o panno;
De um lado fervem Syrtes, d'outro lado
    Navífragos penedos:

Susurrante chuveiro os ares cerra,
Luz sulphureo clarão de quando em quando,
D'imminente procella os negros vultos
    Fero estrago ameaçam:

Já bravos escarcéos, que se amontoam,
Por cima do convéz suberbos saltam:
Prosegue na derrota o debil pinho,
    Das vagas quasi absorto.

Depois de longamente haver corrido
A estrada desigual com céos adversos,
Em lugar de colhel-o, o panno augmenta,
Desafia o naufragio:

Imaginária terra se lhe antólha,
De mil, e mil venturas semeada:
Anhélas por surgir no porto amigo,
Cubiçosa Esperança:

Para cevar o horror mais campo havendo,
A torva tempestade então mais zune,
Em raios, em tufões todo o ar converte,
Todo o pélago em serras:

O misero baixel desmantelado
Aos duros encontrões do mar, do vento,
Sóbe ás estrellas, aos abysmos desce
Entre o pavor, e a morte;

Subito acode próvido piloto,
Que opprimido até'li jazêra em ferros
N'um vil carcere escuro, onde rebeldes
O tinham sobpeado;

Estende a mão forçosa, afferra o leme,
O lenho desaffronta, o rumo escolhe,
Com saber efficaz, com alta industria
Vai sustendo a tormenta.

Já volumosas nuvens se adelgaçam,
O vento se amacia, o mar se aplana:
Do benigno Santelmo o tenue lume
Reluz no aereo tópe.

Reina um pouco a suave, azul bonança;
Mas eis se tolda o céo de novas sombras;
Mais negra, mais feroz, mais horrorosa
Resurge a tempestade.

O sabio director, que todo ufano
Da recente victoria inda folgava,
A repetido assalto oppõe debalde
Arte, vigor, constancia.

Tremendo aos furacões impetuosos
Lá descorçôa em fim, lá desalenta;
Co'a machina infeliz, que já não rege,
Miserrimo soçobra:

Oh ente racional! Oh ente fragil!
Escravo das paixões, que te arrebatam!
Olhos sisudos n'este quadro emprega:
Eis o quadro da vida.

V.

A Esperança:

Offerecida á Excellentissima Senhora D. Maria de Saldanha Noronha e Menezes, em Macau.

Musa, não gemas; ergue, oh desgraçada
O rosto macilento;
Da vista a frouxa luz, quasi apagada
Nas lagrimas que vertes; Musa, alento!
Move a trêmula planta,
Piza os receios, e a Marilia canta.

Canta da illustre dama a gentileza,
A prole esclarecida,
Os dons da sorte, os dons da natureza,
As prendas com que a vês enriquecida;
E depois de a louvares
Torna a teus choros, torna a teus pezares.

Ah! Que já sinto, milagroso objecto,
Quando póde o teu rosto!
Da malfadada Musa o torvo aspecto
Já cora, já se vai do meu desgosto
Sumindo a nevoa densa,
Que desfaz, como o sol, tua presença.

Inclina pois, magnanima senhora,
Os clementes ouvidos
Á voz, que não profere aduladora
Altos encomios de razão despidos;
A verdade celeste
Com seu candido manto os orna, e veste.

A ti, dignos de ti, Marilia, voam;
A ti, bella heroina,
Cujas mil graças mil virtudes c'roam;
A ti, que enches de gloria a fertil China,
Em quanto a que te adora
Misera patria, tua ausencia chora.

As deidades, creando-te, exhauriram
O seu cofre divino;
A teus encantos para sempre uniram
Em aureo laço o mais feliz destino;
E eis os dons com que brilhas
Reproduzidos nas mimosas filhas.

Esses tenros, lindissimos pedaços
Da tua alma preciosa,
O ledo par gentil, que nos teus braços
Das doces, maternaes caricias gosa,
Teus dias felicita,
E nas amaveis perfeições te imita:

Com meiga voz, com efficaz exemplo,
Com saudaveis doctrinas
Ao que habita a Virtude eterno templo
O caminho estellifero lhe ensinas;
A mim, mortal profano,
A mim tão arduo, para ti tão plano.

Já do ethereo vestibulo te acêna
Almo esquadrão radioso;
Já na celeste região serena
Genios sem mancha em hymno harmonioso
Te nomeam... Lá brada
De illesas virgens multidão sagrada.

Não ouves, oh Marilia, as vozes d'ellas?
Repara como off'recem
Do teu pudico amor ás prendas bellas
A gloria sem limites, que merecem....,
Não me engano, em vós chove
O fragrante liquor, que liba Jove.

Vós sois... Porém não mais, oh Musa inerte!
Basta, cesse o teu canto;
As vozes de prazer em ais converte,
Nadem teus olhos outra vez em pranto;
Que as almas compassivas
Attendem mais ás lagrimas que aos vivas.

Com suspiros, oh triste, implora, implora
De Marilia a piedade;
Ella é justa, ella sente, ella deplora
Os erros da infeliz humanidade;
Contra o fado inimigo
Na sua compaixão procura abrigo.

Roga, roga-lhe em fim, que te destrua
As ancias, os temores;
Que á patria, ao proprio lar te restitua:
Ah já te diz que sim: — não mais clamores;
Musa, Musa descança,
Cantemos o triumpho, oh Esperança!

Olha como a tyranna, a má Desgraça
As cobras arrepella,
E as sanguinosas vestes despedaça!...
Zombemos, coração, zombemos d'ella:
Monstro, já não me espantas,
Lá cae, lá treme de Marilia ás plantas.

VI.

Á Excellentissima Senhora D. Maria de Guadalupe Topete Ulhoa Galfim.

Em quanto mãos servìs o altar incensam
Da Fortuna inconstante;
Em quanto as almas cubiçosas pensam
No metal coruscante:

Em quanto álerta, circulando os ares,
O fatal cabo montas,
Oh tu, que os raios, os tufões, os mares
Audaz e insano affrontas!

Em quanto no theatro de Mavorte
Traça astuto guerreiro
Ás oppostas phalanges eruel morte,
Ou duro captiveiro:

Em quanto sobre o throno o rei potente
Da lisonja adorado,
Inda assim mesmo não está contente,
E acha o sceptro pezado:

Servindo-me de balsamo teu riso,
Eu com animo forte,
(Oh Paz amiga), os golpes cicatriso
Que me tem dado a Sorte:

Á ruiva margem do aprasivel Tejo,
No meu tugurio pobre,
Claras virtudes são os bens que invejo,
Rico de um, alma nobre.

Aqui meus hymnos a verdade entôa,
Aqui sobre mil flores
Aos attractivos da preclara Ulhoa
Forjo eternos louvores.

Não vos invoco, oh Musas, não preciso
Vossa mão protectora;
Amores, que podeis, trazei-me um riso
De Armia encantadora:

Por vós com molles osculos furtado,
Minha idéa avigore,
E dos vis zoilos o tropel malvado
Em meus versos o adore.....

Porém que ignoto lume o céo dourando
Aviva a luz do dia!
Ah! Que lá vem nos ares scintillando
Um sorriso d'Armia!

A tropa de Cythéra o traz captivo,
E em torno d'ella adeja
O transparente Zephyro lascivo
A murmurar de inveja.

Prazeres do suave paraiso,
Resumidos no encanto
De um deleitoso e candido sorriso,
Com que Amor pode tanto:

A vós, a vós consagro a minha lyra,
E nas azas do vento
Além do espaço azul, que Apollo gira,
Vôa o meu pensamento.

Optimo fructo de alterosa planta,
Venus só na belleza,
Semi-deusa gentil, que enches de tanta
Vangloria a Natureza:

Menos brilhantes do que as graças tuas
Dançam entre os Amores
Lá nos cyprios jardins as Graças nuas,
Calcando as tenras flores:

Não era, oh nympha, como tu formosa
A bella desgraçada
Que o lacteo seio penetrou saudosa
Com a troyana espada:

Se de Phrigia te visse o pastor louro,
Que ás divinas porfias
Pôz termo, teu seria o pomo d'ouro,
Ou seu premio serías:

De teus esclarecidos ascendentes
A veneranda historia
Impressa vive, em laminas pendentes
Das aras da Memoria:

O fresco Tejo, o fresco Mançanares
Lá n'outra edade os viram
Obrar altas proezas singulares,
E por elles suspiram:

Que direi da tua alma? Inda é mais bella
Que teu bello semblante;
Angelicas virtudes formam d'ella
O retrato brilhante:

Mas teus celestes dons serão manchados
Com meu tosco elogio;
Com versos, que talvez sejam lançados
No somnolento rio!

Indesculpavel, perigosa audacia
Teus louvores me inspira;
Que mais fizera, se o cantor de Thracia
Me confiasse a lyra?

Novo Atlante, o sydereo firmamento
Quero manter nos hombros,
Se da tua alma debuxar intento
As graças, e os assombros.

Foge-me a lyra pávida; receia
O assumpto majestoso;
E já meus labios trêmulos enfreia
Silencio respeitoso.

VII.

A Gratidão:

Offerecida ao Senhor Lazaro da Silva Ferreira, Desembargador da Casa da Supplicação, e Governador interino de Macau.

Ao som confuso da celeuma os nautas,
Ás duras barras arrimando os peitos,
O cabrestante, que emperrado geme,
Rigidos volvem.

Galerno as azas transparentes bate
Nos azues prados onde o sol passeia;
Içam-se gaveas, e do fundo a curva
Ancora sobe.

Amenos campos, agradavel clima
Onde o meu Tejo por arêas d'ouro,
Por entre flores murmurando, e rindo,
Limpido corre:

Paternos lares, que saudoso anhelo,
Sacros Penates, que de longe adoro,
Suave asylo, que perdi vertendo
Lagrimas ternas;

Eu tórno, eu tórno por Amor guiado,
Exposto á furia dos tufões, dos mares;
Eu tórno, eu tórno para vós; ouviu-me
Jupiter alto.

Do formidavel tribunal supremo,
Ante quem pasma a Natureza, e d'onde
Os nossos crimes, as virtudes nossas
Integro julga:

Do throno eterno, que as estrellas calca,
Throno adoravel, cuja luz divina
Os proprios olhos immortaes, que o cercam,
Tremulos soffrem:

Ás mestas preces da minha alma afflicta
O Deus dos deuses annuiu clemente;
E em rosea nuvem pelos ares desce
Nitido Genio:

Purificando co'um sorriso o dia,
Affaveis olhos para mim volvendo,
Me diz: «Não chores, oh mortal não chores;
Misero, basta.

«Dos orbes d'ouro innumeraveis baixo
A soffocar-te as clamorosas queixas;
Teus bruscos dias vão trocar-se em ledos
Prosperos dias.»

Disse o brilhante cortezão de Jove
(Era a Piedade) que na rubra nuvem
Abrindo os ares, mais veloz que os ventos
Subito foge.

Varão sublime, tu, ouvindo os éccos
Do mensageiro do inneſavel numen,
Ardes em gloria, para mim teu rosto
Placido voltas.

Eis os sorrisos, que a Tristeza amarga
De vós banira com decreto horrendo,
Eil-os de novo sobre vós, oh minhas
Pallidas faces.

Clama, não cesses, Gratidão, não cesses;
Sê minha musa, Gratidão, virtude
Que desconhecem, desacatam, mancham
Sordidas almas.

Lembrem-te as feias, ululantes Furias
Postas em torno de meu berço infausto;
Das igneas fauces contra mim vibrando
Horrido agouro:

Lembrem-te os males, as terriveis ancias
Que este sensivel coração farparam;
De ferreos peitos, que sem dó me ouviram,
Lembra-te, oh deusa!

Se eu vou nas aras dos Penates charos
Pendurar votos, consumir incensos,
Depositando sobre a lysia praia
Osculo grato:

Se as innocentes, fraternaes caricias
Vou cubiçoso recobrar na patria,
Em cuja ausencia fugitivas horas
Seculos julgo:

Se as cans honradas vou molhar de pranto
Ao sabio velho, que me deu co'a vida
Os seus desastres, por fatal, por negra
Lugubre sina:

Se estou já livre da cruel Desgraça,
Que nas entranhas me enterrava os dentes,
Bem como a Ticio nos infernos morde
Sofrego abutre:

Tudo a ti devo, oh bemfeitor, oh grande,
Que a roçagante, veneravel toga
Mais veneravel pelos teus preclaros
Meritos fazes.

Tudo te devo: a gratidão não soffre
Que teus favores generosos cale;
Julga tu mesmo se o silencio é crime,
Arbitro excelso.

Aos estrellados, aos ceruleos globos
Sempre em meus hymnos subirá teu nome,
Em quanto o golpe me não der ao fio
Atropos crua.

Oh céos! oh fados! conservai Ferreira;
São necessarios os herões ao mundo:
E tu, ferrolha os procellosos monstros,
Eolo amigo.

VIII.

Ao Excellentissimo Senhor Luis de Vasconcellos Sousa Veiga Caminha e Faro etc.

Musa d'Elmano, que giraste afflicta
Pór inhospitos mares,
Onde curtiste os sopros, que d'Eolo
Os rapidos ministros
Vibram das frias procellosas fauces;
Oh fiel companheira
De meus prazeres vãos, meus longos males,
Affinêmos a lyra
De lagrimas inuteis orvalhada;
A lyra maviosa
Que as roucas tempestades, côr do inferno,
E o raio pavoroso
Para longe de nós afugentara.
Se da torrida zona
Os barbaros e adustos moradores
Surdos, ferreos ouvidos
Para teus sons harmonicos tiveram;
Se a loquaz Ignorancia
Sobre as margens auriferas do Ganges
Co'um sorriso affrontoso

As vis espaldas te voltou mil vezes;
Se a vasta, a fertil China,
Fofa de imaginaria antiguidade,
Pelo seu pingue seio
Te viu com lasso pé vagar mendigo;
Se a mirrada Avareza
Aferrolhando os cofres prenhes d'ouro
Lá onde o sol o géra
Foi mais dura que marmore a teus versos;
Se até agora a Desgraça
D'espessa nevoa carregou teus dias,
E qual a inseparavel,
Continua sombra, perseguiu teu passo:
Eis a hora, eis a hora
Que o gran Jove remiu da turva serie
Dos teus lugubres annos
Para principio da feliz mudança
Que destina a teu fado.
Tu pois, de rubra côr tingindo a face
Que as magoas desbotaram,
Tactêa, oh Musa minha, as tenues cordas:
Olha a leda Esperança,
Universal thesouro; eil-a apontando
Para a pomposa estancia
Do singular varão, do heróe sublime
Que as virtudes lauream.
Entremos pelo portico espaçoso,
Onde jaz a piedade
Prompta a dar acolheita aos infelices:
Eia, Musa, tentemos

Os marmoreos degraus... eia, subamos
Ao brilhante aposento
Do illustre Vasconcellos, cujo nome
De clima em clima a Fama
Por cem bocas aligera semêa:
Vasconcellos, que ainda
Na dilatada America opulenta
Pela intacta Justiça,
Pela terna Saudade é suspirado:
Vasconcellos, aquelle
Que de um sorriso, oh Musa, honrou teu canto
La na tepida margem
Do limpido Janeiro, que a cerulea
Gotejante cabeça
Tantas vezes alçòu da vitrea gruta
Para urdir-lhe altos hymnos
Entre o côro das madidas Nereidas:
Vasconcellos, o grande,
Ò sabio, o justo, o bemfeitor, o amigo
Dos que a céga Fortuna
Com despotica mão na roda errante
A seu capricho agita,
A seu... porem que vejo! Excelso objecto,
Veneravel semblante,
Heróe, prole de heróes, eu te saúdo,
Como o pallido nauta
Que, descalços os pés, as mãos erguidas,
Curvados os joelhos,
Perante o rei dos reis, o Deus dos deuses,
Crebras graças lhe envia,

E sobre os sacros marmores do templo
O roto pano estende,
Salvo das furias do terrivel Boreas!
Eu te saúdo, oh alma
Que brilhas entre as mais, qual entre os astros
A nocturna Diana,
Quando com plena luz o argenteo rosto
Aos mortaes apresenta!
Senhor, teus olhos compassivo abaixa
Para o languido objecto,
Que a má ventura te arremessa ás plantas.
Em vão cancei téagora
Com ais o ceo, com lagrimas a terra:
O almo calor divino
O milagroso dom, que a raros cabe,
Que do lobrego inferno
As ferreas portas horridas arromba
E que das mãos a Dite
Rouba as Tenareas chaves, o igneo sceptro,
Enternecendo as Furias,
Adormentando o cão de tres gargantas,
Já seu magico effeito
Não produz nos mortaes; de todos élles
Só tu, só tu me restas.
Ah! Punjam-te meus ais, meus ais te firam;
Doura, doura a pezada
Negra cadêa de meus tristes dias
Condemnados ao pranto,
Que poder contra ti não tem meu Fado.
Em magnificas mezas

Lautos festins o paladar cubice
Do voraz parasito:
A precisa, a saudavel temperança
Sacrificar deseje
Á perniciosa gula; anhele embhora
Aureas taças fragrantes
Do italico falerno, e cyprio nectar:
Embhora o bruto avaro
Vele junto do cheio, inutil cofre,
Do carcere precioso,
Onde tem sepultada a van riqueza;
Nutra-lhe a fome insana,
Ceve-lhe os olhos o reflexo do ouro,
Seu idolo, seu tudo;
Que eu só quero, senhor, obtēr o asylo
Que dás aos desgraçados,
Que me deves tambem, pois tal me observas.
De teu favor o escudo
Rechace os golpes, que me vibra o Fado;
Com força mais que humana,
Qual de Pallas a egide impenetravel,
Petrifique as sanhudas
Horrendas mãos da acerrima Desgraça,
Contra mim promptas sempre.
Das garras da Penuria desarreiga
O infeliz, que te invoca;
Se é possivel crescer teu vasto nome,
Só assim o accrescentas.

IX.

Á Excellentissima Senhora D. Catharina Michaela de Sousa Cesar e Lencastre, etc. (depois Viscondessa de Balsemão.)

Consoladora de meus negros males,
Musa, que á sombra dos ferais cyprestes
Comigo entoas lacrimosas nenias,
Lugubres cantos:

Eia, deixemos uma vez, deixemos
O horrivel ermo, que arremeda o cahos,
E em cujas trevas apinhados guincham
Funebres mochos:

Eia, saiamos uma vez, saiamos
D'esta medonha habitação da noute;
Vamos um dia respirar serenos
Limpidos ares.

Mas não arranques da mirrada fronte,
Não, não arranques a funerea c'rôa,
Nem dispas essa lastimosa, antiga
Rustica veste.

Vamos carpindo, soluçando, oh Musa,
Aos venerandos majestosos lares,
Que o rubro Phebo co'as irmans, e as Graças,
Candidas piza.

Segue meus passos; em logar das campas,
Em vez das portas do silencio eterno,
Hoje de illustre pavimento os lisos
Marmores toca:

Mas não te esqueça a lutuosa offrenda,
Que envolta em pranto consagraste ás cinzas,
E ás mil virtudes immortaes do luso
Principe excelso.

Alta heroina, singular Lencastre,
D'arida planta não rebentam flores,
Nem mestas aves agoureiras sabem
Cantico alegre.

Outros nas azas de melifluos hymnos
Doces prazeres pelos ares soltem;
Brandos Amores, deleitosas Graças,
Cantem-vos outros.

A luz primeira, que meus olhos viram,
Foi de phantasmas infernaes turbada;
Elles o berço me embalaram, dando
Horridos gritos:

As torvas Parcas me fadaram logo,
Negros agouros sobre mim caîram,
E de meu lado com terror voaram
Jubilo, e riso.

Tu pois, matrona, que no grau sublime,
Em que a Fortuna com seus dons te c'roa,
Mais da fecunda Natureza as grandes
Dadivas prézas:

Tu, que passêas o Pierio cume,
Onde entre flores, que não murcha o tempo,
Aromatisa c'os effluvios d'ellas
Zephyro os ares:

Ouve propicia dissonantes versos,
Nas mudas trevas pela dor creados;
Mais nada quero do favor celeste;
Ouve-me, e basta.

Se te deverem compassivo agrado
Os acres fructos da roaz Tristeza,
Que no chagado coração me crava
Lividos dentes:

Embhora as bocas do profundo Averno
Milhões de furias contra mim vomitem:
Embhora á porta de meu pobre asylo
Cerbero ladre.

Peito de bronze, coração de ferro,
Sempre á Desgraça mostrarei constante;
Nunca meu sangue gelarão teus sopros,
Frigido susto.

X.

Á improvisa morte do Excellentissimo Principal Mascarenhas (D. Domingos d'Assis):

Offerecida ao Illustrissimo e Reverendissimo Monsenhor José Pedro Hasse de Belem etc.

. . . . . *Tuum Poenos etiam ingemuisse Leones*
Interitum, montesque feri, Sylvaeque loquuntur.
VIRG. *Eclog.* V.

CANORA Musa do culto Pindaro,
Que remontavas seu estro férvido
Sobre as purpureas azas
D'almos, fogosos extasis:

Longe os aromas, com que teu halito
Fecunda as mentes dos vates inclitos,
Que em altisono metro
Vão enrostar com Jupiter.

Desce a meus gritos só tu, Melpomene,
Só tu, que envolta no manto lugubre
A lastimosas scenas
Dás suspiros, dás lagrimas.

Desce a meus gritos, inspira, inspira-me
Queixosas nenias, funebres canticos;
Chorêmos a virtude
Nos horrores do tumulo.

Negra phalange de pragas horridas
Assalte o monstro voraz e indomito,
Que restitue ao nada
Os vãos humanos miseros.

Eia, imprequemos a Morte livida,
Que nos abysmos em throno d'ebano
Preside á turma enorme
Das Furias, Hydras, Gorgonas:

El'a, a tyranna, d'estragos avida,
Toucada a grenha de crueis aspides,
Mordendo-se, ululando
Saîu do ardente bárathro;

D'estygios monstros maldicto sequito
Parte com ella; da terra as humidas
Pedregosas entranhas
Fende a caterva rabida.

Eis apparecem no mundo, e subito
Murcham-se as flores, seccam-se as arvores;
O sol pára enfiado,
Coalham-se as fontes lubricas.

Das igneas fauces maligno toxico
Solta nos ares o tropel improbo:
Caem por terra arquejando
Envenenadas victimas.

Em torno os olhos a Morte pallida
Mil e mil vezes volve phrenetica,
E anniquilar deseja
A Natureza pavida.

Por entre a chusma de fieis subditos
Que o rodeavam, descobre a barbara
Excelso heróe, munido
De fresca edade florida:

Varão sublime, pio, magnifico,
Ramo de annosa planta fructifera,
Sempre, oh sancta Virtude,
Com teus orvalhos madida:

Varão eximio, que honrava a purpura,
Que as fofas azas do orgulho tumido
Prendia, cerceava
Com gésto brando, e placido.

Sciencia augusta, dos deuses dadiva,
Tu exornavas sua alma candida;
Tu jámais o cegaste,
Van grandeza phantastica.

A vil, bilingue lisonja perfida
A seus ouvidos sempre foi aspera;
Só lhe inflammava o peito
A san verdade lucida.

Á macilenta pobreza languida
Sempre incansavel sua mão próvida
Arrancava as mordazes,
As esfaimadas viboras.

De avós egregios o vasto numero
Só recordava para ser emulo
Da brilhante virtude
Que os fez na patria celebres.

Bom Mascarenhas! A morte horrifica,
Como invejando teu alto merito,
Corre, e crava em teu peito
A garra curva, e rispida.

Com riso horrivel, com impio jubilo
A fera escuta suspiros tremulos,
Que de mil almas voam
Aos grossos áres turbidos;

E c'os sequazes no feio Tartaro
Cáe a perversa; do baque horrisono
Espantadas as Furias,
Tremam, palpitam, erguem-se!

Tu entretanto, ditoso espirito,
Com os risonhos córos angelicos
N'um turbilhão de luzes
Sobes aos astros nitidos.

Eu, eu penetro co'a mente aligera
Os sacros muros do céo diaphano!
Lá vejo, sim, lá vejo
Aureo diadema ornando-te.

E inda carpimos, Hasse magnanimo!
Ah! não reguemos o surdo marmore
Do heróe, que em paz eterna
Logra a visão beatifica.

Troquem-se os chôros em hymnos melicos,
Em ledos cantos as nenias funebres;
Desarreiguemos d'alma
A seva dor anguifera.

Sim; adoremos calados, timidos,
O Deus terrivel, dos homens arbitro,
Que empunha, que arremessa
O raio horrendo, e rapido.

Tu, que professas virtudes solidas,
Ah! não consintas, christão philosopho,
Que abale inutil magoa
Tua constancia rigida.

XI.

A Fortuna.

CÉGA Fortuna, embhora a teus altares
Curve o profano avaro seus joelhos;
Queime o rico os incensos, que da Arabia
O luxo conduzira.

Um insensato amante te respeite,
Por frustrar os cuidados de um páe cauto,
E talvez com horror da Natureza
Cevar vîs appetites.

E quantos sem justiça conseguiram
As bandas, os bastões, as brancas varas,
Sem varrer muitas vezes podres bancos
De suberbos ministros:

Chamem-te uns numen grato, outros benigno;
Este luz dos mortaes, divina aquelle;
Á maneira da céga antiguidade
Outros te rendam cultos.

Talvez... Eu tremo!... Céos! Que horrendo crime!
Tu vês em teu obsequio adoradores
Sacrilegos voltando as impias costas
Á sabia Providencia.

Eu não pendo de ti; eu não conheço
Outras leis, que as do Numen que governa
De cima das estrellas todo o orbe
Omnipotente e sabio.

Se a pobreza importuna me persegue
Desde o berço talvez á sepultura;
Se a feia enfermidade estende as azas
E em mim o golpe acerta:

Se a morte, a negra morte, vem roubar-me
A minha protecção, e o meu asylo;
Ou arranca da terra os páes mais ternos,
Primor da natureza:

A fome, a orphandade, os mais trabalhos
Reconheço por dons da divindade;
Beijo a sagrada mão, que assim me fere,
Respeito seus decretos.

Imprecações não tenho, nem queixumes
Contra quem como páe, quando castiga,
Deixa logo entrever terna bondade
Que o pranto nos enxuga.

Quando tens inspirado tal constancia
A esses teus heróes, heróes fingidos,
Que tremem de pavor ao fraco vôo
D'uma ave carniceira?

Das rezes as entranhas denegridas,
De um galo a forte voz, o menor caso,
Inda o mais natural os amedronta;
É isto heroicidade?

O crime lhes dirige ousados passos;
Lhes inspira as emprezas atrevidas,
Que fizeram calar a terra toda
Á sua feroz vista.

Phrenetica ambição devora Cesar;
Um amor sensual o grande Antonio;
Importuna cubiça um Alexandre;
Eis os teus favoritos.

Foge, foge, Fortuna; deixa embhora
Co'a misera indigencia ande luctando;
Essas tuas vantagens não as quero,
Não quero teus favores.

Procura adoradores; eu não rendo
A numens estrangeiros culto impuro;
Á sancta Providencia a cerviz curvo
Com humilde respeito.

Se ella pobre me quer, eu me conformo
Com o sancto querer, que assim o manda:
Da amavel paciencia revestido
Os seus golpes recebo.

Por isto não trocára palmas, louros,
Que os campeões adornam triumphantes;
Triumpho de mim mesmo: esta a victoria
Que a fama cantar deve.

XII.

Á Existencia de Deus.

(Extrahida do Poema « A Religião » de Racine.)

O Deus, a quem se deve a nossa crença,
Mortaes, é Deus occulto:
Mas oh! Que irrefragaveis testemunhas
Ante nós congregadas,
Pelas quaes se revele a gloria sua,
A sua omnipotencia!
Respondeí, mar, e céo, responde, oh terra,
Astros, mundos brilhantes,
Qne mão vos esparziu, vos tem suspensos
Na ethérea immensidade?
D'onde te veiu, oh noute, o véo lustroso?
Céos! oh céos! Que grandeza!
Que assombro! Que esplendor! Que majestade!
Em vós, em vós conheço
Quem milagres sem conto obrou sem custo;
Quem nos vossos desertos
As luzes semeou, como semêa
Na terra o pó volatil.
Oh tocha do universo, auctor dos dias,
Da aurora annunciado!

Oh astro sempre o mesmo, e sempre novo!
A que mando obedeces,
Porque preceito, oh sol, dos mares surges,
Restituindo ao mundo
O raio amigo, a fertil claridade?
De teus lumes saudoso
Cada dia te espero, e tu não faltas.
Ah! Sou eu quem te chama?
Sou eu talvez quem te regula o passo?
E a ti, pelago horrendo,
Que em teu bojo voraz como que intentas
Absorver toda a terra,
Que alto poder no carcere arenoso
Retem, constrange, enfreia?
Em vão forcejas, assanhado e torvo
Para arrombar teus muros;
Morrem na praia as espumosas furias.
Esses, cuja avareza
No teu seio traidor corre a punir-se,
Quando em serras e abysmos
Ora os levas aos céos, ora aos infernos,
Imploram-te clemencia?
De olhos fitos na abobeda celeste,
Na fonte d'onde emana
Sobre os tristes mortaes macio orvalho
De amor, e de piedade,
Invocam, suspirando, o braço eterno
Domador das procellas.
Bradas n'aquelle extremo, oh Natureza,
E as vistas lhe diriges,

Guias-lhe as preces ao supremo asylo,
As preces, o tributo
Que aterrados espiritos não negam
Ao numen esquecido,
Ou trocado até li por mil chimeras.
As vozes do Universo,
Do assombrado Universo a Deus me chamam;
Sim; a Terra o pregôa.
«Fui eu quem produziu, fui eu (diz ella)
Quem compoz os matizes
Que a minha superficie aformoseam?
Não fui eu, foi aquelle,
Aquelle, que assentou meus alicerces.
Ás mil necessidades
Que te vexam, mortal, se logo acudo,
Deus, é Deus quem o ordena;
Os dons, que me confere, a ti destina.
Flores, com que me adorno,
Vós da mão lhe caîs sobre meu seio!
O creador, o eterno
Lá onde arida sou, e avara, e dura,
Lá no escaldado Egypto
(Para que folgue a timida esperança
Do cultor desejoso)
Em prescripto momento ao Nilo acena,
Que trasborde, que innunde
Meus campos, alongando-se das margens,
E os orne, os enriqueça
De douradas espigas susurrantes.»
Assim se exprime a Terra; —

E encantado de ouvil-a, e contemplando
Travados uns com outros
Por invisiveis, portentosos laços
Milhões de entes diversos,
Que á regra universal concorrem tódos,
Encontro, encontro em tudo
A lei que os encadêa, a mão que os liga;
E do plano sublime
N'um jubilo sem termo admiro, adoro
A pasmosa Unidade.

XIII.

A Sanctissima Virgem a Senhora da Encarnação.

Acatamento em si e audacia unindo,
Sobre o jus de immortal firmando os vôos,
A impavida Razão, celeste effluvio,
Se eleva, se arrebata.
Por entre immensa noute e dia immenso
(Mercê do conductor, da Fé, que a anima)
Sobe de céos em céos, alcança ao longe
O gran Principio dos principios todos.

Além do firmamento, além do espaço
Que, por lei summa, franqueara o seio
A mundos sem medida, a sóes sem conto,
Immovel throno assoma:
De um lado e de outro lado é todo estrellas;
Vence ao diamante a consistencia, o lume;
Absortos cortezãos o incensam curvos,
Tem por base, e docel a eternidade.

Luz, de reflexos tres, inextinguivel,
Luz, que existe de si, luz de que emanam
A natureza, a vida, o fado, a gloria,
D'ali reparte aos entes
Altas virtudes, sentimento augusto;
Aos entes, que na terra extraviados,
Das rebeldes paixões entre o tumulto
Ao grito do remorso param, tremem.

Filho do Nada! Um Deus te vê, te escuta!
Seus olhos immortaes do empyreo cume
(Aos teus immensidade, aos d'elle um ponto)
Attentaram teus dias,
Teus dias côr da morte, ou côr do inferno;
D'alma em alma grassando a peste avita;
Halito de serpente enorme, infesta,
Da primeva innocencia a flôr crestára:

Aos dous (como elle) do Universo origem
Diz o Nume em si mesmo: — « O praso é vindo;
Cumpra-se quanto em nós disposto havemos. »
Eis o Espirito excelso,
Radiosa emanação do Páe, do Filho,
Mystica pomba de pureza ethérea,
Á donzella Iduméa inclina os vôos,
Pousa, bafeja, e divinisa o puro.

Tu, Verbo, sobrevens; aerea flamma
Com tanta rapidez não sulca o pólo!
Eis alteado o grau da humanidade;
Eis fecunda uma virgem:
A redempção começa, o Deus é homem.
Da graça, da innocencia, oh paz, oh risos,
Do céo vos deslizais, volveis ao mundo!
Caï, torres de horror, trophéos do Averno!

Que estrondo!... Que tropel!... Ao negro abysmo
Que desesperação revolve o bojo!...
Para aqui, para ali por entre Furias
O sacrilego monstro,
O rabido Satan em vão blasphema.
Lá quer de novo arremetter ao mundo;
Mas vê rapidamente afferrolhado
O tartareo portão com chave eterna.

Em quanto brama, arqueja, em quanto o fero
Morde, remorde as mãos, e a boca horrenda
(As espumas veneno, os olhos brazas)
Mulher divina exulta;
Celestial penhor, que os anjos cantam,
Que as estrellas, que o sol, que os céos adoram,
Virgem submissa, mereceu na terra
Circumscrever em si do empyreo a gloria.

Salve, oh! salve, immortal, serena diva,
Do Nume occulto incombustivel çarça,
Rosa de Jericó por Deus disposta!
Flor, ante quem se humilham
Os cedros, de que o Libano alardêa!
Ah! No teu gremio puro amima os votos
Aos mortaes de que és mãe: seu pranto enxugue,
Seus males abonance um teu sorriso.

XIV.

Ao Senhor Ignacio da Costa Quintella, Official da Marinha e excellente poeta, achando-se prestes a seguir viagem.

Impavido outra vez, Quintella egregio,
Vás pôr freio aos tufões, dar leis aos mares;
Do grande genio teu dobrár ao jugo
Carrancudas procellas.

Ruem por terra as emperradas portas
Das eólias, horrisonas masmorras,
Que de um fero encontrão, rugindo, arromba
A caterva dos Euros:

Sôa o duro estridor das azas negras,
Nuvens a nuvens subito se aggregam;
O pego se revolve, o céo gotêa
Tinto da côr do inferno:

Eis arde, serpeando entre os horrores
Da basta cerração, fulmineo lume;
Eis pezados trovões o polo atroam,
Os nautas ensurdecem.

Nos crespos escarcéos lá surge a morte,
Em montanhas d'espuma o lenho affronta;
Rasga celestes véos o aereo tópe,
Roça no averno a quilha:

Aos bravos furacões que não fraquejem
Grita o deus do tridente, e o deus do raio;
Nos eixos nuta o mundo á voz dos torvos
Irmãos omnipotentes:

Medrosa pallidez destinge as faces,
Sobpêa as forças, enregela o sangue;
Já sobre as azas do Terror convulso
Foge a murcha Esperança:

Em choroso fragor mil preces tentam
Voando amollecer de Jove as iras:
Sanhudos Turbilhões co'as amplas fauces
Os votos extraviam.

Sobranceiro ao pavor, Quintella em tanto
Contrastando os revoltos elementos,
Depois que exhaure, oh arte, em vans industrias
Teus providos thesouros;

Pela undosa braveza ao ver sem fructo
Subtis combinações, subtis segredos,
Recorre á sacra lyra, ao dom divino,
Dom fecundo de assombros.

Rebentam d'entre as ondas marulhosas
Namorados delphins; os ventos dormem,
Dasassombra-se o polo, o mar se encurva
Á potente harmonia:

Ante o novo Arion, como encantados,
Surdém verdes Tritões do equoreo seio:
Assoma de Nerêo a ingenua prole,
Nos monstros escamosos.

Oh dadiva dos céos! oh lyra augusta!
Para o digno cantor, o eximio vate,
Não corre o tempo, não dimana o Lethes,
Não ha segunda morte.

XV.

O Desengano.

Assás temos cantado, assás carpido
    Oh lyra, oh doce lyra,
Os bens e os males do commum tyranno,
    Que nas almas derrama
A dor, e o riso, o nectar, e o veneno.
    Longe a brilhante idéa
De olhos fagueiros, de aneladas tranças,
    De angelicos sorrisos,
De momentaneos amorosos furtos;
    Longe a amarga lembrança
De vis perjurios, de crueis enganos,
    De traições estudadas;
Longe as memorias da infiel Marilia.
    Feitiços perigosos,
Verdugos da alterosa Liberdade;
    Tu, dom da formosura,
Fatal aos corações, suave aos olhos;
    Tu, que em meus pensamentos
No arbitrio meu despotico imperavas,
    Tyranno, impõe teu jugo,

Teu ferreo jugo na cerviz d'aquelles
Que a sisuda Experiencia
Por entre pavorosos precipicios
Inda ao templo remoto
Não guiou do proficuo Desengano.
Vencida a longa estrada,
Onde o Erro elevou montes e montes
Para estorvar ao homem
Sagaz instincto, que á Verdade o guia,
Vejo, saudo os lares,
Lares augustos do terrivel nume,
Attento á voz do afflicto
Que ingenuas preces lhe dirige ás aras,
Surdo a rogos falazes
Do cégo escravo, que idolátra os ferros,
Liberdade implorando...
Que solidão, que placida tristeza,
Que profundo silencio
Reina em torno do alcaçar venerando!
Oh sacro domicilio
Da Verdade immortal!.. Que! Tu n'um ermo!
Os teus atrios desertos,
Sem culto, sem ministro os teus altares,
Em quanto á van grandeza
Servil caterva prostitue incensos,
E a curvada Lisonja
Os crimes doura, os vicios abrilhanta!
Ah! Eu te vingo, oh deusa!
Eu entro o franco portico espaçoso
E ás aras.... Mas que sinto!

Que gêlo, que tremor, que sobresalto
Me prende a voz, e a planta,
Me abate as forças, me arripia as carnes!
Coração, que te assombra?
Que temes, coração? Perder Marilia?
Marilia acaso é tua?
Não maculou traidora os puros votos,
Os ternos juramentos?
Não viste a desleal sem dôr, sem pejo,
Cevar-se nos teus males,
C'os lindos olhos em Fileno absortos?
Que importa que em seus labios,
Seu ledo rosto, seu virgineo seio,
Os Amores, e as Graças
Presintam mil imagens deleitosas,
Onde os sentidos pascem,
Que importa, se a traição surgiu do averno
'A corromper-lhe o peito?
Que vale sem virtude a formosura?
Cede ao tempo, á desgraça;
Do espirito a belleza é sempre nova.
Coração, triumphemos,
Triumphemos da perfida Marilia,
E se a razão não basta,
Vença a vaidade o que a razão não vence.
Envergonha-te ao menos
De seres só feliz quando o permitte
O teu rival suberbo,
Que enjoando os affagos importunos
Da perjura, que adoras,

Ás vezes com desprezo em ocio os deixa,
E se a ti se dirigem,
Não vem do coração, vem do costume.
Eia, misero escravo,
Sacode o jugo, despedaça os ferros,
A vaidade te anime:
Quasi tudo o que é raro, extranho, illustre,
Da vaidade procede,
Movel primeiro das acções pasmosas.
Tente-se a grande empreza,
Forcem-se os fados... Ai de mim! Palpitas?
E em frequentes arrancos
Como que exprimes o pavor da morte!
Coração, não desmaies,
Alenta-te, infeliz.... Porém que escuto!
Que ruido! que assombro!
Que resplendor me cerca, e me deslumbra!
Torvos dragões, batendo
Azas de negra côr com duro estrondo,
Se encontram, se atropelam,
E quaes nocturnas aves, que amedronta
O clarão matutino,
Espavoridos pelos ares fogem
Ao fulgor scintillante
De rubro facho, que na dextra empunha
Veneravel matrona,
Librada sobre os Zephyros plumosos!
Ah! Quem és? Vens do Olympo,
Portentosa visão? Vens soccorrer-me?
Ou és aereo fructo

Da enferma, delirante phantasia,
Que entre illusões vaguêa?...
Não; já me illuminaste a mente céga,
Reconheço-te, oh deusa,
És a prole dos céos, és a Virtude,
Que no benigno seio
Acolhes os meus ais, os meus remorsos,
Indulgente á demora
Que tive em demandar teu sancto asylo.
Esses monstros, voando
Ante o celeste resplendor, que espraias,
São pungentes saudades,
Feias traições, phreneticos ciumes,
Que invisiveis té agora
As calidas entranhas me ralavam.
Graças, oh divindade,
Que do sabio varão mantens o esforço
Quando a voluvel sorte,
Inimiga do merito, o sepulta
Nas solitarias sombras
De profunda masmorra aferrolhada,
Onde por mãos infames
De asperrimas correntes o carrega:
Munido da innocencia
Comtigo ri o heróe no cadafalso;
Comtigo alegre observa
Do carrancudo algoz na mão terrivel
O amolado cutélo
Executor da barbara sentença;
E comtigo, oh deidade,

Oh alta bemfeitora, encaro as portas
Do formidavel templo.
Teu sagrado fervôr de vêa em vêa
Me agita, me transporta,
Eu te sigo, eu te sigo... Oh céos! Oh deuses!
Já sou meu, já sou livre.
Idolo falso, que de altar profano
Davas leis á minh'alma,
Recebias meus votos, meus incensos,
Tributos da fraqueza;
Aleivosa Marilia, horror e affronta
Té do tropel de ingratas,
De astutas, de infieis, que o mundo infamam,
O escravo de teus olhos,
A victima infeliz de teus enganos
Já tem rotos os ferros,
Solta a vontade, o coração tranquillo.
Como o sol, quando vibra
Na cristalina esphera os raios d'ouro,
Gasta, desfaz, consome
Vapores, que exhalou do seio a terra;
Tambem, falaz Marilia,
As luzes, que a verdade em mim dardeja,
Absorvem, desvanecem
A funesta illusão, que na minh'alma
Te assimilhava aos deuses.
Ingrata, consumiram-se os incensos,
Retractaram-se os votos,
Foram-se as oblações, e os sacrificios,
Caíu o altar, e o numen!

XVI.

A Instabilidade da Fortuna.
(Escripta na prisão.)

De serenos Favonios bafejada
Alveja no horisonte
Mansa Aurora, affagando a natureza;
Das libertas madeixas
Distilla sobre a terra humor benigno,
A planta vivifica,
Despe o tenro jasmim do calix tenro,
Ao Zephyro anhelante
Do espinhoso botão desprende a rosa:
Aureas guias sustendo
Aos activos ginetes, Phebo assoma,
Bate a cerula estrada,
E estende pelos céos brilhante dia:
Eis terrenos vapores
Em miudas porções, que attráe, que eleva,
Aos puros ares sobem,
Unem-se pouco a pouco, avultam, giram,
A grata luz suffocam,
E em rapidos chuveiros se derretem.
Por entre varzeas ledas

Verdes colinas, florescentes prados,
O claro, o doce Tejo
Susurra, ufano das arêas d'ouro,
D'alta vêa abundosa;
Mas quando mais audaz, mais amplo corre,
No salgado Oceano
Perde o sabor, o cabedal, e o nome.
Sobrepujando ás nuvens
Torre alterosa os seculos affronta;
Com rigido alicerce
Carrega, escora no profundo averno,
Qual do oppresso gigante
Peza nos hombros o estrellado Olympo:
Subito brama, estoura
Ar comprimido no interior da terra;
Desordena-se a base,
A assombrosa Babel se desconjunta:
Sôa a terrivel queda,
N'um baque se desfaz o ingente orgulho.
Crespo, enorme rochedo
Rebate as vagas, que a tragal-o investem;
Ronca de injuriado
O pélago arrogante, as furias dobra,
Multiplica os assaltos,
Recrescem ondas, e o penedo illeso.
N'isto do seio escuro
Da procellosa nuvem rebentando
Ignea frecha seguida,
Do horrisono trovão dá sobre a rocha,
Em pedaços a espalha

O que não pôde o mar lá póde o raio.
A temerosa fronte
De bravos esquadrões, ardendo em sanha,
Qual tu, numen da guerra,
Phrenetico mortal insulta a morte:
Por entre espessa chuva
De férvidos pelouros, que sibilam,
Corre, vozêa, ataca,
Rompe, abate, destróe, e em fim triumpha.
Eil-o em carro pomposo.
Tirado por miserrimos despojos
Da sanguenta victoria,
Por seus eguaes, que afflictos, presos, curvos
Ao jugo vergonhoso
No pó, no pejo envoltos suam, gemem.
La volve ao duro officio
O flagello, o terror da humanidade;
D'ante mão se gloria
Dos novos louros, que já crê que apalpa;
Engana-se o perverso;
A Ventura cançou de honrar-lhe os crimes.
Lá se atêa o conflicto,
O barbaro guerreiro arqueja, e ferve,
Contra as armas adversas
Punge o bruto veloz, que hardido escuma.
Assassino adornado
Do titulo de heróe, não vês, não sentes
Os ministros da Morte,
Os horridos phantasmas, que te seguem?
Lá o assalta, o rodêa

Raivosa turba hostil, pezados golpes
Chovem sobre o tyranno;
Lida em vão, perde o ferro, em rubro lago
Se revolve na terra:
Exulta, Natureza, o monstro expira!
Nada tem permanencia,
Caprichos da Fortuna alteram tudo.
Musas inspiradoras,
Graças mimosas, candidos Amores,
Almo prazer me deram;
Fitos em Nize o coração, e os olhos,
N'um extasis suave
Puz em doce alliança a voz e a lyra:
Da famosa Ullysséa
Os córvos atterrei, fui grato aos cysnes:
Hoje, sumido á gente,
Á luz vedado, em carcere medonho,
Nem parece que existo.
Réo me publica opinião potente,
Triste labéo me afeia;
Perdi a minha Nize, a gloria minha,
A minha liberdade:
Remotos estes bens, que bem me resta?
O maior; — a constancia!

XVII.

Aos Amigos:
Imitada de uns versos de Mr. Parny.

JAZEM desfeitos meus penosos ferros,
Socios fieis, eis volto
Liberto de afflicções aos vossos braços.
Óh serena Amisade!
Tu prestas mais que Amor; seus vãos favores
São caros, são custosos;
Já, já lhes disse adeus, e lhes prefiro
O nectár, que roxêa
Em honra de Lyêo nos vitreos copos:
Elle me extráe, me apaga
A memoria tenaz de acerbos males.
Eia, amigos, libemos
Almo, rubro liquor, que gera os risos
Os festivaes gracejos,
Que espanca o frouxo medo, o pejo inerte,
E as Musas desafia,
E esperta o sangue ao ancião rugoso.
Dos prazeres da terra
É este o só prazer estreme, e puro;
É de todos os tempos:

Elle da perda de gentis ingratas
Nos consola, e nos vinga.
Elle... Ah! Triste de mim! Como é difficil
Affectar alegria
No seio da afflicção!.. Como é forçado
E sem-sabor o riso,
Se o pranto da tristeza acode aos olhos!
Não mais, oh taça inutil,
Liquor infructuoso, ah! longe, longe:
E tu, séria Amisade,
São, divino prazer, tu só não podes
Contentar meus desejos.
Ao tropel das paixões, que luctam n'alma,
Debalde impõe silencio
As vozes da Razão, e as vozes tuas.
Ai de mim! Tu lamentas,
Choras os males meus, e a ti cumpria
Acautelar meus males.
Quando me vês caído, a mão me off'reces,
A mão, que funda chaga
Em vez de m'a curar, tentêa, assanha.
Vae-te, não me allumies;
As luzes da verdade Amor não soffre:
Quer Amor que eu me illuda,
Que, surdo á voz do Desengano austero,
Que, desmentindo os olhos,
Engane o pensamento em mil chiméras:
Que, dos ferros curvado,
Cante os prazeres, cante a liberdade;
Que em suave transporte

Mil sombras vans na phantasia abrace;
Que imagine venturas
Entre as garras de asperrimos desgostos.
Virão, virão remir-me
Do captiveiro antigo esses momentos
Em que os mortaes acordam
De um profundo lethargo, em que sevéra
Na escuridão do engano
A próvida Razão menêa o facho,
E em que aos olhos já claros
Vôa, desapparece o falso encanto,
O sonho dos amores.
Tu, Tempo estragador, batendo as azas
Arrebatas comtigo
As nossas propensões, os gostos nossos:
Tu has de melhorar-me,
Tu has de rematar minhas cegueiras.
Então, fieis amigos,
Rotos os ferros, sacudido o jugo,
O coração d'Elmano
Tornará para vós, será qual fora,
Se o permittisse Armia.
Sobre a vossa exp'riencia então firmada
Minha usual fraqueza
Talvez cobre vigor, talvez evite
O regresso damnoso,
A fatal sensação de vãos prazeres.
Vós me vereis, comtudo,
Volver para as paixões da fresca edade
Olhos humedecidos;

Gemer a meu pezar, corar de pejo
Co'a teimosa lembrança
Dos delirios de Amor; — e envergonhado
Ter-lhe ainda saudades.

XVIII.

Ao Excellentissimo Senhor José de Seabra da Silva, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino, etc.

Do Lacio portentoso e d'alta Grecia,
Tenaz memoria minha,
Os fastos, os annaes em vão revolves:
Em vão me representas
Socrates devorando entre os alumnos
A venefica planta
Com repousado aspecto imperturbavel:
Além Regulo entregue
A raivas brutas da feroz Carthago,
Dando em longos tormentos
Á natureza horror, trabalho á morte:
Aqui o estoico invicto,
O rispido Catão, brandindo o ferro,
Lacerando as entranhas,
Na gloria abstracto de morrer com Roma.
Que presta ao mal o exemplo?
Reflectir, e soffrer, quanto differem!
Por haver desgraçados
Sou menos infeliz, sou menos triste?
E se o sabio d'Athenas,

O oraculo moral, ao termo infausto
Volveu olhos tranquillos;
Se avêsso a Cesar o Uticense austero
Suffocou agras dores
No ardor, na furia, na aversão, no orgulho,
Ou talvez na virtude;
Se em garras de leões com visos de homens
Transpoz a humanidade
O aprisionado heróe no atroz supplicio;
Todos, ah! todos viam
D'entre o ponto mortal surgir-lhe a fama;
Em padrão venerando
Dar-lhe eterno character, nome eterno.
Á san posteridade
Ouviam d'ante-mão denominal-os
Martyres da calumnia,
Alvos da inveja, victimas da patria.
A mim, desventurado,
N'um carcere cruel envolto em sombras;
A mim, curvo, abatido
Ao pezo do grilhão, da injuria ao pezo,
Ente vulgar, inutil,
De mil tribulações, que recompensa,
Que futuro me resta?
A Desesperação meus fados cinge
A meu peito afanoso;
Eis férvido tição, roubado ás Furias,
Arremessa ululando;
Eis... mas céos! Que visão! Que luz! Que assombro!
Candida imagem leda

Me abala o coração, me encanta os olhos!..
És chiméra, ou deidade,
Socia dos numes, ou ficção da idéa,
Tu, que benigno raio
Derramas n'este horror, n'este amargoso
Domicilio dos males?...
Ah! Tens ethereo ser, em ti rutila
O reflexo de Jove!
Mas dignas-te de vir ao triste seio
De medrosa masmorra?...
Habitantes do céo brilhar no abysmo!..
Attraíu, por ventura,
Encaminhou talvez aqui teu vôo
O não-raro accidente
De estar sem crime habitação de crimes?
Tu vês, ente celeste,
Tu vês meu coração: não é perjuro,
Não cruel, não ingrato,
Ama o dever, a probidade, a honra,
Dá hymnos á virtude,
Aos altares incenso, aos solios culto...
Ah! Que doces lembranças
Teu ar approvador me acorda n'alma?
Das trevas o costume
Quanto me confundia a vista escassa?
Já outr'hora a meus olhos
Tua face luziu, já foste outr'hora
Meu refugio, meu nume.
Sancta Beneficencia! És tu, que afagas
A desventura minha,

Da desesperação tu vens salvar-me
Co'a ridente esperança,
Thesouro d'infelizes, dom do eterno!
Ah! Tu, que em mim restauras
A massiça constancia, o ferreo escudo
Contra os golpes do Fado,
Meu numen tutelar, não dês ao Tempo,
Azo não dês aos males
De aviltar-me outra vez, de unir-me á terra
A descaída fronte;
Em beneficio meu de mim te aparta,
Grato logar demanda,
Logar digno de ti, sagrada estancia
Do perfeito heroismo,
Da gloria, que não é romper muralhas,
Tragar a natureza,
Ou nutrir illusões, dar vulto ao nada:
Mas em jugo macio
Docemente prender geral vontade;
Idear que prospere
Mais o publico bem, que o bem privado;
De aureo, sacro volume,
Volume da Razão, que luz no throno,
Transcrever puramente
Leis amigas do céo, do mundo amigas.
No logar, que te aponto,
Conheces, deusa, de Seabra os lares;
Seu louvor no seu nome,
Na gloria, que descrevo, a gloria sua.
Ao penetral brilhante

Onde os influxos teus dos ástros descem,
Leva o quadro funesto
Das minhas oppressões, dos meus desastres;
Roça com elle o peito
Do preclaro varão, que afflicto invoco:
Deploraveis objectos
N'alma piedosa o sentimento apuram:
Sejam, sejam remidos
Pela dextra efficaz do heróe prestante
Meu prazer, meu repouso,
A mente, a liberdade, a luz e a vida
N'este horror suffocadas.

———

XIX.

Ao mesmo Senhor, no dia dos seus annos.

A SÉRIA, imparcial Philosophia
Tambem louvores tece,
Tambem canta de heróes, oh Musa, o nome:
Se com ar carrancudo,
Se com terrivel cenho os olhos lança
Ao monstro fraudulento,
Ao segundo Protheo, que se insinûa
Nos sumptuosos paços,
Que mil figuras faz, mil côres toma
Do Tempo, e da Fortuna,
Os erros abrilhanta, os vicios doura;
Á turgida Opulencia
Queima em profano altar venaes aromas,
E adora, applaude os crimes,
Quando os crimes protege a varia deusa,
Em quanto á mingoa morre
No vil tugurio o merito esquecido;
Se a lisonja abominas,
A lisonja falaz, abjecta escrava;
Se maldicções tremendas
Sobre a curva cerviz lhe descarregas;
Se invocas em seu damno

O mar, a terra, os céos, o inferno, o raio:
Hoje, no gremio puro
De sãos prazeres, desenruga a testa,
Rende culto á verdade,
De sublime varão remonta os vivas
Ao polo rutilante.
Politica feroz, que sempre armada
De barbaros pretextos,
Á morte horrenda em lugubre theatro
Dás victimas sem conto,
Apoucas, e destróes a humanidade,
Affectando mantel-a;
Negro, voraz dragão, que as honras tragas,
Herança da virtude,
Do gran saber, dos inclitos suores
Do heróe laborioso:
E tu, Furia peor que as Furias todas,
Surda, immota, insensivel
Do assanhado Remorso á voz, e ás garras,
Que o digno, o sabio, o justo
Defraudas a sabor de vãos caprichos,
E os teus dons amontôas
No ocioso, no mau, no vil, no inerte:
Paixões abominosas,
Fonte da corrupção na especie humana,
Vós nunca envenenastes
O coração do heróe, que me affoguêa,
Que me estimula a mente,
A mente, onde revolvo altos mysterios
Transcendentes ao vulgo:

O coração do heróe, que entrego á fama,
É o altar da Virtude.
Vós, serpes, com medroso acatamento,
Vós lhe fugîs de rojo,
E enroscadas no chão silvais ao longe:
Ao longe alaga a terra
Peçonha, que das fauces vos trasborda,
Em tanto que assombradas
Do padrão, que á Virtude em verso erijo,
Este clima, estes ares
Damnais, ennegreceis com torpe alento,
A Verdade os serene,
A Verdade os apure, em hymnos sôlta.
Sim, tu, filha do Olympo,
De meus cultos fieis idolo augusto,
No dourado momento
Em que alto dom dos céos a terra obteve,
Em que Seabra excelso
Honrou com seu natal a humanidade,
Vôa, vôa exultante
Á leda habitação do heróe benigno;
Vai rever-te em seu rosto,
E audaz, e tal como és, sem véo, sem arte
Nas mãos lhe deposita,
Nas mãos propicias o espontaneo voto.
Tu, perspicaz Astucia,
Só do baixo interesse a lingua sabes,
Dizes o que não sentes:
As vozes, que o philosopho profere,
Só a Razão dirige.

XX.

Ao mesmo Senhor.

PHANTASMAS do Terror, socios funestos
Do queixoso Infortunio,
Tristes combinações, verdugos d'alma,
Já não sois meus tyrannos.
Descei, filhas do céo, tornai-me a lyra,
Tornai-me o dom sagrado;
Meus dedos, quasi inertes de ociosos,
Pelos canoros fios
C'os apollineos sons de novo atinem,
Achem de novo a gloria.
Celeste viração, que a mente humana
Fecundas, purificas,
Estro brilhante, creador dos hymnos,
Dissipa imagens turvas,
D'agra tristeza desvanece o rasto
No espirito do vate,
Á sombra dos altares acolhido.
A estridula corrente,
O pezo infamador aqui não sôa;
Aqui não soam magoas

Da vexada Innocencia lamentosa,
Nem do Crime opprimido
Atroz blasphemia desafia o raio.
Aqui reina a Virtude,
A fagueira Piedade acode ao pranto,
Tempéra a desventura.
Mais do que em todos, n'este asylo augusto
Como que estás soprando
Oh pura, salutar, vivificante
Respiração de Jove!
Já da semente, que affogavam medos,
Surgem fructos viçosos,
Em que os heróes a eternidade gostam;
D'alma rebentam versos,
Versos, que vão luzir, votiva offrenda,
Da Gratidão nas aras.
Tu, Seabra immortal, meu canto acolhe,
Como os ais me acolheste;
Constrangendo a modestia, annue ao voto.
No idioma de Phebo
Dá que em teus vivas minha voz se inflamme;
Que das Musas o alumno
Grato aos influxos da clemencia tua,
A teu character grande
Padrões erija, que não róe a edade.
Horas ha portentosas,
Em que da vil materia desatado,
Sem que o desligue a morte,
Além da natureza adeja o vate:
De encarar no vindouro

O dom foi aggregado ao estro sancto;
Para os filhos de Apollo
Privilegios não tem, nem véos, nem sombras
O immutavel Destino.
N'um igneo turbilhão correndo a mente
Aos penetraes eternos,
Em laminas de bronze olhei teus fados
Com mudo acatamento.
Dado me foi tambem colher futuros
Para amaveis penhores
De que o doce Hymenêo te fez mimoso.
É da Sorte decreto
Que as vergonteas gentis vicejem tanto,
Como a planta, que as nutre:
Em não remota edade ornando a patria,
Na fama reluzindo,
Heróes produzirão, que heróes produzam.
Não se hallucinam vates;
Mil glorias te hei previsto á clara estirpe!
Brilhará, como brilhas,
E de egual permanencia estão fadados
O universo, e teu nome.

XXI.

Aos annos da Illustrissima e Excellentissima Senhora D. Anna Felicia Coutinho Pereira de Sousa Tavares de Horta Amado e Cerveira, etc. etc.

SECULOS d'ouro, luminosa edade,
De inculpaveis costumes,
Eras, em que a folgada humanidade
Apenas tinha que invejar aos numes:
Epocha da innocencia, e da alegria,
Oh tempo augusto, e sancto!
De vós ao menos inda existe um dia,
Dia adoravel, que em meus versos canto.

Quando recente o sol caîu na esphera
Cristalina e serena,
Bordou co'a mão subtil da primavera
Ao tenro mundo a superficie amena:
Do gremio creador surgiram flores,
Flores, que não murchavam,
E incessantes Favonios brincadores
Aligeros perfumes lhe roubavam.

O dom da grata Ceres tremulando
Sem arte enlourecia;
As ondas perguiçosas desdobrando
Sobre a declive arêa o mar se ria:
De aprazivel matiz até viçosos
Eram penedos broncos,
E estavam dos carvalhos alterosos
Mel espontaneo destilando os troncos.

Delicias da priméva natureza,
Hoje volveis á terra:
O riso, a gloria, o jubilo, a pureza
De tantos dias um só dia encerra.
Mas em honra de quem, mas porque indulto
Gosam d'elle os humanos?
Que deus, oh Musas, lhe baldou o insulto
Do monstro enorme, tragador dos annos?

Jove lançando a vista illimitada
Ao globo pervertido,
Á terra por mil vicios profanada,
Se esquece de que é deus, sólta um gemido:
Turvam-se os astros, mas em fim serenos
Lhe ouvem com ar jocundo:
«Um dia venturoso, um dia ao menos
Dos dias que perdeu console o mundo.

Eis nos archivos, que resguarda o Fado
Co'a chave diamantina,
Aureos futuros em montão sagrado
Revolve providente a mão divina:
Um delles, que transcende a luz phebéa,
Dos mais desembaraça,
E á grande, illustre, e majestosa idéa
D'alta heroina alto destino enlaça.

«A ti, clara porção do ethereo lume,
Espirito formoso,
A ti se deve (pronuncia o nume)
Deposito condigno, excelso, honroso.
Nas plumas d'alvos genios fulgurantes
Risonho ao mundo vôa;
Sê prole eximia de varões prestantes,
Onde o vitreo Mondego alegre sôa.

«Esmalte dos magnanimos Coutinhos,
Dos teus progenitores,
Has de attraír os paternaes carinhos
Ao iman de teus dons encantadores,
Uma alma, como tu, candida, e bella,
Devo alliar comtigo;
E o mundo gosará por ti, por ella,
A virtude exemplar do tempo antigo.

«Aquelle a que te unir propicia estrella,
Será da patria Atlante;
Irá suster-lhe o pezo, irá mantel-a
No hombro jámais cançado, ou vacillante:
Elle origem será, será o exemplo,
A luz d'heróes preclaros;
Seu nome se ouvirá no eterno templo,
Templo difficil, a que sobem raros.

«Asylo do infortunio, e da innocencia,
Seabra generoso,
Requintando efficaz beneficencia,
O mais triste mortal fará ditoso:
A vate oppresso da calumnia infida
Dará prompta victoria;
Ha de restituil-o ao mundo, á vida,
Ao gosto, á liberdade, á paz, á gloria.

«Genios brilhantes, que cingis meu solio,
Velai no par sublime:
Virtude, qual não vira o Capitolio,
Frouxas virtudes pelo exemplo anime:
Além dos patrios céos abra caminho
O esplendor, que derrama;
Do gran Seabra, da immortal Coutinho
Sejam cantores a Verdade, e a Fama.»

Assim vocíferou na estancia augusta
O monarcha superno,
E entretanto do Fado a mão robusta
O decreto lavrou no livro eterno:
Eis, que dos tempos d'ouro adormecidos
Pura extracção desvia,
E os céos se ensuberbecem, guarnecidos
Do ameno, desusado, amavel dia.

Um vate que dirá, depois de um nume?
De ti qual digno canto?
Grande, estremado objecto, em vão presume
Voz, que não fôr celeste, honrar-se tanto.
Temor, que a lyra audaz de mim remove,
É respeito, é decoro:
Interprete fiel da voz de Jove
Tuas virtudes em silencio adoro.

XXII.

A Francisco Manuel do Nascimento (Filinto Elysio).

Zoilos, estremecei, rugi, mordei-vos:
Filinto, o gran cantor, prezou meus versos.
Sobre a margem feliz do rio ovante,
D'onde, arrancando omnipotencia aos Fados,
Universal terror vibrando em raios,
Impoz tropel d'heróes silencio ao globo,
O immortal coryphêo dos cysnes lusos
Na voz da lyra eterna alçou meu nome.
Adejai, versos meus, ao Sena ufano
D'altos, fastosos, marciaes portentos;
E ganhando amplo vôo apoz Filinto,
Pousai na eternidade em torno a Jove.
Eis os tempos, a inveja, a morte, o Lethes
Da mente, que os temeu, desapparecem:
Fadou-me o gran Filinto um vate, um numen;
Zoilos! Tremei! — Posteridade! És minha.

XXIII.

Á celebre Actriz e Cantora veneziana Elisabetha Gafforini.

Son charme s'insinue au fond de notre coeur.

Vós, que o campo sulcais das niveas Ursas,
Vós, incolas da Aurora,
Moradores dos plagas de Colombo,
Moradores da Lybia,
Voai, voai do luso ao vasto emporio,
E aos pés de Gafforini
Derramai de Panchaia essencias pias.
N'essa torreada estancia
Das vagas adriaticas cingida,
Onde Eridano rende
Humilde vassallage ao deus equoreo,
Desde os primeiros dias
Thalia lhe embalou o tenro berço,
E nas mimosas plantas
Benigna lhe ajustou comicos soccos.
As semi-nuas Graças,
Os Prazeres, os Risos, os Amores
Por ordem de Erycina
Foram da sua infancia os socios fidos;
E no bicorneo monte

O dulcisono filho de Latona
    Entre as celsas Camenas
Um throno lhe prepara auri-fulgente,
    Onde esta semi-deusa
Deixando a terra collocar-se deve;
    Mas aos applausos nossos
Não roubes, Gafforini, teus encantos,
    E desdenhando altiva
O que te aguarda laureado solio,
    Aos teus fulgidos olhos
Sejam mais grato solio os nossos peitos.
    Manda n'este planeta;
Tu podes com teu canto endeüsal-o,
    E o solo, que trilhares,
Será rival do bipartido cume.
    Satelite de Marte,
Que desolando o globo, o globo cruzas,
    Ante a recente Musa
Depõe curvado o crepitante raio,
    E sua voz ouvindo
Derrama o pranto, que arrancaste ousado
    Dos rendidos castellos.
A Omphale imitando, Omphale nova,
    Rebata Gafforini
Do herculeo punho a formidavel clava,
    Que das alvas paredes
Do templo do Renome suspendida,
    Deve attestar aos evos
Que uma nympha pizou os ferreos dardos
    Da punica Bellona.

Virão alumnos da pieria eschola
    Que em grandiloquo metro
Difundirão no mundo estupefacto:
    «Uma rival do Pindo;
Pizando os pavimentos de Thalia,
    Encheu de assombro outr'hora
No Olympo os immortaes, na terra os homens.
    Com seu molle sorriso
O bronzeo misanthropo exultou, ria;
    Com seus méstos suspiros
No peito os corações se espedaçavam;
    E os ditosos, que a viam,
Do resto do universo se esqueciam.
    Ella manejou destra
As dos affectos complicadas molas,
    E, sem que vacillasse,
Largando as serpes da sanguenta Alecto,
    Nos vergeis de Cythéra
Co'as aljavas d'Amor meiga brincava.» —
    Dirão; e os meus vindouros
Lhe hão de erigir altares sobre altares.
    Dizes, inflado argivo,
Que o Hemo se abalava á voz do Thracio,
    E não sabes que o Hemo,
E a massa ingente do suberbo Atlante,
    Se Gafforini vissem
Extaticos seus passos seguiriam?
    Ah! Ouve, ouve a sentença
Que roubei dos archivos do Destino:
    — Morrerão teus heróes,

Tu mesma morrerás, vaidosa Grecia;
Mas esta italiana
Seus fogos, e seu nome eternizando,
Ha de embotar o gume
Da cortadora fouce das edades.

XXIV.

Ao Senhor Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

Carminibus quaero miserarum oblivia rerum.
OVID.

Já meu estro, Moniz, apenas sólta
Desmaiadas faiscas,
Em que as frouxas idéas mal se aquecem;
Elmano do que ha sido
Qual no gésto desdiz, desdiz na mente:
Diastole tardia
Já da fonte vital me esparge a custo
O liquor circulante,
Que é rosa entre os jasmins de virgem face;
Que outr'hora esperto, accezo
De sancta agitação, de ardor sagrado,
No cerebro em tumulto
(Estancia então de um deus!) me borbulhava.
Respiração divina,
Enthusiasmo augusto, alma do vate!
Que rapidos portentos
Portentos em tropel, não déste á Fama,
Não déste á Natureza,
Á Patria, ao Mundo, a Amor na voz d'Elmano!
Ora aplanando os sulcos

Com que a saturnia mão semblantes lavra,
    A Razão pensadora
Erguia aos graves sons o grave aspecto;
    Ora, ao ver-se anteposto
Por deleitosa insania, a ella, a tudo,
    O grato, cyprio numen
Fadava docemente o doce canto
    No coração de Analia.
Oh extasi, oh relampagos da gloria!
    Faustos momentos de ouro,
Com que meu grau comprei na eternidade!
    Do tempo meu voando,
Do tempo, que annuviam negros males,
    Brilhais ainda em minh'alma,
Entre sombrias, aridas idéas,
    Qual entre aves escuras
(Orgãos do agouro, interpretes da morte)
    Requebros arrulando
Das aves de Cythera o côro alveja!...
    Mas ah, saudosos dias,
Vós sois memoria só, não sois influxo!
    Não me reluz comvosco
O espirito, abysmado em fundas trevas,
    Com gasto, debil fio
Preso á materia vil, que ralam dores!
    Ante meus olhos tristes
(Que já d'amiga luz se despediram)
    Sáe da eterna voragem
Vapôr funereo, que exhalais, oh Fados!
    Eis meu termo negreja,

Eis no marco fatal meu fim terreno!...
Mas surgirei nos astros
Para nunca morrer; com riso impune
Lá zombarei da Sorte.
Moniz, oh puro amigo! Oh socio, oh parte
Do já ditoso Elmano!
Ás Musas, como a mim suave, e charo!
De lagrimas e flores
Honra-me a cinza, o tumulo me adorna.
Não só longa amisade,
Novo, sacro dever te exige extremos:
Da lyra minha herdeiro
Meu nume Phebo, e teu, te constitue;
Phebo apoz mim te augura
Vasto renome, que sobeje aos evos:
(É dos annos vantagem,
Não vantagem do engenho a precedencia)
Teu metro majestoso
Que, já todo fulgor, zoilos deslumbra,
Teu metro scintillante
Das Virtudes mimoso, acceito ás Graças,
Turvem saudades: canta
Alguma vez d'Elmano, e chora-o sempre,
E Amor, e Analia o chorem:
Amor, e Analia, meus piedosos numes,
Sem mim, por mim suspirem.

XXV.

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Luis Pinto de Sousa Coutinho, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra, etc.

INCULTO habitador das agras serras,
Que mal de avena humilde
Sabe os sons extraîr, insinuados
Da simples natureza;
Voz apenas capaz de urdir louvores
Aos olhos, ás madeixas
De candida pastora inculta e bella,
Hoje, alteando o vôo,
Ousará dos heróes tentar o applauso?
Lançarei destemido
Á lyra do thebano a dextra inerte?
Onde o fogo divino?
Onde a phrase dos deuses? Onde a força,
A mente, a melodia?
Da temeraria empreza, oh vasta idéa,
Não me retens o impulso?
Não; dous numes em mim, dous numes fervem,
Me inspiram, me arrebatam,
Sancto Amor da Verdade, Amor da Patria!
Vós sereis minhas Musas,

Vós estro me dareis, que eleve aos astros
De Sousa o grande nome!
Seus meritos sublimes, portentosos,
Na acceza phantasia
Em confusão brilhante me flammejam,
Como no polo immenso
De aureos luzeiros multidão lustrosa.
Qual cantarei primeiro?
Qual deve preceder aos mil, que o cercam?
Vós Artes, vós Sciencias,
Que a subtil percepção lhe alumiastes
Nos florescentes dias,
Em que a chusma dos frivolos prazeres
Distráe almas vulgares
Da sisuda attenção, que exige Athenas,
Quando o lycêo franquêa?
Mas não: bem que vos amo, a vós prefiro
Mais attractivo objecto.
Alta fidelidade ás leis, ao throno,
Majestosas virtudes,
Que do meu claro heróe fulgis no peito,
Vós acolhei meus hymnos.
Nobre corporação, proficua turma,
Corações denodados,
Viventes muros da benigna patria,
Que arrostais invenciveis
O horror, a chamma, o ferro, a morte, a gloria,
Vós ajudai meus vivas,
Honrada gratidão vos dobre a fama:
O espirito fulgente,

O genio tutelar, que em Lysia véla,
Que insignes dons confere,
Gran ministro de Jove, a povos gratos,
Com celestes influxos,
Invisivel reside a par de Sousa;
A mente lhe bafeja,
Arduas combinações lhe induz, lhe aplana;
Politica suprema,
Onde a sagacidade abrange a honra,
Lhe ministra, lhe apura:
N'um quadro luminoso o bem da patria
Lhe conserva ante os olhos,
Olhos, que travam do futuro esquivo:
De horrisonas procellas
De rijos aquilões, que perto assomam,
Que rugem, que ameaçam,
Communs estragos, publicos desastres;
Contra a temivel sanha
Lhe inspira as artes, o vigor, que a domam.
Já do fatal negrume
O céo de Lusitania as sombras despe;
Limpo de atros vapores
Vem apontando o sol no carro ardente;
Torna ao uso prestante
Nos ferteis campos o ocioso arado;
Reinam serenos gostos,
Na fausta Lysia se renova o mundo.
Respeitavel ministro,
Thesouro dos politicos mysterios,
A patria, a que és tão charo,

Grata, e ditosa em teu louvor se inflamma,
Tuas acções pregôa!
De legitimo heróe o egregio nome
Tu grangeaste, e gosas.
Dos preclaros avós co'a serie extensa,
E immortal entre os Lusos,
Grande, excelso te fez Fortuna amiga:
Porém em aureos dotes
Mais grandeza te deu, te deu mais lustre
A amiga Natureza;
Bastas a ti, senhor, comtigo brilhas;
Tua gloria és tu mesmo,
E ethereo resplendor teus annos c'rôa!

XXVI.

(Fragmento.)

De viperea melena, e torvos olhos
Corre por toda a terra
Furia tremenda, que estourou do averno
Lá na infancia do mundo;
Puxa de rojo asperrima corrente
De amplos anneis composta,
Forjada de metal, mais negro e duro
Que o duro e negro ferro;
Preso em cada fusil suspira um ente,
Um racional padece,
Do horrivel monstro miserando espolio:
Ali freme o guerreiro,
Que a Fama carregou d'herculeos géstos;
Que, attraîndo-a mil vezes,
Uma vez contra si viu a Fortuna:
O grande ali se humilha,
Inda de queda enorme atordoado;
Mortal, que o era apenas,
Que do humano poder ao grau supremo
Pela sorte exaltado
Punha arbitrarias leis a curvos póvos;
. . . .

ODES
ANACREONTICAS.

ODES ANACREONTICAS.

I.

VELOZ Borboleta,
Que leda girando
Penosas idéas
Me estás avivando:

Insecto mimoso,
Aos olhos tão grato,
Da minha tyranna
Tu és o retrato:

A graça, que ostentas
Nas plumas brilhantes,
Tem ella nos olhos
Gentis, penetrantes;

Tu andas brincando
De flor para flor;
Anarda vaguêa
D'amor em amor.

II.

Os teus prisioneiros,
Cupido, os que devem
Saber definir-te,
Que mal te descrevem!

És aspide (affirmam)
Cuberto de flores,
Sedento d'estragos,
Amigo de horrores:

Sustentam carpindo
Que os féres, e enlêas
Com aureos virotes,
Com ferreas cadêas:

Enganam-se, oh nume!
Teus laços, teus tiros
São longas madeixas,
São ternos suspiros.

III.

De liquido aljofar
As faces bordadas,
Ao vento dispersas
As tranças douradas:

«Vingança, meu filho
(Clamava Erycina)
Que a vil natureza
Se atreve á divina:

«Em damno de um impio
Mortal, que me affronta,
Venenos prepara,
Tormentos aprompta:

«Elmano em seus hymnos
Prefere-me Isbella;
Diz que é mais mimosa,
Mais loura, mais bella.

«Os teus males todos
Me vinguem, oh nume!..»
Amor a interrompe:
— Não basta o ciume?

IV.

FORMOSA Marilia,
Modêlo das Graças,
Que mil pensamentos
Accendes, e enlaças:

Áquelle, que animam
Teus doces agrados,
Terror dos amantes,
Mimoso dos fados,

Se folgas de ouvil-o
Por ti suspirar,
Ao céo dos amores
Não deixes voar.

Dos homens ignoras
A indole errante?
Quem é muito amado
Não é muito amante.

V.

Do vasto abysmo
Do eterno horror
Surgiu a Angustia
De negra côr:

Logo apoz ella
Veiu o Queixume,
E o delirante
Feroz Ciume:

Determinavam
Em crua guerra
De pranto e sangue
Banhar a terra:

Eis que Amarilis
Idolo meu,
Entre mil graças
Lhe appareceu.

Oh milagroso
Dom da belleza!
No mesmo instante
Riu-se a Tristeza:

O agro Lamento
Mudo ficou;
Só o Ciume
Desesperou.

VI.

Poupando votos
Á loura Isbella,
Se Amor falasse
Nos olhos d'ella:

De almos prazeres
Me pousaria
Candido enxame
Na phantasia:

Outros, que as almas
Tambem têm presas,
Se regosijam
De ouvir finezas:

Eu antes quero
Muda expressão;
Os labios mentem,
Os olhos não.

VII.

(Imitada de Mr. Parny.)

Se os deuses me conferissem
A suprema faculdade
D'espraiar a luz do dia,
E a nocturna escuridade:

Tarde no roxo horisonte,
Candida Aurora, assomaras;
Tarde as viçosas boninas
Com teu pranto rociaras.

O deus, de que és percursora,
Só duas horas, não mais,
Vibrara n'este hemispherio
Seus raios a Amor fataes.

Mais longa seria a noute,
Mais felices os amantes;
E eu, a sabor dos prazeres,
Dividira os meus instantes:

A quarta parte do tempo
Ao grato somno a daria;
Outra egual ás brandas Musas,
E ametade á minha Armia.

VIII.

(Imitada do mesmo.)

BRANDO leito de verdura,
Linda alcatifa de flores,
Formoso vergel, plantado
Pelas Graças, e os Amores:.

Recebe estas frescas aguas,
Que te deve um grato amante,
C'roa-te de nova hervinha
Viceja, logar fragrante.

Quando lá no ethereo cume
Raios o sol dardejar,
Almos, benignos Favonios
Te venham desaffrontar.

As debruçadas alfênas,
Presas n'um confuso enleio,
Miudo pranto da Aurora
Destillem sobre teu seio.

Dobra-te ao suave pezo
Da minha Armia engraçada;
Dobra-te, relva mimosa,
De boninas matizada.

Mas depois ergue-te á pressa,
Que se os brincos amorosos
Amarrotada indicares,
Não faltarão invejosos.

IX.

Em torno d'aurea colmêa
Amor adejava um dia;
E a mãosinha introduzindo
Humidos favos colhia;

Abelha, mais forte que eu,
Porque de Amor não tem medo,
Eis do guloso menino
Castiga o furto n'um dedo.

Chupando o tenro dedinho
Entra Cupido a chorar;
E ao colo da mãe voando
Do insecto se vai queixar.

Venus carinhosa, e bella,
Diz, amimando-o no peito:
«Desculpa o que te fizeram,
Recordando o que tens feito.

«O tenue ferrão da abelha
Dóe menos que teus farpões;
O que ella te fez no dedo
Fazes tu nos corações.»

X.

(Traduzida de Argenson.)

Vê se uma traça
Podes achar
Para meus damnos
Remediar.

— Empenha afagos,
Roga humilhado . . . —
Afago, e rogo,
Tudo é baldado.

Lidia me abraza
Em chamma accêza;
E as duras pedras
Vence em dureza.

— Pulsa o laûde,
Cantos lhe ajusta . . . . —
Laûde e cantos
Despreza a injusta.

— Pranto derrama,
Meigo te ostenta,
Que isto a Cupido
Tambem contenta. —

Brando me ostento,
Ais d'alma accêza,
Rios de pranto,
Tudo despreza.

— Punhados d'ouro
Sólta profuso . . . —
De dões tão grandes
Só reis tem uso.

— Dóme a distancia
Tão grande amor . . . —
Não pode o tempo,
Que elle é maior.

— Se nada pode
Findar-te a lida,
Aprompta um laço,
Põe n'elle a vida:

Porque te vejo
Triste hesitar?
Só assim pode
Teu mal findar. —

CANÇÕES.

CANÇÕES.

I.

O Adeus.

SUAVE habitação da minha amada,
Das Graças, e de Amor! Feliz morada,
Onde as mãos da Ventura
C'roaram minha fé singela, e pura;
Onde inflammado exp'rimentou meu peito
Que ha no mundo tambem prazer perfeito:

Leves Favonios, leves passarinhos,
Que, pousados nas flores e raminhos,
Em silencio me ouvistes
Canções alegres, e suspiros tristes,
Porque inda o mais ditoso, em quanto adora,
Canta umas vezes, outras vezes chora:

Tejo, que á minha voz abonançavas,
Que, para me attender, nem murmuravas,
Quando injustos ciumes
Me arrancaram mil prantos, mil queixumes;
Quando á bella constancia de Gertruria
Fiz com suspeitas vans cruel injuria:

Antiga patria minha, e lar paterno,
Penates, a quem rendo um culto interno;
Lacrimosos parentes,
Que inda na ausencia me estareis presentes;
Adeus! Um vivo ardor de nome, e fama
A nova região me attráe, me chama.

Oh vós, que nos altares da Amisade
Votastes exemplar fidelidade,
Vasconcellos, Couceiro,
Liz bemfeitor, Andrade prasenteiro,
Vós, que em doce união viveis comigo,
Ouvi o terno adeus de um terno amigo.

Os mares vou talhar, cujos furores
Descreve o gran cantor, por quem de amores
Inda as Musas suspiram:
Aquelles mares, onde os Gamas viram
Do rebelde, horrendissimo gigante
Os negros labios, o feroz semblante.

Quer a Sorte, propicia a meu desejo,
Manda-me a Honra, cujas aras beijo,
Que com fervido brio
Contemple os muros da invencivel Diu,
D'onde, oh Silveiras, Mascarenhas, Castros,
Foi soar vossa fama alem dos astros.

Nos climas, onde mais do que na historia
Vive dos Albuquerques a memoria;
    Nos climas, onde a guerra
Heróes eternisou da lysia terra,
Vou ver, se acaso a meu destino agrada
Dar-me vida feliz, ou morte honrada.

Suffocai vossa dor, porque os gemidos
Só ás desgraças é que são devidos;
    E, a pezar da ternura,
Considerai que é solida ventura
Seguir de altos varões o illustre exemplo;
Por espinhos se vai da Gloria ao templo.

Adeus, socios fieis; e tu, querida,
Cujos olhos n'esta alma, á tua unida,
    O primeiro empregaram
Amoroso farpão, que dispararam,
Abafa os tristes, candidos suspiros,
Com que me vibras perigosos tiros.

Por entre a chuva de mortaes pelouros
A nua fronte enriquecer de louros
    Eu procuro, eu desejo,
Para teus mimos desfructar sem pejo;
Pois quem d'este esplendor se não guarnece,
Não é digno de ti, não te merece.

Eu te levo, meu bem, no pensamento;
Não armes contra mim n'este momento
O novo, o doce encanto
Que recebem teus olhos de teu pranto;
Generosa paixão de ti me affasta:
Adeus, Gertruria, adeus, não chores, basta.

Canção, fica segura
Nas mãos da nympha lacrimosa e bella;
Serás consolação, e allivio d'ella:
Pelos olhos da mãe Cupido o jura.

II.

O Ciume.

AGORA, que ninguem vos interrompe,
Lagrimas tristes, innundai-me o rosto,
Mais do que nunca; assim o quer meu fado:
Em quanto o gume de mortal desgosto
Me não retalha os amargosos dias,
Debaixo d'estas arvores sombrias
Grite meu coração desesperado,
Meu coração captivo,
Que só tem nos seus ais seu lenitivo.

Alterosas, fructiferas palmeiras,
Vós, que na gloria equivaleis aos louros,
Vós, que sois dos heróes mais cubiçadas
Que aureos diademas, que reaes thesouros,
Escutai meus tormentos, meus queixumes,
Meus venenosos, infernaes ciumes;
Ouvi mil penas, por Amor forjadas,
Mil suspiros, mais tristes
Que todos esses, que até aqui me ouvistes.

Aquelles campos, aprasiveis campos,
Que alem verdejam, de meu mal souberam
A desgraçada, mas suave origem:
Ali de uns olhos os meus ais nasceram;
Ali de um meigo, encantador sorriso,
Que arremeda o sereno paraiso,
Brotaram mil infernos, que me affligem,
Que as entranhas me abrazam,
Que meus olhos de lagrimas arrazam:

Ali de uns labios, onde as Graças brincam,
Ouvi suspiros, grangeei favores,
Ali me disse Anarda o que eu não digo;
Ali, volvendo os ninhos dos Amores,
Cravou n'esta alma, para sempre acceza,
As perigosas frechas da belleza;
Ali do proprio mal me fez amigo,
Ali banhou meu rosto
Parte do coração, desfeita em gosto.

Novas campinas testemunhas foram
De nova gloria, de maior ventura,
Tal, que julguei, logrando-a, que sonhava:
Entre as doces prisões da formosura,
Entre os candidos braços deleitosos,
Meus crestados desejos amorosos
No alvo rosto, que o pejo affogueava,
No nectar... ah! que eu morro,
Se em vós, furtivos extasis, discorro!

Amor! Amor! Teus jubilos excedem
Da loura abelha os engenhosos favos;
Mais gratos são que as flores teus sorrisos:
Gostei todos os bens, que aos teus escravos
Fazem tão leve a rigida cadêa.
Tão doce a chamma, que no peito ondêa:
Mas oh! Crueis teus dons, crueis teus risos,
Princípio do tormento,
Que já me tem delido o soffrimento.

Miseravel de mim! Qual o piloto,
Que lêra nos azues, filtrados ares
Indicios de uma solida bonança,
E eis que vê de repente inchar os mares,
Vestir-se o céo de nuvens, d'onde chove
O fogo vingador, que vibra Jove;
Tal eu, quando suppuz mais segurança
No meu contentamento,
O vi fugir nas azas de um momento.

Anarda, Anarda perfida, teus olhos,
Onde Amor traz escripta a minha sorte,
Teus mimos por mim só não são gosados!
Oh desesperação, peor que a morte!
Oh damnados espiritos funestos,
De horridos vultos, de terriveis gestos,
Moderai vossa queixa, e vossos brados,
Que as penas do profundo
Tambem, tambem se encontram cá no mundo!

Ver outro disputar-me o charo objecto,
Em cujas lindas mãos puz alma, e vida,
Não me arranca suspiros: o tormento,
Que no peito me faz mortal ferida,
O maior dos tormentos, oh perjura,
É ver, que de outrem soffres a ternura;
É ver, que dás calor, que dás alento
　　A seus mimos, e amores
Co'um riso, percursor de mil favores.

Tu não foges de mim, tu não te esquivas
D'estes olhos, que em ti captivos andam;
Delicias, onde pasma o pensamento,
Doces instantes meu ciume abrandam:
Mas ah! Não é só minha esta ventura,
Meu vaidoso rival a tem segura.
Que indigna variedade! Em um momento
　　Teus olhos inconstantes
Acarinham sem pejo a dous amantes.

Honra, Virtude, Aggravo, e Desengano
Me gritam n'alma, que sacuda os laços,
Que tanto soffrimento é já vileza;
Ouço-os, protesto desdenhar teus braços,
Protesto, ingrata, converter meus cultos
Em mil desprezos, irrisões, e insultos:
Mas ah! Protestos vãos, baldada empreza!
　　Sou a amar-te obrigado;
Não é loucura o meu amor, é fado.

Canção, vai suspirar de Anarda aos lares;
Mas se não lhe firmares
O instavel coração, deixa a perjura,
E iremos socegar na sepultura.

III.

O Desengano.

Alma ferida e céga,
Que em grilhões vergonhosos
Adoras a mão ímpia, que te entrega
A males tão crueis, e tão penosos,
Como os que sentem no maldito averno
Os condemnados entre o lume eterno:

Alma céga, e perdida,
Que a doce liberdade,
O gosto, as horas, o descanço, a vida
Consagras á maligna divindade,
Antes ao monstro, que produz, que géra
Veneno inda peor que o de Megéra:

Basta, faze em pedaços
(Porque a razão te grita)
Faze, que é tempo, esses indignos laços,
Essas cadêas vis: oh alma afflicta,
A virtude, a verdade, o céo te valha;
Vence a terrivel, infernal batalha.

Conhece o baixo objecto,
Que em triumpho te arrasta;
Cuidas que um meigo, deleitoso aspecto
Para dourar os teus excessos basta?
Cuidas que um bello riso, um ar benigno,
Filho da infamia, de ternura é digno?

Que engano! A formosura
Sem modestia, sem pejo
Tédio, tédio merece, e não ternura;
Eia, pois, de um phrenetico desejo
Enfrêa, apaga os impetos, a chamma,
E lava a nódoa, com que Amor te infama.

Que affronta! Que vileza!
Alma triste, alma escrava
De uma profana, sensual belleza,
De uns olhos falsos, d'onde Amor te crava
Mil séttas, cuja ponta aguda, e forte
Hervou no opáco inferno a mão da Morte:

Rasga o véo da cegueira
Fatal, que te hallucina:
Observa a criminosa, a lisonjeira,
Observa a loba má, que te domina,
Vê seus dolosos beiços nacarados
Fartando peitos vis com vis agrados.

Contempla a desprezivel:
De affagos nunca escassa,
Sem pudor, para todos é sensivel;
Este chama, outro amima, aquelle abraça:
Eil-a com frouxos ais, humidos beijos
Matando n'um minuto a mil desejos.

Olha aonde te abrazas:
Em torno d'ella o Vicio
Bate as lodosas, peçonhentas azas;
E, qual submissa ovelha ao sacrificio,
Elle de Venus ao altar nefando
A leva pela mão de quando em quando.

As lagrimas, que viste
Na perfida, que adoras,
São geraes; os suspiros, que lhe ouviste,
Não são teus, são communs; alegres horas
Como comtigo, com mil outros passa:
Vê-lhe a baixeza, esquece-te da graça.

Por gosto, e por costume,
Não por domar a ardencia
Do teu negro, pestífero ciume,
Te sacrifica os teus rivaes na ausencia,
Que, em favor das traições, com que trafica,
N'ausencia aos teus rivaes te sacrifica.

Oh alma! Oh liberdade!
Eu vos sinto abaladas
Pelas vozes da rígida verdade:
Vossas cadêas, por Amor forjadas,
Desejais sacudir... sim, já vos vejo
Olhar os ferros com horror, com pejo:

Estais já forcejando
Contra o pezo insoffrivel,
Oh liberdade! Oh alma! Estais bramando
Com ancia, com furor, crendo impossivel
Romper, despedaçar tão fixos laços
Sem o soccorro de celestes braços.

A fraca humanidade
Para tanto não basta,
Assim é; mas implore-se a piedade
De um sacro velho, que os mortaes affasta
Do quasi inevitavel precipicio,
E ante quem treme o erro, e pasma o vicio.

Vae pois, Canção, procura o Desengano:
Elle soccorre aquelles, que o procuram,
Elle o balsamo dá, com que se curam
As feridas, que faz Amor tyranno.

IV.

O Delirio Amoroso.

Inda não bastam, minha voz cançada,
Tantos ais, que tens dado;
É necessario renovar queixumes,
Queixumes, de que o fero Amor se agrada,
De que zombando está meu duro fado:
Gritemos, pois, phreneticos ciumes,
Gritemos outra vez; que dos afflictos
São triste refrigerio os ais, e os gritos.

Carrancuda Agonia, azéda, azéda
Inda mais, se é possivel,
O venenoso fel, que em mim derramas;
Doces enganos da minha alma arreda,
Deixa-lhe a dor intensa, a dor terrivel
Dos igneos zelos, das tartáreas chammas,
Deixa-lhe as ancias, a peçonha, as iras,
E a desesperação, que tu respiras.

Farte-se Anarda, o variavel peito,
Cujas graças me encantam,
Cujas traições no coração me ferem,
E por quem gemo, em lagrimas desfeito:
Que já mil bens dulcissimos não cantam
Os ternos labios meus, antes proferem
Lamentos contra Amor, contra a Ventura,
Conheça a desleal, saiba a perjura.

Sim, traidora, que o jubilo em torrentes
Viste alagar meu rosto,
Quando em teus braços possuî mil glorias,
Hoje morro de angustias, e o consentes,
Podendo-me, cruel, matar de gosto?
Oh extasi! Oh delicias transitorias!
Oh vão prazer dos credulos amantes,
Mais fugaz que os aligeros instantes!

Cansaste, Anarda: a solida firmeza
Vezes mil protestada,
Votos de eterna fé, que me fizeste,
Manter não pôde feminil fraqueza,
A quem sómente a novidade agrada:
Já logar na tua alma a outro déste,
E o mais ardente amor, o amor mais puro
Não satisfaz teu coração perjuro.

Se me fugisses, se de todo as chammas,
Que por mim te abrazavam,
A nova inclinação te amortecêra,
Desculpára esse ardor, em que te inflammas;
Porém quanto, infiel, quanto me aggravam
Os sorrisos de amor, com que assevera
Teu gésto encantador, teu meigo rosto,
Que inda propende a saciar meu gosto!

Presumes, que se paga uma alma nobre,
Um coração brioso
De um sórdido prazer, torpe, e corrupto
Qual esse, que me offertas, se descobre?
Assim só pode o vil ser venturoso,
Essa fortuna por baldão reputo:
Em amor antes só ser desgraçado,
Que d'outrem na ventura acompanhado.

Vai, fementida, que a paixão perfeita
Os seus dons não reparte;
Vai gemer n'outro peito, em'outros braços:
Pérfidos mimos d'esse infame acceita,
Em quanto juro aos céos de abominar-te,
Em quanto arranco meus indignos laços,
Em quanto... ah! Que falei! Meu bem, detente,
Abafa a minha voz, dize que mente!

Eu deixar-te (ai de mim!) primeiro a terra
Mostre as fundas entranhas
Por larga boca horrivel, que me trague:
Primeiro o mar, e o céo me façam guerra,
Despenhem-se primeiro estas montanhas,
E a meu corpo infeliz seu pezo esmague:
Primeiro se confunda a natureza,
Que eu césse de adorar tua belleza.

Vejam meus olhos esses teus pasmados
De um rival no semblante;
Ouça-te os ais, que com seus ais misturas,
E os agrados, que oppões aos seus agrados:
A tudo está subjeito um cégo amante,
Que não póde quebrar prisões tão duras;
A tudo estou submisso, estou disposto,
Quero tudo soffrer, porque é teu gosto.

Terá por crime, supporá vileza
Tão cruel tolerancia
Quem não sente o poder da formosura;
Porém minha alma, nos teus olhos presa,
Inda chega a temer, que esta constancia
Prova não seja de exemplar ternura;
E saibam, se com isto um crime faço,
Que o crime adoro, que a vileza abraço.

Sobre as azas dos ventos
Canção chorosa, e rouca,
Vae narrar pelo mundo os meus tormentos:
D'almas estoicas a dureza louca
Rirá dos teus lamentos;
Mas nos servos d'Amor terás abrigo:
Quando te ouvirem, chorarão comtigo.

V.

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Luis de Vasconcellos e Sousa, Vice-Rei do Estado do Brasil, etc.

Musa, tu, que até agora ao som do vento
Ao som dos crespos, inquietos mares,
Soltaste um vão lamento,
De mil queixumes povoaste os ares,
É tempo já: consola-te, respira,
E dignos versos ao teu vate inspira,

Não vou cantar de corações guerreiros
Impias façanhas, barbaras victorias:
Os heróes verdadeiros
Não são esses, que adquirem torpes glorias,
Bebendo o sangue dos mortaes afflictos
Na guerra atroz, nos horridos conflictos.

Pacifico varão dos céos mimoso,
Alma das almas exemplar brilhante,
Um coração piedoso,
Um grato gésto, um placido semblante,
Digno de amor, de submissão, de affecto,
Vai ser do meu louvor sublime objecto.

Sim, Vasconcellos; o teu nome egregio,
Que o orbe incensa, que a verdade acclama,
Que ao pé do solio regio
Conduz mil vezes a volatil Fama,
Na minha ingenua voz farei que sôe,
Que toque ao proprio céo, que aos astros vôe.

Se de teus immortaes antepassados
Tu não foras, senhor, fiel transumpto;
Se à teus lustres herdados
Um genio sup'rior não vira junto,
Não te cantára: o sangue sem virtude
É vão phantasma, que aos mortaes illude.

Grande te fez a prospera Fortuna,
Grande te fez a sabia Natureza;
Ellas querem que se una
Em tí alta virtude, alta nobreza;
E aos duplicados dons, que em ti diviso,
Duplicado louvor será preciso.

Não só da fama nos patricios lares
Ouvi contente resoar teus vivas:
N'estes mesmos logares
Com palavras de jubilo excessivas
Te ouço cantar, por bocas que não fingem,
Por almas lisas, que meu lado cingem.

De sancta gratidão ternos indicios
Mostram nos olhos, nas acções, nas frentes,
    E aos claros céos propicios
Mandam votos purissimos, e ardentes;
Mandam vozes de amor, e de lealdade
Pela tua cabal felicidade.

Eu, dos braços paternos arrancado,
E pela furia de suberbos mares
    Sacudido, arrojado
A remotos, incognitos logares,
Onde talvez que me apparelhe a Sorte
Depois de infausta vida infausta morte:

Eu finalmente, com respeito interno,
Meus frouxos olhos nos teus olhos pondo,
    Teu amavel governo,
Tua justiça, teus costumes sondo;
E digo então: — Senhor, só tu podias
Tornar brilhantes os meus turvos dias.

Só tu, digno d'estatuas de alabastro,
Digno de bronze, que os heróes distingue,
    Melhorarás meu astro,
Astro infeliz, que o meu socego extingue:
E poderás soltar minh'alma presa
Entre as sombras da livida tristeza.

Abatidos mortaes erguer da terra,
Formar ditosos, consolar aquelles
A que a Sorte faz guerra;
Ser páe, ser protector, e abrigo d'elles:
É virtude immortal, gloria perfeita,
A quem do Tempo a fera mão respeita.

Se de Tito a lembrança inda hoje dura,
Se o mundo o canta, se inda lhe erguem templo
A Saudade, a Ternura,
É porque foi da probidade exemplo;
É porque elle julgou perdido o dia
Em que algum beneficio não fazia.

Se do Magno Alexandre os sabios falam
Não é, não é, senhor, porque os seus braços
Altos muros escalam;
É sim, porque tirou de indignos laços,
E d'entre as garras de um destino impio
A regia próle do infeliz Dario.

Se a Mantuana sonorosa lyra
Ao profugo Troyano eleva tanto,
Não é por que elle inspira
Aos gregos susto, aos rutulos espanto:
É porque d'entre as mortes, e os assombros
O já curvado páe salvou nos hombros.

Viver debaixo do teu jugo brando,
Sentir as leis do teu poder suave,
Teus meritos alçando
Ao palacio de Jove em metro grave;
Oh que risonha! que benigna estrella!
Se o pensal-a é prazer, que fora o tel-a!

Surdo o Fado a meus ais, e a minhas magoas,
D'este ameno paiz me quer distante;
Manda que eu busque as aguas
Onde se banha o válido gigante,
Irmão dos impios, que gerara a terra,
Que ao páe dos deuses declararam guerra.

Mas inda lá n'esses logares broncos,
De miseros mortaes misero asylo,
Sobre duraveis troncos
Teu nome escreverei com terno estylo;
Mostrando que não é lisonja infame
Quem move a minha voz a que te acclame.

Oh ditoso Brasil, provincia bella,
Que vês na mão do heróe, que te domina,
Toda a força d'Aquella
A que o rapido Tejo a frente inclina:
Vem de novo com fervidos louvores,
Vem atiçar meus tremulos clamores!

Vem . . . Mas basta, Canção: que mais pretendes?
Onde vás arrojar-te? Ah! não prosigas:
D'uns dons, que mal comprehendes
Que poderás dizer, por mais que digas?
Não escapas do assumpto, que proclamas;
Só pertence aos Camões falar dos Gamas.

CANTATAS.

CANTATAS.

I.

Medéa.

JÁ de Colchos a fera, ardente Maga
Horridos versos murmurado havia;
Ao som de atroz conjuro, e negra praga
Já tinha amortecido a luz do dia:
Já co'a fôrça do encanto
Os implacaveis monstros subjugara
Na feia habitação do eterno pranto,
E á voz terrivel, ao potente aceno
A triforme carranca em fim curvara
Do rei das sombras a feroz consorte.
Embebidas n'um fervido veneno
As roupas nupciaes, brilhante ornato,
Em que ía disfarçada, alegre a Morte,
Instrumentos da raiva, e do ciume,
Punindo a vil traição do esposo ingrato,
O invisivel por arte, aereo lume
Pouco a pouco ateavam
Nas lisas carnes da real donzella,

E a preferida, a bella
Miseranda rival desesperavam.
Descendente do Sol, do deus fogoso,
Tu, zelosa, phrenetica Medéa,
Foste colher ao carro luminoso
Tenue, fatal porção da luz phebéa;
Talhaste fulvo annel da ignea trança,
E d'elle urdiste asperrima vingança.
Estás desaffrontada? Estás contente?
Nas garras da afflição Creüsa expira;
Jason sem alma a sente,
Jason, que te offendeu, Jason delira,
Brama de horror, de angustia desfalece,
E mais que teu furor teu dó merece:
Eis o envolve, o consterna amargo luto,
Foi falso, foi traidor, foi réo sem fructo.
Que novo crime insolito, execrando,
Que atrocidade insana
Vás contra a natureza aparelhando?
Poupa os filhinhos, barbara, inhumana,
Poupa os meigos filhinhos:
Elles são innocentes,
Elles inda têm jus aos teus carinhos.
Não vês que, descontentes,
Não vês que, enternecidos,
A teu fado, a teu mal dão mil gemidos,
Soluçam, tremem, choram,
Se lamentam do páe, e a mãe deploram?
Oh céos! No coração da maga horrenda
Natureza e vingança

Armam fervente, pertinaz contenda:
Ora a ternura suspirando amansa
Dos zelos a raivosa tempestade,
Ora de agro despeito
Ao vigoroso impulso
Cede a benigna, maternal piedade:
Em fim do irado peito
Foge, vôa carpindo Amor expulso.
Eis a mãe (já não mãe) qual impia Furia,
Medonha, e desgrenhada,
Te faz, oh Natureza, atroz injuria!
A tua doce voz em vão lhe brada,
Em vão lhe representa, em vão lhe pinta
Com mimoso pincel, com varia tinta
Aureos instantes, scenas deleitosas;
Nos meninos gentis em vão lhe aponta
De amor suave as prendas carinhosas:
Co'as imagens brilhantes
Se assanha do divorcio a crua affronta,
Dobra-se a pena, a raiva se requinta.
Já lança mão dos candidos infantes,
E empunhando mortifero instrumento
Com que a Ternura espanca
No cerrado aposento
Estas vozes crueis do peito arranca:
«Longe, affectos piedosos,
Longe, materno amor! — Estes, que eu mato,
São prole de Jason, são criminosos,
Detestavel porção de um peito ingrato.
Morra, morra com elles a memoria

Do perfido consorte.
Justiça, Indignação, dai-me a victoria!
Cessa de murmurar, oh Natureza,
Recebe as tenras victimas, oh Morte!...»
N'isto em chammas do inferno a maga acceza,
Vibra o ferreo punhal contra os mesquinhos,
Lacrimosos filhinhos:
Ao acto de os ferir lhe cáe por terra,
Mas a dextra fatal de novo o aferra.
Infancia, formosura, a dôr, e o pranto
Nada o terrivel impeto embaraça,
Um apoz outro os miseros traspassa:
Tu, Ciume cruel, tu podes tanto!
No horror da morte as victimas arquejam,
E, inda sentindo a filial ternura,
A mãe, o algoz acarinhar desejam.
Ella, mais que rochedos secca, e dura,
Denso véo lutuoso
Sobre os rotos cadaveres estende,
E aos olhos tristes do culpado esposo
A triste scena renovar pretende...
Eil-o, ah! Eil-o, convulso, arrebatado,
Derriba a porta da lutuosa estancia
No liso pavimento ensanguentado:
Ferro mortal brandindo
Corre a Medéa com terrivel ancia.
Ao vel-o, em novas furias se affoguêa,
Relampagos dos olhos sacudindo
A torva maga, e subito menêa
Com rapido susurro a tenue vara,

Que ás longas vestes do perjuro applica:
Elle treme, elle pára,
Calado, immovel qual estatua fica;
Porem se perde a voz, e o movimento,
Conserva illesos vista, e sentimento.
Logo o funebre véo Medéa alçando,
Do falsario Jason a angustia dobra,
Aponta ao espectaculo nefando,
Mostra-lhe os filhos, e a traição lhe exprobra.
Depois, abominando os impios lares,
Theatro de seus horridos furores,
As suberbas abobadas atrôa
Com mil imprecações, com mil clamores;
E em leve salto se arremessa aos ares,
E pelos ares vôa
De aligeros dragões n'um carro enorme,
Dadiva de Proserpina triforme.
Das Gorgonas, das Furias negro bando
Retorce os olhos, que arremedam brazas,
A segue, e vai correndo, e vai crestando
Com rubro facho ardente ao vento as azas.
Unisono alarido
A sanhuda caterva aos céos levanta,
E da brutal fereza
O triumpho atrocissimo decanta.
O sol na escuridão fica sumido,
Negreja horrorisada a natureza,
Montanhas ergue o mar, vulcões a terra,
Aos sons, que o côro estygio desencerra:

E entretanto o miserrimo consorte
Jaz entre os filhos, a luctar co'a morte.

«Triumphe (os monstros clamam,
E a Compaixão suspira)
Triumphe, reine a Ira,
Caia, pereça Amor.

«Teus raios, oh Vingança,
Jamais, jamais se apaguem:
Sempre o altar te alaguem
Ondas de rubra côr.

«Pasmai, tartareas hydras,
Pasma, infernal tyranno;
Inda o furor humano
Transcende o teu furor.

«Da atroz Medéa o nome
Em perennal memoria
Será do averno a gloria,
E dos mortaes o horror.

«Tropel de acerbos males
O mundo assalte, e fira;
Reine, triumphe a Ira,
Caia, pereça Amor.

II.

Á Morte de Ignez de Castro.

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo, chorando, memoraram.
CAMÕES, Lusiad.

A ULINA:
Soneto Dedicatorio.

DA miseranda Ignez o caso triste,
Nos tristes sons, que a magoa desafina,
Envia o terno Elmano á terna Ulina,
Em cujos olhos seu prazer consiste:

Paixão, que, se a sentir, não lhe resiste
Nem nos brutos sertões alma ferina,
Belleza funestou quasi divina,
De que a memoria em lagrimas existe:

Lê, suspira, meu bem, vendo um composto
De raras perfeições anniquilado
Por mãos do crime, á natureza opposto:

Tu és copia de Ignez, encanto amado;
Tu tens seu coração, tu tens seu rosto....
Ah! Defendam-te os céos de ter seu fado!

Longe do charo esposo Ignez formosa
Na margem do Mondego
As amorosas faces aljofrava
De mavioso pranto.
Os melindrosos, candidos penhores
Do thalamo furtivo,
Os filhinhos gentis, imagens d'ella,
No regaço da mãe serenos gosam
O somno da innocencia.
Côro subtil de aligeros Favonios
Que os ares embrandece,
Ora enlevado affaga
Com as plumas azues o par mimoso,
Ora solto, inquieto
Em leda travessura, em doce brinco,
Pela amante saudosa,
Pelos tenros meninos se reparte,
E com tenue murmurio vai prender-se
Das aureas tranças nos anneis brilhantes.
Primavera louçan, quadra macia
Da ternura, e das flores,
Que á bella Natureza o seio esmaltas,
Que no prazer de Amor ao mundo apuras
Prazer da existencia,
Tu de Ignez lacrimosa
As magoas não distráes com teus encantos.
Debalde o rouxinol, cantor de amores,
Nos versos naturaes os sons varîa;

O limpido Mondego em vão serpêa
Co'um benigno susurro, entre boninas
De lustroso matiz, alvo perfume;
Em vão se doura o sol de luz mais viva,
Os céos de mais pureza em vão se adornam
Por divertir-te, oh Castro!
Objectos de alegria Amor enjoam
Se Amor é desgraçado.
A meiga voz dos Zephyros, do rio,
Não te convida o somno:
Só de já fatigada
Na lucta de amargosos pensamentos
Cerras, misera, os olhos;
Mas não ha para ti, para os amantes
Somno placido, e mudo:
Não dorme a phantasia, Amor não dorme:
Ou gratas illusões, ou negros sonhos
Assomando na idéa espertam, rompem
O silencio da morte.
Ah! Que fausta visão de Ignez se apossa!
Que scena, que espectaculo assombroso
A paixão lhe affigura aos olhos d'alma!
Em marmoreo salão de altas columnas,
A solio majestoso, e rutilante
Junto ao regio amador se crê subida:
Graças de neve a purpura lhe envolve,
Pende augusto docel do tectô d'ouro;
Rico diadema de radioso esmalte
Lhe cobre as tranças, mais formosas que elle;
Nos luzentes degraus do throno excelso

Pomposos cortezãos o orgulho accurvam;
A lisonja sagaz lhe adoça os labios,
O monstro da politica se aterra,
E se Ignez perseguia, Ignez adora.
Ella escuta os extremos,
Os vivas populares; vê o amante
Nos olhos estudar-lhe as leis que dicta;
O prazer a transporta, amor a encanta;
Premios, dadivas mil ao justo, ao sabio
Magnanima confere,
Rainha esquece o que soffreu vassalla:
De sublimes acções orna a grandeza,
Felicita os mortaes, do sceptro é digna,
Impéra em corações... Mas, céos!.. Que estrondo
O sonho encantador lhe desvanece!
Ignez sobresaltada
Desperta, e de repente aos olhos turvos
Da vistosa illusão lhe foge o quadro.
Ministros do Furor, tres vis algozes,
De buidos punhaes a dextra armada,
Contra a bella infeliz bramindo avançam.
Ella grita, ella treme, ella descóra,
Os fructos da ternura ao seio aperta,
Invocando a piedade, os céos, o amante;
Mas de marmore aos ais, de bronze ao pranto,
Á suave attracção da formosura,
Vós, brutos assassinos,
No peito lhe enterrais os impios ferros.
Cáe nas sombras da morte
A victima d'Amor lavada em sangue:

As rosas, os jasmins da face amena
Para sempre desbotam;
Dos olhos se lhe some o doce lume,
E no fatal momento
Balbucîa, árquejando: — « Esposo! Esposo!... »
Os tristes innocentes
Á triste mãe se abraçam,
E soltam de agonia inutil chôro.
Ao suspiro exhalado,
Final suspiro da formosa extincta,
Os Amores acodem.
Mostra a prole de Ignez, e tua, oh Venus,
Egual consternação, e egual belleza:
Uns dos outros os candidos meninos
Só nas azas diferem,
(Que jazem pelo campo em mil pedaços
Carcazes de marfim, virotes d'ouro)
Subito voam dous do côro alado;
Este, raivoso, a demandar vingança
No tribunal de Jove,
Aquelle a conduzir o infausto annuncio
Ao descuidado amante.
Nas cem tubas da Fama o gran desastre
Irá pelo universo:
Hão de chorar-te, Ignez, na Hyrcania os tigres,
No torrado sertão da Lybia fera
As serpes, os leões hão de chorar-te.
Do Mondego, que attonito recûa,
Do sentido Mondego as alvas filhas
Em tropel doloroso

Das urnas de cristal eis vem surgindo;
Eis, attentas no horror do caso infando,
Terriveis maldicções dos labios vibram
Aos monstros infernaes, que vão fugindo.
Já c'roam de cypreste a malfadada,
E, arrepelando as nitidas madeixas,
Lhe urdem saudosas, lugubres endeixas.
Tu, Echo, as decoraste;
E cortadas dos ais, assim resoam
Nos concavos penedos, que magôam:

«Toldam-se os ares,
Murcham-se as flores;
Morrei, Amores,
Que Ignez morreu.

«Misero esposo,
Desata o pranto,
Que o teu encanto
Já não é teu.

«Sua alma pura
Nos céos se encerra;
Triste da terra,
Porque a perdeu.

«Contra a cruenta
Raiva ferina
Face divina
Não lhe valeu.

«Tem roto o seio,
Thesouro occulto,
Barbaro insulto
Se lhe attreveu.

«De dor e espanto
No carro de ouro
O numen louro
Desfaleceu.

«Aves sinistras
Aqui piaram,
Lobos huyvaram,
O chão tremeu.

«Toldam-se os ares,
Murcham-se as flores;
Morrei, Amores,
Que Ignez morreu.»

III.

Á Morte de Leandro e Hero.

De horrenda cerração c'roada a Noute
Surgira ha muito da cimméria gruta;
Tapando o longo céo co'as azas longas
Reina em meio-universo:
Occupam-lhe os degraus do negro throno
A Tristeza, o Silencio,
O Medo, a Solidão, o Amor, e o Crime;
Voam-lhe em roda lugubres phantasmas,
Aves sinistras pousam-lhe no gremio,
Eis manso e manso as nuvens se entumecem,
Eis o liquido pezo
Rompe os enormes, carregados bojos,
Em torrentes susurra, e cáe na terra.
Rebentam furacões, flammejam raios,
O estrondoso trovão no céo rebrama,
O Helesponto nas rochas ferve, e ronca.
Tu, Abydeno amante,
Tu vélas n'este horror com a saudade.
Já corres insoffrido ás ermas praias,
D'onde é teu uso arremessar-te ao pégo,

E, destro nadador, talhando as vagas,
Teus gostos demandar na opposta margem.
Ao longe em celsa torre, estancia chara
D'Hero, sol dos teus dias,
O brilhante signal, o amigo lume
(Que é no facho d'Amor por ella accezo)
Vês entre as sombras scintillar a espaços,
E como que te acena, e te suspira.
Debalde o mar bramindo, o céo troando
Teu impeto ameaçam:
Ardem-te n'alma os sofregos desejos;
Fulgurante illusão, dourando as trevas,
N'um quadro tentador te off'rece aos olhos
Glorias a furto, vividos prazeres,
Doces mysterios, que da luz se temem.
A sagaz Esperança
Te reforça, te incita,
Jura applacar-te o ar, pôr freio ás ondas,
Dar-te aos suspiros da suave amada.
Attento á meiga voz, que attráe, que mente,
No montuoso pélago te arrojas:
Á queda repentina altêa um grito
O corvo grasnador na dextra parte,
E os Echos despertando ao som medonho,
Gemem nas brutas, cavernosas fragas.
O triste agouro te arripia as carnes,
Teus cabellos herriça;
Mas prevalece Amor, e, expulso o medo,
Fórças a equorea, tumida braveza.
Metade já do transito afanoso

Industria e robustez vencido haviam:
N'isto a procella horrisona recresce,
Tingem sombras do inferno os véos da noute,
Que o subito relampago retalha:
Braveja o mar, aos astros se remontam
Serras, e serras de fervente espuma;
Carrancudos tufões arrebatados
Dobrando a força, a raiva, luctam, berram,
E revolvem do pelago as entranhas:
Rochedo immovel, afferrado á terra,
Rebate apenas o horroroso assalto...
Ah Leandro infeliz! Tu já fraquêas,
A destreza, o vigor, nas mãos, nas plantas
Já, misero amador, já te falecem.
Procuras o distante, o charo lume,
Astro benigno, que te influe, e guia,
 Olhas, vês que te falta,
Que desappareceu, que jaz extincto:
 Suspiras, esmoreces,
Da tua doce luz desamparado.
Invocas o gran deus, que rege os mares;
De teus rogos não cura immoto, e surdo.
Invocas de Nerêo potente as filhas;
Ellas ardem por ti; mas, invejosas
Do objecto encantador, que lhes preferes,
Ás maritimas furias te abandonam.
Hero invocas, e Amor, e os Céos, e a Sorte:
 A Sorte é implacavel,
Dos males, que dispõe, não se arrepende,
Teus dias signalou de um termo infausto.

Debalde te auxilia o deus mimoso,
O alado creador de teus suspiros,
Dos amorosos bens, que desfructaste;
O facho luminoso em vão menêa
Para encurtar-te as sombras,
E mais facil tornar a undosa estrada;
Em vão co'as azas brandas
Tenta arrazar os orgulhosos mares.
Sobre altos escarcéos o Fado escuro
Folga, triumpha, e reina.
Punge, ameaça, desespéra os ventos,
Enrola a morte nas horrendas vagas.
Ella, prompta a seu mando, ella acommette
O deploravel moço:
Eis dos olhos gentis lhe turva o lume,
O tardo movimento eis lhe sobpêa,
Pelas aguas o embebé, e d'Hero o nome
Do ancioso coração n'um ai lhe arranca.
Abaixo, acima, co'as cavadas ondas
Vai, vem mil vezes o infeliz mancebo.....
Ai! Já sem vida aqui, e ali vaguêa
Á discrição do mar, e o mar com elle
De Sésto ás praias subito arremette:
Dá contra a torre d'Hero, ali rebenta,
E deixa o triste corpo á margem nua.
Tu entretanto, carinhosa amante,
Que fazias (oh céos!) que imaginavas?
Solitaria, anhelando,
Nas trévas espantosas,
Nos soltos ventos, alterosos mares,

Lias de feio azar presagios feios.
Em torno á viva luz, que vigiavas,
(Que em raro véo com arte envolto havias,
Resguardando-a dos ares indignados)
Em torno á viva luz eis de improviso
Negro insecto voou, zuniu tres vezes,
E á terceira apagou a experta chamma:
(Foi no ponto funesto em que o mancebo
Com teu nome adoçou o extremo arranco!)
Do repentino assombro espavorida,
    Atonita, convulsa
O agourado clarão não renovaste.
Em ancias implorando os deuses todos,
E mais que todos o que em ti reinava,
A bem do affouto, desvelado amante,
Ao numen indulgente, á mãe piedosa
Mil incensos, mil victimas votaste.
Depois, cevando a revoltosa idéa
    Em terriveis imagens,
Ora do moço audaz o usado arrojo
    Reprovavas comtigo,
Ora a céga imprudencia maldizias
Com que em tão desabrida, horrivel noute
A perigosa senha aventuraras...
Ah triste! Contra ti não te conjures;
Foi lei dos fados a imprudencia tua.
    Hero desanimada
Mettida em profundissimo lethargo,
Jaz sem tino, e sem voz, até que aponta
A purpurea manhan no céo já ledo.

Farto o cruel Destino,
Adelgaçara os ares,
Ao pégo a mansidão restituira
Depois que a terna victima saudosa
Foi suffocada nas voragens feras.
Elle, o duro oppressor dos desditosos,
Elle do almo prazer, que os dous gosaram,
Está vingado em parte, e da vingança
Á Desesperação commette o resto.
Hero, ah Hero infeliz! Tu pelas aguas
Humida vista suspirando alongas.
Não vês o nadador por quem desmaias,
O teu bem não fluctua
Pelas ondas desertas:
Eis a consternação te inclina os olhos
Á pedregosa arêa
Onde o desventurado está sem alma.
Que vista!... Que terror!... As alvas carnes
Rotas nas rochas pelo embate undoso,
Inda gotejam sangue; aberta a boca
Parece que inda quer, que inda procura
Chamar-te, oh Hero, murmurar teu nome!
No espectaculo horrendo
Misera, tu reparas;
Tu... (Céos, não lhe acudis?..) tu reconheces
O querido semblante, o corpo amado,
Entre as sombras da morte inda formoso:
Com pallidez, que a pinta,
Gritas, arquejas, desespéras, fremes,
Deitas as mãos de neve ás tranças d'ouro,

E as tranças d'ouro, delirando, arrancas.
Levada em fim de um impeto raivoso
Te arremessas da torre, e dás, e entregas
O teu ai derradeiro ao mudo amante.
Lá jazem sobre a arêa lutuosa
As victimas do Fado:
Nas angustias mortaes a linda moça
Inda, estendendo os amorosos braços,
Tenta apertar o suspirado objecto.
Apiedados delphins nas ondas surgem,
E altos sons (oh prodigio!) derramando,
Lamentam junto á praia o duro caso:
As mesmas nymphas invejosas d'Hero
Soluçam de pezar nos vitreos lares.
Um marmoreo padrão se erige em breve;
Compadecidas mãos a historia triste
Gravam na lisa pedra; a pedra existe:
Mas o monstro voraz, que róe penedos,
Comendo em parte a funebre escriptura,
Só deixa soletrar-lhe
O remate piedoso,
Em meus piedosos versos trasladado,
Carpido ao som da lyra:
Inda agora de ouvil-o Amor suspira.

Aos dous amantes
D'Abydo e Sésto
Ardor funesto
Deu negro fim.

Foram-lhe algozes
Os seus extremos;
Mortaes, amêmos,
Mas não assim.

IV.

Á Purissima Conceição de Nossa Senhora.

Que espectaculo, oh céos! Eu velo?.. Eu sonho?..
Que diviso!.. Onde estou!... Purpurea nuvem
Ante os olhos attonitos me ondêa,
E chuveiros de luz despede á terra!
Mais bella que o fulgor, que ao sol precorre,
Alta matrona augusta
Do vapor luminoso,
Que os zephyros mantêm nas tenues plumas,
Quão risonha contempla o baixo mundo!
Aureas estrellas congregadas brilham
No rutilo diadema,
Que a fronte majestosa lhe guarnece;
Aureas estrellas semeadas brilham
Nas roçagantes vestes,
Côr do estivo clarão, que philtra os ares!
De alados genios candida phalange
Reverente a ladêa,
E pelas niveas dextras balançados,
Pingue, fragrante aroma, em honra á diva,
Os fumosos thuribulos derretem....

Mas que feroz dragão lhe jaz ás plantas,
Sangue a boca medonha, os olhos fogo!...
Rábido arqueja, tumido sibíla,
Baldadas forças prova'
Contra o pé melindroso
No colo inerme, na cerviz calcada,
Que rubras conchas escabrosas forram:
Enrosca, desenrosca a negra cauda,
E em horridos arrancos desfalece....
Oh triumpho! Oh mysterio! Oh maravilha!
Oh celeste heroina! A sacra turma,
Os entes immortaes, que te rodêam,
Modulam tua gloria em almos hymnos,
Que entre perfumes para os astros voam...
Eis no leito arenoso as vagas dormem,
Razas cedendo á musica divina:
Pio ardor pelas fibras me serpêa,
E encurvado repito os sanctos versos:

Oh virgem formosa,
Que domas o inferno,
Creou-te *ab eterno*
Quem tudo creou.

Illesa notaste
Do mundo o naufragio,
Da culpa o contagio
Por ti não lavrou.

Nas tuas virgineas
Entranhas sagradas,
Do céo fecundadas,
O Verbo encarnou.

A grande victoria
Do genero humano
Contra este tyranno
De ti começou.

Depois de lograres
Triumpho completo,
Cumprido o projecto
Que o céo meditou,

Cresceram nos astros
Os vivas, e os cantos,
E as furias, os prantos
O abysmo dobrou.

Oh virgem formosa,
Que domas o inferno,
Creou-te *ab eterno*
Quem tudo creou.

V.

As Forjas de Lemnos:

(Traduzida livremente de J. B. Rousseau.)

Na famosa caverna, onde Vulcano
Fórja, e tempéra do Tonante as armas,
Venus pedia aos horridos artistas
Recheassem de lucidos virotes
O dourado carcaz do filho astuto:
As Graças, os Prazeres
Lhe prestavam seus dons, e seus encantos.
O carrancudo esposo
Junto á fragoa immortal crestado, e cheio
Das saltantes faiscas,
* As mãos do ferro e fumo enxovalhadas,
* Nas faces crespas o suor em fio,
D'est'arte affervorava
Co'a voz, e exemplo os Cyclopes membrudos:

« Eia, socios, trabalhêmos,
Obedeça-se ao que manda
Venus bella, doce, e branda,
Mãe das Graças, e de Amor.

«Folles tumidos soprando
Mais e mais o fogo atêem,
Labaredas nos rodêem
Com terrifico fragor:

«Rubro o ferro escume, e ferva,
Lide a mão com força enorme,
Settas, farpas, dardos forme;
E, brandido a cada instante,
Na bigorna resonante
Cáia o malho atroador.

«Eia, socios, trabalhêmos,
Obedeça-se ao que manda
Venus bella, doce, e branda,
Mãe das Graças, e de Amor.»

Instigado por elle, assim Vulcano
Á voluvel consorte
Obrava contra si terriveis armas;
Quando o numen da guerra, inda horroroso
Das mostras de recente mortandade,
Entra, os olhos em braza, as mãos sanguentas,
E — «Que fazeis (exclama)
Filho de Juno, artifices do raio?
Para entreter meninos ociosos
Ante a forja voraz estais suando?
Por isso, por tão pouco, e tanto á pressa
Esta caverna horrisona rebomba?

«Que trabalho vergonhoso!
Eia, em cinzas transtornai-o:
Ou deixai tão futil brinco,
Ou não mais forjeis o raio.»

Mas em quanto vozêa, em quanto affronta
O affadigado irmão, e os duros Brontes,
Eis farpa vingadora o pune, o fere.
Que repentino ardor lhe inflamma o sangue!
Que pejo, que rubor lhe accende as faces!
Quer falar, mas a voz nos labios morre,
Dirige a vista ao céo, turba-se, e geme:
Cede, em fim; — perde a côr, o orgulho, as forças,
E seus olhos confusos, vagos, frouxos,
Já presos por Amor, já namorados,
* Param no seio da benigna Venus;
* Revendo-se depois no rosto amado,
* Terno sorriso o coração lhe acolhe.

Vós, que domais a terra,
Despi audaz furor;
Sabei que o deus da guerra
Só é o deus de amor.

Não lhe aggraveis a gloria,
Tremei de o irritar;
É dares-lhe a victoria
Querer-lh'a disputar.

VI.

No dia natalicio da Serenissima Princeza D. Maria Theresa.

(29 de Abril de 1800.)

Milagroso pincel, pincel divino,
Que, os seculos transpondo,
Estendes pelo véo da eternidade
Teus quadros majestosos;
Vida sem morte, resplendor sem noute,
Ao ente humano, graduado em nume,
Nova existencia, doação das Musas!
Milagroso pincel, pincel divino,
Com teu vario fulgor, com teus matizes
Ao Lethes se arrebata
O jus terrivel de sorvêr memorias.
Do vate a prepotencia
Commette, arromba do vindouro as portas,
Aos mysterios fataes a nevoa rompe,
E d'outro sol mais puro
Attráe para a virtude amenos dias.

Quando flammejas,
Estro sagrado,
Sombras do Fado
Soffrem clarão.

Roubas portentos
Do archivo eterno,
E até no Averno
Dómas Plutão.

Accelerando os vôos
Meu rapido, fervente, alado genio,
No sem-medida espaço
O monstro alcança tragador das éras;
Dos tempos a corrente empolga, ousado;
Innumeros fuzîs de ferro, e de ouro
Tenta, palpa, examina,
E em vasta serie de amorosos dias
Escolhe o mais brilhante:
Desata um dia, em fim, que raro, ou novo,
Namore a natureza, os céos namore,
E aos mortaes se affigure
Brando sorriso, com que Jove os honra.
Linda, real Maria,
Este é teu aureo dia.
Outros por lei commum, por lei constante
Se espraiam sobre o mundo:
Teu dia mais cuidado aos céos merece,
Teu dia em modo estranho aclara o globo.
Musas, Graças, Virtudes,
De rosas immortaes c'roado o sobem
Ao carro, ao gremio da orvalhante Aurora.
A amada de Titão fastosa o guia,
Brinda com elle a Natureza ufana;
E o brilho desusado

Que a vitrea superficie ao Tejo esmalta,
Chama o ceruleo nume á flor das aguas.
Em candido tropel das lapas surgem
    As tagides mimosas:
Fervendo a fofa espuma em torno d'ellas,
    Como que sente o preço
    Dos virginaes thesouros,
Dos thesouros de amor, em parte avaros.
Eis no esplendor que vestem
    O polo, a terra, as ondas,
O ledo, niveo côro embebe os olhos;
Eis desenfrêa a voz, que enfrêa os Euros,
E em magicas torrentes de harmonia
    Os corações se perdem.
Qual o Ismario cantor, prole phebêa,
    Em arvores, em rochas
Em tigres, em leões reinou co'a lyra,
    Ou sobre Ausonia scena
Quaes, Crescentini, teus milagres soam;
Assim do patrio Tejo as filhas bellas
    Urdem, modulam versos
    Ao natal de Maria,
De João, de Carlota ao regio fructo,
Ás primicias gentis de amor sagrado:
    Como que inda elevado
De assombro, de prazer, taes sons escuto:

«Salve, formoso dia,
Tão doce á natureza,
Que vales a pureza
Do olympico fulgor!

«O Tempo em honra tua
Das azas se despoja,
E quebrantado arroja
O ferro assolador.

«Sempre de ti vaidoso,
Deixando os cyprios lares,
De Lysia sobre os ares
Brinque, triumphe Amor.

«Vão sempre os teus instantes
De bens a bens voando,
Como Favonio brando
Vôa de flor em flor.»

CANTOS.

CANTOS.

I.

Á Purissima Conceição de Nossa Senhora.

PROFANA lyra, a molles sons affeita,
Vil instrumento, minha mão te enjeita:
Caducas perfeições, servîs amores,
Não mais, não maculeis os meus louvores.
Tu, doce chamma, angelica ternura,
Que o creador envia á creatura,
Oh dadiva celeste, oh dom do Immenso,
Com que atterramos Satanaz infenso,
Com que a tormenta das paixões se acalma,
Baixa dos céos, e purifica esta alma.
Eis desce, eis desce, não me engano, é ella!
Agora sim, que posso, oh virgem bella,
Enxugar criminoso, indigno pranto,
E a teus ouvidos elevar meu canto:
Profana lyra, a molles sons affeita,
Vil instrumento, minha mão te enjeita.
Inda no horror do cáhos, ou do Nada
Jazia a Natureza inanimada;

Inda na vasta região dos ares
Os grandes, os pasmosos luminares,
Que o pólo aclaram, que os viventes guiam,
Que as ondas abrilhantam, não luziam,
E já Maria para Deus guardada,
Na idéa omnipotente era creada.
Ah! Cante-se o prazer, cante-se a gloria
Do céo, da terra; acclame-se a victoria
Da immaculada Virgem sacro-sancta,
D'aquella, que te impôz a invicta planta,
Tartárea Serpe, na cerviz medonha,
Ficando illesa da infernal peçonha.
Lá vejo os paes communs, que o monstro opprime,
Lá caminha o Remorso apoz o Crime,
Lá ouço a voz horrisona do Eterno,
Que faz tremer a abobada do inferno.
Deus grita, Deus pergunta: « Ingratos, como
Vos attrevêstes ao vedado pomo?
Que! Pretendieis hombrear comigo!
Da vossa rebeldia eis o castigo.
Do Eden minha justiça vos desterra,
Ide habitar a miseravel terra:
Ella avarenta, Adão, jámais enxutos
De teus suores te dará seus fructos:
Tu, crédula mulher, que o seduziste,
Com dor produzirás, e o duro, o triste,
Padecimento, a que ambos vos condemno,
E que a tão grave culpa inda é pequeno,
Grassará com terrivel egualdade
Pela vossa infeliz posteridade. »

Oh sentença fatal! Oh cruel sorte!
Herança horrivel! O peccado! A morte!
Já principiam a ferver na terra
A Suberba, o Furor, a Inveja, a Guerra.
Da victima primeira o sangue corre:
Abel, o grato ao céo, lá cáe, lá morre
Ás mãos perversas de Caim maldicto,
E aos astros sobe da Innocencia o grito.
Pune, fulmina os monstros do peccado
O braço vingador de um Deus irado:
Elle as ethereas cataractas sólta,
Paternos olhos a Noé só volta:
Cáe a torrente, em atras nuvens preza,
E agonisa, boiando, a Natureza.
Que espectaculo, oh céos! Q'horror! Q'espanto!
A negra estancia do contínuo pranto
O proscripto universo representa
Na pavorosa, na geral tormenta;
E o divino furor, inda não pago,
Arroja sobre os homens novo estrago;
Elle, Babel sacrilega, te arraza,
Igneo chuveiro, oh Sodoma, te abraza,
Aqui, e ali, silvando, o raio vôa;
Mas o terrivel Deus em fim perdôa.
Vê com piedade o mundo agrilhoado
Pelo tyranno, contra nós armado,
Que rege as trevas do medonho inferno,
Que céva as furias em tormento eterno.
Remir-vos, oh mortaes, do captiveiro
Eis que resolve o numen justiceiro:

Fecundada por elle idosa planta,
Brota o celeste fructo, a pura, a sancta,
Cujo louvor os seraphins entôam
No refulgente empyreo, que povôam;
E cuja Conceição, por Deus obrada,
Da mancha universal foi preservada.
Virgem depois de mãe, mulher bemdicta,
Debalde o torvo Lucifer vomita
Contra ti do espumante, horrivel seio
O veneno lethal, de que está cheio:
Contra ti seu furor em vão despede,
A teu alto poder o monstro cede:
Tu lhe calcas a fronte ameaçadora,
Que erguêra para Deus; tu, vencedora,
Por terra deixas o dragão damnado,
Que nos infernos cáe desesperado,
Arremessando ao céo com voz blasphema
Horridas pragas contra a mão suprema.
Esposa, filha, e mãe do Omnipotente,
Iris de paz á deploravel gente,
Deposito ineffavel da pureza,
Que honraste a nossa fragil natureza;
Do Deus-Homem dignissimo sacrario,
Que os thesouros sem fim do eterno erario
Resumidos contêns nas graças tuas;
Que outros sóes, outros astros, outras luas
Invisiveis a nós, lá vês, lá pisas
No almo, nitido céo, tu divinisas
Meus versos, dedicados atégora
A vãos prestigios, que a fraqueza adora.

Ah! Dos teus olhos um volver piedoso
Desarme, oh Virgem bella, o justiçoso
Ente immortal, que os improbos fulmina;
Apaga o raio, que na mão divina
A prumo sobre a fronte me chammeja:
A quem te invoca teu favor proteja.
E vós, sabios alumnos, que obtivestes
Tão vasta profusão dos dons celestes,
Fecundas mentes, o calor sagrado
Exhalai n'este dia abençoado,
Dos labios entornando as phrases d'ouro,
Com que tendes ganhado o Aonio louro.

II.

Á Immaculada Conceição de Nossa Senhora.

Laus & gloria sit tibi, sancta Trinitas, quæ omnes nos ad hanc celebritatem convocatis.

D. Cyrill. Episc. Alex. In Homil. contr. Nestor.

Rasga o seio da terra, e desce, oh Musa,
Á masmorra, onde os reprobos arrastam
Sempiternas, horrisonas correntes....
Que pavorosa confusão rodêa
O praguejado throno ao rei das sombras!
Seus torvos cortezãos como esbravejam
Nos sulphureos vulcões, que o Orco exhala!
A negra Inveja que alarido arranca
Das carcomidas fauces!
Veneno em borbotões, lagrimas suas,
O carão còr da noute ao monstro escalda!
A Desesperação lhe jaz ao lado,
E no raivoso coração lhe enterra
De quando em quando as lacerantes garras:
Não longe d'ella a turgida Suberba
Nas mãos ostenta ainda
Abominavel plano,
A cuja execução guiou, bramindo,

Rebeldes legiões, que em vão tentaram
Sacudir da cerviz o jugo eterno,
    Tocar o Omnipotente,
Roubar-lhe o raio, derribar-lhe o solio:
Do antigo pasto seu nunca enjoado
O abutre, que devora a natureza,
    Ás Furias lá preside,
Ás indómitas Furias, que negrejam
Sobre os amplos degraus de ferro em braza,
Horrida estrada ao detestavel throno,
Ali Satan, fervendo em labaredas
    De raiva inextinguivel,
Tortuoso dragão, que tem por sceptro,
    Na mão cruenta esmaga,
Retorce os olhos, que dardejam peste,
Menêa a fronte, e co'um terrivel brado
Ao tartareo tumulto impõe silencio:
Pela tórrida abobada rebomba
    O trovão repentino:
As melenas das Furias se arripiam,
E as entranhas do barathro estremecem.
«Desesperadas victimas d'aquelle,
Que reina, a meu pezar, sobre as estrellas,
(Diz aos seus o infiel) victimas tristes
Do poder, que despotico afferrolha
No carcere da morte altas essencias,
Creadas para o céo, d'onde caíram;
Inda tantos horrores não bastavam,
Inda a pezada mão, que nos opprime,
Achou leve o supplicio, em que penâmos!...

Oh lembrança, peor que quantos males
No bojo abrazador contém o inferno!
Apenas arrojados n'estas furnas,
Nova, e mais que terrifica vingança
Fulmina contra nós o Irresistivel;
Não que mande roncar trovão medonho,
Não que maneje o rapido corisco:
Quer dar-nos outra especie de tormento,
E sobre nossas frontes descarrega
O pezo enorme de perpetua affronta.
Seu halito, seu braço á vil materia
Dão fórma, vida, intelligencia, graça,
E ineffaveis delicias no Eden puro;
Bem que ao nosso furor não foi vedada
A sagaz tentação, que apodrentando
Na raiz fraca o tronco desprezivel,
Faz grassar o contagio
Por todos os seus ramos, e os submette
Ao jugo do peccado, á lei da morte:
De herdada corrupção contaminados
Ficam todos em fim... Mas ah! Não todos,
Que um d'elles escapou do estrago horrendo,
Um só d'elles, um só... Maria! Oh nome,
Que no imperio de fogo, em que domino,
Me aterras como o raio inevitavel,
Que arder senti na attonita cabeça,
E cuja cicatriz inda conservo!
O numen vingador na immensa idéa
Já tinha antes dos tempos excluido
Da geral, triste herança

A mulher portentosa,
Que intacta produziu o ethereo fructo,
O Filho redemptor, que desde os astros
Armado de pavor, e omnipotencia,
Nos despenhou no abysmo, onde jazemos.
Resolução fatal á nossa furia!
Elle os homens adopta, ao páe se off'rece
Expiadora victima do crime,
De que via infectada a humanidade.
Nas azas dos espiritos celestes
Desce ao mundo, e vestido o terreo manto,
Eis começa a limar da culpa os ferros.
Espessa multidão, que ao Verbo attende,
Já principia a praguejar meu nome,
E a nova lei nas almas se lhe arreiga....
Debalde (oh raiva!) aos impetos do inferno
Os corações incredulos cederam,
Erigindo patibulo affrontoso,
Onde soffresse voluntaria morte
Elle, a hostia de paz, e de alliança:
Ah! Seu sangue lavou a antiga nodoa,
Que os terrestres espiritos manchára;
E que assombros, que espantos, que prodigios
O cruento espectaculo seguiram!
Subito em dous se fez o véo do templo,
A ordem se alterou da natureza,
Do ferreo somno os mortos despertaram,
Sumiu-se a luz do sol no horror das trevas;
E a terra em convulsões, e o pólo em chammas
Fizeram logo authentico o deicidio.

Hoje no livre mundo é memorado
O gran principio do commum resgate:
Lá soam ledos canticos festivos,
Que, voando ás estrellas, acompanham
Tépidas nuvens de sabêo perfume.
Maria, abençoada entre as mulheres,
Áquelle universal, canoro applauso
Serve de objecto; os homens lhe consagram
Interna adoração: — «Tu és (exclamam)
«A flor sagrada, e pura,
«Em que pousou o espirito divino;
«A salvação por ti desceu ao mundo,
«No eterno pensamento omnisciente
«Teu ser, oh Virgem, precedeu aos evos.
«Como cedro no Libano exaltada,
«Qual rosa em Jericó, tu resplandeces
«Mais que o sol no zenith: acceita, acolhe
«Em teu piedoso ouvido humanas preces!» —
Oh desesperação! E eu pronuncio
No louvor de Maria a minha injuria!
Eu, que.... «Vibrar sacrilega blasphemia
Ia o monstro infernal, mas na garganta
A voz, achando obstaculo, recúa.
Por lei do Omnipotente, e em quanto freme
A damnada caterva, a densa turma
No vasto horror da lobrega morada,
(Onde tu, Maldicção, resides sempre)
Os cherubins no céo, na terra os homens
Em crebros hymnos á porfia exultam.

III.

Á admiravel intrepidez com que no dia 24 de Agosto de 1794, subiu o capitão Lunardi no balão aerostatico.

Que brilhante espectaculo pomposo
A meus olhos attonitos se off'rece!
D'alta Ulysséa o vulgo numeroso
Já no amplo foro de tropel recresce:
Sôa o marcio concerto estrepitoso,
Que o sangue agita, os animos aquece;
Assoma aos ares n'este alegre dia
Raro prodigio de arte, e de ousadia.

O Tejo as ondas cérulas aplana,
Das ledas filhas candidas cercado,
Vibra o tridente azul co'a dextra ufana,
E rebate a braveza ao norte irado:
Contemplar em silencio a audacia humana
Quer, inda que a portentos costumado;
Quer, encostando a face á urna d'ouro,
Ver brilhar, oh Sciencia, o teu thesouro.

Lá surge ao vasto, ao fluido elemento
O globo voador, lá se arrebata
Sobre as azas diaphanas do vento,
E pelo immenso vácuo se dilata!...
Ò passaro feroz, voraz, cruento,
Quando rapido vôo aos céos desata,
Quando as nuvens trancende, e Phebo affronta,
Da terra mais veloz se não remonta.

Portentoso mortal, que á summa altura
Vás no ethereo baixel subindo ousado,
Que illusão, que prestigio, que loucura
Te arrisca a fim tremendo, e desastrado?
Teu espirito insano, ah! que procura
Pela estrada do Olympo alcantilado?
Não temes, despenhando-te dos ares,
Qual Icaro infeliz, dar nome aos mares?

Não temes (quando evites o espumoso
Campo, que é dos tufões theatro á guerra)
Não temes que n'um baque pavoroso
Teu sangue purpurêe a dura terra?
Tentas, qual Prometheo, roubar vaidoso
O sacro lume, que nos céos se encerra?
Ah! Não, não faças tão medonho ensaio:
Ou teme o precipicio, ou teme o raio.

Mas para que pasmado, e delirante,
Brados, e brados pelos ares lanço,
Se apenas do phenomeno volante
Co'a vista perspicaz o vôo alcanço?
Em quanto grito, o aereo navegante
Seu rumo segue em placido descanso,
Munido de sciencia, e de constancia,
Surdo á voz do terror, e da ignorancia.

Gamas, Colombos, Magalhães famosos,
Eternos no aureo templo da Memoria,
Syrtes domando, e mares espantosos,
De assombros mil, e mil dourais a Historia;
Mas ir dar leis aos ares espaçosos
É triumpho maior, e até mais gloria,
Porque não traz á louca, á cega gente
Os males de que sois causa innocente.

Lá onde a feia Inveja desgrenhada
Ao Mérito não move horrivel guerra,
Nem sobre chusma inerte, e desprezada
Cospe o veneno, as viboras afferra;
Lá na ditosa, e lucida morada,
Defesa aos vicios, de que abunda a terra,
Guardai da gloria no immortal thesouro
O nome de Lunardi em letras de ouro.

Que importa que no centro de Ulysséa
Á luz, claro varão, não fosses dado?
De um frivolo accidente a louca idéa
Tenha embhora poder no vulgo errado:
Que eu te consagro a dadiva phebêa
Qual se berço commum nos désse o fado;
Longe, vans prevenções d'homem grosseiro;
O sabio é cidadão do mundo inteiro.

Mas tu, cantor de Augusto, e de Mecenas,
Roga a Jove te anime as cinzas frias,
E de alvo cysne renovando as pennas,
Desperta o sacro fogo em que fervias:
Desce ás montanhas floridas, e amenas,
Onde revivem de Saturno os dias;
D'alli canoro entôa o nobre metro,
E em honra de Lunardi exerce o plectro.

De tornar-lhe perenne a digna fama
Só tu, só tu convens á grande empreza;
Vem vel-o ardendo em gloriosa chamma,
Sup'rior ao poder da natureza:
Para novos prodigios punge, inflamma
Seu animo; e co'a voz em estro acceza,
Suppre-lhe, oh vate, os bronzes, e alabastros;
Depois com elle voltarás aos astros.

Intrepidos mortaes, oh quantos mundos
Atégora escondidos, e ignorados,
Ireis pizar, affoutos, e jocundos,
Pelos ethéreos campos azulados!
Não fraquejeis, espiritos profundos,
E na pasmosa machina elevados,
Ide incensar entre os sydereos lumes
O congresso immortal dos altos numes.

É pouco para vós o mar, e a terra;
Sim, a mais vos conduz o instincto, a sorte,
Illustrados varões, em quanto a guerra
Rouba, estraga, horrorisa o sul, e o norte;
Em quanto as negras furias desencerra
Do tenebroso inferno a torva morte,
Vinde á suberba fundação de Ulysses,
Entre povo feliz viver felices.

Renovai-lhe espectaculos gostosos,
Exulte a curiosa Humanidade
Sobre os campos de Lysia venturosos,
Vestidos de serena amenidade:
Fugi, fugi aos climas desditosos
Onde, exposta á voraz ferocidade
De monstros de impia garra, aguda preza,
Estremece, desmaia a Natureza.

E tu, que da loquaz Maledicencia
Tens açaimado a boca venenosa,
Tu, que de racionaes, só na apparencia,
Domaste a mente incredula, e teimosa:
Das fadigas, que exige ardua sciencia,
Em vivas perennaes o premio gosa,
E admira em teu louvor extranho, e novo
Unida á voz do sabio a voz do povo.

IV.

Sobre as façanhas dos Portuguezes na expedição de Tripoli:

Composto na lingua latina, e offerecido ao Serenissimo Principe Regente

D. JOÃO

por José Francisco Cardoso,

e traduzido

por M. M. de B. du Bocage.

Anno de 1800.

Tels ont été les grands, dont l'immortelle gloire
Se grave en lettres d'or au temple de Memoire.

LE ROI DE PRUSSE, Epit. I.

MUSA, não temas; vibra affouta o plectro.
Se tentas sublimar-te a grandes cousas,
Se mais que a força tua é tua empreza:
Eis numen bemfazejo inspira o canto,
Numen, de quem rival não fôra Apollo,
Nem de aonias irmans turba engenhosa.
Sonham poetas vãos Parnaso, e Pindo;
Hippocrene é chimera: a ti dimana,
Do solio desce a ti feliz audacia,
Que a mente acobardada esforça, agita.

Assim remontarás segura os vôos;
Assim transpondo os céos, transpondo os mares,
Irás desentranhar, colher arcanos,
Não corruptos na voz da Fama incerta.
Outros (como que folguem de illudir-se)
Mandem rogo importuno aos deuses do estro;
Cubicem na Castalia mergulhar-se.
João, cujo poder no mundo é tanto,
E a cujo arbitrio cabe alçar o humilde,
O elevado abater, protege, oh Musa,
Teus sons, teu metro; e com benigno acêno
Ordena, que altos feitos apregões:
Idéa, engenho, ardor de lá te influem.
Á sombra já de auspicios tão sagrados,
Claros louvores de immortaes guerreiros
Anhela celebrar fervendo a mente;
Dizer, com que perfidia atroz, e infanda
Foi pela maura estirpe despertado
Nos lusos corações o fogo antigo;
Qual soffreu nova pena a gente odiosa;
Té que Marte á justiça os constrangesse.
Longe, longe as ficções, tua alma ingenua
Só quer, Principe Augusto, a ingenuidade.
Onde o mar pelas terras mais se alonga,
Em cuja boca é fama erguera Alcides
Arduas columnas, das fadigas termo,
Jaz annosa cidade, que parece
De Carthago ás ruinas esquivar-se,
Olhando ao longe de Sicilia ás praias:
Outr'hora fundação nobre, opulenta,

Em tanto que do intrepido Navarro
Opprimida não foi com duro assedio:
Hoje triste enseada, e mal seguro,
Surgidouro aos baixeis. D'ali costuma
O rapido chaveco atraiçoado
Ás infestas rapinas arrojar-se;
De miseros mortaes ali mil vezes
C'os sanguentos despojos volve alegre;
Nem se apraz só do roubo a raça infame,
Nodoa, horror da razão, da natureza:
Aos fracos agrilhôa as mãos inermes;
Quaes brutos, os alhêa a preço de ouro,
Ou lhe esmaga a cerviz com jugo indigno:
Eis seu louvor, seu nome, a gloria sua.
Ali preside asperrimo tyranno,
De torpe multidão senhor mais torpe;
Monstro, que desde a infancia exercitado
Em tudo o que os mortaes nomeam crime,
Sacrilego infractor das leis mais sanctas,
Delicto algum não vê, que em si não queira,
E dóe-se de o perder, se algum lhe escapa:
Maldade horrivel, que prodigio fôra,
Se estes dos homens sórdido refugo,
Desparzidos no globo, o não manchassem.
Oh quanto mais se deve estrago, e morte
Ao barbaro tropel, que um tracto amigo,
E aquella mutua fé, que enlaça os povos!
Mas se robustas mãos, que o sceptro empunham,
Não chovem contra os féros inda o raio,
Tempo, tempo virá que exterminada

(O coração m'o diz com fausto agouro)
Apraza acantoar a iniqua turba
Lá onde dos hynvernos carregado,
Junto ás extremas Ursas vai Bootes
Regendo a custo o vagaroso carro;
Ou lá onde rebrama o sul recente,
Haja taes cidadãos deserta plaga,
Até que a eternidade absorva as eras:
E das brenhas no horror, no horror das grutas,
Companheiros das féras, monstros novos,
Vivam de sangue, como as féras vivem,
Na garra, e condição peiores que ellas.
A maldade em caracter convertida
É sempre mãe do crime, e a natureza
Já despir-vos não sabe, artes perversas.
Como ha de a voz saudavel do remorso
Melhorar corações, depois que a peste
De corrupta moral se arreiga n'elles;
Fermenta, lavra em fim de vêa em vêa,
De seculos a seculos medrando?
Quando os dons se amontoam sobre a culpa?
Quando a penuria a probidade ancêa,
De um vulgo detestavel acossada?
A tudo a negra turma inverte os nomes;
O bom desapprovando, ao mau se afferra:
E é tanta nos crueis do crime a sede,
O exercicio do mal taes forças ganha,
Domina tanto ali, que nunca ommittem
Opportuna estação de perpetral-o,
Ou do ardor de empecer, ou da cubiça

Da illegitima presa esporeados;
Como se a rectidão, como se a honra,
O que a todos illustra, os deslustrasse.
Não com lingua falaz taes vozes sólto:
Ninguem no mundo o que descrevo, ignora.
Quem de olhos carecer, e quem de ouvidos,
Só não conhecerá, quão vís alumnos
Pela terra esparsiu o audaz Mafoma,
O refalsado auctor da seita infanda.
Que dólos, que traições, que iniquidades
Da caterva brutal provaste ha pouco,
Tu dize, tu, magnanimo Donaldo;
Conta os varios successos, conta os riscos,
Os trabalhos, que a ti, e aos teus urdíra
Atro perjurio do bilingue chefe;
Tudo porém trophéo das forças tuas.
Lustroso do esplendor de imperio summo,
Tu foste quem primeiro apresentára
A dadiva da paz, que, apadrinhado
De um rei potente, o barbaro implorava.
Quando é que as condições mais leves foram?
« Entreguem-se os francezes acolhidos
Brandamente de Tripoli nos muros,
Ao throno do sultão pezada offensa,
Grave infracção tambem do jus britanno,
Da assentada concordia, e laço antigo.
Bachá, cumpre o dever, e a teus desejos
Verás a conclusão, verás o fructo.
Gran penhor te dará na fé, na dextra
Aquelle, cujas leis adora o Tejo,

Ufano revolvendo arêas de ouro;
Cujas leis teme o Niger, teme o Ganges;
São freio, acatamento do Amazonas,
Do Argenteo, que em torrentes resonantes
Immensos cabedaes aos mares levam.»
D'alta alliança o régulo sedento,
Folga, exulta, accelera-se, convida
O animoso guerreiro ao forte alcaçar.
Quer, comtudo, exercer primeiro astucias,
Que o feio coração lhe está brotando,
Bem que tanto aproveite, e tanto alcance
No que diz co'a razão, no que é justiça.
Dá-se pressa: ameacem muito embhora
Caso fatal ás horridas muralhas,
Encerre o que encerrar ambigua estancia;
Todo firmado em si, maiór que o susto,
Vai demandar o heróe a hostil morada.
É dest'arte que só, que destemido
Carlos outr'hora ousou nos proprios lares
Encarar o inimigo exacerbado,
Volvendo illeso aos seus, depois de muito;
Ou tal, fieis annuncios desprezando,
Foi Cesar envolver-se entre os conscriptos,
Dispostos á catastrophe cruenta;
De indócil ao temor, de habituado
Só co'a presença a triumphar mil vezes.
Entre as sombras da noute absorto em tanto,
Mettido em pensamentos veladores,
Até que ás ondas volte o grande chefe,
(Se lhe é dado talvez tornar, qual fôra)

Impéra n'alta poppa o delegado;
E o luto que lhe cinge a phantasia,
Recata com semblante esperançoso.
Partindo prescrevêra o cabo invicto,
Que, a negar-lhe o regresso indigna força,
Apenas alvejasse a grata Aurora,
Trazendo novo lustre ao céo, e á terra;
Com todo quanto impulso em lusos cabe,
Os perfidos contrarios commettessem.
Nada cura de si; nem quer ausente
Ser obstaculo aos seus: co'a idéa erguida
A bens de mais valor, de mais alteza,
A vida se lhe antólha um sonho, um nada.
Á mente perspicaz não se lhe esconde,
Sente no coração, votado á gloria,
Que da existencia a luz é luz de raio;
Que, se as tubas da Fama os não precedem,
Vastos nomes no Lethes se baralham
Entre escuro montão de escassos nomes.
O que affecta os sentidos deixa ao vulgo;
Enjeita o que é do vulgo, o que è da morte,
E mais que humano, e sobranceiro ao Fado,
Quer duração, que os seculos abranja.
Por que os Fabios direi, sós contra um povo
Todo o pezo da guerra em si tomando?
E o rei, que deu, morrendo, aos seus victoria,
Rei derradeiro na Cecropia terra?
Ou porque os moços, que exhalando as almas,
Ferem, matam, derrubam densas hostes,
Estorvo das correntes, que bebiam?

Tropel dez vezes cento (oh maravilha!)
Maior que seus terriveis adversarios;
Não visto n'outro tempo, ou n'outros climas,
Nem por outrem guiado ao marcio jogo?
Vetustos monumentos nada ensinam,
Que dê mais esplendor; ou antes nunca
Se affoutou a idear viril denodo
Empreza mais illustre, audaz, violenta.
Mas como transcender-se as métas podem,
Onde se crê parada a natureza,
Donaldo o manifesta, o próva ao mundo.
Alta fama de um só consente apenas
A Codro, aos Fabios, aos varões de Esparta
O secundario grau. Soltando a vida,
Chama o triumpho aos seus o heróe de Athenas,
Acção rara, exemplar; porém ao povo
O cidadão, e o rei deviam tanto,
E a tanto a voz dos céos o arrebatava.
Se os trezentos impavidos romanos
Aos arraiaes hostis se arremessaram,
Foram-lhe origem da proeza extranha
Velha aversão, trophéos imaginados,
E agouros de segura eternidade;
Além de outro incentivo inda mais charo:
Morrer nas armas, escudando a patria!
Laconios campeões, sim defendestes
Com requintado alento, e planta immovel
Da apertada Thermópylas o passo;
Mas os deuses, os filhos, paes, e esposas
Os objectos do culto, e do amor vosso

À vossa heroicidade objectos foram;
E deram-vos os fados, que a vingança
Aligeirasse em vós da morte o pezo.
Porém de circumstancias mais sublimes
O egregio, immortal feito se rodêa,
Que me cumpre levar por tôda a terra:
Graveza aos hombros meus descompassada,
E excessiva talvez de Atlante aos hombros.
Não, aqui não se off'rece abrilhantada
De attractivos externos a virtude:
Nua apparece aqui, por si formosa.
Donaldo, avesso ao crime, o crime odêa,
Por amor da virtude, ama a virtude.
Nada do que usa erguer ao alto as mentes,
Nem patria, nem desejos de vingança,
Nem propria utilidade, ou qualquer outra
Das humanas paixões Donaldo incita:
Ante si do dever só tem a imagem,
Seja qual fôr o effeito, ou ledo, ou triste.
Ai! que tramas dispõe bando horroroso!
Que ciladas no astuto pensamento!
Plebe sem lei, sem fé prepara a furto
Traidores laços ao varão, que assoma.
Já na imaginação devóra a presa:
De engenho mais sagaz se crê dotado,
Mais jus colhe ao louvor quem da perfidia
No atroz invento sobresáe aos outros;
Quem das negras, pestiferas entranhas
Crime inaudito, insólito attentado,
Nova abominação vomita, arranca,

Rugindo em torno rábida caterva.
Mal que na odiada arêa a planta imprima,
Esperar n'um punhal o incauto, e ás ondas
Em pedaços (que horror!) lançar-lhe os membros:
É d'este opinião; — voto é d'aquelle,
Que subito assaltêe impia cohorte
O immune orgão da paz, e ferreas pontas
D'aqui, d'ali no coração lhe embebam,
Quando a infiel cidade entrar seguro.
Quer outro, que de longe á fronte heroica,
De inviolavel caracter decorada,
D'entre o lume sulphureo vôe a morte.
Outro, que subterranea estrada infensa
Debaixo de seus pés ardendo estoure.
Nem occorre isto só: revezam todos
Horrores, que requintam sobre horrores.
Émulo ardor nos animos damnados
Tanta aos delictos affeição lhe atêa!
Tão preciosa lhe é, tão doce a infamia!
Mas o Eterno desfez insidia enorme.
Nos olhos do varão, na voz, no aspecto
Tal reverencia poz, poz tal grandeza,
Que vai por entre a luz, e os inimigos
Incólume, e sereno. Eram famosos
Por sanguineas, innumeras brutezas,
Quantos d'esta (a maior) se encarregaram.
Mas quando o pensamento abominoso,
Lá já fito na presa, a mão dirige,
Nega-se a mão (que assombro!) ao acto horrendo.
Tres vezes a vontade resoluta

Se abalança á traição: descáe tres vezes
N'um frigido pavor o algoz congresso:
Tres vezes foge o ferro ás mãos, que tremem;
E, a seu pezar, baldada a vil perfidia,
Conduz pela cidade insidiosa
Inerme o vencedor triumpho insigne.
  Já pisa do tyranno os pavimentos,
(Não indignos de Caco) ou para dar-lhe
Penhor de amiga paz, ou o ameaço
Do trovão, que no bronze o pólo atroa.
Eia, em que te detens, varão prestante?
Porque inda não rebomba o som do raio
Nos insanos ouvidos? Porque em terra
Os féros baluartes não baqueam?
Porque o regio baixel não sólta os pannos,
E o barbaro palacio não fulmina?
Crês, que te é dado achar sobre essa plaga
Uma só vez a fé? Jamais Astrea,
Desde que o globo é globo, estancia teve
N'esse terreno infesto, onde a verdade,
Onde os tractados, a razão se volvem
N'estes dous eixos só: ou *ouro*, ou *medo*.
Rompe, rompe as tardanças, não perdoes
Á malvada nação: com ella expendam
Donativos os mais, tu ferro, e fogo.
A Politica em vão, que tudo aplana,
Em vão contradicções compor quizera,
Com que as palavras entre si repugnam:
A progenie de Agar só teme a força.
Em quanto implora a paz subtis pretextos

Tece o arteiro bachá, para que frustre
Clausula, em que sómente a paz se estriba,
Não é porque o francez cubice amigo;
Mas é porque o francez, e o luso engane;
Debalde, que a sisuda sapiencia
Rege, illustre Donaldo, as vozes tuas;
E ao doloso africano o dólo argue.
Tu primeiro lhe expões, quão mal confórma
Co'a honra, de que tumido alardêa,
Dar manso gasalhado aos inimigos
Dos alliados seus, do gran monarcha,
A cujo imperio vassallagem deve.
Tu promettes depois, já que ao falsario
Egualmente o sultão de côr servia,
Mandar lhe sobre a poppa lusitana
O origem do debate, os prisioneiros,
De barbudas escoltas ladeados,
(Gloria nunca outhorgada a musulmanos).
Desmanchas do Agareno as fraudes todas;
Mas, aos mesmos principios afferrado,
No objecto, em que insistiu, tenaz insiste,
E ás vozes da Equidade é surdo, é morto.
Colbido havias de experiencia funda,
Quanto a sanha mourisca apura extremos
Em odio da justiça, e quanto indóceis
Torne indulgencia os animos ferrenhos,
Que já da natureza assim vieram.
Mas prompto a derrocar suberbas torres,
E prompto a confundir no horror da morte,
Mancebos, e anciãos, credores d'ella,

Artes macias sobre a impia turba
Todavia exhaurir primeiro intentas:
Vêr, se lugubre quadro de ruinas,
Pela voz da eloquencia reforçado,
Por dita amedrontava a casta imbelle,
Miserrimo espectaculo poupando,
Que o coração magnanimo te aggrava:
De insólito rubor as ondas tintas,
Em sangue humano as terras ensopadas.
Mas a doce piedade que aproveita?
Morre a esperança; infructuosos jazem
Cuidados, e fadigas: inda geme
A humanidade em ti, porém releva
Punir da humanidade os inimigos.
 Em fim braveza hostil o heróe concebe:
Notando quanto é cega a gente infida,
Sáe dos horridos tectos infamados,
Sáe da féra cidade, e deixa o porto.
Quem facil até'gora ouvia as preces,
Já ferve por calcar insano orgulho:
Não de outra sorte pela selva umbrosa,
Ou quando sobre as lybicas arêas
Famulento caminha o rei das feras,
Desdenha generoso o passageiro,
Que, preso do terror, no chão palpita;
Mas se a pé firme alguem lhe está defronte,
Co'as garras o derruba, o despedaça;
E audaz, e truculento, e com rugidos
Onde ha mais resistencia, ali mais arde:
Succeda que o provoque, e desafie

Duro esquadrão, de lanças herriçado;
Arremessa-se a todas; e se morre,
Morre, como leão, sem côr de medo.
Dos lusos entre os vivas sôa o bronze;
E eis sanguinea bandeira açouta os ares,
Presagio de terrifica matança.
A bellicosa turba em si não cabe;
« Armas, armas, (vozeam) guerra, guerra: »
Tudo se apresta, e tudo aos póstos vôa,
Em quanto a náu desfere as pandas vélas.
Luz na dextra o murrão; e em fim patentes
As éneas bocas cento agouram mortes.
Já treme a desleal cidade impura;
Já para os céos estende as mãos profanas;
Já se diz criminosa, e se praguoja.
Breve espaço, em que o animo repouse,
Em que dispa o temor, e se consulte,
Manda ao luso implorar, que annue ao rogo,
Retarda-se horas doze a justa pena,
Justa ha muito, e que em fim será vibrada
Sobre as infamias da nação proterva.
Lume sereno, que azulava o pólo,
Medonhas nuvens entretanto abafam;
Sombras pezadas prognosticam males.
É voz, que lá no centro dos infernos,
A bem dos consanguineos musulmanos,
E em despeito aos christãos, que Lysia nutre,
Que ora os muros mahométicos assombram
Com proximos estragos, ante o solio
Do torvo Dite cortesãos immensos

Co'as mãos erguidas longamente oraram.
Attento ouviu Sumano os impios votos;
E um dos ministros seus, que jaz mais perto,
Ordem recebe de surgir ao mundo,
De voar n'um momento á vasta Eolia,
E dos tufões ao rispido tyranno
Taes vozes transmittir: «Que altiva gente,
«Que indomita nação, capaz de tudo,
«(Por quem malquisto sempre, e defraudado
«O reino do pavor carece de almas)
«Sobre quilha arrogante aparta as ondas,
«Os dominios do equóreo irmão lhe insulta,
«Que tambem da intenção quer advertido;
«Para que ambos co'as forças apostadas,
«No mar cavando, erguendo abysmos, serras,
«O lenho injusto, audaz sacudam, rompam,
«Que apavóra de Tripoli as muralhas,
«A elle, stygio rei tão importantes:
«Perdidos os pilotos, e arrancada
«Do alto pégo, ou nas férvidas arêas,
«Ou nas sumidas rochas arrebente:
«Os fremitos do auxilio em vão rogado,
«A festiva cidade escute, e veja
«Nas aguas os christãos bebendo a morte.»
Disse, e o nuncio veloz ao mundo surge,
Á vasta Eolia vôa, e cumpre o mando.
Já rompem da masmorra os Euros bravos;
Já comsigo arrebatam quanto encontram.
Foge o molle Favonio, foge o dia:
Os campos de Nerêo a inchar começam:

Ao longe horrendamente o pégo ronca:
Eis subito encanece, è todo é montes.
Quasi quasi a caír d'um, d'outro lado,
Os mastros vergam, as cavernas rangem:
Qual (se alguem a jogou) saltante péla,
Roça o pinho os infernos, roça os astros;
Vai, e vem vezes cento abaixo, acima.
Carrancudos tres sóes a luz negaram,
Por tres noutes o céo não teve estrellas!
E se Éolo, em seu impeto afracando,
Deu ao dia segundo algum repouso,
O experto general o ardil penetra:
Á guerra apercebidos chamma, e ferro,
Em tanto que, Neptuno fraudulento,
Tomas serena face; ao alto a prôa
Que se enderece, ordena, assim que os ventos
As vagas sobre as vagas encapellam:
Não succeda, que o pélago fervente,
Os insanos tufões contra as arêas
Com um, com outro embate o lenho atirem.
Então, quanto se dá vigor em numes,
Na lide porfiosa os dous esmeram:
Em roda novo horror carrega os mares.
Os sanhudos irmãos guerream, berram,
De regiões oppostas rebentando:
Escarcéos, e escarcéos lá se atropellam:
Por longo espaço treme o fundo aqueso;
Como que está Plutão do stygio centro
Co'os duros hombros abalando a terra.
De taes, e tantas furias assaltado,

Que arte guiar podia o lenho indocil?
Nem lignea robustez, nem cabos valem:
Cáe com ruidoso estalo a rija antena,
E batem susurrando as rotas vélas.
  Destes gravames nada oppresso em tanto,
Por tudo se divide, a tudo acode,
Todos co'a voz, e exemplo aviva o chefe,
Grassando em todos émula virtude:
Não ha frouxos: maream, saltão, correm.
A engenhosa prudencia em fim triumpha;
Vence a constancia audaz; e a largos pannos
Vai-se amarando ovante a náu veleira.
Aquelle, cujo aceno os astros move,
Que rege o mar, o vento, o mundo, o Averno,
Progresso não permitte á raiva undosa:
E se até'li soffreu, que encarniçados
Marulhos, furacões travassem guerra,
Foi para que altamente as memorandas
Forças do luso peito reluzissem.
Noto, Austro, Boreas, Áquillo emmudecem
Manso, e manso: e, despindo as prenhes nuvens,
O céo veste um azul sereno, extreme.
Volve o molle Favonio, volve o dia,
E volvem mais que d'antes amorosos.
Fóra imposto a Tritão pegar do buzio,
Com que as ondas revoque: o buzio toma;
Surde por entre espumas orvalhoso,
A encher co'a voz sonora em torno os mares.
Eis sópra a concha ingente, e mal que sópra,
Resôa pela Aurora, e pelo Occaso.

Tornam violentas a seu leito as vagas:
Esta recua ás siculas paragens.
Por não vasto caminho; aquella ás Syrtes
Fervendo em rolos vai; remotas margens
Mais tarde outra revê, d'onde corrêra
Ao nome, que a attraíu, que á patria sua,
E a Tripoli é commum: tambem alguma
Foi visinhar co'as aguas do Oceano:
Tal que d'antes jámais deixára o fundo,
Ao fundo se desliza, e jaz, e dorme.
  Na quarta luz emfim desde as alturas
Tostada multidão, que lá vigia,
Presume illusa descobrir ao longe
Cadaveres boiantes, vergas, taboas:
Ha entre elles alguem, que derramados
Té de Lysia os thesouros vê nas ondas;
E quem menos de lynce arroga os olhos,
Se attreve a assoalhar, credulo, insano:
«Que se o pégo poupára algum dos lusos,
«Só reliquias a nau desmantelada
«Ía reconduzindo aos patrios lares.»
Mas em quanto delira o povo adusto,
A gavea se desfaz ao sopro amigo:
Tentam de novo defrontar co'as praias,
Que á merecida pena em vão se furtam.
  Bem que findasse a noite, o róseo Phebo
Não com tudo esmaltava o mar, e a terra;
Não era o tempo então nem luz, nem sombra.
Porém como surgiu dos Thétios braços
O filho de Hyperion, e os céos lustrando,

Com seu raio expulsou de todo as trévas,
Alcança de mais perto, e vê primeiro
Navegante polaca a véla, e remos,
Que aos nautas patentêa: o lenho a segue;
Rapida foge: o remo, o vento a ajudam.
Como no espaço azul medrosa pomba,
Apenas a aguia sente, apressa os vôos,
Contra as unhas crueis buscando asylo;
E em seus tremores incapaz de escolha,
De logar em logar sem tino adeja,
Por ferinos covis, palacios, bosques,
Assim (quão raramente!) escape ás garras:
D'egual modo, apurando ás tenues forças,
A curta embarcação, para salvar-se
Do inimigo fatal, varìa os bordos:
Màs vendo que evital-o é vão projecto,
Tomada do receio, a prôa inclina
Á conhecida arêa, e quasi encalha.
Já com menos affronta aqui respira;
Porque os baixios arenosos védam
A tremenda invasão da lusa quilha.
Então jactanciosa eleva a frente:
As flamulas no tópe lhe floream;
Guerra ameaça então, e á guerra chamà
Braços, a que a distancia tólhe o raio.
Esta audacia, porém, não fica impune:
Que obsta a mortaes de espirito arrojado,
Quando iroso calor lhe accende o peito?
   Ao mar leves bateis subito descem,
E commandados de um, que os sobrepuja,

Vão co'a vingança fulminar o aggravo.
Sobre elles, á porfia, a flor dos lusos
Enceta heroicamente a grave empreza.
Gentilezas á Fama deram todos;
Todos em feitos grandes se estremaram.
Mas o louvor primeiro a ti compete,
Que d'arvore de Pallas te apellidas,
E cinges vencedor com ella a fronte.
Em saltar ao batel tu te anticipas;
Tu dos igneos pelouros não detido,
Fórças os remos, a inimiga aferras,
Quando a fusca equipagem temerosa,
Ao fragil seu baixel picando a amarra,
Nas praias dá com elle, dá comsigo,
E n'ellas imagina resguardar-se:
Tu primeiro tambem sobre os contrarios
Disparas ferreos globos, que os cyclópes
Forjaram, fabricando a Jove as armas.
Mais inda remanesce, inda te sobram
No ensejo marcial discrimes duros,
Assombrosas acções, que te levantem
Ao cimo de fragoso, aereo monte,
Lá onde em paços de ouro a Gloria reina
Com sceptro diamantino, e circumdada
De numerosa, esplendida assembléa;
Entre a qual pela mão da Eternidade
Teu vulto surgirá, marmoreo todo.
Para tanto não basta, que empolgasses
O curvo bordo opposto, ou que o subissem
Os companheiros teus, depois de expulsa

A vil tripulação por vis terrores.
Os azares, e os jubilos se enleam,
Porque a mesma desgraça, o que no mundo
É mal, é damno a todos, te aproveite.
Repentina resaca a dous comtigo
Constrange a recuar no debil casco,
E á praia arroja os tres, quando reflue.
Aqui se vê, qual és, que ardor, que alento
Te abrange o coração, te anima o pulso:
N'um feito herculeos feitos escureces,
E quanto as musas fabularam d'elles.
 Féra gente, de arabica linhagem,
De torva catadura, hirsuta, e negra,
Pelos serros contiguos vagueando
Á maneira de lobos, se apascenta
Nas rezes dos rebanhos desgarradas;
Ou, émula do tigre, as selvas rouba,
Rouba os redis; e o medo, o sangue, a morte
Diffunde aqui, e ali. Muniu-se agora
De armas de toda a especie: uns vibram lanças,
Outros forçosa vara, espadas outros,
Ou pedras, ou punhaes, ou fogo, ou settas.
Eil-os das agras serras vem correndo
Acudir aos irmãos: (quem ha que os conte?
São quaes manadas, que devastam campos.)
Como hardida phalange escalar tenta
Castello situado em cume alpestre,
Ou romper torreões de alta cidade:
Uma, e outra caterva os tres investe,
E quanto esforço tem, no ataque emprega.

Se a cada qual dos tres té'li se oppunham
Mouros cincoenta, os arabes, que occorrem,
A cada qual dos tres oppoem milhares,
Todos bravios, formidaveis todos!
Em que facundia taes portentos cabem?
Quem ha que pasme assás de taes portentos?
Quem, se não fôra testemunha o mundo,
Por fabula, ou por sonho os não teria?
Troam da Fama no clamor; e vivem
Olhos, que os viram, braços, que os fizeram.
Era para attentar tão nova scena!
O denodado heróe, e os dous, que inflamma,
As bravuras sustêm de um povo inteiro.
Rue a raivosa, rustica torrente;
Retumba em valle, e valle a grita horrenda.
D'ambos os lados o guerreiro apertam:
Sibilam tiros, golpes se redobram;
Mas elle co'a sinistra, elle co'a dextra
A multidão rechaça, illeso, immoto.
Aos barbaros o pejo atiça as furias:
De artes mil desusadas se refazem
Na espantosa refrega; mas sem fructo:
O varão permanece invulneravel,
E nas stygias aguas cem mergulha.
Para aqui, para ali a espada é raio,
Nunca em vão. D'um, que audaz de perto o arrosta,
Enterra-a nas entranhas; outro que era
De membros gigantêos, de lança enorme,
E exhortava na frente á guerra os tardos,
A dous golpes, não mais, do luso Achilles

Jaz inerme; e com um, com outro arranco
O espirito feroz lhe cáe no inferno.
A este, que na terra ancioso arqueja,
Vão as auras vitaes desamparando;
Aquelle é tronco só: por toda a parte
Voam braços, cabeças, fervem mortes.
Oh tu, que dos Almeidas tens o agnome,
Tu, que ligar podeste em nó lustroso
Ás honras de Mavorte as de Minerva,
Tambem te faz eterno este aureo dia.
Se os lusos, que pelejam sobre as praias,
E aquelles, que a polaca prisioneira
(Sossobrado o batel) retêm no bojo,
Onde de longe os vexa o mauro insulto;
Se todos volvem salvos, obra é tua.
Em quanto por auxilio a uns, e a outros
Envias Alexandre, nunca esquivo
Da nobre estrada, que trilhara o *Grande*,
Ignivomo canhão, que infatigavel
Respondera a dezoito bronzeas bocas,
E silencio lhe impôz, de novo esparge
Por entre horrivel som, e opáca nuvem
No centro dos cerrados africanos
Granizo de lethifera metralha.
O primeiro terror tu lhe infundiste,
Tanto que a de Mafoma agreste chusma
Viu córados de sangue arêas, mares:
O mandado varão cr'oou a empresa.
Rapidamente o remo as ondas varre,
E Sousa impetuoso aos socios chega:

Contra os donos assésta o bronze adverso,
E assim lhes restitue as ferreas balas.
Já cede, já fraquêa a tropa escura,
De convulso temor enregelada.
Eil-os fugindo vão, nem que aves fossem;
Por uma, e outra parte se tresmalham,
Crendo sentir estrepito, que os segue.
A bordo então Donaldo os seus convoca:
Corre a abraçal-os, e na voz, na face
O cordeal prazer exprime a todos.
Memorando as façanhas uma a uma,
Do condigno louvor as enche, as orna,
Altivo de reger tão brava gente.
Mal que o descanço os animos sanêa,
(Já declinante o sol do ethereo cume)
À terra se avisinha o mais que póde
A bellicosa náu; e c'os primeiros
Coriscos marciaes vareja o bando,
Que em mór tumulto as praias enxamêa.
Do grande lenho á sombra os lenhos breves,
(Porque estanhado o mar jaz em silencio)
Artes, e forças empenhando, intentam
A maura presa despegar da margem;
Vanmente; que folgando o lindo côro
Das filhas de Nerêo, sobre ella salta,
A querem para si, lhe chamam sua.
E quem de um nume á prole, aos seus direitos
No patrio senhorio obstar podéra?
Ou pulsos briarêos onde acharia,
Para o trabalho immenso? Ella, com tudo,

Nereidas, não foi vossa, inda que dignas
Sois de mil dons, e como Venus bellas.
O que á victoria escapa, engole a chamma;
De jus: damno menor maiores véda;
Mais facilmente detrimentos leves
Character pertinaz subjugam, domam,
Do que meigo favor o torna grato.
Arde o pinho, o furor vulcaneo reina:
Nutre o pez, e o betume as pingues flammas,
Tanto á pressa, que em vão, inda recentes,
Extinguil-as quizera industria humana.
Crebros estalos se ouvem; d'entre o fumo
Brotam centelhas mil, como que aspiram
Ás estrellas volver, d'onde emanaram.
A lignea contextura eis toda é fogo;
E o fogo em linguas cento as nuvens lambe.
D'entre penedos, e arvores, que a abrigam,
Ao longo da ribeira a má progenie,
Acceza em furias vans, o incendio nota:
Cuidadosa de si, da luz não fia;
Artes, porém, que póde, a salvo exerce.
D'ali com mira attenta os marcios tubos
Uma vez, e outra vez dão som baldado;
D'aqui baldados seixos vem zunindo,
Ai! não todos baldados: mão tyranna
Em alvo, que lhe apraz, co'a morte acerta:
E aquelles, que a bem custo um só poderam
Tocar com leve golpe em campo aberto,
Da perfidia amparados, se gloriam
Ao ver que um semi-morto os socios levam.

De Marte a crua irman quer este sangue,
Havendo de lavar aos vencedores
Tudo quanto é mortal, e dar-lhes vida,
Com que assuberbem as idades todas.
Silva por isto os seculos invade
Em rapida carreira irresistivel;
França por mãos da Gloria enloura a fronte;
Rocha morrer não sabe; o mesmo ignora
Esse, a quem de *Homem* o appellido ajusta;
E o que chamam *da Guerra*, e que o merece:
E tu, claro Avellar, com elles vives,
Com elles viverás, em quanto a Honra
Tiver cultores, e existencia o mundo:
Ri-se Virtude assim das leis do Fado.
Era o tempo, em que a lassa Natureza
Appetece o repouso; em que os Ethontes
De nectar se roboram; quando a noute,
Diurnos pezadumes ameigando,
Desdobra sobre a terra o véo dos astros.
A quebrantada força então renovam
Os descançados, os jacentes nautas:
Inda estão repisando o que lidaram.
Este a aquelle refere, aquelle a este,
Que riscos evitára, e que feridas;
E quantos despenhou na sombra eterna.
Falam uns, outros falam, té que o somno,
Nunca tão brando, lhe entorpece as linguas.
Mas da falaz cidade o chefe injusto,
De importunos cuidados perseguido,
Os mimos de Morphêo gosar não póde.

Seu negro coração ralam remorsos;
Toma, pela desgraça, o pezo ao crime,
Ao crime, indole sua, e seu costume.
O baixel, que perdeu, não dóe ao féro;
Os mortos cidadãos tambem não chora;
Olha sómente a si: já vê, já ouve
As flammas vingadoras; sente o ferro
Ir-lhe sobre a cerviz; escuta o baque
Das muralhas, das torres: pendem, pasmam
Alvedrio, Razão; que escolha ha n'elle?
« Novamente o varão, que vezes tantas
Illudiram traições (diz o tyranno)
Emprehenderei mover? Submisso rogo
Ha de sempre acalmar-lhe as justas iras?
Se os francezes lhe der, tão mal negados,
Será bastante? O que exigia, havendo,
Não ousará tambem quebrar promessas,
E no abuso da fé regosijar-se?
Vingança é deleitosa ao resentido;
Sómente se não vinga o que não póde.
Que, pois?... Á dubia sorte dos combates
A mim proprio exporei, e os meus prazeres?
Dubia disse?... Tental-a é perder tudo.
Se poderam só tres pôr medo a tantos,
E esses mesmos a vida (oh pasmo! oh pejo!)
A tantos arrancar, ficando illesos,
Quem ha que lhe resista, unidos todos?
Foge, infeliz; e o que podéres, salva;
Foge; assim pouparás vergonha, e morte.
Mas ah! triste! Em que plaga irei sumir-me?...

Que mar, ou que paiz, bem que deserto,
Guarida me dará, profugo, errante?...
Quem terei, que me siga, amigo, où servo,
Já nua de esplendor minha grandeza?
Antes vulgo infiel apoz meus passos
Bramindo correrá; e ou da existencia,
Ou dos haveres meus, ou d'ella, e d'elles
Por carniceiras mãos serei privado.
Não, não; nossos desastres custem caro;
Usemos toda a fraude, os crimes todos.
Cerque-se de traições esse guerreiro,
Vaidoso do trophéo: co'a falsa offerta
De tudo o que de mim quizer o avaro,
Posso aqui outra vez, posso attrail-o.
E quando imaginaria utilidade,
Van cubiça o trouxer, se das ciladas
Intacto apparecer ante meus olhos,
Em pedaços farei co'as mãos, co'a boca
A nefanda cabeça: ao peito aberto
O coração maldicto hei de arrancar-lhe;
Roel-o, devoral-o inda fumante.»
  Tal esbraveja; e nem a si perdôa,
A si labios, e mãos morde, remorde:
Qual horrida serpente, encarcerada
Entre ferreos varões, se alguem a assanha,
Com rapido furor se desenvolve,
Cem vezes arremette ao que a provoca;
Mas vendo que debalde exerce a furia,
De sangue os olhos tinge, agudos silvos
D'entre as fauces veneficas despede,

Com que a farpada lingua está vibrando;
Em tudo o que rodea, em tudo ferra
Os espumosos dentes, e em si mesma,
Enxovalhando o chão, e a varia cauda
Co'as sordidas peçonhas, que vomita:
Em tanto o mofador se ri seguro.
Da Aurora o nuncio amiudara o canto;
O matutino humor tempéra as magoas,
E os somnos insinua até no afflicto:
Por isso do bachá desatinado
Virtude soporifera se apossa,
Lhe amansa os phrenesis, lhe cerra os olhos.
Como quem fatigado está das iras,
Pezadamente o barbaro resomna:
A seus males, porém, não colhe allivio,
Nem demorada paz lhe rega os membros.
Phantasmas, que velando o espavoriam,
Inda entre a doce languidez o aterram;
Vê-se indigente, só, desamparado,
Ermos em outro mundo a pé trilhando,
Ermos sem rasto de homem, nem de féra;
Onde ave alguma não discorre os ares.
Já sévo abutre de implacavel fome
Lhe atassalha as entranhas; já querendo
Fugir de hasta inimiga, que o persegue,
Que lhe toca as espaldas quasi, quasi
Treme todo, e mover não póde a planta;
Já pende de ardua rocha sobre as ondas.
Eis entre estas visões, que traça o medo,
Imagem verdadeira, agigantada,

Clara, como o que a luz nos apresenta,
Surge aos olhos do attonito agareno.
Aquelle a quem venera ainda o Ganges,
E o rio, que Imaús na origem banha;
Aquelle, que de jus nomeam *Grande*,
De Marte émulo não, mas luso Marte,
Albuquerque immortal, de amor eterno
Pelos seus penhorado, esquece o néctar;
E, escusando um momento os bens celestes,
Não desdenha baixar aos impios muros,
Nem co'a palavra serenar discordias.
Á náu, que do seu nome se engrandece,
Arde por madurar devidos louros.
Com vozes ponderosas accommette
O aterrado tyranno, que machîna
Na desesperação atrocidades.
Resplandece o guerreiro; é tal, é tanto,
Como quando o temeu por vezes duas
A que do indico estado hoje é cabeça;
Como quando Malaca o viu triumphante;
E em ti, pomposa Ormuz, pendões erguia:
No majestoso olhar, na longa barba
Traz a veneração, e arnez é todo.

«Que intentas, miseravel? Que revolves
No espirito dobrado? (a sombra exclama).
Crês acaso affastar o mal, que te insta,
Perfidia com perfidia encadeando?
Não sabes, por ventura, a quem te atreves?
Que nação contra ti, que throno irritas?
Esquece-te, que nunca impunes deixam

Taes crimes? Quem, melhor que mouros, deve
De Luso conhecer a ousada estirpe?
Inda que até dos teus a historia ignores,
Força é que saibas o que sabem todos:
Que estragos, que deshonras grangeaste
D'este povo de heróes, em resistir-lhe.
«Sobre esmagados collos de reis mouros
O maior dos Affonsos, o primeiro
Impõe da monarchia a base eterna.
Flagello assolador da maura gente,
Em quanto a regia mão fulmina o ferro,
E o gran Mendo, nas portas entalado,
Abre caminho aos seus; eis se apoderam
Da celsa fortaleza, e da cidade,
Que é longa tradição fundára Ulysses;
Essa, que do aureo Tejo honrando as margens,
Alterosa, escorada em septe montes,
Taes fados mereceu, que ambos os pólos
Tiveram de acatar-lhe as leis sagradas.
Sancho, digno do pae, com quantas mortes
Injustas possessões ao mouro arranca,
E ajunta novo reino ao reino avito!
Ondas de negro sangue mauritano
Pela terra visinha, e pela herdada
Derramam, coriscando, outros Affonsos.
«Nem maculou sómente os nossos campos
A mortandade vossa. O quinto Affonso,
E o primeiro João restavam inda,
Que ao proprio seio d'Africa levaram
Ferro, e flamma, e terror: Manuel restava,

Feliz, (e com razão feliz chamado)
Que, maior do que o seu, quiz ter mais mundos,
E a quem prostrados reis seu rei quizeram.
Tangere o sabe; Arzilla, e Ceuta o dizem;
O attestam indios, númidas o attestam.
Relatar uma, e uma acções tamanhas
Para que? Dos heróes sómente os nomes,
Sem o immenso louvor, que os acompanha,
Pedem horas: sobeja o que has ouvido,
Para attentares bem, que lance estreito
É o lance, em que estás, e com que gente.
Pondéra ainda mais, quão despreziveis
São para o portuguez ciladas tuas:
Ha muito que a experiencia nos ensina
Até que altura o mouro enganos sobe:
A prudencia, e valor nos meus competem.
«Porque, pois, te detens? Supplice, e curvo
Uma vez, outra vez, porque não rogas
Aos lusos teu perdão, bem que indevido?
Se elles se pagam de calcar suberbas,
Se de punir delictos se comprazem,
Apiedar-se do réo tambem lhe é uso,
Quando os implora. Ao tempo, em que vingado
O sol tenha o zenith, a náu possante,
A maior, que teus portos fortalece,
Será do vencedor; sel-o-hão com ella
Dois menores baixeis recem-captivos,
E o chefe, e as equipagens numerosas.
Mas não temas; co'a supplica rendida
Tudo recobrarás. Cubiça de ouro

Jámais vicia o peito aos generosos:
Não quer servos, nem presas; quer amigos
Minha honrada nação. Eia, aproveita
O tempo, que te é dado: olha, que foge.»
Disse, e voou sem que resposta espere:
Salta do leito o mouro arripiado,
Volve em torno, e revolve os turvos olhos.
Quasi arrombando as portas, corre tudo,
Tudo vê, chama, brada, acodem servos;
Mas não sabe o que diga, absorto, insano.
N'isto ao mar de repente os olhos volta:
Por todo elle os alonga, e fica immovel.
Em quanto as ondas sofrego examina,
Não ser sonho a visão, no effeito observa.
Vê como a lusa náu demanda o porto:
Como proxima a elle, em roda vira;
Como enfunada, e mais veloz que os Euros,
Vai dar caça ao baixel, que ao longe aponta
Com remeira galé; vê como as toma;
Como as presas conduz, e audaz campêa:
Como sobre a maior em fim subido
Castro, e nada tardio, á voz do chefe,
Outra, que sobrevem, combate, e rende.
Fôra melhor á triste o dar-se logo.
D'aquella, bem que inutil resistencia,
Gloria, afouto Avellar, houveste em dobro.
Usado a presumir que a morte é nada,
Com poucos, e munido de ti mesmo,
Eis o mauro convez ganhas de um salto:
Gira o ferro, e triumphas, dous prostrando.

Tudo isto, verdadeiro em demasia,
E d'alta apparição vaticinado,
Caramáli do alcáçar descortina.
Primeiro o coração lhe agitam furias;
Não pára; vai, e vem; doudeja, freme;
As melenas arranca, arranca as barbas:
Pouco a pouco depois temor o abranda.
Gravado tem o heróe na phantasia;
E porque em tudo o mais o vê sincero,
No resto da visão firma esperanças.
Hesitando, com tudo, em si murmura:
« Quem do contrario seu fiar-se deve? »
Mas, passado um momento, assim não pensa.
« Em tentar que me vai? Senão, que resta? »
Disse, e a um, entre os seus auctorisado,
Que lhe provara fé n'outros extremos,
Envia de Albuquerque á náu temida
C'os « francezes » fataes, que á similhança
Da gorgónea carranca damnam vistos.
Diz-lhe (se tanto ousar) » que em troco d'elles
Peça os varões, os lenhos apresados;
E tudo facilite ao grato assenso. »
Além das esperanças vai o effeito:
De nada para si querendo a posse,
Donaldo restitue (acordes todos)
O almirante infiel, varões, e lenhos;
E prende a tantos dons o dom brilhante,
Que suspira o bachá, de amigo o nome,
Promettendo que o throno ha de approval-o.
O coração do régulo não basta

Ao jubilo inesp'rado. Alegres vivas
A voz dos cortezãos, e a voz do povo
Manda aos ares: no pélago reflectem,
E tocam dos lusiadas o ouvido.
Que nectareas correntes innundaram
Portuguezes espiritos, olhando
Sobre as amêas das profanas torres
As bandeiras de um Deus, de Christo as quinas,
Do reino occidental eterno abono!
Em quanto acclamações da infida plebe,
E a espaços o trovão da artilheria,
Já do mar, já da terra, os céos atroam!
Eis de tanto suor o idóneo preço:
Quem seu Deus, e seu rei a um tempo serve,
Que mais quer, ou da Gloria, ou da Ventura?
A ti, oh Lima, conductor supremo
Da lusitana esquadra, a ti, que és grande
Na ascendencia de reis, no grau, nos fados,
Inda maior no engenho, e na virtude;
Tambem do caso illustre se deriva
Applauso não vulgar: por ti mandado
Fez o patrio valor tão raras cousas:
Foi sua a execução, teu fôra o plano.
Nem menores pregões te deve a Fama,
Nelson preclaro, da victoria filho,
Que usurpas a Neptuno o gran tridente:
O que o luso acabou, tu lhe apontaste.
Mas a origem de tudo a quem respeita,
A quem melhor quinhão de gloria cabe,
Ou fale a Musa, ou não, ninguem o ignora:

Soam praias seu nome, e soam mares.
 A nautica pericia, que afamados
Outr'hora os portuguezes fez no mundo,
Que os levou a reinar a extremas plagas,
Sem cultura jazia (oh vilipendio!)
Do centro das brasilicas florestas
Desarreigadas quilhas inda arfavam
Sobre as tágicas ondas, mas em ócio:
E se alguma imprudente ousava acaso
Ás Hyadas expôr-se, expôr-se a Arcturo,
Ronceira dividia o lago immenso,
Dos mares, e dos ventos esquecida;
Incapaz do conflicto, e da procella.
Raro o nauta, e com alma entorpecida,
O ministerio seu desaprendera:
Obedecer, mandar nenhum sabia.
Eis Coutinho!... Eis o genio antigo acorda;
Eis nova geração com elle assoma.
Para Marte, e Nerêo sabia académia
Cultiva cidadãos: escolhe entre elles
O illustrado varão, quem se avantaja;
E, bem que repartido em mil cuidados,
O pezo de altas cousas sustentando,
C'o louvor afervora o que é louvavel,
E em quem merece o premio, os amontôa:
D'esta arte a mocidade aos astros sobe;
Assim com socios taes luziu Donaldo.
 Oh tres, e quatro vezes venturosos
Nós, a quem dado foi, que respiremos
Subditos de João, serenas vidas;

E ser de tanto bem participantes!
João, da patria páe, renovo insigne
De monarchas, de heróes, de semideuses;
Amor, gloria, esperança, e luz da gente,
Que, os mares invadindo, ousou primeira
Ver, e affrontar o adamastóreo vulto;
Desde a ultima Hesperia ir lá na Aurora
Arvorar contra as torridas phalanges
O estandarte dos céos, penhor do imperio;
João, que em quanto as guerras tudo abrazam,
Em quanto Erinnys senhorêa o mundo,
Afaga, justo, pio, optimo, ingente,
Com amorosa paz os largos povos,
Que o jugo lhe idolatram, perto, e longe;
Do exemplo dos avós illuminado,
D'elles nutrindo em si toda a virtude,
Na principal, na egregia se realça
De eleger (tudo o mais d'aqui depende)
Almas, com quem do sceptro adoce o pezo.
Astuto cortezão, que ambiciosos,
Sinistros, devorantes pensamentos
Com zelo vão, falaz, pallia, e doura,
É por elle repulso; e chama aquelles,
Que as honras merecendo, ás honras fogem.
O veneno dos paços, a lisonja
Ante seus olhos em silencio treme:
Só da verdade oraculos attende,
Só da sciencia oraculos escuta:
Pallas, Themis presidem-lhe aos conselhos;
Ás acções lhe presidem Themis, Pallas.

Não, para subjugar nações, imperios,
Não despe o ferro aqui Gradivo iroso;
Mas só porque na força a paz se estêe,
E só porque sem nodoa permaneçam
O decóro, os brazões de altos maiores.
Não é seu, para si João não reina:
O povo, a que dá leis, prefere a tudo.
Orem nobre, plebêo, nautas, colonos,
Ou diante do solio, ou não presentes;
Ore o commerciante, ore o soldado;
Provam merecimento? Os premios levam,
Volve feliz o que infeliz o busca:
A todos satisfaz, egual com todos;
E até mesmo ao desejo o dom precede:
Só com pezado pé se move a pena.
Oh Lysia! Oh patria! Surge, altêa a fronte:
Que não cumpre esperar com taes auspicios?
Eia, applaude a ti mesma, oh Lysia, applaude.
As tres, em cuja voz os Fados soam,
Prazeres de ouro para ti já fiam.
Sáe (reinando João) sáe das estrellas
Ordem nova de seculos ao mundo:
Folga: Assombros tens já; — virão portentos.
Sôltas do coração, mil preces manda
Aos climas immortaes; fatiga os numes,
Porque da esposa ao lado excelsa, e chara
O consorte real no throno exulte;
Porque orvalho do céo fecunde, anime
Os tempos de João, de nuvens limpos;
Porque idolo dos seus, terror d'estranhos,

Brilhe, viva, e dos netos netos veja;
Até que tardas eras o arrebatem
Aos astros, d'onde veiu honrar a terra:
Elle é digno de ti, tu digna d'elle.

ELEGIAS.

ELEGIAS.

I.

Á lamentavel morte do Serenissimo Senhor D. José,
Principe do Brasil,
Falecido aos 11 de Septembro de 1788.
(Escripta em Macau.)

Levou a cruel Morte, sem ter pejo,
Aquelle bello moço, a quem tributo
Esperavam pagar o Indo, e o Tejo.

Bernardes, Eclog. I.

Eu vos saúdo, oh tumulos annosos,
Onde a Tristeza c'o Silencio mora
Entre cinzas, e espectros pavorosos:
  Salve, bosque medonho, onde a canora
Philomela infeliz a injuria antiga
No curvo ramo solitaria chora:
  Oh Noute, cujo véo meus ais abriga,
E vós, Manes, Phantasmas, socios d'ella,
Vede a que extremos a paixão me obriga!
  Paixão louvavel, justa, e não aquella,
Que ás almas a razão, e a liberdade
Destroe, da vida na estação mais bella.

Mudos objectos, feia soledade,
Só vós encheis meu sofrego desejo:
Longe, longe de nós a claridade.
Porém que escuto, oh céos! Oh céos! Que vejo!
Ah Musa minha!... És tu? Vem, vem, prantêa
O caso, que gelou de magoa o Tejo.
Velêmos sobre a fria, agreste arêa,
Em quanto nos ornados aposentos
Venturosos mortaes o somno enlêa.
Vê, se é proprio o logar para lamentos,
Repara: que espectaculo! Que espanto!
Mochos! Larvas! Cyprestes! Monumentos!
Celebrem nossos ais, e nosso pranto
O commum bemfeitor (ah negra sorte!)
O heróe pio, em quem Lysia perdeu tanto:
Aquelle fructo singular, que a morte
Arrancou de alta planta generosa,
Que Deus abençoou no tronco forte;
Aquelle, cuja face majestosa
Inda entre as mais gentis se distinguia,
Qual entre as flores se distingue a rosa;
Aquelle, que te honrou, sabedoria,
Que tantas, tantas vezes, oh pobreza,
A vibora fartou, que te roia;
Aquelle, que do cume da grandeza
Baixava a consolar-nos, attentando
Que todos somos uns por natureza;
Aquelle genio raro, affavel, brando,
Que está na etherea abobada fulgente
Astro novo, entre os astros scintillando;

Aquelle, que era o páe da lusa gente,
Nosso bem, nosso amor, nossa esperança,
Principe n'alma, principe excellente;
José, que em doce paz no céo descança,
Em quanto o povo seu, já delirante,
Em vans, perdidas lagrimas se cança.
Triste povo! E mais triste eu, que distante
Não pude acompanhar teu choro afflicto
N'aquelle amargo, lutuoso instante!
Triste povo! E mais misero eu, que habito
No remoto Cantão, d'onde, Ulysséa,
Não póde a ti voar meu debil grito!
Miserrimo de mim, que em terra alhêa,
Cá onde muge o mar da vasta China,
Vagabundo praguejo a morte feia!
Que rigorosa lei, que horrivel sina
Me estorvou que escutasse os ais extremos
D'aquella alma real, antes divina?
D'aquelle augusto peito, onde vivemos,
D'aquelle coração, que idolatrámos,
D'aquelle bemfeitor, que já perdemos!
Mas pois que nós, oh Musa, não lográmos
O doloroso bem de estar presentes
Ao fim do moço heróe, que tanto amámos:
Já que não vimos consternadas gentes
Ferindo os rostos, e ferindo os ares
Com phreneticas mãos, com ais ardentes:
Já que não vimos nos pomposos lares
A meiga mãe, carpindo, ora ante o leito
Do filho, ora do Immenso ante os altares;

Já que não vimos de paixão desfeito
O fiel coração da esposa amante
Em lagrimas saír do ancioso peito;
Já que não vimos o preclaro infante,
Prezando mais o irmão, que a monarchia,
Traçar a interna magoa no semblante;
E o bom principe, em fim, já na agonia,
Estas vozes soltar, balbuciente,
Pondo os olhos na esposa, que o perdia:
« A mão, que nos uniu tão docemente,
Ordena, amada, que de ti me aparte:
Seja feita a vontade omnipotente.
Despindo o pó, minha alma alegre parte;
Mas crê, que, voluntaria, só podera,
Querida esposa, por um Deus trocar-te;
Não chores, não suspires... ah! Pondera
Que o teu amado, o teu contentamento
Não morre, vai viver lá n'outra esphera;
Chamado ao summo bem do firmamento,
Vou morar entre os justos, por clemencia
D'aquelle, que subjuga o mar, e o vento.
Louva, louva comigo a providencia,
A sacro-sancta lei, que tem disposto
Esta do mundo necessaria ausencia.
Nadando em mares de ineffavel gosto,
Vendo os córos angelicos sagrados,
Em cada rosto lograrei teu rosto.
Poder, que move os céos, que rege os fados,
Ha de applacar a dôr, que te flagella,
Annuir a meus rogos inflammados...

Deixa voar minha alma, oh alma bella,
Adeus... Páe... Redemptor... sê... sê comigo...
Adeus....» Eis expirou nos braços d'ella.
Já que não pude, oh Musa, este castigo,
Este damno, fatal á humanidade,
Comtigo ver, e deplorar comtigo:
Pela imaginação, pela saudade
A nós (tristes de nós!) se represente
O effeito da geral calamidade.
A mente o pinte; que não póde a mente?
Como se gosa o bem no pensamento,
Tambem no pensamento o mal se sente.
Oh colossos de aereo fundamento!
Phantasmas, illusões, que o mundo preza!
De que servis no funebre momento?
Porque blasona a tumida grandeza,
Se é victima do abutre carniceiro,
Filho do inferno, horror da natureza?
Que bens herdámos nós do páe primeiro?
A culpa? A morte? Abominosa herança!
Mal haja o negro monstro lisonjeiro.
Ai prole da magnanima Bragança,
Quão cedo te sumiu na eternidade
A pavorosa mão, que os raios lança!
Commetteste sacrilega maldade,
Para... ah! Cessa, mortal, mortal insano,
Treme, ajoelha, adora a divindade!
Não póde (a Razão diz) ser um tyranno
Esse, que fez o barro intelligente,
Que o filho deu por ti, genero humano.

O rei dos reis, o padre omnipotente
Alma, que o mundo vil não merecia,
Comsigo quiz no céo resplandecente.
Cala-te, oh dor!.. Silencio, oh agonia!..
E vós, que os prantos da paixão mais nobre
Verteis do morto heróe na cinza fria;
Vós, que beijais o mausoléo, que o cobre,
Oh lusos! Consolai-vos: inda temos
Quem preze o sabio, quem soccorra o pobre.
Basta, basta, não mais, não mais extremos:
No irmão vereis José resuscitado,
João restaurará quanto perdemos.
Inda ha de ser por todos tão cantado
O novo successor no throno augusto,
Quanto José no tumulo é chorado.
Nação, fiel nação, desterra o susto:
Outro heróe, outro Atlante a monarchia
Nos firmes hombros susterá robusto.
E tu, mãe do teu povo excelsa, e pia,
Que inda desfeita em lagrimas contemplo
Na revolta, enlutada phantasia:
Sobe, constante, da Memoria ao templo;
Lá vale mais que um sceptro uma alma forte,
Sê da conformidade o sancto exemplo.
Á triste, chara irman, que invoca a morte,
Vae docemente o pranto reprimindo;
Pinta-lhe a gloria do feliz consorte,
Que entre os anjos está, cantando, e rindo.

II.

Á deploravel morte do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. José Thomás de Menezes.

Horridas sombras, horridos vapores,
Que enlutais estes ares carregados
Por onde vão fugindo os meus clamores:
  Sinistras aves, que funestos brados
Espalhais de cyprestes lutuosos
Pela negra tristeza bafejados:
  A vós consagro os prantos dolorosos,
Que meus olhos derramam contra a dura
Antiga lei dos fados poderosos:
  Antiga lei, que á feia sepultura
Arroja sem respeito, e sem piedade
A virtude, a grandeza, a formosura!
  Aspera lei, que a pobre humanidade
N'um momento, n'um atomo arremessa
Ao centro da medonha eternidade!
  Tremendissima lei, que tão depressa
Troca em ais e em desgostos a alegria,
Troca a purpura em luto, o solio em eça!

Ah! Nunca amanhecêra o cruel dia,
Esse dia fatal, que tu seguiste,
Noute de espanto, noute de agonia!
Tejo, que foste da tragedia triste
O theatro infeliz, que é do thesouro
Que a meus olhos saudosos encubriste?
Ah! não blasones das arêas de ouro,
Se em ti contens o heróe, que ao proprio Marte
Esperava ganhar a palma, o louro.
José, que reunindo a força, e a arte,
Feros brutos indomitos domava,
Sendo assombro de tudo em toda a parte.
José, que os lusos povos alegrava,
E que, sem recordar-se da grandeza
A todos brandamente agasalhava:
José, com quem a sorte e a natureza
Foram tão liberaes, e em quem luzia
Resto feliz da gloria portugueza.
Oh lugubre destino! Oh morte impia!
Illustre, e velho páe! Tua amargura
Quão rigorosa, quão cruel seria?
A macilenta Clotho, a parca dura
Te roubou para sempre o filho amado,
O doce objecto da maior ternura.
Queixa-te, é justo, queixa-te do fado,
O negro caso deploravel chora,
Em nossas faces pela dor gravado.
Pragueja aquelle monstro, que devora
Os miseros mortaes... dize-lhe... ah! Antes,
Antes a summa providencia adora.

Adora a quem nos astros scintillantes
Erigiu, collocou seu throno eterno,
O supremo senhor dos céos brilhantes;
O justo Deus, que com poder superno
Escondeu, ferrolhou perpetuamente
Os rebeldes espiritos no inferno.
Elle, movendo o braço omnipotente,
O filho te chamou, que merecia
Gloria immortal no empyreo reluzente.
Basta, excelso Marquez: tua agonia
Pela fé seja em fim modificada,
E por uma christan philosophia.
Que tambem na minha alma atribulada
Ouço o riso da candida esperança,
Sinto a terrivel dor mais applacada.
E tu, alma gentil, que na lembrança
Tão presente me estás, alma ditosa,
Entre os córos angelicos descança.
Não precisa de lagrimas quem gosa
De eterna, d'immortal felicidade;
Por isso é nossa dor infructuosa.
Porém com tudo, lá da eternidade,
Do centro da ventura mais perfeita,
Se te é possivel, feliz alma, acceita
Provas de amor, effeitos da saudade.

Soneto.

Tudo acaba: esse monstro carrancudo,
Prole do Averno, effeito do peccado,
Tudo a cinza reduz, brandindo irado
Com sanguinosas mãos o ferro agudo:

Oh fatal desengano, horrendo e mudo,
Em pavorosos marmores gravado!
Oh letreiros da morte! oh lei do fado!
É verdade, é verdade: acaba tudo.

Eis o nosso miserrimo destino;
Assim o ordena quem nos céos impéra:
Basta, adorêmos o poder divino.

Reprime os passos, caminhante, espéra;
E no epitaphio do infeliz Josino
Lê o teu nada, o que tu és pondéra.

III.

Á tragica morte da Rainha de França, Maria Antonietta, Guilhotinada aos 16 de Octubro de 1793.

Seculo horrendo aos seculos vindouros,
Que ias inutilmente accumulando
Das artes, das sciencias os thesouros:
Seculo enorme, seculo nefando,
Em que das fauces do espantoso Averno
Dragões sobre dragões vem rebentando:
Marcado foste pela mão do Eterno
Para estragar nos corações corruptos
O dom da humanidade, amavel, terno.
Que fataes producções, que azedos fructos
Dás aos campos da Gallia abominados,
Nunca de sangue, ou lagrimas enchutos!
Que horrores, pelas Furias propagados,
Mais e mais esses ares ennevoam,
Da Gloria longo tempo illuminados!
Crimes soltos do inferno a terra atroam,
E em torno aos cadafalsos lutuosos
Da sedenta Vingança os gritos soam.

Turba feroz de monstros pavorosos
O ferro de impias leis, bramindo, encrava
Em mil, que a seu sabor faz criminosos.
A brilhante nação, que blasonava
D'exemplo das nações, o throno abate,
E de um senado atroz se torna escrava.
Por mais que o sangue em ondas se desate,
Nada, nada lhe acorda o sentimento,
Que as insanas paixões prende, ou rebate;
Vai grassando o furor sanguinolento,
Lavra de peito em peito, e d'alma em alma,
Qual rubra labareda exposta ao vento:
Não cede, não repousa, não se acalma,
E a funesta, insolente liberdade
Ergue no punho audaz sanguinea palma.
Barbaro tempo! Abominosa edade,
Ás outras éras pelos Fados presa
Para labéo, e horror da humanidade!
Flagellos da virtude, e da grandeza,
Réos do infame e sacrilego attentado
De que treme a Razão, e a Natureza!....
Não bastava esse crime?.. Inda o damnado
Espirito, que em vós está fervendo,
A novos parricidios corre, ousado?....
Justos céos! Que espectaculo tremendo!
Que imagens de terror; que horrivel scena
Vou na assombrada idéa revolvendo!
Que victima gentil, muda, e serena
Brilha entre espesso, detestavel bando,
Nas sombras da calumnia, que a condemna!

Orna a paz da innocencia o gésto brando,
E os olhos, cujas graças encantaram,
Se volvem para o céo de quando em quando:
As mãos, aquellas mãos, que semearam
Dadivas, premios, e na molle infancia
Com os sceptros auriferos brincaram,
Ludibrio do furor, e da arrogancia
Soffrem prisões servis, que apenas sente
O assombro da belleza, e da constancia.
Oh justiça dos céos! Oh mundo! Oh gente!
Vinde, acudi, correi, salvai da morte
A malfadada victima innocente!....
Mas ai! Não ha piedade, que reporte
A raiva dos terriveis assassinos;
Soou da tyrannia o duro córte.
Já cerrados estais, olhos divinos;
Já voando cumpriste, alma formosa,
A ferrea lei de asperrimos destinos.
Do rei dos reis na corte luminosa
Revês o pio heróe, por nós chorado,
Que da excelsa virtude os lauros gosa.
Na mente vos observo: eil-o a teu lado
Implorando ao Senhor, que os maus flagella,
Perdão para seu povo hallucinado.
Despido o véo corporeo, oh alma bella,
No seio de immortal felicidade,
Só sentes não voar mais cedo a ella.
Em quanto aos monstros de horrida maldade
Murmura à seu pezar no peito iroso
A voz da vingadora Eternidade.

Desfructa summa gloria, oh par ditoso,
Logra em perpetua paz jubilo immenso,
Que o mundo consternado, e respeitoso,
Te apromptà as aras, te dispõe o incenso.

IV.

Offerecida ao Senhor Joaquim Pereira de Almeida, na morte de seu pâe.

É todo o mundo um carcere, em que a Morte
Os miseros viventes guarda, encerra,
Para n'elles cumprir-se a lei da Sorte:
  Ou baça enfermidade, ou torva guerra
Vão co'as ferinas garras pavorosas
Tornando pouco a pouco um ermo a terra:
  De dia em dia as lagrimas saudosas
De afflictos corações estão regando
Marmoreas campas, urnas lutuosas:
  Males e males em terrivel bando
Vagam por toda a face do universo,
Peste, veneno, horrores derramando:
  Cáe o eximio varão como o perverso,
A morte pelo effeito os dous eguala,
O modo com que os fere é que é diverso.
  Áquelle a voz de um Deus do céo lhe fala;
O remorso, de crimes carregado,
A este o coração golpêa, e rala:

Da chamma divinal affogueado
Um, cravando no empyreo os olhos ternos,
Ergue d'almo futuro o véo dourado:
Outro, mordido de aspides internos,
Se entranha em feio abysmo, e vê que passa
De mal finito a males sempiternos.
A mão, que as frageis vidas desenlaça,
Ao pio é, pois, suave; — ao impio dura;
Traz o flagello a um, ao outro graça.
Que importa que na terrea sepultura
Baquêe o corpo, a victima do nada,
Se triumpha nos céos uma alma pura?
Se na radiante, olympica morada,
C'o fulgor, que do Eterno reverbéra,
Como o sol resplandece illuminada?
Vê negrejar ao longe a tenue esphera,
Onde o cego mortal vaguêa ufano,
Nota quanto differe o que é, e o que era:
Por entre a cerração de antigo engano
Contempla como nutre, e como céva
Vão tropel de illusões o orgulho humano:
Como o barro servil se abstráe, se eleva,
Como a hallucinação, como a loucura
Lhe abafa o pensamento em densa treva:
Como o bem, como a paz, como a ventura
No mundo não são mais que um fatuo lume,
Que doura mal o horror da vida escura.
Graças, graças ao bom, propicio nume,
Que aliza com a dextra omnipotente
A fouce matadora o ferreo gume!

Dos céos, oh Morte, és dadiva eminente,
És precioso balsamo divino,
Que cerra as chagas do infeliz vivente.
Morte, se padecer é seu destino,
Se o torna a febre ardente, a dor aguda
Sem alento, sem voz, sem luz, sem tino:
Se um salutar bafejo lhe não muda
Em manso allivio tão penoso estado,
Dita não é que tua mão lhe acuda?
É sim. Pela afflicção desacordado
Ia affrontar teu nome em meu lamento,
Oh mimo celestial, oh dom sagrado!
Sumido na tristeza o pensamento,
Teus favores, teus bens desconhecia,
Fonte de perennal contentamento;
Estrada, que a virtude aos astros guia,
Guia ao reino immortal, ditoso, e puro,
Onde nunca interrompe a noute ao dia.
Chave, e porta do incognito futuro,
Doce amiga fiel, que nos franquêas
Dos céos lustrosos o invisivel muro:
Já voou meu terror, já não me ancêas,
Em risonhas idéas se trocaram
Carrancudas visões, imagens feias:
Razão, verdade a mente me acclararam,
E de teus mil phantasticos horrores
A medonha apparencia em mim douraram:
Ah! Verta o meu pincel vistosas côres
Que adocem, que mitiguem da saudade
O terno pranto, os férvidos clamores!

Ouço gemer a filial piedade,
Ferem meu peito os echos da tristeza,
Ingenuas expressões da humanidade.
Deixêmos suspirar a natureza;
E os estoicos, ou barbaros, embhora
Se paguem de uma apathica dureza.
Labéo da especie humana é quem não chora;
Por leões devorado em selva escura
Aprenda a conhecer a dor, que ignora.
Solta-te em ais, dulcissima ternura;
De um virtuoso páe, tu, prole amante,
Deves banhar-lhe em pranto a sepultura:
Mas não seja a paixão tão dominante,
Que insulte a sacra mão, qua já da terra
O attraîu luminoso, e triumphante.
Se o mundo é campo de continua guerra,
E os céos habitação da paz serena,
Mingüe o dissabor, que em vós se encerra.
A força da razão subjeite a pena;
Na vontade de um Deus consiste o Fado;
Louvem-se o mal, e o bem, que o Fado ordena.
O semblante caîdo, e consternado
Erguei da terra, erguei, filhos saudosos
De um respeitavel páe, amante, e amado.
Recordai seus dictames proveitosos,
A mão, que vos guiou para a virtude,
Sem temer-lhe os caminhos espinhosos.
Em vez de pompa van, que attráe, que illude
Inchados corações, e enfeita a morte,
Na cega opinião do povo rude:

Um arder firme, um avido transporte
De alcançar o que os sabios chamam gloria,
E que é no mar da vida o fixo norte:
Honrem as cinzas, honrem a memoria
D'esse, que do mundano, atroz conflicto
No céo desfructa singular victoria.
Isto exige de vós, e n'alma escripto
Sempre deveis trazer o insigne exemplo,
Que honrosa obrigação vos tem prescripto.
Com os olhos em vós do ethereo templo
A causa da afflicção, que vos devora,
Como que absorto em extasis contemplo:
Como que ao ente excelso, ao Deus que adora,
Ao senhor, mais que os seculos antigo,
Amplos favores para vós implora.
Oh tu, meu bemfeitor, meu charo amigo,
Que contra o desprazer no affavel seio
D'alta philosophia achaste abrigo:
De um grato coração de magoa cheio
Acolhe o terno, o candido tributo,
Que a Musa, gloria minha, e meu recreio,
Te off'rece, envolta no funereo luto.

V.

Á morte do Senhor João dos Sanctos Borsane.

O SABIO não vai todo á sepultura;
Não morre inteiro o justo, o virtuoso;
Na memoria dos homens brilha, e dura:
  Em quanto o nescio, o inutil, o ocioso
Vão, ignoradas victimas da morte,
Sumir-se no sepulchro tenebroso.
  Jonio feliz, bom páe, fiel consorte,
N'este dia, em que o véo mortal despiste,
Dias eternos te confere a Sorte.
  Se longe do universo errado, e triste,
Triumpha teu espirito fulgente,
Immortal entre nós teu nome existe.
  Da etherea habitação do Omnipotente
Reflecte o resplendor da gloria tua
Na tua prole honrada, e descontente.
  Em lagrimas no peito lhe fluctua
O coração de angustias macerado,
Posto que o ledo empyreo te possua.

Eis o character, que aos mortaes foi dado;
Como que o bem do amigo nos magôa,
Quando o gosto de o ver nos é vedado.
Na dextra a palma tens, na fronte a c'roa;
Tens (assegura a fé) porque a virtude
De jus nos almos céos se galardôa.
Mas, por mais que se esmere, e lide, e estude,
Quem á dor accommoda o soffrimento?
Quem ha que á natureza o genio mude?
Corra o pranto d'amor, sôe o lamento,
Té que a paixão nos ais evaporada
Deixe livre folgar o entendimento.
Então tua familia consternada
Vendo na idéa teus serenos dias,
Alma vinda do céo, e ao céo tornada:
Vendo as dignas acções, virtudes pias,
Com que assombros e exemplos semeaste
Na carreira vital, quando a seguias:
Vendo que os sabios, que a sciencia honraste,
Que o mundano esplendor tiveste em pouco,
Que os perversos carpiste, os bons amaste;
Enfreados seus ais no peito rouco;
De ineffavel prazer sentindo o encanto,
Dirá: — «Quem te lamenta é cego, é louco.
Perdôa á nossa dor, e ao nosso pranto;
Soffre as mostras fieis do amor mais terno;
E orando pelos teus, que amavas tanto,
Graças lhe adquire do monarcha eterno.»

VI.

Na morte do Illustrissimo Senhor Anselmo José da Cruz Sobral.

Parva petunt manes.
Ovid. Trist. lib. II.

Numen do pranto, numen da tristeza,
Tu, que tinges d'escuro a phantasia,
Que oppões a eternidade á natureza:
   Por meus versos esparge a côr sombria,
A côr dos corações, dos pensamentos,
No ponto acerbo, que nos sóme o dia.
   Ais solitarios, miseros lamentos
As trevas firam do silencio antigo,
Que reina entre o pavor dos monumentos:
   De honrosas, charas cinzas ao jazigo
Co'a luz, que a todos patentêa o nada,
Me guia, oh Desengano; — eu vou comtigo.
   D'um a outro universo (ah!) eis a estrada,
Por milhões e milhões dos frageis entes
Desde a infancia dos seculos trilhada.
   Eis o terreno de fataes sementes,
D'onde sóbe amargoso e negro fructo,
Eis a meta infallivel dos viventes.

Triste marmore ali, polido, ou bruto
Recata estrago, horror; na feia estancia
A grandeza é miseria, o fasto é luto.
Diff'renças da humildade, e da arrogancia
O teu nivel, oh Morte, ali supprime;
Cessa entre os graus chimerica distancia.
Da virtude somente o dom sublime
Do heróe, do justo ali doura a memoria,
Como opaca memoria enluta o crime.
Abysmos da existencia transitoria,
No immenso, no voraz, no horrivel seio
Co'a vida não sorveis a humana gloria.
Esteio em corações, na fama esteio
Logra, domando o tempo, a inveja, o fado,
Gran ser, que volve aos astros d'onde veiu.
Despojo de Sobral, despojo amado,
Em quanto a gratidão luzir na terra
Serás de ingenuas lagrimas honrado.
Debalde avaro tumulo te encerra,
Debalde a lei mais dura em ti cumprida
De teus saudosos lares te desterra.
No extremo adeus, na eterna despedida
Ganhaste ao Tempo seu feroz direito,
Perdeste o mundo, e renovaste a vida.
Da essencia, da materia o nó desfeito
Deixou teu nome intacto, eximio, puro,
Brilhar nas sombras do funereo leito.
A mésta viuvez, de manto escuro,
A sósinha, miserrima orphandade,
Medrosas do presente, e do futuro,

A ti, ao bemfeitor da humanidade,
Nos castos domicilios consagraram
Prantos ferventes, cordeal saudade.
Teus feitos immortaes, que a patria ornaram,
Que em perennal delicia um Deus premêa,
De terna gratidão na voz soaram.
Do globo inficionado; oh mente alhêa,
Oh alma tão diversa, e tão lustrosa
Dos entes na longuissima cadêa!
Tão bella como o Olympo, que te gosa;
Tão pura quanto o soffre a natureza,
Mil vezes fraca, insana, ou criminosa!
Dos homens commettendo a summa empreza,
Util viveste ao mundo, e só fundaste
Em teu grande character a grandeza:
Exercêste a virtude, os céos honràste,
E, sofrega anhelando os atrios d'ouro,
Nas azas da esp'rança aos céos voaste.
Negra filha da Noute, ave de agouro,
Apontar-te não foi co'a voz funesta
O rasto vil de posthumo desdouro.
Moral gangrena, que a opulencia empésta,
Jamais te corrompeu, jamais: qual fôras
Nas eras d'ouro, reluzias n'esta.
Virtudes efficazes, bemfeitoras,
Encheram sempre teus vitaes espaços,
Illesas das edades tragadoras:
Quando ferrenhos, tumidos, escassos,
Apenas homens são, e impõem de numes
Baixos Lucullos, despreziveis Crassos;

Que da curva indigencia entre os queixumes
Se enlevam com apathica surdeza
Da ventura infiel nos fatuos lumes.
  Espirito feliz, que da baixeza
Do terreo globo te elevaste ao clima
D'onde crês tenue ponto a redondeza:
  Se attentas nos humanos lá de cima,
Chorosos corações, que a dôr ancêa,
Com teu reflexo fortalece, anima:
  D'aquella, com que Amor inda te enlêa,
D'aquella a que a ternura inda te prende,
Á gloria tua o pensamento altêa.
  Na lugubre consorte a idéa accende
Do olympico prazer, na prole amada
A rigida constancia ao termo estende.
  Entórna da estellifera morada
Nectar piedoso, que a afflicção lhe adoce;
E n'uma e n'outra face amargurada
  Só jubilo celeste o pranto engrosse.

EPICEDIOS.

EPICEDIÕS.

I.

A Olinta.

Colei di gioia trasmutossi, e rise,
E in atto di morir lieto, e vivace
Dir parea: s'apre il cielo, io vado in pace.
Tasso, Gerusal. Liber. Cant. XII.

Olinta jaz na terra,
Comtigo, oh Noute, para sempre mora,
E Amor grita, Amor chora,
Chora o fagueiro Amor, que lhe brincava
Nos melindrosos braços,
Movendo aos corações sanguinea guerra;
Eil-o já delirante; a eburnea aljava,
Arco, venda, farpões eis em pedaços
Sobre o frio, o medonho
Logar sagrado, aonde
Com ar inda risonho
O seu, e o nosso bem se nos esconde;

Na terra occulto jaz mais um thesouro
Por decreto da Sorte:
D'aquella tenra vida o fio de ouro
Quão cedo rebentou nas mãos da Morte!...
Ah Morte inexoravel, que te nutres
Em ruinas, em ais, em sangue, em pranto!
Mais negra que os infernos, mais faminta
Que os famintes abutres!
Oh tu, da humanidade horror, e espanto,
Levaste-lhe o melhor, levaste Olinta:
Olinta, em cujas faces delicadas
Corações attraíam
As rosas sobre neve desfolhadas,
Que de virgíneo pejo se accendiam
Ao brando assalto da menor fineza;
Olinta, em cujos olhos, que encantavam,
Ufana se revia a Natureza!
Olhos! Flamma celeste, a que voavam
Açorados, ternissimos desejos,
E onde, quaes borboletas, se crestavam,
Dando suspiros, dando-vos mil beijos,
Olhos! Olhos! Oh dor! E estais fechados!
Estais de ópacas nevoas eclypsados!
Olhos suaves, olhos milagrosos,
Com vossos deleitosos
E froxos movimentos
Daveis flores aos prados,
Alento aos corações desesperados,
Enfreaveis os ventos,
Removieis das rochas a dureza,

Trangredieis as leis da Natureza,
E não podeis saír d'esse lethargo!....
Oh doudas illusões! Oh desvarios!
Oh desengano amargo!
Olhos tristes, sem luz, olhos já frios,
A Morte não se rende á Formosura:
Não, jámais torna a si, jámais desperta
Quem dorme, como vós, na sepultura.
A desesperação, que nunca acerta
No que faz, no que diz, porque não pensa,
N'esta alma, de afflicção, de amor perdida,
Loucuras proferiu. Não ha quem vença
O monstro, que executa a lei da Sorte:
É um contracto a vida,
Que fez o justo céo c'o mundo ingrato,
E tu deste contracto
És fatal condição, terrivel morte,
Que restitues a materia ao nada.
O rei, que os povos como filhos ama,
E que de bemfeitor, de pio a fama
Préza mais do que a purpura sagrada,
Castigando com lastima o delicto,
Reinando em corações, qual novo Tito;
Aquelles, que entre bando lisonjeiro,
Servil, e dependente,
Se presumem do raio omnipotente
Livres, seguros, co'a Fortuna ao lado,
E de mais pura massa
Que o fragil barro do varão primeiro:
Aquelles, que com ar divinisado,

Insensiveis aos gritos da Desgraça,
Envolvidos em lúcido brocado,
E tendo a mansidão por um desdouro,
Para vós olham, miseros, e pobres
(Ricos talvez de espiritos mais nobres)
Qual para o mundo o sol do carro de ouro,
Todos hão de sulcar (oh Morte! Oh Fado!)
Esse horrendo Oceano
Da nunca fatigada eternidade:
Lá verão, que no mundo a voz do Engano
Traz o filho da terra hallucinado,
Que no mundo não ha felicidade;
Todos, todos hão de ir, por lei superna,
Inviolavel, eterna,
Dormir nas trevas como Olinta dorme...
Mas ah! Filha cruel de Érebo enorme,
Mudo espectro horroroso,
Verdugo universal! Não te enganaste
Ao menos, quando a fouce preparaste
Contra o peito mimoso,
Cujos thesouros, que o purpureo pejo
Á sombra do vêo candido zelava
Do espiador, solicito desejo,
Meu pensamento audaz apenas via,
E inda eu vel-os assim não merecia!
Nem sequer desviaste a mão ferina
Uma vez, parecendo-te divina,
E exempta das pensões da natureza
Aquella rara, e candida belleza;
O magico volver dos olhos puros,

Que viam seus escravos quantos viam;
Os olhos, ante quem se derretiam
Os penedos, os marmores mais duros;
A longa trança, a face trasparente,
Tão meiga para nós, como innocente;
A rubra, intacta boca, as mãos nevadas,
A flor da gentileza, a flor dos annos,
As patheticas vozes, já truncadas,
Que não feriram só peitos humanos,
Que essas montanhas estalar fizerâm,
Ao menos não puderam,
Hórrido monstro, monstro famulento,
Teu golpe demorar por um momento!
Monstro, monstro voraz, se nos tragaste
Todo o bem, todo o gosto
N'aquelle singular, benigno rosto,
Para que nos deixaste
Cá n'esta solidão? Mortaes, choremos,
A ver se á força de chorar morremos:
Por Olinta querida
Em lagrimas de amor se esgote a vida!
Fervam suspiros, fervam pelos ares,
E criem nossos olhos novos mares.
De um bem, que aspera lei de nós desterra,
A falta, a perda qual de vós não sente?
Mundo, suspiros, lagrimas, oh gente!
Olinta foi-se, Olinta jaz na terra,
Gritêmos... sempre em vão, tristeza, e luto
Nos volva em noute o dia,
Gritêmos... sempre em vão... porém que escuto!

Céos! Estrellas! Que subita harmonia,
Que nunca ouvido tom, que ethereo canto
Me faz balbuciar no meu lamento,
Me faz a meu pezar conter o pranto!
Desencrespou-se o mar!... Nem bole o vento!...
Soava aquelle arroio... eil-o calado,
E como que se ri de gosto o prado!
    Oh pasmo! Oh maravilha!
Este canto... este som... não é terreno...
Vem do céo, vem do céo, que tão sereno,
    Olhos meus, nunca vistes;
Nectar consolador minha alma rega...
Porém que nova luz nos ares brilha!
    Que resplendor me céga!
Á vista d'elle o sol despe a belleza,
Como á vista do dia a tocha acceza!
Que é isto, coração! Lagrimas tristes,
    Recuastes, fugistes!
    Que doçura! Que encanto!
Este som faz que em extasis me sinta!...
É verdade, é verdade: os anjos ouço...
Mas é digno um mortal de ouvir-lhe o canto?
Humanos, escutais? Oh céos! Olinta!
Olinta! É illusão do pensamento...
    Não, não é... que portento!
Humanos, attenção: — «Na corte immensa
Do rei, que vibra os raios vingadores...
    Prostrada... aos pés divinos...
Olinta... gosa já... da recompensa...
Das palmas... da virtude... os seus louvores...

Sobre... as azas... dos hymnos...
Como... soam no céo... na terra soem...
Consolai-vos... humanos...
Mais suspiros... não vôem;
Vosso nescio queixume... a Deus insulta...
Longe... de olhos profanos...
Que não merecem... vel-a, aqui... se encerra...
Aqui... das virgens... entre... o côro exulta...
Consolai-vos... humanos...
Olinta... está... no céo... não jaz na terra.»
Ah! Que o verso adoravel emmudece,
E a luz celestial desapparece!
Deus! Oh Deus! Será sonho?
Será sonho, oh mortaes, o que escutamos?
Não, não é, que inda o prado está risonho,
Que o limpido regato inda não anda,
Nem Zéphyro bafeja os arvoredos,
Nem bate o mar nos ingremes penedos.
Ah! Bemdicto o Senhor, que nos abranda
Esta saudade, que mortal julgamos.
Prazer, oh mundo, canticos, oh gente!
Olinta está nos céos, e lá piedosa
Desde os aureos degráus do throno eterno
Do nume omnipotente
Nos chama para o bem, de que ella gosa.
Lá faz estremecer o horrendo inferno,
Lá prende, orando, o braço justiçoso
D'aquelle, mais que os seculos annoso,
Que, farto de soffrer nossos delictos
Quasi, quasi infinitos,

Me faz crer a Razão, que ja queria
Mostrar-nos, oh mortaes, quanto podia,
Lançando-nos ás testas criminosas
Irresistivel, pavoroso estrago:
A barbara invasão, que opprimiu Roma,
Horrida furia, que arrazou Carthago,
Ou chuva ardente, que innundou Sodoma.
Scenas terriveis, scenas lutuosas,
    Olinta é quem de nós vos affugenta,
Olinta a mão sustêm, que nos sustenta...
Ah! Gratidão, saudade! A nossa amada
        Seja, seja cantada;
Versos em vez de lagrimas lhe demos,
        Do cedro vividouro
Com seu nome adorado o tronco honremos;
        De beijos, e de rosas
Cubra-se o cofre, cubra-se o thesouro
D'aquellas sacras cinzas preciosas;
E depois que do peito amortecido
A nossa fragil vida transitoria
Voar nas azas do final gemido,
Vereis quão terna Olinta nos recebe
Lá n'essas fontes de ineffavel gloria,
Onde mais quer beber quanto mais bebe.
Longe da nossa idéa, oh bens mundanos!
Sim, desde agora vos armâmos guerra.
Oraï a Olinta, não choreis, humanos:
Olinta está no céo, não jaz na terra.

II.

Na sentida morte do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Pedro José de Noronha, Marquez d'Angeja, etc. etc.

Multis ille bonis flebilis occidit;
Nulli flebitior quam tibi. . . .
HORAT. Lib. I. Ode XXIV.

PRANTÊA, oh lyra triste, amadas cinzas;
O digno de chorar-se as Musas chorem.
Em seu templo fatal, sombrio, horrendo
Mais um negro trophéo suspende a Morte;
Em lagrimas, em ais, em lutos novos
A fereza brutal recrêa o monstro:
Roubou mais um thesouro á natureza;
No seio universal deu mais um golpe.
Oh fado! Oh céos! Oh dor!. . . Noronha é morto,
Noronha, o moço illustre, a flor da patria.
Prantêa, oh lyra triste, amadas cinzas;
O digno de chorar-se as Musas chorem.
Dias d'aurea existencia! Oh puros dias!
Infancia, elysios d'alma inda recente,
Quadra celeste de innocencia, e riso,
Quaes os filhos da luz, Noronha ornastes!

De carinhosa mãe no gremio doce
Em sereno repouso affigurava
Fugido á florea Chypre um dos Amores,
Que, já com aza inerte, ali pousando,
No charo, idoneo encosto adormecêra;
Mas por entre as gentis, infantes graças.
Um gésto, um não sei que, viril, sublime,
Era de alto futuro imagem bella.
No tenro aspecto não mentiu a imagem,
Fiel o annuncio foi; mas ah!... Mentiram
De longos dias esperanças faustas,
E duração de flor tolheu mil fructos.
Prantêa, oh lyra triste, amadas cinzas;
Ó digno de chorar-se as Musas chorem.

Já na sazão vital, que os erros brota,
Que ás vezes na vontade arraiga os vicios,
Sementes de que surge a dor, e o crime:
No tempo em que a razão succumbe, ou treme,
Ao vaivem das paixões, ao choque, á lucta,
O mancebo exemplar susteve-as firme,
Vedando ao coração que vicios fossem.

Oh tu, Beneficencia, oh tu, Piedade,
Sentimentos de um Deus, moral de um nume!
Almos, ethereos dons! Outr'hora amigos
De florecer na terra, e de enfeital-a,
Á corrompida estancia agora esquivos!
Noronha vos gosou, Noronha, o vosso,
N'alma suave, como as flores bella,
Meigo affagava da indigencia o rogo:
Não era esteril dó, nem vão suspiro,

O auxilio inefficaz, que dava aos tristes:
Das mãos saía o ouro, e d'alma o pranto.
  Carrancudo favor, que de agro genio
A custo vem, que á sua origem sabe,
E a miseros mortaes, prestando, amarga:
Espinhoso favor, pezado, acerbo,
Mais insulto que allivio ao mal, que geme;
Esse methodo atroz, character feio,
Dos nadas pelo orgulho entumecidos,
Ou do avaro infernal (se a Natureza
Acaso alguma vez lhe diz que é homem)
Esse, até na virtude afferro ao vicio,
Ah! Nunca desluziu semblante amêno,
Ente querido, que merece as magoas,
As magoas, que a saudade extráe da lyra,
E que ao sepulchro seu chorosas voam.
Prantêa, oh lyra triste, amadas cinzas;
O digno de chorar-se as Musas chorem.
  Guerreiro, que respira, anhéla estragos,
A quem no duro ouvido alegres soam
Os baques de amplos muros, de arduas torres,
A quem da humanidade é gloria o pranto,
E são musica os ais, e o sangue é nectar;
Execrando mortal, cruento, infrene,
Que na voz o trovão, na dextra o raio,
Brama, sumido em pó, sumido em fumo,
E, torrente o suor, e os olhos brazas,
E braza o coração, que as furias sopram,
Por entre esquadras cem vai solto em mortes;
Este, da natureza horror e infamia,

É peste das nações; é tygre, é monstro.
Carpido objecto meu, carpido objecto
(Ramo da planta, de que reis são tronco,
E ramo de que lagrimas são fructo)
A fama dos heróes estreme, augusta,
A herdada intrepidez, o avito exemplo,
Os annaes, o esplendor, e o bem da patria
Cingiram-te de Marte ás leis ferrenhas;
Ás leis, a que repugna um doce instincto,
Uma alma como a tua, um ser de nume.
Ah! Se vivesses, que prodigios foram,
Que altos prodigios teus, materia aos vates!
Se invasora ambição, se iniqua força
Tentassem profanar sagrados montes
(Onde no lenho excelso um Deus foi visto,
E um grande rei, por elle aos lusos dado)
Em teu genio sem par, teu marcio brio,
Impenetravel muro a patria houvéra!
Aquelles, de que foste o páe, e o chefe,
Que a perda tua eterna em vão deploram;
Aquelles, que adestraste á gloria, ás armas,
De ti volviam tanto, ou mais na idéa:
Nutria o pensamento este aureo sonho,
E o sonho se esvaîu, se foi comtigo.
Prantêa, oh lyra triste, amadas cinzas,
O digno de chorar-se as Musas chorem.
Ai deusas dos heróes, dos sabios deusas!
Artes, que o possuistes, que o perdestes!
Sois vós, que ao mausoléo gemes em torno?
Vós sois; eu lá vos ouço, eu lá vos vejo.

Cortado por miserrimos suspiros
Palpita o grato nome em vossos labios,
E ferve o coração com elle em chôro.
Afflictas lacerais os véos, as tranças,
E echos mil despertando em grito e grito,
Responde Lysia toda ao som funesto:
Tanto a patria perdeu! Tal é seu damno!
Prantêa, oh lyra triste, amadas cinzas;
O digno de chorar-se as Musas chorem.

De imagens festivaes desenlaçada,
Amando a côr da morte, a côr do abysmo,
Se aos tumulos arranco a phantasia,
Não é para dourar-lhe as atras sombras;
É para sepultal-a em mais pavores,
E dar-lhe a nova dôr materia nova.
Eis da grandeza, da virtude os lares,
Os lares paternaes, a estancia chara,
Onde o cortado em flor caîu sem vida.
Que espectaculo, oh céos!.. Oh céos! Que objecto!..
Em ancias, em soluços, em clamores
A dolorosa mãe desfaz o alento;
No pólo transparente os olhos pondo,
Da ternura o penhor, delicia, encanto,
O filho em vão reclama aos astros surdos!
Ah! Como é penetrante a dor materna!
Um «ai» diz mais ali, que mil em outrem.
Prantêa, oh lyra triste, amadas cinzas;
O digno de chorar-se as Musas chorem.

Que espectaculo, oh céos!.. Oh céos! Que objecto!..
A mãe desanimada, o páe sem alma,

Sem alma o triste irmão!.. Sem alma o grande,
O magnanimo, o forte, o charo a todos,
A quem n'um aureo nó, quasi paterno,
Summa ineffavel mão prendeu comtigo,
Oh candido mancebo, em vão chorado,
De tantos corações saudade eterna!
Aquelle, que das leis, e que da patria
Nos hombros, novo Atlante, o pezo estêa,
Tão firme em tudo o mais, co'a dor não póde!
Depois de haver tragado o fel do transe,
Que ha pouco lhe arrancou porções da vida,
Constancia de rochedo (ah!) fôra um crime.
Suspirem corações amargurados;
Não é, não é de ferro a Natureza:
Que muito que a ternura em ais se exhaura,
Quando as garras crueis de negros males
Se enterram na raiz do sentimento?
Até feros leões, perdendo a prole,
No lybico sertão de magoa rugem.
Prantêa, oh lyra triste, amadas cinzas;
O digno de chorar-se as Musas chorem.
Porém qual de improviso acode á mente,
Acode ao coração favor piedoso!
Celeste refrigerio abrange, aclara
Espiritos, que a dor sumia em trevas!....
Que assombro!.. Que portento!.. És tu, deidade,
És tu, Religião?..... Tu és, tu falas,
Arcanos divinaes tu me franquêas;
Da humanidade oh mãe, dos céos oh filha!
Já novo cortezão de um rei mais alto,

Mais alto, muito mais que os reis do mundo,
Noronha de immortal no gráu brilhante,
De sol em sol vaguêa, e de astro em astro;
É todo resplendor, delicia é todo,
Porção de etherea luz: — de lá co'um riso
(Qual no florente Abril não tem a Aurora)
Aos seus, que inda no céo lhe são mais charos,
De amor perenne, immenso, os dons envia,
Em golpes da saudade esparge o nectar,
E sara os corações de angustia enfermos.
Terno páe! Terna mãe! Não mais suspiros,
Exultai, revivei, familia excelsa.
Quem no mundo carpís, no empyreo folga;
Tornem-se em gosto a magoa, o pranto em hymnos.
Não chores, lyra triste, amadas cinzas;
O digno de cantar-se as Musas cantem.

IDYLLIOS.

IDYLLIOS.

I.

(Maritimo.)

TRITÃO.

Omnia vincit Amor.
VIRGIL. Eclog. X.

A FOZ do Tejo, em bronca penedia
Minada pelas ondas salitrosas,
Prisioneiro de Amor, Tritão gemia.
  Luziam-lhe as espadoas escamosas,
Sustentava o maritimo instrumento,
O buzio atroador nas mãos callosas:
  Conchas da côr do liquido elemento
Parte do corpo enorme lhe vestiam,
Egual na ligeireza ao proprio vento:
  Da barba salsas gotas lhe caîam,
E nos olhos, que amor affogueava,
Em borbotões as lagrimas ferviam.
  Lilia, que um bosque proximo habitava,
Lilia a Napéa, desdenhosa e bella,
Amorosos clamores lhe arrancava:

Um dia a viu na praia, e só de vel-a
Seu coração feroz enfeitiçado,
Voou, gemendo, para os olhos d'ella,
Das entranhas do pélago salgado,
Louco de amores, louco de saudades,
O queixoso amador tinha saltado:
Do páe, que abafa as negras tempestades,
Já seu voraz tormento era sabido,
E das outras equóreas divindades.
De aereas esperanças illudido,
Gran tempo seu espirito saudoso,
Rastejando a cruel, vagou perdido;
Gran tempo glorias vans sonhou, teimoso,
Antes que désse fructuosa entrada
Ao acre desengano o peito ancioso.
Já pela transparente, immensa estrada
No coche rutilante o Sol corria
Apoz a Aurora candida, e rosada,
Quando envolto nas sombras da agonia
Ao vento derramava o deus amante
Taes queixas, que eu não longe occulto ouvia:
« Lilia! Lilia! Ah cruel! Ver um instante
Teus olhos garços, tuas louras tranças
Para meu lenitivo era bastante.
Ardo, chóro, e não vens, e não te amansas!
Oh céos! Talvez nos braços cabelludos
De vil, bicórneo Sátyro descanças?
Féra, peor que os jacarés sanhudos,
Rirás talvez com ellè, em quanto abalo
Com meus suspiros os penhascos mudos!

Ah! De zelos phreneticos estalo,
E doces illusões desvanecendo,
Na desesperação o inferno egualo.
Quantas serpes contêm seu bojo horrendo
Vem cravar-me o lethal, maligno dente
Pelas entranhas, que me estão fervendo.
Como te soffre o céo, como consente
Que ultrajem teus desdens a prole augusta
Do numen, que maneja azul tridente!
Não ponderas quem sou, barbara injusta!
Se o meu rendido amor te não commove,
Nem meu grande poder sequer te assusta!
No mar á minha voz tudo se move:
Eu aos deuses undívagos intîmo
Altos decretos do ceruleo Jove:
De Éolo as furias em tão pouco estimo,
Que até na horrivel, sinuosa gruta
Com cem cadêas os tufões lhe opprimo:
Muge o mar, treme a terra, o céo se enluta
Apenas, tempestade apregoando,
Este meu buzio concavo se escuta:
Tambem, se quero, os duros sons lhe abrando;
E os magos versos do cantor de Thracia
Vou no rijo instrumento arremedando;
E desprezas-me ainda, e tens a audacia
De rejeitares com suberbo enfado
O filho de Neptuno, e de Salacia!
Em que, nympha cruel, te desagrado?
Que te affugenta? As lucidas escamas,
As verdes conchas, de que estou forrado?

Pois isto, que, por feio, em mim desamas,
E que te obriga a nunca me escutares,
Gera em mais docil peito ardentes chammas.
Oh quantas vezes sáe dos vitreos lares
Só pára ver-me Arginia, que, em se rindo,
Enfrêa os ventos, agrilhôa os mares!
A Dóris, á benigna mãe fugindo,
Brando affago me traz no lacteo rosto:
O teu vaidosa, o teu não é mais lindo;
Mas a seus doces mimos sempre opposto
Acha meu coração, que foge d'ella,
E vem sacrificar o amor ao gosto.
Debalde a triste nympha se desvéla
Em finezas, e em lagrimas, que tudo
Enjeito por amar-te, oh dura, oh bella:
Com semblante enrugado, e carrancudo,
Lhe atalho os ternos ais, e, se porfia,
Ou as costas lhe volto, ou fico mudo.
Oh pasmo! Nem Prothêo pensar devia
Que eu por uma campestre semidéa
A prole de Nerêo desprezaria.
Mas ah! Já sinto Amor, que me refrêa
A petulante voz. — Não mais, perdôa
Á desesperação, gentil Napéa:
Para meus braços amorosos vôa,
Vôa,, e verás então, que alegres hymnos
Meu rude buzio, respirando, entôa.
Depois de ouvires os meus sons divinos,
Mergulhando comigo, irás sem medo
Aos majestosos paços neptuninos:

Lá no seio de um concavo rochedo
Jaz de meu páe a esplendida morada,
D'onde para te ver saî tão cedo:
De ouro, e saphiras altamente obrada,
E de lustrosas conchas de mil cores
Com mimoso artificio variada,
Attrairá teus olhos, e os Amores,
Que te acompanham, lograrão, pasmados,
Mais prazer entre as aguas, que entre as flores:
Ali sobre diaphanos estrados
Oh Lilia, a par de Thetis, e Amphitrite
Repousarão teus membros delicados:
Em honra tua festival convite
Farei aos patrios deuses: o meu gosto
Nos mesmos immortaes inveja excite:
Meu venerando páe, no solio posto,
Com grave riso, e placida alegria
A senil ruga alisará no rosto:
Rubros coraes, fulgente pedraria
Te off'recerá nos candidos regaços
A chusma das Nereidas á porfia:
Aquella mesma, que em gostosos laços
Pretende unir-me a si, teus olhos vendo
Confio que te aperte entre seus braços:
Tanto poder terás! Ah! Vem correndo,
Que já seus raios de ouro o Sol dardeja
Do ethereo carro, o mundo esclarecendo:
Punge os Ethontes, como que deseja
A quéda anticipar nas aguas, onde
De perto, oh nympha, tuas graças veja.

Vem, pois, encanto meu, vem, corresponde
Ao fervoroso amor, em que me inflammo,
Sáe d'entre a basta sélva, que te esconde.
Mas ai, que em vão te rogo, em vão te chamo:
Nem fazes caso de meu ser divino,
Nem das lagrimas tristes, que derramo.
Peito insensivel, peito diamantino,
As maviosas preces da ternura
Não amaciam teu rigor ferino.
Ah! Basta de cegueira, e de loucura,
Basta de suspirar, paixão funesta:
Quem ha de n'uma penha achar brandura?
Viboras, que jazeis n'essa floresta,
Vingai-me, envenenai c'o tenue dente
A ingrata, que me foge, e me detesta:
Sinta rabidas ancias, como sente
Meu triste coração, de amor ferido,
Atassalhado de peor serpente.....
Mas não. Furias do inferno, eu vos convido!
Sois mais dignas de mim: de vós se vale
Um deus irado, um deus escarnecido:
Rebentai de vulcão, que o mundo abale,
E a peste, que exhalais do peito horrendo,
O ferreo coração de Lilia rale!»
Calou-se, e do alto escolho á pressa erguendo
O formidavel corpo, inda mais alto,
E as negras mãos, phrenetico, mordendo,
Por entre as ondas se abysmou de um salto.

II.

(Maritimo.)

A NEREIDA.

Á Foz do Mandovi sereno, e brando
Alicuto infeliz estava um dia
Amorosos queixumes espalhando:
  Alicuto, o maritimo, que ardia
Por Glaura, das Nereidas a mais bella,
Que em vitrea lapa sem pezar o ouvia.
  Doudo pela não ver, doudo por vel-a,
E nas algosas pedras debruçado,
Bradava d'esta sorte ali por ella:
  «Tanto, oh Glaura cruel, te desagrado,
Que não deixas por mim, nem um momento,
As crespas ondas, o liquor salgado!
  Olha que em ais, e em lagrimas o alento
Me vai fugindo, que a mordaz saudade
Me róe continuamente o soffrimento:
  Olha que lá me tens a liberdade,
E que mais te não peço em recompensa,
Que um ar benigno, uns longes de piedade.

É digno tanto amor de tanta offensa?
Ah! Que me faz odioso? A má figura?
O pé gretado, a pallida presença?
Queres só quem te eguale em formosura:
Pois sabe, que jámais verás objecto,
Que possa merecer tua ternura.
Não devo á Natureza um grato aspecto,
É verdade: o meu merito consiste
N'um claro entendimento, e puro affecto.
Se a compasso da lyra o verso triste
Entôo alguma vez, ao som canoro
Ninguem, não sendo tu, ninguem resiste:
Que provas mais fieis de que te adoro,
Que este incansavel pranto? E finalmente,
Do meu mister que requisito ignoro?
Na manobra quem é mais diligente
Que eu? Quem sabe deitar melhor o prumo?
Quem no leme, e n'agulha é mais sciente?
A carga no porão com regra arrumo,
Sei pôr á capa, sei mandar á via,
Como qualquer piloto, e dar o rumo:
Sei como hei de correr com travessia,
E pela balestilha, ou pelo outante
Achar a latitude ao meio-dia:
Sei qual estrella é fixa, e qual errante;
A Lebre, o Cysne, a Lyra, a Náu conheço,
E Orion, tão fatal ao navegante.
Talvez muito vaidoso te pareço;
Mas devo assim falar, para que vejas
Que teus desdens, oh nympha, não mereço;

E se o que digo é pouco, e mais desejas,
Irei, pois, outros meritos ganhando,
Até que tu de mim contente estejas:
Tentarei, por fazer teu genio brando,
Nunca tentados, nunca vistos mares,
Os meus antepassados imitando;
E agora, se teus olhos singulares
Pozeres á flor d'agua um só minuto,
Dando-me allivio, serenando os ares:
Quero fazer-te um mimo... ai! Já te escuto,
Ouço-te já dizer, que não cubiças
Donativos do misero Alicuto;
Mas apezar de tantas injustiças,
Hei de cada vez mais mostrar-te o fogo,
Que tu com teu rigor n'esta alma atiças.
Ah! Vem, Nereida, amanse-te o meu rogo:
Se te enoja o falar, e estar comigo,
Não fales, apparece, e vai-te logo.
Topámos ha tres dias o inimigo
N'altura de Chaúl; travámos guerra,
Sentiu do portuguez o esforço antigo;
Fez-se uma preza, repartiu-se em terra
Inda agora: o quinhão, que lá me deram,
Este pintado cofrezinho encerra.
Nas mãos um collar de ouro me pozeram
Sobre aljofares mil: vi que, por bellos,
Do teu collo, e teus pulsos dignos eram.
O mesmo foi pegar-lhes, que trazel-os
Para off'recer-tos: vem (não é desdouro)
Vem acceital-os, ou, sequer, vem vel-os;

Mas que precisas tu, se és um thesouro,
Se tens mais lindas pérolas na boca,
Se tens ouro melhor nas tranças de ouro!
Loucas idéas! Esperança louca!
Louco Amor! E off'reci com voz ousada
Á filha de Nerêo cousa tão pouca!
Mas se nem alma tão fiel te agrada,
Um pobre, oh Glaura, um triste marinheiro
Que mais te ha de off'recer? Não tem mais nada.
Já te entendo (ai de mim!) Bem sei, primeiro
Qual Glauco irei vagar no pégo vasto
Sobre as espaldas de delphim ligeiro;
Pelo embate das ondas será gasto
Do suberbo Neptuno o gran tridente,
E os palmares ás phocas darão pasto;
Lá no opposto horizonte do occidente
O dia apontará, primeiro (ah dura!)
Que tu me attendas uma vez sómente.
Eu que fiz, miseravel! Por ventura
Amor é crime? Para ser querida
Não creou Jove eterno a formosura?
A que foi como eu, no mar nascida,
Por vencer Juno, e Pallas na belleza
Mais que Pallas, e Juno é applaudida.
Porém se ainda assim suppões vileza
Soffreres que um mortal se affoute a amar-te,
Sendo tu de mais alta natureza;
E se levas a mal o importunar-te
Com ais um coração desesperado,
Tyranna, porque tardas em vingar-te?

Pune, pune este amor desatinado;
Eu não fujo, aqui estou; das ondas sáia
Tragador jacaré, por ti mandado.
Sobre mim de repente o monstro cáia:
Folgarás, vendo o sangue de meu peito
Ás golfadas saltar, tingindo a praia;
E eu morrerei contente, e satisfeito
Por escapar de estado tão penoso,
E inda mais por morrer por teu respeito.
Só temo que o meu caso lastimoso,
O deploravel fim de meus amores
Faça teu nome a todos horroroso.»
Proseguiria o triste em vãos clamores,
Mas viu, que para ali vinham remando
Nos lubricos sadós os pescadores,
E ficou mudo, para o mar olhando.

III.

(Pastoril.)

FILENA, OU A SAUDADE.

Que terna, que saudosa cantilena
Ao som da lyra Melibeo soltava,
O pastor Melibeo, que por Filena,
Pela branca Filena em vão chorava!
Inda me fere o peito aguda pena,
Quando recordo os ais, que o triste dava,
O pranto que vertia, amargo, e justo
Á sombra, que ali faz aquelle arbusto.
  Tu, maviosa a chôros, e a clamores,
Tu, Venus (Venus só na formosura)
Luz de meus olhos, unicos amores
D'esta alma, e seu prazer, sua ventura;
Que, reclinada, amarrotando as flores,
Descanças em meu peito a face pura,
Ouve-me os ais, e as queixas de outro amante,
Que ao teu no ardente extremo é similhante.

«Céos! (assim começou, e eu escondido
Entre as copadas arvores o ouvia)
Por vós em duras magoas convertido
Vejo em fim todo o bem, que possuia:
Á candida Filena estar unido
Julgastes que um pastor não merecia:
A mais doce prisão de Amor partistes.
Ajuda, triste lyra, os versos tristes.
«Mal haja a lei dos fados inclemente!
O seu poder, o seu rigor praguejo:
Morte! Geral verdugo! Estás contente?
Já saciaste o sôfrego desejo?....
Mas Filena inda é viva, inda me sente
Suspirar nos seus braços: inda a beijo!....
Ah meus olhos, morreu: sem alma a vistes.
Ajuda, triste lyra, os versos tristes.
«Em ti, chara Filena, a sepultura
Tem de Amor, tem das Graças o thesouro;
Ali te arranca a morte acerba, e dura
Da mimosa cabeça as tranças de ouro:
Eis terra, eis cinza, eis nada a formosura...
Ah! Que não pude perceber o agouro
Com que esta perda, oh fados, me advertistes!
Ajuda, triste lyra, os versos tristes.
«Um dia, ha tempos, Lénia, a feiticeira,
Me disse: «Grande mal te está guardado!»
Não m'o quiz declarar, e ave agoureira
De noute me piou sobre o telhado:

Cuidei que perderia a sementeira,
O rebanho, o rafeiro... ah desgraçado!
Perdeste mais, e a tanto inda resistes!
Ajuda, triste lyra, os versos tristes.

«A tua meiga voz, o teu carinho
Maior falta me faz, minha Filena,
Que lá no bosque ao rouxinol sósinho
Da presa amiga a doce cantilena:
O teu branco, amoroso cordeirinho,
Mal que se viu sem ti, morreu de pena:
Balar saudoso, oh montes, vós o ouvistes.
Ajuda, triste lyra, os versos tristes.

«O meu rebanho definhou de sorte,
Depois que te perdi, que anda caîndo;
Sécca estes campos o halito da Morte
Desde que ella sumiu teu gésto lindo:
Rogo-lhe vezes mil, que me transporte
Lá onde, como estrella, estás luzindo,
Lá onde alegre para sempre existes.
Ajuda, triste lyra, os versos tristes.

«A roseira tambem, que tu plantaste,
Teu prazer, e prazer da Natureza,
Murchou-se logo assim que te murchaste,
Oh flor na duração, flor na belleza!
A pequenina rôla, que apanhaste,
Não comeu mais, finou-se de fraqueza:
Por que blasphemia, oh deuses, me punistes?
Ajuda, triste lyra, os versos tristes.

« Já pelas selvas, ao raiar da aurora,
Caçando, as tenras aves não persigo;
Tudo me ancêa, me enfastia agora,
Nem soffro os que por dó vêm ter comigo:
Figura-me a saudade a toda a hora
Ternas delicias, que logrei comtigo.
Ah! Quão depressa, gostos meus, fugistes!
Ajuda, triste lyra, os versos tristes.

« Como as formigas pelo chão, no estio,
Ou como as folhas pelo chão, de hynverno,
No afflicto coração, que em ais te envio,
Jazem penas crueis, quaes as do inferno:
Ora me sinto arder, outr'hora esfrio,
Desfaz-me em ancias um veneno interno:
Talvez meus pés, oh viboras, feristes!
Ajuda, triste lyra, os versos tristes.

« Nos troncos, e nos marmores gravêmos
Memorias de Filena idolatrada,
Tão digna de suspiros, e de extremos,
De tantos corações tão cubiçada:
Amor! Amor! Seu nome eternizêmos...
Ai, que me falta a voz! Soccorro, amada;
Conforta-me dos céos, aonde assistes!
Não mais, oh triste lyra, oh versos tristes.»

IV.

(Pharmaceutrio.)

CRINAURA, OU O AMOR MAGICO.

JÁ, da noute ametade annunciando,
O gallo velador tinha cantado;
Regougavam nas serras as raposas,
Carpiam pelas arvores os mochos,
E no sordido lago as rans coaxavam.
Por entre densas, pluviosas nuvens,
Prenhes de raios, transluzia apenas
Semi-morto clarão da frouxa lua.
Entregue ao somno o racional jazia
Ou nos braços de amor, ou solitario,
Sobre cama de feno, ou leito de ouro,
Segundo teus caprichos, oh Fortuna,
Com que dás tudo a uns, a outros nada.
Só n'um bosque de viboras coalhado,
Fertil de sombras, sombras dos infernos,
N'um ermo, onde não ha pégada humana,

Que dos magos noctivagos não seja,
Velava um d'elles, o amoroso Elmano,
Perto de turvo, e rapido ribeiro,
Que do atro seio de horrorosa gruta
Com rispido susurro ía correndo.
Phantasmas infernaes, que a negra Noute
Arroja a terra, sacudindo o manto,
Vagavam por ali: Górgonas, Furias,
Que o pavoroso barathro vomita,
Que exhalam peste das crueis entranhas,
As serpes, as melenas assanhavam
Em torno do infeliz, queixoso amante,
Influindo-lhe a raiva, a dor, e a morte.
No centro da terrivel assembléa
Com carrancudo aspecto o malfadado
Só tinha em ti, Crinaura, os pensamentos:
Tu lhe negavas o fulgor suave
Com que teu rosto os céos abrilhantaram;
Longe estavas, cruel; porém suppriam
Aos olhos corporaes os olhos d'alma;
Longe estavas, cruel; porém pasmado
Na phantastica imagem de teu gésto,
Que vivamente Amor lhe debuxava,
D'esta maneira os ares atroava:
«Potentes versos meus, arte divina,
As tartareas cavernas invadistes,
Commovestes Sumano, e Proserpina,
Hydras, Cerastes, Furias attraístes:

Da fresca lua a face cristalina
Com tenebrosas nuvens denegristes,
Domais as féras n'esta horrivel matta:
Só não podeis vencer Crinaura ingrata.
«Versos! Versos! Oh dadiva celeste!
Apinhando os delphins ao som da lyra,
O musico Arion remir podeste
Das cubiçosas mãos, em que caîra:
Desarraigaste as arvores, soubeste
As penhas derreter! Amor te inspira,
Amor a força tua em mim dilata,
E não has de vencer Crinaura ingrata!
«Versos! Versos! Nas ermas sepulturas
Com graça, pelas Graças influida,
Furtando as almas das prisões escuras,
Tornais ás cinzas o calor, e a vida:
A Dite, revogando-lhe as leis duras,
Tirais a nympha, do áspide mordida:
Tanto pódes, oh arte aos deuses grata!
Só não triumpharás d'aquella ingrata!
«Ah! Sim, tentemos outra vez a Sorte;
A ternura porfie, a paixão teime;
Deixai-me, oh Desenganos, longe, oh Morte:
Deus Phebo, teu fervor minha alma queime!
Eia, Venus, e Amor, dai-me um transporte
Digno de vós: oh filho! Oh mãe! Valei-me,
Não só, não só por mim, de vós se tracta:
Vós venceis, se eu vencer Crinaura ingrata.

«Solte-se a vêa, principie o encanto;
Versos! Versos! Crinaura! Eu t'os envio.
Eis nas plumas do Zephyro o meu canto,
Eis Iris sobre o ar humido, e frio:
Céssa o berro da ran, do mocho o pranto,
Ficam mudas as Furias, mudo o rio:
Lá mostra a lua a face prateada,
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

«Esta semente, de fragrancia bella,
Aos raios veneravel como o louro,
Planto aqui: flores mil brotarão d'ella
Subito... ah! Ei-las, é feliz o agouro:
Accendâmos tres vezes esta véla,
Crestêmos á terceira este bisouro:
Minha mestra m'a deu, Canidia, a fada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

«As amoras silvestres espremâmos
N'este vaso de Alceo, magico experto;
Sobre o licor sanguineo desfaçâmos
Folha a folha este cravo meio-aberto:
Misturêmos-lhe agora o mel, e os ramos,
Que torrei, que moí, remedio certo
Contra o negro lacráo: não falte nada;
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

«Pondo este roto véo, que era de Circe,
Depois batendo o pé, Lamia podia
Converter-se em morcego, e restituir-se
Á forma natural, quando queria:

Eis o buço de lobo: a sabia Tirse
Com elle assombros mil tambem fazia:
Já com isto em serpente a vi mudada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.
«Puz a seccar debaixo de um penedo
Crescida, e gorda ran, que apanhei viva;
Dous ossos lhe guardei: pondo-lhe o dedo
Qualquer amante, seu amor se aviva;
Têm a virtude, em fim, têm o segredo
De amansar lobos: a caduca Oliva
Com elles das mãos d'um foi já tirada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.
«A torta vara, com que Ilêo fazia
Milhões de espectros negrejar nos ares,
Com que ao minimo aceno embravecia
Placidas auras, bonançosos mares:
Parte do incenso, que Medéa impia
Dava da horrivel Hécate aos altares,
Guardo n'aquella gruta, ao sol vedada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.
«Falta a cinza (eil-a aqui) do corvo branco,
Que Licidas caçou, que tanto estimo:
Dos feridos com ella o sangue estanco,
E os quasi mortos, em querendo, animo:
Eis a admiravel planta, com que arranco
As mais cravadas settas, eis o limo,
E esta concha, no Euphrates apanhada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

«Produzi, meus encantos, vosso effeito
Para gloria de Amor, e gloria minha;
Venha curar o mal, que me tem feito,
Aquella, em cujos olhos me mantinha:
Trazei-a... ah! Que prazer me inunda o peito,
Que luz, que objecto para mim caminha!
Que força occulta as forças me restaura!
Basta, meus versos: ali vem Crinaura.»

V.

(Pastoril.)

ARSELINA.

LÁ onde em fôfa espuma se despenha
O gárrulo Alviéla transparente
De alcantilada, ruinosa penha,
  Quando as sombras caîam do occidente,
Renovando seus ais a ave nocturna,
E a ran loquaz seu cantico estridente;
  Jazia o triste Elmano em ampla furna,
Que, roçando a corrente cristalina,
Nega o concavo seio á luz diurna.
  Ali ao som da humilde sanfonina
O pastor solitario em vans endeixas
Dava ás traições, e ás graças de Arselina
Ternas saudades, lastimosas queixas:
  «Desce, Noute piedosa, estende o manto,
Que douram do céo puro os vivos lumes;
Torna, torna este horror mais denso, em quanto
Dirijo inuteis ais aos surdos numes;

Dobra a tristeza do funereo canto,
Oh mocho, affeito ás sombras, aos queixumes,
E tu, com quem meus males só mitigo,
Instrumento fiel, geme comigo.

«Arselina se entrega ao rude Algano,
Em campos, em manadas opulento;
De amor se esquece, esquece-se de Elmano,
Elmano lhe voou do pensamento.
Cruel certeza! Amargo desengano!
E inda não me abafais o ancioso alento!
Vida, teimosa vida, eu te maldigo!
Instrumento fiel, geme comigo.

«Fujam das mães os timidos cordeiros
Para o lobo voraz de hoje em diante;
Vôem para os milhafres carniceiros
A pomba namorada, a rola amante;
Unam-se os céos, e os ingremes outeiros,
Oh torpe Algano, aos brutos similhante,
Que Arselina tambem se uniu comtigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

«Eu, captivo de amor, cantando amores,
Mil vezes tenho os Zephiros calado;
Eu pelos maioraes, e guardadores
O cantor, o poeta sou chamado;
Eu, e mais de uma vez, com hera, e flores,
Vencedor no arraial, fui já c'roado;
Eu passei na carreira o leve Eurigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

« Algano, mais agreste, e carrancudo
Que as noutes, em que o sul goteja, e berra,
Sabe apenas seguir o arado agudo,
E os bois aguilhoar, se acaso emperra;
Nas festas, nos serões parece mudo;
E estala, quando vê na alheia terra
Ceres mais liberal, mais grado o trigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

« Mas, tal qual é, dos mimos de Arselina
Gosa o boçal vaqueiro, em quanto eu chóro;
No collo a negra face lhe reclina,
E une a mão calejada á mão, que adoro....
Ah pastora infeliz! Que encanto, ou sina
Te fez de um monstro escrava! Eu te deploro:
Tens na tua cegueira o teu castigo.
Instrumento fiel, geme comigo

« A gralha idosa com sinistro agouro,
Triste mulher, predisse-me o teu fado;
Mas ai, que van chimera! A fome de ouro
Fez-te perjura, e fez-me desgraçado.
Tiveste por baixeza, e por desdouro
Dar-te a pobre pastor de extranho gado:
Desdenhar a indigencia é uso antigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

« Porém no fatal dia, em que formaste
O pacto vil com sordida avareza,
Não tremeste, infiel, não te lembraste
De tantos votos de immortal firmeza?

Das vezes, que em teus braços me apertaste,
Do ultimo excesso, da maior fineza?
Dize tu, dize, oh Noute, o que eu não digo!
Instrumento fiel, geme comigo.

«Ah! Praza, praza aos céos, que ainda seja
Pezado á falsa o laço vergonhoso;
Ah! Praza, praza aos céos, que eu inda a veja
Chorar desprezos do grosseiro esposo:
Para meu vingador o Fado elejo,
O mesmo, que o viver me faz penoso;
Do meu socego o barbaro inimigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

«As chagas, que me abriu alma perjura,
A imagem da traição, que nos affasta,
A ausencia curará, que tantos cura,
O tempo gastará, que tudo gasta;
Mas em que fundo a nescia conjectura,
Se invencivel poder me attráe, e arrasta?
Á cabra segue o lobo, a Amor eu sigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

«O galgo esguio, a lebre temerosa
Hão de unidos brincar por entre o mato;
Tereis, branco jasmim, sanguinea rosa,
Desengraçada a côr, e o cheiro ingrato:
Será mais que a do cysne harmoniosa
A voz do negro corvo, ou rouco pato,
Antes que cesse o mal, que n'alma abrigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

« Em quanto o succo do tomilho amarem
Os mordazes enxames voadores,
E o sol, e a lua pelo céo girarem,
E a mais bella estação der vida ás flores;
Quantos arderem, quantos suspirarem,
Quer tristes, quer ditosos amadores,
Hão de falar de mim com dor, e espanto.
Instrumento fiel, põe fim ao pranto. »

VI.

(Piscatorio.)

LÉNIA.

As ARVORES estavam gotejando,
Bramia ao longe a costa, e resoava
Pavoroso trovão de quando em quando:
  Tudo horror, e tristeza respirava;
Os ares, a montanha, o rio, o prado,
E mais triste que tudo Elmano estava;
  O pescador Elmano, o malfadado,
Que em aziago instante a luz primeira
Viu lá nas praias, onde morre o Sado.
  Tu, pernicioso Amor, fatal cegueira,
Reinavas no infeliz, que em vão carpia
Do claro Mandovi sobre a ribeira.
  «Oh Náiade formosa! (elle dizia)
Oh Lénia encantadora, a meus clamores
Tão surda como a surda penedia!
  Da boca, sempre escaça de favores,
Que te exhala um perfume, um ar divino,
Mais doce do que o halito das flores,

De uma palavra só pende o destino
Da paixão deploravel, com que gemo,
Que se vai transtornando em desatino.
Reduzido me vejo a tal extremo,
Tão macerado estou pelo desgósto,
Que até me esfalfa o menear do remo.
Por ti com terno pranto alago o rosto,
Por ti mil noutes vélo, amargurado,
E ao mau relento n'almadia exposto.
Já que tens nos teus olhos o meu fado,
Vem consolar-me ao menos co'um sorriso,
Vae-te depois, e deixa-me enganado.
Ha quantas horas estas margens piso!
Ha quantas pelas ondas te procuro!
Ha quantas, quantas mais te não diviso!
Da tua branda vista o raio puro,
A cor celeste, o frouxo movimento
Acclarem, branca Lénia, o tempo escuro.
Assanha as ondas o impeto do vento,
Negreja pelos ares o sombrio
Grosso vapor do hynverno turbulento.
Gloria das nymphas, gloria d'este rio,
Surge, assôma, apparece, e teus encantos
Farão subito aqui brilhar o estio.
Ao som das aguas ouvirás meus cantos,
Ou antes (se meus versos abominas)
Ao som das aguas ouvirás meus prantos.
Sáe das humidas lapas cristalinas,
Onde Thetis louçan comtigo mora,
Thetis, em cujos braços te reclinas.

Oh feliz pescador! Oh feliz hora!
Oh dia de prazer, se te mereço,
Que sáias uma vez das ondas fóra!
Não posso dar-te aljofares de preço:
Tortos buzios, seixinhos luzidios,
E amor, é o que tenho, isso te off'reço....
Que sonhos! Que illusões! Que desvarios!
Quererás estes dons tu, que appeteces
Ais a milhares, lagrimas em rios!
Tu, que foges de mim, que me abhorreces,
E que talvez contente lá no fundo
Ao echo de meus gritos adormeces!
Tu mais cruel que o tigre furibundo,
Que o jacaré voraz, e as outras feras
Das toscas brenhas, e do mar profundo!
Tu, que n'um odio barbaro te esmeras,
Quando a ter compaixão de meus gemidos
Até dos brutos aprender podéras!
Quantas vezes, de ouvir-me enternecidos,
Sobem á tona d'agua os lisos peixes,
Que já não são do meu anzol feridos!
Ah! Teu cego amador morrer não deixes,
Sequer mostra-te ao longe, inda que os bellos
Olhos teus, por não ver-me, oh Lénia, feches.
Negas, talvez, piedade a meus desvelos,
Porque de lá me espreita o cabelludo,
Monstruoso Tritão, fervendo em zelos?
Elle é deus, eu mortal, mas não tão rudo,
Não tão negro, como elle, e até lhe opponho
Um amor mais sincero, e mais sisudo.

Em fim, de ser quem sou não me envergonho,
Nem tenho, oh Lénia, que rogar ao Fado,
Quando co'a posse de teus mimos sonho.
Pergunta a quantos vêm do Tejo, e Sado,
Se ali me condemnou vil nascimento
A este, em que mourejo, humilde estado?
Sempre entre os mais honrados tive assento,
Venho dos principaes da minha aldêa:
Não cuides que vans fabulas invento.
Lá sobre lindas flores, que menêa
Sadia viração, cantei mil versos,
Mil versos, de que tinha a mente chêa.
Trabalhos, afflicções, fados adversos
A melodia, a graça me apoucaram
Em climas, do meu clima tão diversos.
Porém que digo! As aguas inda param,
Se alguma vez em doce, em triste canto
Meus frouxos labios o meu mal declaram.
Só tu, nympha gentil, d'esta alma encanto,
Me foges, e suppões que te assegura
Perpetua gloria meu continuo pranto.
Condição, insensivel á ternura
Do mais perdido amante, a Natureza
Te deu para senão da formosura.
Não alardêes da feroz crueza:
Pondera, que o rigor póde privar-te
De adorações, que attráe tua belleza.
Mas não, já me desdigo. Onde, em que parte
Ha de existir um coração tão duro,
Que por seres cruel deixe de amar-te?

Se qual chêa, que aterra estavel muro,
Tu, posto que suave, e brandamente,
Avassallas o arbitrio mais seguro?
Ah! Vem por cima da fugaz corrente
Dar lenitivo á dor, que despedaça
Meu fiel coração, meu peito ardente.
Concede a tantos ais só esta graça:
Vem, Lénia, vem dizer-me por piedade,
Que alto excesso de amor queres que eu faça.
De bom grado, e sem medo á tempestade,
Se o mandares, verás, que á véla eu corro:
O mal, com que não posso, é a saudade.
Mas impia, tu não vens, não dás soccorro
Ás minhas afflicções, aos meus clamores;
Eu caio, eu desfaleço, eu morro, eu morro...
Cavai-me a sepultura, oh pescadores!

VII.

(Pastoril.)

FELIZA.

No carro azul, de estrellas marchetado
A deusa, que o silencio traz comsigo,
Dera a parte maior do giro usado.
  No molle colmo, no grosseiro abrigo
Convertia as fadigas dos pastores
Em doce languidez o somno amigo.
  Nem bocejava Zephyro entre as flores,
Nem murmurava o Tejo, e só carpiam
Comtigo, Elmano, as Musas, e os Amores.
  Elles teus pensamentos attraîam,
Ellas na lyra, a queixas costumada,
Os lassos, frouxos dedos te regiam.
  Anguîcoma Sibylla, annosa fada,
Envolta em parte do nocturno manto
N'uma gruta, onde jaz do Averno a entrada,
  Leu, susurrou lá de horrido recanto
Teu destino em fatidico volume
Á luz do inextinguivel amianto.

Foste por lei de inexoravel nume,
Que chamam Sorte, condemnado ás penas
Do inferno dos viventes, o Ciume.

Negra paixão, que as almas envenenas,
Que, cevando em visões o pensamento,
Bradas pela vingança, á morte acenas:

São ternos corações o teu sustento,
E em torrentes o pranto, o sangue em lagos
Grata bebida a teu furor sedento.

Amor é todo riso, é todo affagos;
Tu, de suave planta amargo fructo,
És todo horrores, phrenesis, e estragos.

Como que o pobre Elmano ainda escuto,
Que ao céo volvia o rosto amargurado,
Nunca de acerbas lagrimas enchuto;

Como que ainda observo o desgraçado
Lá nos campos de Scálabis antiga,
Onde está vigiando alheio gado.

Memoria, sê fiel, para que eu diga
As magoas, que espreitei, pasmado, e mudo
Quando... mas ao silencio a dor me obriga;
Musas, falai, nem todos podem tudo.

« Em quanto a compassiva escuridade
Adoça minha dor, minha tristeza,
Em quanto na geral tranquillidade
Se refaz a cançada Natureza,
Com prantos de ciume, e de saudade
Gastêmos d'estas rochas a dureza.
Acompanha meus ais, brando instrumento,
Une teus sons, oh lyra, ao meu lamento.

«Não corre o Tejo, o vento não respira,
Lobo não huyva, môcho não prantêa,
E o doce rouxinol, que amor inspira,
Não trina affagos, nem a ran vozêa:
O tenue vagalume apenas gira
Pelos ares, dourando a sombra feia;
Dos queixumes de amor eis o momento;
Une teus sons, oh lyra, ao meu lamento.

«Cavei no rio, semeei nos ares,
Presumi nos leões achar brandura,
Os ventos apalpar, conter os mares,
E no amargoso fel achar doçura;
Quando, exercendo excessos a milhares,
Quiz segurar o que ninguem segura,
O feminino, errante pensamento.
Une teus sons, oh lyra, ao meu lamento.

«Qual a tenrinha flor, que o chão matiza,
E os Zephyros attráe com seu perfume,
Murcha, e desbota, se o descuido a pisa,
Ou da fouce a reparte o liso gume:
Tal a esp'rança, que me deu Feliza,
Amortecida jaz pelo ciume,
Serpe, que nas entranhas apascento.
Une teus sons, oh lyra, ao meu lamento.

«Chamam-te gosto, Amor, chamam-te amigo
Da Natureza, que por ti se inflamma;
Dizem que és dos mortaes suave abrigo;
Que enjôa, e péza a vida a quem não ama:

Mas com dura experiencia eu contradigo
A falsa opinião, que um bem te chama:
Tu não és gosto, Amor, tu és tormento.
Une teus sons, oh lyra, ao meu lamento.
« Feliza de Silêo! Quem tal pensára
D'aquella, entre as pastoras mais formosa
Que a vermelha papoula entre a seara,
Que entre as boninas a côrada rosa!
Fileza por Silêo me desampara!
Oh céos! Um monstro seus carinhos gosa;
Ancia cruel me esfalfa o soffrimento.
Une teus sons, oh Lyra, ao meu lamento.
« Ingrata, que prestigio te hallucina?
Que magica illusão te está cegando?
Que fado inevitavel te domina,
Teu luminoso espirito apagando?
O vil Silêo não põe na sanfonina
Geitosa mão, nem pinta em verso brando
Ondadas tranças, que bafeja o vento.
Une teus sons, oh lyra, ao meu lamento.
« Á rude casca do carvalho annoso
É conforme o pastor, que me preferes;
Ganhar na aldêa um titulo affrontoso
Com este amor indigno, oh varia, queres?
Porém de que me admiro! Ai desditoso!
Quem prende os corações das vans mulheres?
Capricho, és tu, não tu, merecimento!
Une teus sons, oh lyra, ao meu lamento.

«Metade do infeliz genero humano
Deriva da mulher gosto, e desgosto,
Que ella sabe co'a voz dourar o engano,
O inferno traz no peito, o céo no rosto;
Seu character falaz, seu genio insano
De imperfeições, de vicios é composto:
Seu corpo de mil graças é portento.
Une teus sons, oh lyra, ao meu lamento.

«Mas, pastora infiel, se a melodia
Do canto, em que entoava os teus louvores,
A vontade, os sentidos te attraia,
Como juraste á face dos Amores,
Dá-me a razão da horrenda aleivosia,
Que cede a torpe objecto os teus favores;
Finge-a, que eu te perdôo o fingimento.
Une teus sons, oh lyra, ao meu lamento.

Mas que razão darás á falsidade,
Que te enxovalha, que te infama o peito,
Senão, que é propria n'elle a variedade,
Senão, que á vil perfidia o tens affeito?
Constancia feminil é raridade:
(Ouvi ao bom Francino este conceito)
Em vão recordo o sabio documento,
Une teus sons, oh lyra, ao meu lamento.

«Talvez... oh ancias! A importuna Aurora
Os ares manso, e manso purpurêa;
Já volve a praguejada, infeliz hora,
Que os ais me corta, as queixas me refrêa;

Fujâmos, pois, que a musica sonora
Dos ledos passarinhos mais me ancêa;
Té que a noute abrilhante o firmamento,
Cessem, lyra, os teus sons, e o meu lamento.

VIII.

(Pastoril.)

FLERIDA.

Oh monte, monte esteril, e escalvado,
Amiga solidão, tristeza amiga!
Eis um pobre pastor, e um pobre gado,
Eu cheio de saudade, elle de fome:
    Permitte Amor, que eu diga
Por desaffogo o mal, que me consome:
    Os clamores sentidos
Da solitaria nympha, que responde
    A meus ternos gemidos
Lá da gruta, ou da matta, em que se esconde;
    Vão ser n'outros outeiros,
Vão ser n'outras montanhas pregoeiros
Das ancias, a que Flerida me obriga,
E tu ouve injustiças do meu fado,
Da minha doce, e barbara inimiga,
Oh monte, monte esteril, e escalvado,
Amiga solidão, tristeza amiga.

Despenhada corrente,
Modèra a natural velocidade:
Ah! Que assim como foges, de repente
Fugiu do peito a Flerida a piedade;
Assim como te lanças
No valle, onde te empoças, onde canças,
Do seio da Alegria
Caîu meu coração no da Agonia.
Para ouvires melhor um descontente,
Sumido n'esta inculta soledade,
Despenhada corrente,
Modèra a natural velocidade.

Passarinhos amantes,
Já cantei como vós, mas já não canto:
Passarinhos errantes,
A vil ingratidão me deu quebranto.
Flerida está-se rindo, Amor suspira,
Vendo no chão desfeita a minha lyra;
Amor, que os sons piedosos lhe emprestava,
Com que o monte abalava,
Com que as aguas prendia,
Com que o bruto rebanho enternecia.
Ah! Morreu-me o prazer, nasceu-me o pranto,
Não sou quem era d'antes.
Passarinhos amantes,
Já cantei como vós, mas já não canto.

Oh Napéas mimosas,
Que tendes preso Amor nas tranças de ouro,

Onde o perfume dos jasmins, das rosas
Adoça o captiveiro ao moço louro!
Oh mimosas Napéas!
Vós, que por entre as flores,
Já fugindo aos caprinos amadores,
Já compassando festivaes coréas,
Defendeis innocente formosura
Do perigoso assalto da ternura,
Vinde, vinde attender-me;
De vós não quero amor, quero piedade,
Nem vós podeis prender-me,
Que eu deixei n'outras mãos a liberdade.
Vinde ouvir minhas vozes lastimosas,
Mais tristes que a dos passaros de agouro,
Oh Napéas mimosas,
Que tendes preso Amor nas tranças de ouro.

Amo Flerida bella,
Tão bella como vós, porém mais dura,
Amo Flerida, aquella,
Que foi a Amor, aos céos, e a mim perjura;
Aquella, que algum dia
Entre os candidos braços me apertava,
Que apenas os meus ais voar sentia
Suspiros com suspiros misturava;
Que n'um terno transporte
Jurou pela alta mão, que move o raio,
Que, a ser possivel, com valor constante,
Com risonho semblante
Mil vezes tragaria o fel da morte

Primeiro (oh juras vans!) que me negasse
Os seus olhos gentis, por quem desmaio!
Aquella, que me deixa,
Que nunca suspeitei que me deixasse.
Vós, que ouvis minha queixa,
Cordeiros, ovelhinhas,
Que para mim com magoa estais olhando,
Promessas da cruel, promessas minhas,
Vós escutastes, de prazer saltando,
N'esses dias tão bons, tão suspirados.
Ah nymphas! Enterneçam-vos meus brados,
Eu Satyro não sou d'esta espessura:
Vinde-me ouvir dizer, chorando n'ella:
Comigo foi relampago a ventura;
Assim, assim o quiz Flerida bella,
Tão bella como vós, porém mais dura.

Oh céos! Oh natureza,
Que a Flerida formaste de outra massa,
Que lhe déste uma graça,
Qual nunca possuiu mortal belleza,
Ah! Não vedes a fera! E como abusa
Dos attractivos seus, que vós creastes,
Que tão mal empregastes!
Parece, que, zunindo, o vento a accusa!
Não vistes como pôz no esquecimento
O sancto, o formidavel juramento!
Escarnecer de um misero, que geme,
Não é dizer, oh céos, que vos não teme?
Não vingueis minha offensa,

As offensas vingai, que vos tem feito....
Que é isto, oh deuses? Tendes-lhe respeito!
Surja lethal vapor da Estyge infensa
A affear-lhe as formosas
Faces angelicaes de neve, e rosas,
A amortecer-lhe a luz encantadora,
Que em seus olhos chammeja:
O perjurio da bella enganadora
Nas suas perfeições punido seja.
Sim, vingança, castigo,
Raios contra a cruel... mas ah! Que digo!
Coração miseravel, tu deliras!
Pedes vingança, raios, e suspiras!
Vingança! Contra quem? Que pensamento!
Que sacrilego rogo!
Ah! Não, perdoa, Amor, foi desaffogo
Da paixão, do tormento.
Oh desejo maligno,
Feroz desejo, da minha alma indigno,
Onde vôas? Detem-te,
As estrellas não toques,
A terrivel justiça não provoqués
Do braço omnipotente.
Eu vingar-me! Phrenetica lembrança!
O crime é menos vil, do que a vingança.
Eu vingar-me! E d'aquella,
Que sendo tão tyranna, inda é mais bella!
Elmano, morre tu, — Flerida viva
Quer branda, quer esquiva;
Respeita-lhe a pasmosa gentileza,

E vós não dupliqueis minha desgraça,
Oh céos! Oh natureza!
Que a Flerida formastes de outra massa.

Amor sem frueto, amor sem esperança
É mais nobre, mais puro,
Que o que, domando a rispida esquivança,
Jaz dos agrados nas prizões seguro.
Meu leal coração constante, e forte,
Vendo a teu lado accezos,
Flerida ingrata, os odios, os desprezos,
O rigor, a tristeza, a raiva, a morte,
Forjando contra mim, por ordem tua,
Mil settas venenosas,
Em premio d'estas lagrimas saudosas,
Inda assim continûa
A abrazar-se em teus olhos... Vis amantes,
Corações inconstantes,
De sórdidas paixões envenenados,
Vós, a cujos ardores,
A cujos desbocados
Infames appetites
A virtude, a razão não põem limites,
Suspirai por illicitos favores,
Cevai-vos em torpissimos desejos,
Tractai, tractai de louco um amor casto;
Que eu nos grilhões, que arrasto,
Tão limpos como o sol, darei mil beijos.
Peçonhenta alliança,
Vergonhoso prazer, de vós não curo:

De ti sim, porque és puro,
Amor sem fructo, amor sem esperança,

Vamo-nos, gado meu, — Suspiros, basta,
Que ninguem vos escuta
Mais que esta arvore agreste, aquella gruta,
E a corrente fugaz, que a banha, e gasta.
Não é delirio, que meus ais intentem
Achar piedade em cousas, que não sentem,
Quando são tão tyrannos
Os corações humanos,
Que folgam c'os martyrios, que padeço?
Quando... ah céos! Que enrouqueço,
Já sinto o peito de gemer cançado.
Basta, suspiros, vamo-nos, meu gado.

IX.

(Pharmaceutrio.)

ULANIA, OU O AMOR VENCIDO.

Em selva, onde não entra a luz do dia,
Se entranhou, alta noute, o mago Ilano,
A cuja voz o inferno estremecia.
  Contra o poder do universal tyranno,
Contra Amor praticar determinava
Seu terrivel poder, mais do que humano.
  A funereo cypreste, onde cançava
Mesto mocho importuno o som presago,
Que á negra solidão o horror dobrava,
  Não longe de um dormente, e turvo lago,
Em que esparzia a ran seus roucos gritos,
Se encostou suspirando o triste mago.
  Na aberta, esquerda mão tinha os maldictos
Preceitos da sciencia tenebrosa,
Com sangue de hydra por Medéa escriptos;
  Tinha na dextra a vara portentosa,
Que acordava os cadaveres na escura
Subterranea morada pavorosa.

Mil, e mil serpes, de horrida figura,
A par d'elle apinhadas se enroscavam;
Zoando em torno a lobrega espessura:
Os nocturnos luzeiros desmaiavam,
As azas os Favonios encolhiam,
Medrosos dos conjuros, que esperavam:
Eis que elle os olhos, que em paixão ferviam,
Pelo denso logar correndo em roda,
Aos encantos, que as Furias constrangiam,
Estes medonhos versos accommoda:

«É meia-noute em ponto, é tempo idoneo
Ao rito, ao acto, fertil de prodigios:
Descrevo um amplo circulo na terra,
Firo co'a planta o chão, co'a vara os ares,
E do torvo Sumano ao reino escuro
Mando o forçoso, pertinaz conjuro.
«Oh tu, que lá na região da morte
Dás leis com ferreo sceptro em ferreo throno,
Mercê do roubador, que á luz surgindo,
Veiu arrancar-te do vergel trinacrio:
Outorga-me o favor, que em ti procuro;
Hécate, sê propicia a meu conjuro.
«Já cem vezes o sol tem assomado
Sobre o purpureo, lucido horisonte;
Depois que intenso ardor me escalda as veias,
Depois que adoro Ulania... ah! Que um rochedo,
É menos frio que ella, é menos duro.
Hécate, sê propicia a meu conjuro.

«Potentes, magas vozes susurrando,
Já outr'hora esmagar tentei debalde
A vibora de Amor, que róe meu peito,
Qual pasce em Promethêo o açor bravio;
Mas de novo os prestigios aventuro.
Hécate, sê propicia a meu conjuro.

«Reina o silencio, dorme a natureza,
Menos eu, menos vós, oh rans, oh mochos
Socios da noute, da tristeza amigos!
Calai-vos, não turbeis as sérias cousas,
Os mysteriosos versos, que murmuro,
Hécate, sê propicia a meu conjuro.

«Se o magico poder me dobras hoje,
Fusco bezerro, de enramadas pontas,
O altar, que te erigi na vasta furna,
Tinto de negra côr, côr que te é grata,
Em ondas banhará de sangue puro.
Hécate, sê propicia a meu conjuro.

«Ah! O agouro é feliz: da esquerda parte
Crestou fulminea luz o véo da noute;
Já debaixo dos pés me foge a terra,
Já sulphureo vapor o Averno exhala
Por bocas mil, que abriu no bronzeo muro:
Hécate está propicia a meu conjuro.

«De tantos, e tão graves professores
D'esta arte, que transcende a natureza,
Nem um só tem noticia do thesouro,
Que me deu moribundo o velho Ormano,
Meu mestre, a quem devi alto conceito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.

« Herdei de Alcina o calis encantado,
Que os que n'elle bebiam transformava
Em rios, feras, arvores, penedos;
Tenho o annel, com que Angelica formosa
Invisivel tornava o doce aspeito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.

« Conservo o côto da cerulea tocha,
Que só nas ermas horas d'alta noute
Empunhava Canidia, quando, oh Manes,
Soltas as tranças, enfiado o rosto,
Ía abanar-vos o marmoreo leito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.

« De uma fera, que imita a voz humana,
Que os mortos do sepulchro extráe, faminta,
Em caixa de azeviche os olhos guardo;
Convertem-se-lhe em pedras, quando morre;
Da cova de Merlim trouxe-os Bieito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.

« O nitido pavez do mago Atlante
È meu tambem: no alifero ginete
Com elle o velho a quantos se lhe oppunham
Attonitos, e cégos derribava.
Da materia solar parece feito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.

« Com estas, e mais cousas milagrosas
Tem caído a meus pés suberbos touros,
Leões horrendos, maculosos tigres;
Mas contra tì, cruel, que me devoras,
De outras mais presentâneas me aproveito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.

«Roçando a singular planta merathro,
Restaura a serpe o lume aos turvos olhos:
Contra tua cegueira, e teu veneno
No desengano assim minha alma encontre
Luz salutar, antidoto perfeito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.

«Nos bosques de Ida o cervo assetteado
Corre ao dictâmo, engole-o, cáe-lhe a frecha:
Com egual promptidão ceda aos prestigios
Aquella, que invisivel me traspassa,
Ulania, dura Ulania, a teu respeito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.

«Eis lume accendo c'o fusil de Ormano,
Que produz instantanea labareda
Sobre a lígnea materia, a que se applica.
Já pega, estala, ondêa a rôxa flamma,
E em cima os pós veneficos lhe deito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.

«Com ferruginea agulha uma picada
Dou sobre o coração d'este morcego,
E digo: Como a esta ave nocturna
Pelo golpe mortal se escôa a vida,
Tal tu me fujas, que me tens subjeito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.

«Com rigido cordel de septe cores
Enleio vezes tres esta figura,
Que a desabrida Ulania representa;
Outras tantas depois me curvo á deusa
Das trévas: o impar numero é-lhe acceito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.

«Bem como n'esta pedra de amianto
Arde pasmosa chamma inextinguivel,
Se atêe, e ferva em mim perpetua sanha,
Implacavel rancor contra o tyranno,
Que esmaga os corações em laço estreito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.
«Dou tres nós n'esta fita de tres pontas,
E co'as palmas das mãos eis os desfaço,
Esfregando-os sómente: o nó, que déste
Na minha liberdade, oh monstro cego,
Com prodigio maior seja desfeito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.
«Do modo que este corvo, rociado
De somnifero humor, qual o do Lethes,
Cabecêa, estremece, e cáe sopito,
Cale, adormeça em mim tenaz lembrança
De Ulania, da cruel, e a teu despeito
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.
«Como a garrula ran no charco immundo
A vozear de noute é costumada,
Tu, execrando algoz da humanidade,
A tragar os mortaes, a encher a terra
De males sem medida estás affeito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.
«Mordo as mãos, bato o pé, retorço a vista;
As filhas de Acheronte arremedando,
E com tremenda praga Amor fulmino.
Perfido, injusto! Engulam-te os infernos;
Basta, obedece ao magico preceito,
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.

« Oh céos! Que assombro! Os olhos se me enxugam,
Aos tristes labios os sorrisos voltam!
Já n'alma os furacões, que me agitavam,
Trocados sinto em placida bonança!
O encanto produziu ditoso effeito:
Amor cedeu, fugiu, deixou meu peito. »

X.

(Piscatorio.)

AS TAGIDES.

Interlocutores:
SADINO, TAGANO.

Soneto Dedicatorio
Ao Illustrissimo Senhor Desembargador Sebastião José Ferreira Barroco.

Nem só commove o tom de altos cantores;
Enternece tambem, tambem recrêa
Ao som de cristalina, e tarda vêa,
A rude, e baixa voz dos pescadores.

Tu, pois, cujo pincel prȯduz mil flores
Dos campos, que Hippocrene afformosêa,
Queixumes contra Armia, e Dinopéa
Ouve a seus desgraçados amadores.

Ais, que deram no Tejo, aqui voaram,
Depois de serem lá dẽsattendidos
Das Tagides crueis, que os motivaram;

Agora vão parar nos teus ouvidos,
E n'elles com razão, Sebástio, param,
Que não te enojas de escutar gemidos.

De Sadino, e Tagano os vãos clamores
Em tosco verso renovar desejo,
Ambos amantes, e ambos pescadores.
  Parece-me que ainda os ouço, os vejo,
Como quando escondido os espreitava
Onde, salgado já, susurra o Tejo.
  No regaço de Thetis descançava
O louro Phebo, á porta do occidente
A Noute sobre o carro negrejava;
  Ía para os casaes a rude gente;
Só do curto batel os dous soltavam
Queixas, lagrimas, ais inutilmente:
  Morriam de saudades, suspiravam
De amor por Dinopéa, e por Armia,
Que entre o coro das tagides brilhavam.
  O choroso Tagano a voz erguia,
E Sadino apoz elle: eu sempre attento
Decorava entretanto o que lhe ouvia,
  E tal era o reciproco lamento:

TAGANO.

  Armia, no semblante mais serena,
Que o manso Tejo azul, quando nem bole
A tenue viração na tarde amena,
Embalando o raminho curvo, e molle;
Mais impia a quem por ti nem olhos cerra,
Que o tubarão no mar, que o lobo em terra:

SADINO.

Dinopéa, mais loura, e mais corada,
Que a nuvem da manhan, do sol ferida;
Mais branca, mais gentil, mais engraçada
Que a deusa, que é dos deuses tão querida;
Mais cruel, mais fatal a um triste amante,
Que o canto da serêa ao navegante:

TAGANO.

Mil vezes corro a praia, ora apanhando
Conchinhas para ti, bella inimiga,
Outr'hora dos penedos arrancando
Raiados mexilhões, de que és amiga:
As mãos, por te agradar, mil vezes firo,
E nem sequer me soffres um suspiro.

SADINO.

Ruivas lagostas, maculosas trutas,
O salmonete, o pampano te off'reço
Para attrair-te, para ver se escutas
Parte das penas, que por ti padeço;
Mas se vou dar-t'os, foges de improviso,
E nem sequer me enganas co'um sorriso.

TAGANO.

Viste bater no baixo pedregoso
Misera náu, dos ventos impellida,
Que, aberto o fragil centro cavernoso,
Em breve pelas vagas é sorvida?
Pois, qual a triste náu sobre os escolhos,
Minha alma vim perder n'esses teus olhos.

SADINO.

Não tens visto das ondas agitada
A boia, sem parar um só momento,
Ou quem sobre escarcéos com ancia nada,
Quasi rendido á furia do elemento?
Pois tal meu coração, por culpa tua,
Em amorosas lagrimas fluctua.

TAGANO.

Inda, nympha cruel, não te enternece
Um triste, em pranto, em ais quasi desfeito?
Ah! Que não sabes quanto mal parece
Um feroz coração n'um lindo peito,
N'um corpo delicado alma tão dura,
Tanta maldade em tanta formosura!

SADINO.

Não basta ainda, oh Tagide, não basta
De offensas, de rigor, de iniquidade?
Em que peito arderá paixão mais casta,
Do que a minha paixão? Quem na lealdade,
Quem me vence no amor? De um teu benigno,
De um teu suave olhar quem é mais digno?

TAGANO.

Querem-se os brutos: amam-se os golfinhos,
E os outros peixes no interior das aguas;
Dão-se mil beijos os fieis pombinhos,
A todos causa amor prazer, ou magoas:
Só tu, que o seu poder não reconheces,
Nem por Amor te alegras, nem padeces.

SADINO.

Gemer o deus da gruta os céos ouviram
Pela filha do mar, mãe dos Amores;
Namorado Neptuno as ondas viram,
E ao selvatico Pan os seus pastores;
Ardeu tambem por Acis Galatéa:
Quem te resiste, Amor? Só Dinopéa.

TAGANO.

Se por ser pescador te desagrado,
Se o meu sórdido officio te injuría,
Tambem com redes Glauco foi creado,
Glauco viveu tambem da pescaria:
Que importou ser humilde? É deus agora,
Hoje como deidade o mar o adora.

SADINO.

Se acaso de meu rosto a côr tostada,
Meus pés grosseiros, meu cabello escuro,
E esta mão, das escotas calejada,
Me ganham teu desprezo amargo, e duro,
Vê, que nem só na graça, e na belleza
Faz consistir seus dons a natureza.

TAGANO.

Eis por entre as estrellas vem raiando
A alva lua... eia, assome, oh nympha bella,
Teu brando corpo sobre o Tejo brando,
E sobre o Tejo brilhará mais que ella;
Dá, dá gloria a meus olhos... mas ai louco,
Que esfalfo em gritos vãos o peito rouco!

SADINO.

Deixa, causa gentil de meus martyrios,
Deixa o fundo arenoso, é tempo, amansa
Com tua vista as ancias, os delirios
D'esta alma, que sem ver-te não descança;
Vem, pois, e o meigo Amor comtigo venha...
Mas triste, com quem falo! Ah! co'uma penha.

TAGANO.

Suaves esperanças até'gora
Nutri de amaciar teu genio duro,
Que por costume ao coração, que adora,
Sempre se representa um bem futuro;
Mas menos cego já, menos insano,
Ouvidos quero dar ao desengano.

SADINO.

Até'gora pensei que os teus rigores
Á força das finezas cederiam;
Que minhas queixas, lagrimas, e amores
Ao menos compaixão te inspirariam;
Credulo fui, mas já desenganado
Conheço que o meu mal provêm do fado.

TAGANO.

Já não te afflijo mais, cruel, socega,
Repousa, vive alegre, e descançada;
Nunca mais, apezar da paixão cega,
Com meus gritos serás importunada;
Mas teme que dos deuses a vingança
Venha punir tão barbara esquivança!

SADINO.

Já me calo, cruel, já não prosigo
N'estes vãos desafogos da amargura;
Assás desperdicei meus ais comtigo,
Desperdiçal-os mais será loucura;
Mas treme, treme; ainda que te escondas,
O raio vingador penetra as ondas!

Faltos de alento os dous aqui pararam,
Um para o outro olhando,
Em silencio a chorar continuando;
E depois que esgotaram
De infructuosas lagrimas o peito,
Se foram recolher no tosco leito.

XI.

(Pharmaceutrio.)

ELFIRA.

O DURO hynverno as arvores despia;
Pelos cumes da serra branquejavam
As niveas cans ao turbido Janeiro;
Lodoso o rio, em rapida torrente
Excedendo as barreiras pedregosas,
Dos campos destruïa o verde ornato;
Relampago fugaz crestava os ares,
Fendia o negro bojo ás altas nuvens
Co'a momentanea luz, que a espaços doura
O procelloso horror; — de quando em quando
Sentia-se o trovão roncar ao longe;
Envolta n'um cerrado, escuro manto,
Estava semi-morta a natureza.
Já por entre o crepusculo soltava
A estrella occidental seu frouxo lume;
Já da Cimmeria cova a mãe das sombras
Vinha no carro d'ebano esparsindo

Silencio, confusão, pavor, cegueira;
Vinha com denso véo, das mãos pendente,
Dando prazer a amor, logar ao crime.
Eis saúda Lorvêo a amiga Noute,
Lorvêo sumido em humida caverna,
Em subterranea abobada gretada,
Onde, oh lua, onde, oh sol, depois de haveres
Vingado o cume azul dos céos brilhantes,
Pelas fendas do tecto entrais a medo;
(E onde agora a profunda escuridade
Mantêm a densidão, o horror sustenta
Entre desmaios de cerulea véla,
Cujo avaro clarão sáe de um recanto,
E parece, a tremer, que receoso
Está da habitação, ou do habitante!)
Teus preceitos fataes elle professa,
Sciencia horrenda ao mundo, ás Furias grata,
Sciencia atroz, que os Áquilos enfrêas,
Que ora em raza campina o mar convertes,
Ora em montes d'espuma aos céos o elevas;
E, revogando as leis ao Fado, á Morte,
Do seu carcere eterno os manes sóltas.
No duro chão do lobrego aposento
Mixtas em bando o magico rodeam
Tristes aves de agouro; a preta gralha,
Tu, mocho velador, tu, corvo infesto;
A vibora mordaz ali serpêa,
O negro sapo immundo aos pulos berra;
Ali se aninha o languido morcêgo;
E ali, á varia turba presidindo

O mestre insigne das tartáreas artes,
Revolve agora os magicos mysterios.
Na mente absorta em lugubres idéas,
Murmura agora os horridos conjuros,
Os versos, a que annue a estygia deusa.
Indo principiar seu rito infando
Tres vezes lhe estremece o lar medonho,
O pallido carão se lhe affoguêa,
Aos olhos côr da noute os lumes torce,
Carrega um tanto o rispido sobr'olho,
Herriça-se-lhe a grenha, arqueja, espuma,
Vibra a vara efficaz, e açouta os ares,
Susurra, bate o pé . . . Subito a chusma
De aves e bichos pávida emmudece.
Vendo em silencio tudo o fero mago
Nos astros embebido assim se exprime:
«Aureas estrellas, que inspirais na terra
Diversas condições, diversos fados!
Do influxo, que de vós se desencerra,
Hoje os encantos meus sejam tocados:
De Amor, que anda comigo em dura guerra,
Os farpões adoçai, no inferno hervados;
Meus destinos vencei, crueis e adversos:
Astros potentes, ajudai meus versos.
«Triplice deusa, oh Hecate, oh consorte
Do torvo rei, que o barathro governa!
Vós, Manes, vós, Eumenides, tu, Morte,
Que vos cevais no horror da sombra eterna:

Minos, e os dous irmãos, a quem por sorte
Coube exercer do damno a lei superna,
Punir traidores, atterrar perversos,
Sede-me attentos, escutai meus versos.
  «Tu, que as luzes de Phebo, oh Cynthia, acclaram,
Hoje o teu quinto giro estás fazendo,
Hoje do seio maternal brotaram
Plutão, e as filhas de Acheronte horrendo:
E os que serras de serras carregaram,
Sacrilegos aos céos arremettendo;
Este dia fatal o encanto aspira:
Triumphai, versos meus, da ingrata Elfira.
  «Tyranna, por quem são meus males tantos
Quantas aréas volve o mar comsigo,
Por quem vou desfazendo em ais, e em prantos
O coração, que em ti não acha abrigo:
Podendo subjeitar-te a meus encantos,
Só de humilde brandura usei comtigo;
Mas já que um doce amor em vão suspira,
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.
  «Peito, a ferinos peitos similhante,
Rebelde á natureza, hoje veremos
Se o que não podem lagrimas do amante
Podem do iroso magico os extremos.
Tolher não has de que a victoria cante,
Com forças desiguaes vencer queremos;
Eu com versos e amor; tu só com ira.
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira,

« Segredos murmurando o mago astuto
A lua arranca da azulada esphera,
Reclama as almas a Charonte hirsuto,
Da vasta natureza as leis altera:
Das tres gargantas adormenta o bruto,
De sombras cóbre o sol, no Averno impéra:
Mesmo aos céos, quando quer, terror inspira.
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.

« As regras, que estudei co'a fada Olena
Vinguem minha paixão, e o teu desprezo;
Dous ramos de cypreste, um de verbena
Queimo no enxofre, de repente accezo:
Ao mocho agourador tiro uma penna
Junto da cauda, e pelas azas preso
Agora o crésto na sulphurea pyra.
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.

« D'este apertado circulo no meio
Ponho a sinistra mão, depois o apago;
Tres vezes para traz aqui passeio,
E debaixo dos pés tres rans esmago:
Raspo esta pedra, que do Ganges veiu,
Trazida por Fatino, illustre mago:
Insoffrivel calor de si transpira.
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.

« Esta figura, que em metal gravada
É de audaz campeão, que um tigre aterra,
Esta figura, talisman chamada,
Mil virtudes sympathicas encerra;

Bem como a fera aqui representada
Se rende ao bravo heróe, caîndo em terra,
Renda-se-me a cruel, o encanto a fira.
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.
«Lidai, artes veneficas. Eis n'esta
Já morna decocção da dormideira
Tres vezes de um morcego alago a testa,
E cairá dormindo á vez terceira:
Mixturo cinco folhas de giesta,
Com a flor amarella, que não cheira;
E subita fragrancia eil-a respira.
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.
«Como esta cêra se derrete ao lume,
O rijo coração d'Elfira escaça
Adorando o poder do idalio nume
Em lagrimas piedosas se desfaça:
Como arde esta resina, este betume,
Como se afferra aos dedos esta massa,
Presa, ardendo por mim, quem já te vira!
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.
«Encravo de urso preto as duras garras
Na garganta loquaz de corvo antigo,
Fazendo verdejar tres seccas parras,
Elfira, inda não vens? (com˝ancia digo):
Tórro na quente cinza estas cigarras,
De aréca tres porções depois mastigo,
Fructo, que a corrupção prohibe, ou tira.
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.

«Qual, pungido da sede, em pouco espaço
Vôa o rapido cervo á fonte amena,
Caminhes tu, meu bem, com leve passo
A mitigar meu pranto, e minha pena:
Mas céos! Eu vejo Elfira!.. Elfira abraço!..
Eis, eis dos olhos seus a luz serena!..
Ah! Menos conseguiste, Orphêo, co'a lyra.
Não mais, encantos meus: cedeu-me Elfira.

XII.

(Pastoril.)

ARMIA.

Interlocutores :
ELMANO, JOSINO.

JOSINO.

Salve, meu charo Elmano, em fim voltaste
D'Scalabis aos campos, onde outr'hora
Cantando os versos teus nos encantaste.
 Porem que avêsso te diviso agora
Do que estavas então! Fere-te o peito
Interna magoa, que se vê por fora.
 Pastor, ás Musas, e á ternura affeito,
Que mal te aconteceu? Talvez padeces
O de amor, a que tudo está subjeito?
 Elmano, o antigo Elmano (ah!) não pareces;
Conta-me, por quem és, o teu desgosto;
Quanto o devo sentir já tu conheces.

ELMANO.

 Banhai-me sempre, lagrimas, o rosto,
Té que este corpo misero, e cançado
Tenha na fria sepultura encosto.
 Chorêmos, coração desenganado,
Chorai, nymphas gentis, gentis Amores,
Com lagrimas de sangue o nosso estado.

Oh céos! Oh rio! Oh arvores! Oh flores!
Eis o mais consumido, o mais saudoso
Entre a turba infeliz dos amadores.

JOSINO.

Refrêa o terno pranto copioso,
E co'um peito fiel reparte, amigo,
Damnos, que te grangêa o fado iroso.
Se és qual foste, qual fui, qual sou comtigo,
Dize-me a tua magoa, o teu segredo,
Que no meu coração terá jazigo.
Como que nos acêna este arvoredo,
Movendo-se tão manso que parece
Estão soprando os Zephyros a medo.
Sentêmo-nos: contado o mal decrece;
A queixa é natural; e a philomela
No raminho cantando a pena esquece.
Imita, meu pastor, o exemplo d'ella;
Do peito amargurado a voz desata:
Que pastora te afflige, ingrata, e bella?

ELMANO.

Pastora bella sim, mas não ingrata,
Dá motivo a meu pranto, a meu tormento;
Não mata de rigores, de amores mata.
No momento em que a vi (fatal momento!)
Para seus olhos meigos me voaram
A vontade, o prazer, e o pensamento.

Elles a noute carrancuda acclaram,
N'elles as Graças vivem, n'elles moram
Os que ardentes farpões em mim disparam.
D'elles o céo, e a terra se namoram,
Serenos como as aguas em remanso,
Lindos no gosto, e lindos quando choram.
Dei por elles meu siso, e meu descanço,
Custam-me esta saudade, esta agonia,
E os ais, que sem proveito aos ares lanço.

JOSINO.

Tórno a dizer: — se extremos de algum dia
Inda te não passaram da memoria,
Claramente de mim teus males fia.
D'este queixoso amor a inteira historia,
Dando-te a dor logar, saber quizera:
Crê que a ninguem por mim será notoria.

ELMANO.

Se da amisade a força me não dera
Causa, oh Josino, a declarar qual ando,
Tambem meu mal por mim ninguem soubera.
Lá onde o Tejo teu, que vai manando
Tão claro para o mar, se damna, e torna
Em salgado e feroz, de doce e brando;
Vasta planicie de arvores se adorna,
Junto de um fresco valle, onde sereno
Murmurante cristal no chão se entorna:

Dos Arroios se chama o valle ameno;
Alem d'elle o casal tem n'um recosto
Armia, por quem ardo, e por quem peno.
Ella, e Felisa, em voz, em modo, em rosto,
Em tudo, sendo irmans, differem tanto
Como em calor differe Abril de Agosto.
A fama, que por lá ganhei no canto,
Os meus laços teceu, guiou-me um dia
Á minha desventura, ao meu encanto.
De ouvir-me curiosa a mãe de Armia
Roga a dous socios meus, Montano, e Fido,
Me levem ao casal onde vivia.
Segui-os, fui, olhei, fiquei perdido
D'amores e desejos por aquella,
Que nunca fugirá do meu sentido.
Descancei mansamente os olhos n'ella;
Mudo lhe expuz meu mal, e a vi, e achei-a
Fagueira, maviosa, alem de bella.
Já leda nos meus versos se recrêa,
Minha lyra lhe apraz, e em meus louvores
Não soffre se anticipe a lingua alheia.
Calados, mas dulcissimos favores
Desfructo do meu bem, e ambos sentimos
Os brandos corações arder de amores.
Ligados desde a hora em que nos vimos,
Fomos passando o tempo em doce estado,
Em furtiva ternura, e cautos mimos.
Da mãe, e irmãos d'Armia era prezado,
(Irmãos, porque esquecia o moço Ansélo,
Que sempre então me desejava ao lado!)

Porem tu, da innocencia atroz flagello,
Tu, oh calumnia vil, n'um fero instante
Nos foste malograr tanto desvelo.
Ditosos n'este amor egual, constante,
(Turbado ás vezes só pelo ciume,
Necessaria pensão do peito amante)
Davamos ternos ais, e algum queixume,
Sem recear mudanças da ventura,
Vária por genio, vária por costume.
Eis se arma em nosso damno, eis se conjura
Contra a nossa alegria um maldizente,
Tão mordaz como as feras da espessura.
Péssima producção de má semente,
Infimo pegureiro, o vil Domicio,
Que d'ali longo tempo andára ausente,
Era por compaixão, por beneficio
Acceito, recebido, agasalhado
Nos lares onde Amor me foi propicio.
Em baixas cantilenas mal versado
Ás vezes, mas debalde, usar queria
Das Musas immortaes o dom sagrado.
Este, pois, com sagaz aleivosia
(Sem que jámais de mim provásse offensa)
Um seductor me finge á mãe d'Armia.
Ella acredita o monstro; em raiva intensa
Arde contra a paixão, que em nós conhece,
Olha-nos já com rispida presença.
Claro de dia em dia o tedio cresce,
Converte-se em rigor o affago d'antes,
Tudo nos desampara, e nos empece.

Nós desvalidos, miseros amantes,
Com disfarces em vão cegar queremos
A cuidadosa mãe, e os circumstantes.
Todos a nosso amor contrarios vemos:
Comigo desleaes Montano, e Fido
Condemnam quaes delictos meus extremos.
Para tormentos mil eu fui nascido;
Quiz soffrer o peor, sacrificar-me
Áquella, que me tinha ali rendido.
A furto não deixava de amimar-me,
Dizendo-me: «Toléra a mãe raivosa,
Até que o tempo as furias lhe desarme.»
Mas vendo, a seu pezar, minha alma anciosa
Que de alguns dons, que devo á Natureza,
O desconto me faz Fortuna irosa;
Ousado me arrojei a extranha empreza;
Fugi subitamente ao charo objecto,
Para evitar-lhe a maternal dureza.
No peito a dor, e a pallidez no aspecto,
Morrer longe de Armia amante, e bella,
Era ao principio meu feroz projecto:
Mas o fervente amor, que me desvéla,
Me disse ao coração que não perdesse
A gloria, o bem de padecer por ella.
Á morte eu antepuz este interesse:
(Se alguem a si prefere a sua amada,
O fiel, o estremado amante é esse!)
Em fugir ao meu bem vi requintada
Esta acceza paixão, que me transporta,
Paixão, que é tão leal quão desgraçada!

E dado todo á magoa, que me corta
O triste coração, sem tino a mente,
Com alma esmorecida, ou quasi morta;
Deixo aquelles contornos de repente,
Desertos, solidões achar desejo,
Onde as aves da noute andem somente.
Mil vezes canço, vezes mil forcejo
Por caminhar no matto, onde me entranho,
E em fim (sem saber como) aqui me vejo.

JOSINO.

Com lagrimas as tuas acompanho;
Mas a quem, meu pastor, conhece o mundo
Nenhum mal como o teu se faz extranho.
A solida exp'riencia em que me fundo
Bravezas das paixões em mim quebranta,
Salvando-me de um pégo tão profundo.
Amor nos multiplica, e nos encanta,
Docemente ligado á natureza,
Os homens, os mortaes ao céo levanta:
Mas se influe o prazer n'uma alma acceza,
Ás vezes todavia em nós se afferra,
Qual monstro de impia garra, aguda preza.
O velho Auliso não treslê, não erra
Em dizer, e affirmar que amor é fogo,
Fogo devorador de toda a terra.
Mas cumpre haver, Elmano, um desafogo,
Um córte nas paixões. Valor, constancia,
Não chores, cáe em ti, cede a meu rogo.

Os males diminue a tolerancia;
De amor o activo incendio se modéra
C'os auxilios do tempo, e da distancia.
Attento n'este prado a dor tempéra;
Vê como brilha na planicie amena
A vistosa estação da primavera.
Olha a corrente como vai serena,
Ouve quão branda pelos ares sôa
Das aves a amorosa cantilena.

ELMANO.

Primeiro que este mal, que me magôa,
Césse de me affligir, serão gostosos
Os ecchos do trovão, que o mundo atrôa:
Serão sem graça os passaros mimosos,
As estrellas sem luz, sem pranto a aurora,
Bravos os cabritinhos buliçosos.

JOSINO.

Não te quero opprimir, prantêa embhora;
Mas em penhor de affecto, ao puro amigo
Ao menos um prazer concede agora.
Acompanha meus passos, vem comigo,
Que já são horas de acolher-se o gado.

ELMANO.

Sim, Josino fiel, eu vou comtigo;
Mas soffre lamentar-se um desgraçado.

XIII.

(Piscatorio.)

ULINA.

De Pedrouços na praia extensa e fria,
Quando, extinguindo os astros, apontava
No corado horisonte a luz do dia:
  Sósinho um pescador se lamentava,
Em quanto na tenaz fateixa preso
Seu batel sobre as ondas fluctuava:
  D'amores o infeliz perdido, accezo,
Derretia-se em lagrimas queixosas,
Provando amarga dor, cruel desprezo.
  Ulina, irman das tagides formosas,
E inveja das irmans, a bella Ulina,
Lhe motivava as ancias lastimosas.
  Em seus olhos gentis, com que domina
Rendidos corações Amor tyranno,
Em sua linda face, e voz divina,
  Perdêra a liberdade o terno Elmano
(Assim se nomeava o triste amante,
Que ainda não cedia ao desengano).
  «Oh tu (clamava o cego, o delirante)
Filha das ondas, como as ondas pura,
E tambem como as ondas inconstante!

Que mal te fiz, que mal? Porque tão dura
Negas doce attenção, doce piedade
Aos ais de amor, aos prantos da ternura?
Se és prole de Neréo, se és divindade,
De feia ingratidão como te infamas,
Vicio, que enche de horror a humanidade?
Que premio dás ao coração, que inflammas?
Teu prazer, teus amores me chamaste,
Teu odio, teu desgosto hoje me chamas.
Risos e affagos em desdens trocaste,
Risos e affagos mil, com que os sentidos,
Com que os livres sentidos me enlaçaste.
Meu canto foi suave a teus ouvidos,
Hoje aos ouvidos teus sómente é grato
O rouco, inutil som dos meus gemidos.
As lagrimas de amor, que em vão desato,
Amarguras, que em miseros clamores
Á terra, ao vento, ao mar, e ao céo relato,
Dobram-te as iras, cevam-te os rigores;
E debalde a teu lado estão carpindo,
Chamando-te á piedade os meus amores:
De meus ais, de meu mal tu, impia, rindo,
Tens por timbre, por gloria a tyrannia,
Manchas co'um genio fero um rosto lindo.
Noute, mais clara para mim que o dia,
Minha prisão forjou, quando eu folgava
No regaço da paz, e da alegria.
Ferindo a lyra, ao ar meus versos dava
N'esta lustrosa praia; a branda lua
Lá no cume dos céos então brilhava.

Eis sobre as aguas limpidas fluctua
Das nymphas o tropel, e Amor me off'rece
O sereno esplendor da face tua;
Confusamente aos olhos me apparece
Entre as mais; e um sagaz presentimento
De todas por melhor te reconhece.
Levaste-me na voz o pensamento;
Sendo, oh nympha, o momento de escutar-te
Da minha perdição fatal momento.
Vieste sobre a margem reclinar-te,
Jurando que meus sons encantadores
Poderam d'entre as ondas arrancar-te.
Absorto me deixaram teus louvores,
E o ver das bellas nymphas a mais bella
Mover-se á rude voz dos pescadores.
Que noute para mim, que noute aquella!
Tempo, que tudo estragas, e devoras,
Ah! Não me roubes as memorias d'ella.
Horas do meu prazer, benignas horas,
Ao menos consolai na idéa um triste,
Tende sequer phantasticas demoras.
Oh céos! Com quanto jubilo me ouviste,
Minha adorada Ulina, e quão mimosa
Que volvesse a teus olhos me pediste!
Que vezes n'esta praia deleitosa
(Que ufana de gosar teu meigo rosto
Mais fresca se tornava, e mais formosa)
Pintaste em brando olhar o amor, e o gosto!
Vieste, encanto meu, lograr comigo
As amênas manhans do claro Agosto!

Venturas, que idolatro, e que não digo,
Altas venturas, em que trago a mente,
O carinhoso Amor me deu comtigo.
Ah! Que nunca o prazer foi permanente;
Arremeda o relampago a alegria,
É tão fugaz como elle, e tão luzente.
Quando serenas glorias possuía,
E erguido ao céo d'Amor meu pensamento
Do terreo mundo vil já nada via,
Agros zelos traçaram n'um momento
A minha desventura, e quiz a Sorte
Fartar-se nos meus ais, no meu tormento.
Qual subita rajada aguda, e forte,
Que ao ledo, ao descuidado navegante
Esperança e baixel destróe co'a morte;
Tal para meu amor foi outro amante,
Que por ti, nympha ingrata, olhado apenas,
Viu terno acolhimento em teu semblante.
Desde então me abhorreces, me condemnas,
Do desdem, do ciume, e da saudade
Ás negras afflicções, ás duras penas.
Horrenda, carrancuda tempestade,
Que rebenta nas rochas, e ennegrece
Dos mares, e dos céos a claridade,
Á que toléro em mim não se parece:
Em breve aquella affrouxa, e se abonança,
N'esta, de dia em dia, a furia cresce.
Mas oh cruel, tristissima lembrança!
Se ao menos de outro o merito murchasse
A meus vivos desejos a esperança!

Se outro, digno de ti, me despenhasse
N'este abysmo de horror, n'esta agonia,
E os prazeres em flor me desfolhasse,
Desculpára a traição, a aleivosia,
A suberba, o desdem com que me tractas,
Quando fagueiro amor te merecia:
Porém de puros laços te desatas,
E n'um sordido nó tua alma prendes,
Exemplo das crueis, e das ingratas.
Esse rival objecto, a quem te rendes,
Não sabe em molle verso harmonioso
Cantar-te as perfeições, com que me accendes:
Não é constante, fervido, extremoso;
Pranto de amor aos olhos não lhe acode,
Não conhece o que vale um ai piedoso.
As rêdes, e os anzoes apenas pode
Introduzir no mar co'a mão bisonha,
E a isca preparar, que o peixe engode.
Oh quanto me envilece, e me envergonha
Esta amargosa idéa! Oh céos!... E é crivel
Que Ulina um torpe amante me anteponha!
Ciume abrazador, paixão terrivel,
Deixa-me; — oh tu, Razão, Razão sagrada,
Presta-me auxilio, torna-me insensivel!
Na mente por amor incendiada
Apaga, desvanece-me os encantos,
As graças, e o poder da minha amada.
Rompa-se um jugo, tão penoso a tantos,
Corre... mas ai de mim, que em vão te imploro
És surda a minhas preces, a meus prantos.

Não, não me attendes; e a infiel, que adoro,
Se paga, e se gloría, e se recrêa
Com as perdidas lagrímas, que choro.
Oh tu, que lambes a ditosa arêa,
Onde gosei mil gostos, mil favores,
Mar, que a muda bonança agora enfrêa!
Propicio á minha dor, e a meus clamores
Sacode a mansidão: tu, rei dos ventos,
Teus monstros sólta, excita-lhe os furores.
Travem raivosa guerra os elementos,
Em quanto no alto pégo a sepultura
Escôlho, por fugir aos meus tormentos.
Nocturnas aves da morada escura
Venham, voando, aqui carpir de dia
Os rigores de Ulina ingrata, e dura.
Amor, que tantos bens me promettia,
Quebre os crueis farpões, que me abrazaram,
Lance um ai de piedade, e de agonia.
Os delphins, os tritões, que me espreitaram
Mil vezes de sentidos, de invejosos,
Quando amorosas ditas me encantaram,
Agora enternecidos, maviosos,
Vejam como perece um triste amante,
Por culpa só de uns olhos tão formosos.
Brilhe alegre sorriso em teu semblante,
Origem de meu mal, doce inimiga,
Surge a vêr-me, entre as aguas fluctuante.
Graças ao mar piedoso, á morte amiga;
Ingrata; o seu poder (pois não te abrando)
Ao menos dos teus laços me desliga. »

Disse; è com turvos olhos foi trepando
Ao agro pico de rochedo ingente,
Que as ondas porfiosas vão cavando.
Para os céos ergue a vista, e de repente
Se arroja, se despenha o desgraçado,
Victima da paixão, dó mal que sente.
Eis que do seio do liquor salgado
Salta a nympha gentil, mimosa, e nua,
Dos ternos olhos seus objecto amado.
« Espera, charo amante! Inda sou tua!
(Exclama, e transportada as mãos lhe lança,
O infeliz arrancando á morte crua):
« Espera, torna em ti, não ha mudança
No meu candido amor; de vãos ciumes
Com fingida traição tomei vingança.
Não commetto a perfidia, que presumes,
Sou qual fui, sou fiel . . . » (E orvalha em tanto
De chorosa piedade os puros lumes).
Á voz, e á vista do seu doce encanto
No ancioso pescador, no amante afflicto,
Qual foi a confusão?.. Qual foi o espanto?..
De prazer desmaiou soltando um grito,
E a nympha padeceu no susto a pena
Do supposto, phantastico delicto:
Suspirando o conduz á praia amena,
Onde lhe dá dulcissimos instantes. . . . .
De puros gostos ineffavel scena,
Sempre te gosem corações amantes!

XIV.

DAPHNIS.

(Traducção da V. Ecloga de Virgilio.)

Interlocutores:

MENALCA, MOPSO.

MENALCA.

Já que n'este logar nos encontrámos
Eu versado no canto, e tu na flauta,
Mopso, porque razão nos não sentâmos
Entre estas avelleiras, cujas folhas
Quasi com as dos alamos se enredam?

MOPSO.

Tu és mais velho que eu, e a ti, Menalca,
Me cumpre obedecer. Ou descansemos
Á sombra d'estas arvores, que tremem
Co'as frouxas virações, ou antes vamos
Para a gruta, que ali se nos off'rece.
Olha como verdejam dentro n'ella
D'uvas agrestes pequeninos cachos!

MENALCA.

Nos nossos montes disputar-te a gloria
Pretende Amyntas só.

MOPSO.

Não se presume
Capaz de até vencer no canto a Phebo?

MENALCA.

Eia, Mopso, começa. Ou saibas versos
Aos amores de Philis, alva, e loura,
Ou em louvor de Alcão, ou á contenda
De Côdro, do bom rei, começa. Emtanto
Tityro cuidará dos nossos gados,
Que na varia planicie andam pascendo.

MOPSO.

Antes exp'rimentar uns versos quero,
Uns versos, que são meus, que inda outro dia
D'uma faia entalhei no verde tronco:
Ora os ía escrevendo, ora entoando.
Ouve, e dize depois ao fofo Amyntas
Que ouse, que venha disputar-me o premio.

MENALCA.

Quanto o molle salgueiro ás oliveiras,
Quanto o rasteiro arbusto d'alfazema
Cede á belleza do rosal corado,
Tanto, a meu parecer, te cede Amyntas.

MOPSO.

Basta, mancebo. Já na gruta estamos.
«Desgrenhadas as nymphas pranteavam
De morte lastimosa extincto Daphnis:
Vós fostes de seus ais, de seus lamentos
Testemunhas, oh arvores, oh rios,
Quando a pallida mãe tendo nos braços
O misero cadaver de seu filho,
Crueis aos céos chamou, crueis aos fados.
N'aquelles dias ninguem houve, oh Daphnis,
Ninguem, que fartos bois levasse ao rio,
E quadrupede algum n'aquelles dias
Não gostou agua, nem boliu na relva.
Té n'Africa os leões te deploraram,
Dizem-no os montes, dizem-no as flores.
Daphnis instituiu, mandou que o jugo
Ao carro snbmettesse armenios tigres;
Em honra a Baccho introduziu corêas,
E a revestir de pampanos os thyrsos
Ensinou aos pastores. Como as vides
Trepando são das arvores adornos,
E adornos são da vide os prenhes cachos;
Como servem de pompa, e de ufania
Ás manadas o touro, ao campo as mêsses,
Daphnis, eras dos teus o amor, a gloria:
Depois que os fados negros te levaram,
Pallés, e Apollo d'entre nós fugiram.
Estas nossas campinas, que abundavam
De barbadas espigas proveitosas,

Só brotam joio infesto, inuteis hervas.
Surge o cardo mordaz, a carça aguda
Onde a molle violeta roxeava,
E o purpureo narciso. Oh vós pastores,
Mil folhas pela terra ide esparsindo,
As frontes assombrai co'a rama agreste,
Daphnis quer que a memoria assim lhe honrem.
Um tumulo erigi, gravai-lhe em cima
Estes saudosos versos: «Eu fui Daphnis,
«Das selvas conhecido até os astros,
«D'um bello gado guardador mais bello.»

MENALCA.

É divino poéta, é o teu canto
Suave para mim, como é suave
O dormir sobre a relva aos fatigados,
Ou qual ao encalmado, ao sequioso
Matar a sede em limpido regato,
Que vai por entre seixos murmurando:
A teu mestre és egual, não só na flauta
Mas no verso, e na voz. Feliz mancebo!
Tu lhe has de succeder no dom, na fama.
Nós com tudo, pastor, como podermos
Algum verso tambem soar faremos:
N'elle ás estrellas ergueremos Daphnis,
O teu Daphnis aos céos irá com elle,
Que Daphnis se dignou tambem de amar-nos.

MOPSO.

Que prazer me darás maior que ouvir-te!

Daphnis é digno assumpto d'esses versos,
E ouvi a Stimicon louval-os muito.

MENALCA.

«Do Olympo as aureas portas extranhando
Pasma em almo prazer o ingenuo Daphnis:
Vê debaixo dos pés nuvens, e estrellas.
Eis a doce alegria occupa os bosques,
Os valles, as montanhas, os pastores,
O arcadio Pan, as driades donzellas.
Nem o lobo ao rebanho insidias tece,
Nem a rede traidora engana os cervos.
Daphnis ama o socego. Intonsos montes,
Mil vozes de prazer soltais vós mesmos!
Proferem brando verso até rochedos,
E o tremulo arvoredo está soando:
Oh Menalca! Elle é deus!.. É deus!.. Oh Daphnis,
Sê benefico aos teus. Eis quatro altares
Eil-os, dous para ti, dous para Phebo.
Aqui te sagrarei todos os annos
Dous vasos, em que espume o leite novo,
Com outros dous tambem, nos quaes loureje
Da placida oliveira o grato sumo.
Baccho, fervendo em prodigos banquetes,
Com fogoso prazer ha de espertar-nos,
E á sombra no verão, no hynverno ao lume
As taças encherei de Arvisio nectar.
A Damêtas, e Egon direi que entôem
Ledas canções, e os satyros saltantes
Ao leve Alphesibêo direi que imite.

Sempre serás por nós d'est'arte honrado,
Ou quando, amavel Daphnis, consagrêmos
Votos solemnes ás formosas nymphas,
Ou quando á roda dos hervosos campos
Co'as victimas andêmos, como é uso.
Em quanto o javali na serra, em quanto
O peixe nadador folgar no rio,
Em quanto de tomilho a loura abelha,
E de orvalho as cigarras se abastarem,
Hão de permanecer por estes montes
Teu nome, o teu louvor, tua saudade.
Como a Ceres, e Baccho os lavradores
Todos os annos te farão mil votos,
E obriga-os tu, se acaso os não cumprirem.»

MOPSO.

Que premio te darei, que valha os versos,
Os versos immortaes, que me encantaram?
Tanto austral viração me não recrêa,
Nem d'um mar brando arêas açoutadas,
Nem o susurro d'um arroio ameno,
Que serpêa entre valles pedregosos.

MENALCA.

Eu te hei de preceder nos donativos.
Aqui tens esta flauta. É ella, oh Mopso,
Quem fez com que eu cantasse aquelles versos;
«O pastor Corydon, louco de amores,
«Pelo formoso Alexis suspirava» —
E os outros: «Esse gado a quem pertence?

« Talvez a Melibêo? »

MOPSO.

Pois tu recebe
Este cajado; tem de bronze o conto,
E eguaes os nós. Antigenes mil vezes
M'o pediu (e era então credor d'amar-se)
Mas, por mais que lidou, não pôde obtel-o.

XV.

Á SEPULTURA, OU A MORTE DE ADONIS,

por Bion de Smyrna:

(Vertido fielmente da traducção litteral em latim.)

Chóro Adonis, é morto o bello Adonis,
É morto Adonis, choram-no os Amores.
Não mais envolta nas purpureas vestes,
Não mais durmas, oh Venus! Eia, acorda,
E lutuosos véos trajando afflicta,
Fere co'a mão de neve o lindo peito,
Dize a todos: —É morto o bello Adonis,
Eu chóro Adonis, choram-no os Amores.
Jaz na montanha Adonis, o formoso,
Mordidas de alvo dente as alvas carnes:
A triste Venus esmorece ao vel-o
Ir exhalando os ultimos suspiros;
Sáe do golpe fervendo o rubro sangue,
Nevoa da morte lhe entorpece os olhos,
Foge dos labios a punicea rosa,
Vão-se com ella os deleitosos beijos,
Em que de gosto desmaiava a deusa.
Inda no moço amavel, já não vivo,

Dar osculo amoroso é doce a Venus;
Mas Adonis (oh céos!) não vê, não sente
Que Venus infeliz o abraça, o beija;
Eu chóro Adonis, choram-no os Amores.
Adonis junto á candida cintura
Tem mortifero golpe, e tu, oh Venus,
Tu tens no coração maior ferida.
Os fieis animaes á caça usados
Em roda ao gentil domno huyvaram tristes;
Nos montes as Oreades o choram.
A anciosa Venus, soltos os cabellos,
Sem côr, sem atavio, e nua a planta
Pelos bosques vaguêa, e corre, e geme.
Na rapida carreira agudo espinho
Lhe extráe dos tenros pés o sangue puro.
Ella com alta voz atrôa os valles,
Chama o terno amador, o assyrio moço.
Ai! Entretanto o misero destilla
Rubicundo liquor das rotas vêas,
E purpurea apparece a nivea carne.
« Ah Venus! Venus!.. » (os Amores gritam)
Dos olhos, e da face os mil encantos
Perdeu Venus, perdendo o bello amante.
Quando Adonis vivia era das Graças
Venus a deusa, Venus o modelo;
Toda a belleza d'ella, o riso todo
Quando Adonis morreu, morreu com elle.
Arvores, montes por Adonis clamam,
De Venus a tristeza os rios choram,
Vão por Adonis suspirando as fontes,

Roxas as flores pela dor se tornam.
Delira a consternada Cytheréa
A girar, e a carpir de valle em valle.
Ah Venus! Jaz sem vida o meigo Adonis..
Quem não lamentará da afflicta deusa
O duro estado, os miseros amores?
Oh dor! Quando ella viu ser insanavel
Do seu mimoso Adonis a ferida,
E o sangue em borbotões correr do golpe,
Abrindo os braços, e arquejando — «Espera,
Espera, triste Adonis» (exclamava)
«Dá-me que eu gose este prazer extremo,
Deixa que me console um terno abraço,
Que inda meus labios nos teus labios toquem.
Abre os olhos, Adonis, abre um pouco,
Dá-me um beijo, um só beijo, em quanto a morte
Não te extingue o calor nos molles beiços.
Tua alma acolherei na minha boca,
E d'ella descerá para meu peito;
Doce amor beberei no beijo doce,
E o doce beijo guardarei saudosa
Como se fosse Adonis, já que ingrato
A Venus desamparas, foges d'ella
Para as medonhas margens de Acheronte,
Para o feio, implacavel rei do inferno.
Eu, infeliz, sou immortal, sou deusa,
Eu seguir-te não posso, eu vivo, e morres!
Recebe, oh tu, Proserpina, recebe
O meu formoso encanto, a gloria minha!
Ah! Quanto é sup'rior ao meu teu fado!

Tudo o que ha mais gentil, melhor no mundo
Tudo possuirás, e eu desditosa
Curtirei dor sem fim, saudade eterna!
Temo a deusa tartarea, chóro Adonis.
Morreste, oh suspirado, e teus carinhos
Como um sonho fugaz de mim voaram:
Em triste viuvez eis Venus fica,
E os Amorinhos seus em ocio triste.
Do meu cinto a virtude encantadora
Comtigo pereceu!.. Ah temerario,
Como sendo tão lindo, e tão mimoso
Ousaste acommetter sanhudas feras?..»
Assim carpia a mãe, e os Cupidinhos.
Ai Venus! Ai que é morto o bello Adonis!
De Venus tantas lagrimas correram,
Quanto sangue correu do louro amante;
E em flores se mudaram sangue, e pranto:
Nasceu d'aquelle a purpurina rosa,
D'este nasceu a anemone brilhante.
Chóro Adonis, é morto o bello Adonis.
Não mais no bosque, oh Venus, o prantêes;
Em sublime logar já mão piedosa
Digno thoro aprestou ao teu querido.
Sobre teu leito jaz o morto Adonis,
E morto, e descorado é bello ainda:
Parece n'elle a morte um brando somno.
Depõe seu liso corpo em lisas vestes,
Vestes nas quaes envolto elle gosava
De noute ou mimos teus, ou gratos sonhos.
Ama, posto que extincto, Adonis ama,

Tece-lhe as c'rôas, e os festões de flores,
Que depois que morreu ficaram murchas.
Réga do sumo de amorosos myrthos,
Perfuma de gratissimos aromas,
Perfuma os frios, delicados membros:
Pereçam, Venus, os perfumes todos,
Se Adonis pereceu, que era o perfume,
O suave perfume da tua alma.
Na purpura descança o tenro Adonis:
Em torno d'elle suspirais, Amores,
As lustrosas madeixas decotadas
Em honra funeral do extincto amante.
Aquelle calca aos pés bicudas settas,
Este o arco desmancha, est'outro parte
Aureo carcaz de farpas abundante:
Um lhe descalça o nitido cothurno,
Outro agua cristalina em ricos vasos
Traz, carpindo, outro lava-lhe a ferida,
Co'as pennas outro em fim lhe agita os ares.
Os Amores lamentam Cytheréa,
E na porta Hymenêo seu facho apaga,
E a c'roa nupcial desfaz saudoso....
Ah! Não mais Hymenêo, não mais seus hymnos,
Só lagrimas, só ais borbulham, soam.
Oh misero Hymenêo, misero Adonis!
O filho de Cinyra as Graças choram,
«É morto Adonis» (entre si clamando
Em mais aguda voz, que a tua, oh Venus)
As tres negras irmans, as mesmas Parcas
Choram em flor cortado o moço lindo,

E até com mago verso á vida o chamam:
Elle escuta, elle attende, e fica immovel;
Não por estar contente onde se occulta,
Mas Proserpina o quer, e não permitte
Que elle gose outra vez a luz do mundo.
* Cessem pois, Cypria deusa, os teus suspiros:
* Um terno suspirar não move os Fados.

XVI.

AMOR FUGIDO:

(Traduzido de Moscho.)

Venus chamava o filho em altas vozes.
Se alguem viu pelo campo (a mãe dizia)
Andar vagando Amor, esse é meu filho,
Meu filho, que fugiu. Quem souber d'elle,
Quem noticias me der do meu Cupido
Premiado será; tem certo um beijo
Nos proprios labios da amorosa Venus:
Porém se m'o trouxer, terá mais gloria,
Coũsas mais doces do que um simples beijo.
Entre meninos mil este menino
Por diff'rentes signaes se reconhece.
Não tem candida a tez, mas côr de fogo;
São seus olhos espertos, scintillantes,
Meigo o falar, o coração maligno,
Nunca sente o que diz; tem mel nas vozes,
Mas torna-se feroz, traidor, insano
Apenas se enfurece. É mentiroso,
É sagaz, é cruel até brincando;
Trança espessa e formosa ao ar lhe ondêa,
Em dourados anneis lhe desce ao cólo:
Nas faces lhe transluz o ardor, a audacia;

Tem pequenina mão, porem tão forte
Que arroja muito longe as fataes armas:
Á margem do Acheronte ás vezes voam,
E colhem descuidado o rei do inferno;
Seu corpo é nu, sua alma impenetravel;
Com azas como um passaro voltêa
Do sexo vigoroso ao debil sexo;
Pousa nos corações, e ali se aninha;
N'um arco delgadinho apromptа as frechas,
As frechas, que assim mesmo, tenues, curtas,
Se entranham pelos céos, alcançam Jove;
Pejam farpas subtis a aljava d'ouro,
Que ao lado traz suspensa, e de seus tiros
Até eu, sua mãe, sou alvo ás vezes;
Tudo o que lhe pertence inclue estragos,
Mas nada do que é seu produz mais damno
Que um curto, antigo, inextinguivel facho:
O sol, o proprio sol com elle abraza.
Mortaes, se o encontrares, eia, atai-o,
Atai-o, e muito bem, porque não fuja.
Se elle chorar, seu pranto vos não mova,
Antes desconfiai, seu pranto engana.
Se elle rir, apertai-lhe os nós do laço;
Se quizer abraçar-vos, longe, longe;
Fugi, não vos fieis; abraços, beijos
Nada, nada: — seus labios têm peçonha,
Seus beijos enfeitiçam. Se elle acaso
Vos disser: «Aqui tendes estas armas,
Tomai, eu vol-as dou» não pegueis n'ellas:
Mimos de Amor são perfidos, e ardentes.

XVII.

(Pastoril.)

MAGOAS AMOROSAS DE ELMANO.

Oh fortunati miei dolci martiri,
S'impetreró ché, giunto seno a seno,
L'anima mia nella tua bocca io spiri!

Tasso, Gerusal. Liber. Cant. II.

Que scena tão suave aos amadores!
Capaz de amenisar o horror da morte,
Que d'azas negras me esvoaça em torno!
Que scena tão suave aos amadores!
Com brando murmurio além revoam
De Venus, e de Analia (eguaes no encanto)
De Venus, e de Analia as avesinhas.
Ali magoas não ha, não ha saudades,
Vivem como eu vivi, como eu não morrem!
Doce é ver-lhe os desejos innocentes,
Os momentos de amor! É doce ouvir-lhe
Ternos gemidos em delicias ternas!
Unindo os bicos se namoram, se instam,
Se affagam longamente, e arrolam juntas.
N'ellas pejo não é, nem crime o gosto,
O altar da natureza urdiu seus laços.

Ferreo dever, que o sentimento ancêa,
Dever, algoz d'Elmano, algoz d'Analia,
Nos ternos corações lhes não carréga!
  Felices passarinhos melindrosos,
D'Analia inveja sois, d'Elmano inveja,
Sois da ternura, e do prazer a imagem.
Felices passarinhos! Esquecei-vos
Um momento de vós, para lembrar-vos
De dous saudosos, miseros amantes;
Vós os vistes viver, morrer d'amores,
Viste-os mortaes, e pareciam numes!
  Doces escravos da prisão mais doce
(Prisão, que apérto, que eterniso, e beijo!)
D'Analia, com Elmano, escravos ternos,
Elle gemendo está, gemei com elle;
Ella suspira, suspirai com ella;
E na maga inflexão da voz maviosa
(Fonte d'encantos, de carinhos fonte)
Brandura aprendereis, que apure a vossa.
Avesinhas de Amor! Não só merecem
Dous amantes fieis a vós piedade,
Mas piedade aos leões, piedade aos tigres,
Piedade á natureza, ao fado, a tudo.
Ah! Se alguma de vós logrou mais beijos
D'aquella, cujos mimos deleitosos
Á vossa candidez eu permittia,
E a um deus, mesmo a um deus, os não cedêra;
Se algum de vós, oh passarinhos meigos,
Entre o ditoso e affogueado enxame
Dos pensamentos meus, dos meus desejos,

De Analia no sagrado e niveo seio
Pousou, e sem morrer gosal-o poude,
E suave embebeu por entre as rosas
O biquinho subtil n'um céo de amores;
Se encantadora primazia obteve
No bem, na gloria de celeste afago;
Por isto, que expressão não tem no mundo,
Ou de que um aí dos meus somente é phrase,
Por isto á venturosa estancia vôe,
Onde o que devo a Amor me usurpa o Fado;
Lares demande, que esclarece Analia,
Adeje aos campos, que florecem d'ella;
E quando a vir co'a phantasia absorta
Na imagem do sem-par, mesquinho amante,
Contando, como os seculos se contam,
Agros momentos de teimosa ausencia,
Que os bens do coração lhe sóme aos olhos,
Pouse na mão de neve, e gema, e diga
(Por milagre de Amor): — « Eis os suspiros,
A vida, o ser, o espirito d'Elmano.
Todo é teu, todo é teu, não quer, não pode
Ser de outra, nem de si, nem do Destino.
Amor é mais que o tempo, é mais que o fado;
Eia, triumphos contra fado e tempo,
E os premios da constancia d'elle espera.
Venus, a mãe d'Amor, por ti deixámos,
Idalia por teus lares esquecêmos:
Ao ver-te a fé, o ardor, nos attrairam
Inda mais que os da face, encantos d'alma.
D'Elmano a doce causa é causa nossa:

Deusa nos olhos, nos sorrisos deusa,
Monstro, se o deixas, te fará teu crime. »
Nuncia mimosa das saudades minhas,
De meus suspiros confidente amada,
Attenta do meu mal na bella origem,
Observa se desmaia, ouve se geme
Ao som piedoso da mensagem triste:
Depois traze-me um ai, dá-me um thesouro.
E tu, planta de amor, que tens meu nome,
Que o tens com mão divina em ti gravado,
A terra desdenhando irás aos numes,
Por ledo agouro de adoravel boca.
Aves do Olympo, modulando amores
Que á plebe dos amantes são mysterios;
Aves mais brandas, mais fieis, mais lindas
Que as mesmas aves, que em Cythéra adejam,
Hão de, planta ditosa, ornar-te a rama.
Entre as filhas da luz, ethereas nymphas,
Ouro, nectar, jasmins, delicias todas,
O modélo verás dos dons de Analia:
Nos céos o original, no mundo a copia,
Competem brandamente, a idéa absorvem;
Mas por Analia o coração decide.
Planta, planta de amor, prospéra, e cresce;
Dos cedros invejada os céos penetra;
E se foste o que sou, se acaso outr'hora
Foste amante feliz, ou triste amante;
Se és ente humano transformado em tronco,
D'Amor por tyrannia, ou por piedade,
Junto aos versos d'Analia acolhe os versos

Do choroso amador; soffre-os, não temas
Contagio n'elles, que te damne e murche.
A mão formosa, que te honrou, que adoro,
Imprimindo-os em ti, tambem nos troncos
Como nos corações fará portentos.
Seu halito de rosas te bafeje:
Illesa ficarás, e a côr da noute
(Côr minha) voará do metro amargo,
Que assim do coração subiu aos labios:
« Do seu bem, do seu nume, Elmano ausente
Suspirando, morrendo, implora auxilio,
A mão porque suspira, e porque morre,
A mão de Analia, que lhe rege os fados,
No docil tronco, monumento amavel
De paixão triste, mas fiel, e eterna,
Estes sentidos characteres lavre: —
Elmano por Analia esmorecia,
Elmano foi feliz, mas expirando;
Com ella não viveu, morreu por ella.
Se amas, lê, caminhante, e não lhe chores
A morte, que lhe foi melhor que a vida. »

XVIII.

(Pastoril.)

ARMIA.

Tardi s'avvede
D'un tradimento
Chi mai di fede
Mancar non sa.

METAST., Clemenz. di Tit. Att. II. Sc. I.

JÁ tinha a Noute estendido
O véo de estrellas bordado,
Estava o campo deserto,
Mudo o vento, o mar calado:
Quando Elmano, o triste Elmano,
Para desgraças nascido,
Suspirava, em amorosos
Pensamentos embebido.
A lyra, que n'outro tempo
Sanhudas feras domava,
Rochedos embrandecia,
Turvos ares azulava:
A lyra, que d'antes fôra
Recreio e gloria d'Amor,
Já não adoçava as magoas
Do consternado pastor.

Jaziam pela violencia
Das paixões, e dos destinos
Rotas as cordas brilhantes,
Que espalharam sons divinos.
A descorada Tristeza
Posse do infeliz tomava,
E viçosas esperanças
Em desenganos trocava.
Armia, a formosa Armia,
No coração lh'as plantou;
Armia, a perfida Armia,
No coração lh'as murchou.
Seu definhado rebanho
Em torno d'elle balava,
Que de si mesmo esquecido,
Só de Armia se lembrava.
Rouca a voz, pallido o rosto,
Junto ao Tejo susurrante
Planteava solitario
D'est'arte o misero amante:
«Ecchos, que morais nas grutas,
Ondas, ventos que dormis,
Ah! Como não vos despertam
Clamores de um infeliz!
«Vós, a quem tenho enviado
Tantas queixas, tantos ais,
Sois surdos, sois insensiveis,
Oh céos, que me não vingais!
«Por vós a traidora Armia
Jurou de me ser leal;

Vingai, profanados numes,
Vosso respeito, e meu mal.

«Ah! Porque não quiz minha alma
Crer nos presagios, que ouviu,
Quando Armia os falsos votos
N'este logar proferiu?

«Subito as ondas bramiram,
Todo o ar se ennegreceu,
Seccou-se aquelle ribeiro,
Aquella rocha tremeu.

«Horrendo á parte direita
Funesto corvo grasnou;
Tres vezes o ouvi, tres vezes
Junto de mim revoou.

«Estremeci, mas a ingrata
Que me despreza, e me enjeita,
Não palpitou; já vivia
A taes enganos subjeita.

«Já mil amantes por ella
Haviam sido enganados;
Já mil vezes tinha ouvido
Predizer-lh'o a voz dos fados.

«Eu inda então não sabia
Que o semblante, e o coração
Differem; julguei-lhe a alma
Pela ext'rior perfeição.

«Ditoso de mim se crêra
No que o céo me annunciou!
Mas Armia co'um sorriso
Meus terrores dissipou.

« Em torrentes de delicias
Engolphado o pensamento,
Me esqueci de que não pode
Durar o contentamento.

« Quando os humanos proteges
Oh Fortuna, a condição
Com que outorgas teus favores
É a curta duração.

« D'esta amargosa verdade
Posso, posso exemplo ser
Eu, que nos olhos de Armia
Bebi celeste prazer.

« Ah! Para que vens pintar-me,
Para que, fatal memoria,
Os luminosos instantes
Da minha perdida gloria?

« Gados, bosques, fontes, penhas,
Arvoredos, prados, flores,
Vós, vós fostes testemunhas
De meus ditosos amores.

« Quantas vezes no regaço
Do meu bem, da minha amada
Lancei recentes boninas,
Dons da estação namorada!

« Quantas vezes ajudado
Dos Amorinhos, com ellas
Lhe augmentava a formosura
Das longas madeixas bellas!

« Quantas vezes a teu lado,
E á sombra de antigo ulmeiro,

Quando o sol se ia sumindo
Por detraz d'aquelle outeiro;

«Misturei com meus prazeres,
Falsa Armia, os teus louvores,
Adormecendo os Favonios,
Pondo inveja aos mais cantores!

«Ao som da amorosa lyra
Meus brandos versos voavam;
Eram teus olhos piedosos
As Musas, que me inspiravam.

«Fitos, pasmados, absortos
D'alta gloria os meus enchiam;
Mil desejos me pintavam,
Mil segredos me diziam!

«Mas n'elles só não fiada,
Tambem co'a voz maviosa,
Tingindo-te a face em tanto
Lindo pejo côr de rosa.

«N'estas fagueiras palavras,
Cortadas de ternos ais,
N'estas mimosas palavras
Que te não hei de ouvir mais;

«— Quando em Armia (affirmavas)
Feias traições encontrares,
Verás, suspirado amante,
Unidos os céos, e os mares.

«— Só tu, meu bem, me arrebatas
A vontade, o pensamento;
Vivo de ver-te, e de amar-te,
E detesto o fingimento.

«Teu coração desafoga,
Que entre temores fluctua;
Não desconfies, Elmano,
Não temas, pastor, sou tua.»
Cuidei que a voz da verdade
Soava na voz de Armia....
Deuses! Céos! Que horror! Que assombro!
À deshumana mentia.
Não duraste longamente,
Encantadora illusão!
Desfez amarga exp'riencia
Os phantasmas da paixão.
Dareis credito, mortaes,
Ás perfidias, que lamento?
Oh terra, treme! Apagai-vos,
Oh luzes do firmamento!
Armia, que ser só minha
Votara ao deus dos Amores,
Recebe, acolhe, premêa
Mil cultos, mil amadores.
Cançada já de fingir
Me abhorrece, me desdenha,
E em azedar meus tormentos
Toda a tyrannia empenha.
Aquella, por quem movido
De ufano, accezo transporte,
Ás vezes me presumia
Superior ao Fado, e á Morte;
Meus ledos competidores
Sem pejo, sem susto afaga,

E pelo rasgado peito
Me vai dilatando a chaga.
Ai de mim! Nem quer ouvir-me
Tristes ais, tristes queixumes;
Manda que soffra calado
Os devorantes ciumes!
Fero Amor, e assim me roubas
O siso, o prazer, e a paz?
Os fructos, que tens, são estes?
Estes os premios, que dás?
Bem como em agra montanha
Descuidado caminhante,
Contemplando a face pura
Do céo risonho, e brilhante:
De repente, quando a planta
Mover distraîdo vai,
Em precipicio profundo
Faltando-lhe a terra, cáe:
Assim do alteroso cume
Da minha falaz ventura
Caî no medonho abysmo
Da desgraça, e da amargura.
Ah desleal, que em meus males
Sacîas tua fereza,
Que estimas ver-me penando
Entre as garras da tristeza!
Se ninguem seus fados vence,
Se é meu fado arder por ti,
Suspirar, morrer d'amores,
Ao menos não seja aqui!

Se a vida, que tu condemnas
A tormentos, e anciedades,
Hão de roubar-me desprezos,
Antes m'a roubem saudades.
Não posso (ai de mim!) não posso
Vingar minhas afflicções,
Proferindo em tua affronta
Raivosas imprecações:
Não temas que pelos troncos
Vá teus enganos lavrar;
O terno, infeliz Elmano
Nasceu para te adorar.
E a traição, que em tantas almas
Com raiva, com odio vi,
Doce ingrata, me parece
Menos horrorosa em ti.
Adeus, eu parto a sumir-me
Nas sombras d'erma floresta,
Até perder a cançada
Vida fatal, que me resta.
Ali do mocho agoureiro
Me ha de ser suave o canto;
Ali, sem que te dê gloria,
Livre correrá meu pranto.
Ali não verei ao menos
Desvanecidos rivaes,
A cevar-se em meus martyrios,
A sorrir-se de meus ais.
Mas ah! Se oppostos não fossem
Os sentimentos em nós,

Loucos, Elmano podia
Ser tão feliz como vós.
Vós suspirais pela posse
Das externas perfeições;
Vós cubiçais os deleites,
Eu cubiço os corações.
Fartai-vos de ouvir mil vezes
Juramentos de paixão,
Que profere a voz de Armia
Sem que o saiba o coração.
E vós, quando o quiz a Sorte,
Meu prazer, cuidados meus,
Cordeirinhos, ovelhinhas,
Amado rebanho, adeus!
Eis para sempre vos deixa
O vosso infeliz pastor;
Vai findar seus turvos dias,
Triste victima de Amor.

XIX.

A SAUDADE MATERNA

na prematura e chorada morte da Senhora D. Anna Raimunda Lobo.

Ai! Ella os olhos, com que o ar serena,
Na misera mãe postos, que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece.

CAMÕES, Lusiad. Cant. III.

Não longe da louçan, da flórea margem,
Por onde ameno se esperguiça o Tejo,
E abrilhanta os cristaes em sóes estivos;
Dos jardins Ulysséos não mui distante
(Qual d'elysios vergeis visinho o Averno)
Sitio jaz, que parece em negras sombras
Sumir-se á natureza, ou não ser d'ella!
Ali jamáis os lépidos Prazeres
(Meigos socios d'Amor, quando é ditoso)
Ousaram d'exercer mimosos brincos:
Oh myrthos! Oh rosaes! Oh Paphios bosques!
Ali não floreceis, ali não voam
Perfumes vossos a encantar o olfato:
Nem teus quebros por lá, nem teus gorgeios,
Cantor da Primavera, e dos Amores,
Geram ternura, melodia exhalam.

Ao medonho logar negreja em roda
Selva d'esguios, funeraes cyprestes,
Que a profunda raiz no chão da morte
(Fieis ás cinzas) espontaneos ferram.
Em circulo forrando o escuro alvergue
Da Tristeza, e do Horror, sustêm na rama
Aves de pranto, de pavôr, de agouro,
Que o dia abhorrecendo, amando a noute,
Vivem nas trevas, e nas trevas morrem.
Que sitio para a dor, para o queixume
D'aquelles, a que a vida é pezo, é jugo!
   Ali carpindo, suspirando, errante,
Sósinha, ao desamparo, a triste Analia
De olhos fitos nos céos, aos céos pedia
Em lagrimas, em ais vãmente anciosa,
Seu mais doce penhor, seu bem mais doce.
   «Numes, que a possuís, que m'a invejastes,
Era digna de vós, eu d'ella indigna!»
(Soluçando a miserrima exclamava)
«Mas valham prantos meus o que eu não valho;
Oh Fado! Oh céo! Restituí clementes
A suspirada filha á mãe saudosa.
Os genios divinaes, que em vós adejam
(Candida imagem da innocencia d'ella)
Travem d'alma gentil, que entre elles brilha,
Sobre as plumas de neve ao mundo a tornem;
E com ella, e comsigo á morte as sombras,
Aos sepulchros o medo esmaltem, dourem:
No despojo mortal formoso, e charo,
Soltando almo calor, bafejo ethereo

Acordem graças, insinuem vida!
Não careces, oh céo, de seus encantos,
E dos encantos seus carece o mundo:
Por ella a triste mãe não só prantêa,
Por ella está carpindo a Natureza,
Que o dia ornava c'os sorrisos d'ella!
Os campos da existencia, em cujo seio
Foi momentanea flor, na ausencia murcham
Da linda producção, que os enfeitava!
Espinhos lhe deixais, levais-lhe as flores!
Oh Fado! Oh céo! Restituî clementes
Ao saudoso universo, á mãe saudosa
As delicias de amor, de amor sagrado.
Mais um milagre vos mereçam prantos:
Se lagrimas de sangue obtel-o podem,
Por lagrimas de sangue o quero, oh numes!
No coração materno extremos fervem,
Capazes d'isto (oh céos!) de mais, de tudo....
Mas ai triste! Eu deliro... Ai triste! Eu sonho!...
Da morte a férrea lei não se derroga;
Nas paginas fataes é tudo eterno!
O que se escreve ali jámais se risca!
Mãe chorosa, infeliz, sem fructo gemes,
Pênas sem fructo; em lagrimas te mirras,
Em ais te esfalfas, e o destino é surdo!
Pezada escuridão me enlute a vida,
(Vida tão negra, que arremede a morte)
Noutes, bem noutes os meus dias sejam,
Em quanto eternos sóes lá são teus dias,
De um puro, e doce amor, oh doce prenda,

Espirito sereno, alma querida,
Que no mundo em ti mesma o céo gosavas!
Ah! Tu folgas sem mim, sem ti eu gemo,
Como a viuva, solitaria rôla,
Em sons carpidos apiedando as selvas!
Não roce os labios meus nem mais um riso;
Meu terno coração ralai, saudades!...»
Aqui desprende um ai, que aos astros vôa;
Em subito desmaio os olhos cerra,
(Os olhos, a que Amor victorias deve)
E cáe sem voz, sem côr, sem luz, sem alma.
Em torno a terra lhe gemeu piedosa,
As plantas sepulchraes com dor vergaram;
E vós, aves do luto, aves da morte
Em menos agro som, porém mais triste,
Como que as leis embrandecer tentastes,
As leis terriveis, de inviolavel firma!
Tudo penou, tremeu, fez tudo extremos
No mal de Analia... E que faria Elmano,
Ouvindo á voz da Fama o caso acerbo?
Sagrou com debil mão no leito infausto
Á cinza amada lutuosos versos;
E quasi reviveu para choral-a.

XX.

QUEIXUMES DO PASTOR ELMANO CONTRA A FALSIDADE DA PASTORA URSELINA.

Mettido tenho a mão na consciencia,
E não falo senão verdades puras,
Que me ensinou a viva experiencia.
CAMÕES, Sonet. LXXXVII.

Seu manto desdobrava a noute escura,
E a ran no charco, o lobo na espessura
Vociferando, os ares atroavam;
Do trabalho diurno já cessavam
Os rudes, vigorosos camponezes:
O vaqueiro, cantando atraz das rezes,
Após as cabras o pastor cantando,
Iam para as malhadas caminhando;
Tudo jazia em paz, menos o triste,
O desgraçado Elmano, a quem feriste,
Oh pernicioso Amor, cruel deidade,
Flagello da infeliz humanidade:
Tudo emfim descançava, excepto Elmano,
Que a mão do Fado, universal tyranno,
Sentia sobre si descarregada;
Que, longe da paterna choça amada,
Dependente vivia em lar estranho,
Sendo os desgostos seus o seu rebanho.

Honrados maioraes o ser lhe deram
Lá junto ao Sado ameno, e lhe fizeram
Das artes cortezans prezar o estudo:
As Musas o encantaram mais que tudo,
Ateando-lhe n'alma o fogo sancto,
Que estupidos mortaes desdenham tanto.
Inflammado com elle, ao som da lyra
Quebrava dos tufões a força, a ira,
E o venerando Tejo socegado,
A cuja fresca praia o trouxe o Fado,
Mil vezes, para ouvir-lhe as ternas magoas,
A limosa cabeça ergueu das aguas.
Cego, convulso, pallido, e sem tino
Entrava na cabana de Francino
O desditoso Elmano. Entre os pastores
Geral estimação, geraes louvores
Francino com justiça desfructava:
Alto saber o espirito lhe ornava,
Na vasta capital fôra creado,
E por expertos mestres cultivado.
Doce nó de amisade os dous unia,
Concorrendo a razão, e a sympathia
Para tão bella, e placida alliança.
Notando, pois, a funebre mudança,
Que no aspecto do amigo apparecia,
Assim Francino a causa lhe inquiria:

FRANCINO.

Que tens, Elmano? Que fatal desgosto
Banha de tristes lagrimas teu rosto?

Tu, que, ainda ha brevissimos instantes,
Te acclamavas feliz entre os amantes,
Logrando mil carinhos, mil favores
De Urselina gentil, dos teus amores,
Vens tão choroso, tão afflicto agora!
Ah! Conta-me a paixão, que te devora,
Das ancias tuas o motivo explica:
Communicado o mal, mais brando fica.

ELMANO.

Ai de mim! Venho louco, estou perdido.
Oh peito ingrato! Coração fingido!
Oh deshumana, oh barbara pastora!
Fementida mulher enganadora!....
E tiveste valor para a mais feia
Traição, que póde conceber a idéa?
É possivel? É certo! Oh céos! Soccorro!....
Eu pasmo, eu desespero, eu ardo, eu morro.

FRANCINO.

Amigo, torna em ti, recobra alento,
Declara-me o teu intimo tormento.
Do cego phrenesi, que te domina,
Quem é causa, pastor? É Urselina?

ELMANO.

Quem, senão ella (oh céos!) me obrigaria
A tão pasmoso extremo? A Sorte impia
Com todo o seu poder nunca tem feito
Desmaiar a constancia de meu peito;

Quem me abate é Amor, não o Destino.
Eu te conto o meu mal, eu vou, Francino,
Retratar-te a mais negra, a mais horrivel
De todas as traições. Não é possivel
Nos ermos encontrar da Lybia ardente
Monstro, seja leão, seja serpente,
Que possa comparar-se á fera humana,
Que com tanto rigor me desengana.
Quantas vezes notaste, honrado amigo,
Finezas, que a traidora obrou comigo!
Quantas vezes d'aqui presenciaste
Seus gestos, seus affagos, e julgaste,
Que o mais ardente amor, a fé mais pura
Pagavam minha candida ternura!
Ouve, e conhecerás (ai de mim triste!)
Que foi sonho, illusão tudo o que viste,
Já sabes, que no dia em que ligado
A Marcia Jonio foi pelo sagrado,
Indissoluvel nó, cantei louvores
A tão ditosos, tão fieis amores,
E o numero augmentei dos convidados;
Já sabes as meiguices, e os agrados,
Com que a minha infiel me fez ditoso:
Ali traçando um baile harmonioso,
Por parceiro me quiz; ali sentada
Junto a mim, vezes mil a refalsada
Protestou, que em sua alma eu só vivia,
Que eu era dos seus olhos a alegria,
Dando-me a bella mão furtivamente,
Que, ardendo de paixão, beijei contente.

Pediu-me a desleal, que ali tornasse,
Que tão doce prazer lhe não roubasse:
Guiado por Amor, fui inda agora
Seu desejo cumprir, que antes não fôra,
Porque não sentiria este martyrió,
Este ardor, esta raiva, este delirio.
Jonio, que estava á porta da cabana,
Me veiu receber... ah! Quanto engana
Uma apparencia alegre, e carinhosa!
Entrei, puz logo os olhos n'aleivosa,
Que, em vez de me tractar com meigo agrado,
Tinha nas faces o desdem pintado.
Pasmado da mudança repentina,
Lhe disse: «Amado bem, chara Urselina,
Tu comigo tão aspera? Eu ignoro
Em que pude aggravar quem tanto adoro.»
Isto dizendo, avisinhei-me a ella,
Que estava ao pé da rustica janella,
E da terna pergunta não fez caso,
Nem o rosto voltou, e olhando acaso
Á proxima cabana de Nigélla,
Vi encostado Inalio á porta d'ella
Olhar para Urselina, adeus dizer-lhe,
E sem pejo a cruel corresponder-lhe
Co'um doce riso, um gesto namorado,
De amantes expressões acompanhado.
Fervendo-me no peito o amor, e a ira,
Logo, logo em pedaços fiz a lyra,
E em mil imprecações, em mil queixumes
O furor exhalei dos meus ciumes.

Ameaçando a infiel, que eu me vingava
No odioso rival, que me affrontava,
Se uma satisfação, que Inalio visse,
Logo o meu pundonor não ressarcisse.
Prometteu-me que sim, mas de repente
A meus olhos se esconde, e vai contente
O lerdo, o baixo amante encher de gloria,
Que não cabia em si pela victoria,
Que a peor das traições lhe tinha dado.
Fiquei louco, fiquei desesperado,
Contemplando este assombro nunca visto
Nem na imaginação. Não pára n'isto
D'aquella ingrata a pérfida baixeza:
De novas furias cruelmente acceza,
Procura Aonio, inerte pegureiro,
Que é o riso da gente no terreiro
Quando sáe a bailar, e a cada passo
Se esquece da harmonia, e do compasso,
Sendo falto de prendas, e de siso
Como o louco Magalio, o rude Anfriso.
Urselina lhe diz, que me incitasse,
A que a choça de Jonio abandonasse,
Persuadindo-me, emfim, que não devia
Presenciar a affronta, que soffria.
Acreditei o indigno conselheiro,
E saî da cabana, onde primeiro
Tinha logrado os mimos da perjura,
Que assim desenganou minha ternura.
Ah genio desleal, falaz, perverso!
Ai! Não me hallucinava o meu ciume,

Era mais do que justo o meu queixume,
Quando (triste de mim!) quando julgava
Que Inalio, inda que simples, te agradava!
Accusei-te mil vezes de fingida,
De que a elle querias ver-te unida
Em laços de Hymenêo; mas tu negaste
Sempre o que hoje sem pejo declaraste.
Traidora! Eu não dizia, eu não jurava,
Que o meu socego ao teu sacrificava!
Ah! Porque me não déste o desengano,
Que eu te pedia, coração tyranno?
Se Inalio, porque tem campos, e gados,
Numerosos casaes, amplos montados,
Attráe esse teu genio interesseiro;
E eu, posto que leal, que verdadeiro,
De clara geração, de sangue honrado,
Caducos, frageis bens não devo ao fado,
E por isso não posso no teu peito
Produzir da ternura o doce effeito;
Que razão te obrigou a acarinhar-me,
E de um fingido amor capacitar-me?
Coração, em perfidias atolado,
Impia, se o não tivesse inda creado
A vingadora mão de Jove eterno,
Devia para ti crear o inferno!

FRANCINO.

Consola-te, pastor; essa perjura
Não deve motivar tua amargura;
Castiga-lhe a traição, e o fingimento

Lançando-a n'um profundo esquecimento:
Que mais satisfação, que mais vingança
Queres da vil, da subita mudança,
Que ver exposta a pérfida pastora
Ao ludibrio geral? Uma traidora,
Uma fera, uma ingrata, inda que bella,
Não merece a paixão, que tens por ella.
Pondéra, que não foste injuriado
De seu duro desprezo inesperado;
Que o feminil capricho extravagante
Não te deslustra o merito brilhante.
Nenhum, nenhum pastor n'aldêa ignora,
Que essa; que te deixou, foi até'gora
Carinhosa comtigo, e fez patente
Sua correspondencia a toda a gente:
Demonstrações em publico te dava
De amorosa paixão, mas não te amava:
Baixo costume, natural fraqueza
É que a fez parecer de amor acceza;
Aquella alma não arde, não se inflamma,
A todos corresponde, a ninguem ama.
Bem se viu com Bersalio, e com Laurenio
Seu inconstante, seu voluvel genio:
Té no mais desprezivel dos pastores
É capaz de empregar seus vis amores:
Nunca soube escolher, tudo lhe agrada,
E inda que astutamente infatuada
Faça crer aos amantes o contrario,
É já sabido seu caracter vario.
Isto em teu coração gravado fique,

E não queiras, pastor, maior despique:
Se até'gora calei quanto te digo,
Foi por não te affligir, prezado amigo.
Pouco importa perder quem nada vale.
Contente-te, que toda a aldêa fale
Contra a sua imprudente aleivosia;
Que, se pensasse bem no que fazia,
Jámais o falso monstro, que te deixa,
Fechára a tudo os olhos como fecha.
Deveria lembrar-se a fementida
De que a sua affeição foi conhecida,
De que inda em tuas mãos tens os penhores
De seus furtivos, tacitos favores,
Para não te obrigar com tal injuria
A que dos zelos a violenta furia
Despedaçasse um véo mysterioso,
Um véo tão necessario como honroso.
Mas verás se, mais hora menos hora
Não é punida a infiel pastora:
Douradas esperanças lisonjeiras
Nutrem-lhe idéas vans, e interesseiras;
Mas Inalio é como ella ambicioso,
E só deseja um hymenêo lucroso,
Que lhe farte a cubiça, os bens lhe augmente:
Elle proprio m'o disse, elle não mente,
Que a sua natural simplicidade
Não póde mascarar a san verdade.
Eia, pois, cesse o pranto, enxuga o rosto,
Adora a Providencia em teu desgosto;
Não delires, pastor, não desesperes,

Que és feliz em saber quem são mulheres.

ELMANO.

Sim, meu amado, meu leal Francino,
Eu dou mil graças ao poder divino
Por me livrar do engano em que vivia:
Em luctarei co'a terna sympathia,
Que me fez adorar uma inconstante,
Aos falsos crocodilos similhante.
Embhora logre Inalio os seus agrados
Fingidos, mentirosos, estudados.
O sordido interesse é quem a inspira:
Se da fortuna o meu rival sentira
A triste, perniciosa variedade;
Se a violencia de horrivel tempestade
Lhe derribasse as ferteis oliveiras,
Se o fogo lhe engolisse as sementeiras,
Se a cheia lhe affogasse os nedios gados,
Verîas os desdens, e em desagrados
Mudar-se logo o amor, que finge a astuta,
Que de negra cubiça a voz escuta:
Tu a verîas outra vez comigo
As chammas assoprar do affecto antigo,
Mendigando razões para applacar-me,
Para me convencer, para enganar-me.
Mas ah paixão! Teu impeto reprime,
E busque-se vingança egual ao crime.
Ritalia bella, encanto dos pastores,
Merece meus suspiros, meus amores:
Com ella fui mil vezes desattento,

Negando-lhe o devido acatamento
Por cumprir o preceito rigoroso
De Urselina infiel, que no enganoso,
No detestavel peito encerra, e nutre
Da venenosa inveja o feio abutre,
Porque a meiga Ritalia é mais do que ella
Branda, risonha, delicada, e bella,
Quanto é mais agradavel, mais formosa
Que as outras flores a punicea rosa.
Ritalia desde agora o lindo objecto
Será do meu fiel, constante affecto:
Arrebatado em extasis de gosto,
Louvores de seus olhos, de seu rosto
Farei voar nas azas da ternura,
E assim me vingarei d'uma perjura.
Ella, por timbre meu, o escute, o saiba,
E o coração no peito lhe não caiba
De inveja, de furor: eu, entretanto,
Troque em placido riso o triste pranto,
E a fria indiff'rença, com que intento
Recompensar-lhe o torpe fingimento,
Até tão alto gráu n'esta alma cresça,
Que eu veja a desleal, e a não conheça.

ANNOTAÇÕES AO TOMO II.

Pagina 5 — Odes.

Um nosso litterato, eminentemente conspicuo por sua erudição, versado em todo o genero de bons estudos, e talvez o mais fecundo de todos os nossos poetas contemporaneos, não duvidou affirmar: — « que as odes, e canções de Bocage apenas lhe poderam obter o *ultimo* logar entre os lyricos portuguezes. » — Ainda que não possâmos partilhar inteiramente esta asseveração, pela demasiada generalidade com que se nos apresenta, vendo-nos forçado a dissentir da opinião de contraste, aliás tão qualificado e competente (do que lhe pedimos a devida venia) nem por isso achamos aqui o logar apropriado para estabelecer a nossa particular. — Não tanto pela falencia de cabedal sufficiente para emittir no assumpto um dictame fundamentado com boas razões e conhecimento, quanto porque achando se pelo editor commettido (com acordo, e consentimento nosso) á illustrada critica do snr. Rebello da Silva tudo o que respeita ao juizo, e apreciação do merito poético das diversas composições de Bocage; encargo que o mesmo snr. desempenhará, segundo esperamos, com a perspicacia e saber, que o distinguem, seriam quando menos redundantes, se não mal cabidas, quaesquer reflexões, que pretendessemos aventurar por nossa parte sobre aquelle, ou outros pontos controvertidos.

Pag. 7 — Ode i.

Ficaram até hoje frustradas todas as investigações, que empreendêmos para descubrir noticias da dama, cujo natalicio inspirou ao poeta esta ode, que nos parece ter sido escripta antes do seu regresso a Portugal.

Pag. 14 — Ode ii.

Tambem não podémos saber o fundamento com que o snr. Castilho (na « Livraria classica » tom. XXIII pag. 66) baptizou José Ber-

sane Leite com o nome arcadico de *Eurindo Nonacriense*; sendo este incontestavelmente o do dr. José Thomás Quintanilha, de quem no verso 35 d'esta mesma ode se faz expressa menção. — O nome pastoril d'este Bersane era *Josino*, como claramente se lê, não menos que em dous logares, a pag. 16.

O mesmo snr. Castilho nos diz, que José Bersane fora « homem de singulares dotes, e cujos versos pelo melodioso, natural, suave, e gracioso têm subido preço. » — Como não deparámos até agora com alguma composição sua, não têmos com que confirmar, nem impugnar a verdade d'aquelle asserto.

PAG. 15 — IDEM.

Tionio — é Antonio Bersane Leite (irmão do sobredicto) de quem temos impresso um pequeno volume, assás conhecido, contendo quadras glosadas, e mais algumas poesias miudas.

Leucacio — João de Sousa Pacheco Leitão, ultimamente coronel do Corpo d'Engenheiros, e lente que foi na Academia Militar do Rio de Janeiro desde a sua instituição até 1821. — Ignoramos se ainda vive em Lisboa, ou se faleceu ha poucos annos. A elle attribuimos com razões, que nos parecem plausiveis, a composição dos dous poemas intitulados — « Restauração da Liberdade » e « Genieida » publicados em nome de Leucacio Ulyssiponense, Lisboa 1836.

PAG. 18 — ODE III.

Esta ode, como se colhe do seu contexto, foi escripta por Manuel Maria durante a sua detenção na cadêa do Limoeiro, isto é, pelos fins de 1797. (Vej. o « Estudo Biographico » á frente do primeiro tomo). — André da Ponte, em cuja casa se hospedava Bocage ao tempo em que ambos foram presos, era então cadete do regimento da Armada. Foi depois deputado ás Cortes Constituintes em 1821 pela ilha de S. Miguel.

PAG. 35 — ODE VII.

Já se disse no « Estudo Biographico » (tom. I pag. XXX) como esta ode foi pelo poeta dedicada ao governador interino de Macáu, o desembargador Lazaro da Silva Ferreira em agradecimento da munificencia com que este lhe facilitou os meios de voltar á patria.

PAG. 40 — ODE VIII.

Luis de Vasconcellos e Sousa, da casa dos marquezes de Castello-melhor, tendo sido vice-rei do estado do Brasil, e regressando de lá para Lisboa em 1789, ou 1790, foi nomeado presidente da Me-

za do Desembargo do Paço; cargo que exercia, quando o poeta lhe dirigiu esta ode, logo depois da sua volta da India.

Pag. 42 — Idem.

. . . . . Vasconcellos, aquelle
Que d'um sorriso, oh Musa, honrou teu canto.

O auctor allude n'estes versos á canção V (que vai no presente vol. a pag. 149) offerecida por elle no Rio de Janeiro ao mesmo vice-rei, quando ali aportou na sua viagem para Goa.

Pag. 45 — Ode IX.

D. Catharina Michaela de Sousa César e Lencastre, casada com Luis Pinto de Sousa Coutinho (tambem poeta) então ministro d'estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra, e depois 1.º visconde de Balsemão. — Esta senhora, falecida em 1824, na edade de septenta e cinco annos, deu-se com aproveitamento á cultura da poesia, no genero lyrico. (Veja-se o que diz a este respeito o snr. Freire de Carvalho no seu «Primeiro Ensaio sobre Historia Litteraria de Portugal» a pag. 256.) Alem de algumas odes, sonetos, e outras pequenas peças, que d'ella conservamos manuscriptas, vimos tambem uma sua versão do poema de Cronegk «As Solidões» em dous cantos, da qual tem um transumpto em sua copiosa collecção o snr. Francisco de Paula Ferreira da Costa, incansavel investigador d'estas, e d'outras curiosidades litterarias.

Dirêmos aqui de passagem, que tambem julgâmos dever attribuir a esta dama a intitulada «Apologia (ou antes satyra) das obras novamente publicadas por Francisco Mañuel em París», que o mesmo Filinto imprimiu, acompanhada de notas, e reparos escriptos com bastante azedume e despeito. Póde ler-se nas «Obras de Filinto» (a pag. 229 do tom. IV da edição Rollandiana, de que nos servimos). Afóra outros motivos, que nos induzem a assim o acreditar, fundamo-nos em uma nota, que encontrámos no «Parnaso Lusitano» a pag. CXXIV do vol. I.

Pag. 46 — Idem.

Mas não te esqueça a lutuosa off'renda, etc.

É claro que n'este, e nos seguintes versos allude o poeta á elegia, que compozera por occasião do falecimento do principe do Brasil D. José, a qual damos n'este volume a pag. 249.

PAG. 49 — ODE X.

A composição das odes V e seguintes, até á X inclusive, data de tempos anteriores a Novembro de 1791, pois que todas foram por seu auctor incluidas na primeira edição do tomo I das «Rimas» que deu á luz na epocha apontada. Todavia, elle mesmo, ao reimprimir esse tomo, julgou a proposito omittil-as, bem como outras obras, que diz — «havia publicado por condescendencia.» Assim ficaram, até que o livreiro Marques Leão se lembrou de as revocar para o tomo V das Obras posthumas, em que de novo appareceram, posto que deturpadas com incorrecções e faltas consideraveis, defeito commum a quasi todas as peças e fragmentos por elle insertos em suas enxovalhadas edições.

Quanto a esta ode X, preferimos ao texto da primeira edição, acima indicada, o que se acha no tomo I das «Verdadeiras Inedictas de Bocage» publicado em 1813; onde esta composição, impressa a pag. 176 e seguintes, apresenta alguns retoques e variantes, que nos pareceram aproveitaveis, pela fundada presumpção de terem sido feitos pelo proprio auctor posteriormente á primeira publicação da referida peça.

PAG. 54 — ODE XI.

No tomo I das «Verdadeiras Inedictas» onde unicamente saiu impressa a presente ode, deparámos com a nota seguinte, que para descargo aqui transcrevemos.

«Esta ode não a vimos de letra propria de Bocage; mas em uma «nota no fim se dizia ser d'elle, e feita na sua mocidade.»

PAG. 66 — ODE XIV.

Ignacio da Costa Quintella, nascido em 1763, e falecido a 6 de Dezembro de 1838, na elevada graduação de vice-almirante da Armada, e tendo por vezes servido os cargos de ministro d'estado, e outros de grande importancia na monarchia. — Vej. para a sua biographia o «Elogio Historico» que lhe consagrou o snr. Varnhagen no tomo I das «Memorias do Conservatorio Real de Lisboa» — e bem assim o «Ensaio Politico» do snr. J. L. Freire de Carvalho a pag. 49, etc. — É fama que fôra, como diz Bocage, excellente poeta; que deixára manuscripta e completa uma traducção da Eneida, e as de varias odes de Horacio, etc.: porem não consta que em sua vida imprimisse ou publicasse algumas composições, que confirmassem aquella fama (salvo se lhe pertencem, como se nos affigura, as versões de poucas odes do lyrico latino, que se encontram anonymas nos «Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras» impressos em París). Pela nossa parte apenas conhecêmos uma ode, e alguns poucos sonetos, que geralmente se lhe attribuem, e nos quaes, seja dicto

ingenuamente, não vemos razão bastante para justificar os encomios que lhe prodigalisaram os seus admiradores.

Pag. 79 — Ode xvii.

Esta imitação de Parny vê-se manifestamente haver sido escripta pouco depois que o poeta conseguiu ver-se liberto das prisões, em que a má vontade de seus emulos e adversarios, coadjuvada por suas imprudencias e inconsiderações, o haviam encerrado.

Pag. 83 — Ode xviii.

A presente ode, publicada posthuma no tomo I das « Verdadeiras Inedictas » foi escripta do carcere, e dirigida a captar a benevolencia de José de Seabra, então encarregado da pasta dos negocios do Reino. Este ministro, que havia cultivado as letras debaixo de bons auspicios, tractou sempre o nosso poeta com affabilidade, e complacencia. Sua protecção lhe valeu talvez a felicidade de escapar incolume ás garras de perseguidores, que ambicionavam sacrifical-o a vindictas particulares, e que não poupavam para esse fim as insidias e machinações de que podiam lançar mão.

Depois que Manuel Maria foi posto em liberdade, José de Seabra quiz continuar a protegel-o, e tencionava collocal-o em emprego honesto, e lucrativo, que lhe servisse d'esteio, e de porta a futuros adiantamentos. Chegou a propor-lhe um logar de official na Bibliotheca Publica (aberta em 13 de Maio de 1797); porém o poeta levado de seus caprichos, e inimigo de todo o constrangimento, apresentou uma rejeição redonda. Veja-se a este proposito a anecdota, contada pelo seu contemporaneo, e consocio que fôra na Academia de Bellas-Letras, Francisco Joaquim Bingre, transcripta na Livraria Classica tomo XXII pag. 120.

Desgraçadamente para Bocage, José de Seabra houve de sair do ministerio passado pouco tempo, incorrendo segunda vez no desagrado da corte. Morreu em 1813. — A respeito da sua varia fortuna, e dos successos da sua vida politica, poderá o leitor curioso consultar as « Recordações de Jacome Ratton » onde a pag. 310 e seguintes encontrará algumas noticias especiaes, e menos sabidas. — Vej. tambem o « Ensaio Historico-Politico sobre a Constituição de Portugal, pelo snr. J. L. Freire de Carvalho, pag. 147 da edição de París 1830.

Pag. 94 — Ode xxi.

D. Anna Felicia Coutinho Pereira etc. oriunda da nobre casa dos Coutinhos de Coimbra, e esposa de José de Seabra, de quem acabâmos de tractar na nota antecedente.

Pag. 98 — Idem.

E entretanto do Fado a mão robusta, etc.

«Na mythologia é o Fado superior ao mesmo Jupiter; mas ainda que estes versos não a contradizem, porque Jupiter aqui não ordena, mas vaticina, e o Fado o que faz é annuir, e confirmar, todavia, segundo o — *Petimus, damusque vicissim* — e exercendo a faculdade legitima, quiz indicar no Fado a determinação de Jove, ou de Deus, personalisada.» (*Nota de Bocage.*)

Pag. 99 — Ode xxii.

Todos divisarão sem duvida n'estes poucos versos a expansão improvisa do amor proprio satisfeito de um poeta, cuja alma sempre sequiosa de fama, e de applausos, sentindo-se profundamente commovida, ou melhor diremos, extasiada pelos louvores recebidos do genio, a quem não ousa negar a superioridade, forceja para desempenhar-se, como que retribuindo-lhe com usura a immortalidade, que elle lhe afiança.

A ode endereçada por Filinto a Elmano, é, quanto a nós, tão digna do panegyrista, como do elogiado. E por isso os leitores nos relevarão que, não obstante ser assás conhecida, para aqui a traslademos mais uma vez. Eil-a:

ODE.

. . . . . *Te peritus*
Discet Iber, Rhodanique potor.
Horat. Lib. ii. od. xx.

Lendo os teus versos, numeroso Elmano,
E o não-vulgar conceito, e a feliz phrase,
Disse entre mim: «Depõe, Filinto, a lyra
Já velha, já cançada;
Que este mancebo vem tomar-te os louros
Ganhados com teu canto na aurea quadra
Em que ao bom Corydon, a Elpino, a Alfeno
Applaudia Ulysséa.»
Rouca hoje, e sem alento a minha Clio
Não troa sons altivos, arrojados:
Vai pedestre soltando em frouxo metro
Desleixadas cantigas.

Desceu Apollo, e o côro das donzellas
Á morada d'Elmano; — e esse, que outr'hora,
Canto nos dava nome, o pôz na boca
Do novo amado cysne.

Não passaremos adiante sem observar que esta ode foi inspirada somente pela leitura do 1.º Tomo das Poesias de Bocage, ou quando muito, do II, se é certo que existe d'este uma pretendida edição de 1796, apontada na Livraria Classica tomo XXV pag. 133, o que temos por impossivel. Em todo o caso, a ode é anterior á publicação do III tomo em 1804, porque já estava impressa alguns annos antes. Sirva isto para rectificar parte das muitas inexactidões que encerra a este respeito o artigo da Livraria Classica, tom. XXIII pag. 154 até 156.

Pag. 104 — Ode xxiv.

Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, então mancebo de poucos annos (era nascido no de 1781, a 18 de Septembro) foi um dos nossos poetas lyricos de mais facil e fecunda vêa. Afóra as suas numerosas composições impressas, tanto em verso como em prosa, deixou manuscripta uma volumosa immensidade de peças, em quasi todos os generos, cujos autographos param hoje em poder do nosso particular amigo, e collega, o snr. José Pedro Nunes, que obteve salval-os do fogo, a que estavam condemnados em uma fabrica de mechas, onde felizmente a fortuna lh'os deparou, ha já alguns annos.

Pato Moniz tornou-se tambem notavel pelas pugnas litterarias, que durante muitos annos sustentou com José Agostinho de Macedo, das quaes foi resultado, alem de outros escriptos, o poema heroi-comico «Agostinheida» que, conforme ao parecer dos entendidos, é tido como um dos melhores, que no genero possuimos em nossa linguagem. — Sobrevindo a revolução politica de 24 de Agosto 1820, abraçou com fervor as idéas liberaes, cuja victima foi; pois saíndo eleito deputado por Setubal ás Cortes Ordinarias em 1822, e tomando parte mui activa nas questões de momento que n'ellas se suscitaram, viu-se perseguido pela restauração de 1823, sendo logo em Junho d'esse anno deportado para o Lavradio, e de lá para Caboverde, onde seus antigos padecimentos se exacerbaram de sorte que veiu a falecer na ilha do Fogo, crêmos que em 1826.

Pag. 106 — Idem.

Vasto renome, que *sobeje* aos évos.

« Em Lucena, e em outros quinhenti tas de summo apreço vem *sobejar* por *exceder*. » (*Nota de Bocage.*)

Pag. 107 — Ode xxvi.

José Agostinho nas suas « Considerações Mansas » a pag. 18 nega formalmente a Bocage a paternidade d'esta composição, que é (diz elle) do *pequeno em corpo, e grande em talento* Thomás Quintanilha, o qual a repetira na Academia das Bellas-Letras. Diga porem Macedo o que quizer; a ode não deixará por isso de ser producção de Manuel Maria, e é prova demonstrativa o autographo, que temos á vista, e do qual a copiámos, corregindo por elle alguns erros, e até faltas de versos, que apparecem nas duas edições, que d'ella fez o livreiro Marques Leão. O certo é que esta peça ficou sem a ultima lima, e talvez incompleta; porque o original está tão basto d'entre-linhas, e emendas (contra o costume ordinario do poeta) que mal pode decifrar-se sem muita paciencia e estudo.

Pag. 111 — Ode xxvi.

Incorporámos aqui este fragmento, pelo acharmos no tom, I das « Verdadeiras Inedictas » a pag. 137. Elle pertencia, como se vê, a composição mais extensa, e que reputamos perdida; ignorando a quem se dirigia, bem como o seu assumpto. Todavia julgou-se dever deixar consignado na presente edição este, e outros similhantes fragmentos, pelo empenho de não defraudar o publico em cousa alguma, com quanto de menor valia, uma vez que tenha sido impressa, e reconhecida como pertencente ao nosso auctor.

Pag. 131 — Canção i.

Das cinco canções, que vão incluidas no presente volume, a primeira vê-se claramente ter sido escripta pelo poeta, quando se dispunha a seguir viagem para o ultramar. Ás tres seguintes não podemos assignar data precisa da sua composição: mas tudo induz a crer, que são obras dos primeiros annos do auctor, e em todo o caso anteriores ao regresso d'este da India para Lisboa.

A quinta foi, como já indicámos, e se manifesta do seu conteudo, escripta em uma arribada, que a embarcação fez ao Rio de Janeiro, durante a viagem para Goa.

Pag. 178 — Cantata iv.

Foi recitada pelo poeta em sessão da Academia de Bellas-Letras de Lisboa, no mez de Dezembro de 1792. Aquella associação celebrava annualmente uma festa publica, em honra da Sanctissima Vir-

gem, que sob o mysterio de sua Conceição immaculada havia escolhido por especial padroeira.

Pag. 181 — Cantata v.

N'esta cantata, que é a X nas Obras de J. B. Rousseau, o traductor tomou a liberdade de affastar-se do sentido litteral do auctor, nos logares que vão indicados com asteriscos. Assim os versos

As mães de ferro e fumo enxovalhadas,
Nas crespas faces o suor em fio,

são totalmente novos; — e os seguintes

E seus olhos confusos, vagos, frouxos,
Já presos por Amor, já namorados, etc.

são magnifica substituição dos que passamos a transcrever do texto original:

. . . . Ses regards confus
Par les yeux de l'amour arrêtés au passage,
Achèvent de faire naufrage
Contre un sourire de Vénus.

Pag. 184 — Cantata vi.

Eis aqui uma das composições, que os poetas costumam chamar de *circumstancia*. Foi composta para ser recitada no theatro da rua dos Condes, em commemoração dos annos da princeza, conforme o uso então seguido, e que ainda depois permaneceu por largo tempo, de applaudir nos theatros os anniversarios das pessoas da familia real com a declamação feita pelos actores, de similhantes monologos poeticos, ou com a representação de pequenos e apparatosos dramas allegoricos, allusivos ao assumpto.

Pag. 191 — Canto i.

Tanto este como o seguinte, foram recitados pelo auctor em sessões publicas da Academia de Bellas-Letras nos annos de 1790 e 1791, e compostos para solemnisar a festividade do dia 8 de Dezembro. (Vej. a annotação, que acima fizemos á pag. 178.)

Pag. 207 — Canto iv.

O limitado espaço de que podêmos dispôr nas presentes notas, não comporta que nos alonguêmos na exposição do successo, que serviu de assumpto a este poemeto. Esse trabalho seria por outra parte inutil, não havendo mais que accrescentar á narração historica dos factos, conteuda em um folheto, que existe impresso com o titulo — «Relação do modo com que desempenhou o Chefe de Divisão Dónald Campbell a commissão de que o encarregou o Almirante Lord Nelson, na viagem ao porto de Tripoli, a fim de effectuar a paz entre o Baxá daquella Regencia, e a Corôa de Portugal, etc. — Lisboa M DCC LXXXXIX — Na officina de Simão Thaddêo Ferreira — » Em 4.º de 15 paginas. Commemorarêmos porém os nomes dos officiaes, que sob o commando do chefe Donald Campbell, faziam parte da guarnição da náu Affonso de Albuquerque, e que em remuneração do serviço prestado n'aquella expedição, foram todos promovidos ao posto immediato. Seguiremos a ordem porque no poema os achamos indicados.

Paginas 213 — verso 1. — *O delegado* — José Maria de Almeida, capitão de fragata, segundo commandante.

Pag. 226 — verso 7 — *Que d'arvore de Pallas te appellidas* — Miguel José de Oliveira Pinto, capitão tenente.

Pag. 229 — verso 18 — *Alexandre* — O segundo tenente Alexandre Luis de Sousa Malheiros.

Pag. 232 — versos 5 a 11 — *Silva* — O primeiro tenente Pedro da Silva.

França — O primeiro tenente Luis de França Machado.

Rocha — O segundo tenente João Eleutherio da Rocha Vieira.

Homem — O segundo tenente Francisco Homem de Magalhães.

Guerra — O guarda marinha Gaudino José da Guerra.

Avellar — O sargento de mar e guerra Manuel Ignacio d'Avellar.

Pag. 239 — verso 22 — *Castro* — O capitão tenente Manuel do Canto e Castro.

Pag. 241 — verso 16 — *Lima* — Allude ao marquez de Niza, D. Domingos Xavier de Lima, commandante da esquadra portugueza no Mediterraneo.

Pag. 242 — verso 16 — *Coutinho* — D. Rodrigo de Sousa Coutinho, então ministro e secretario d'estado dos negocios da Marinha.

O Bachá, que por este tempo governava em Tripoli, chamava-se Joseph Caramali.

Pag. 255 — Elegia ii.

D. José Thomás de Menezes, filho do marquez de Marialva

D. Pedro, faleceu desastradamente afogado no Tejo, crêmos que em Septembro de 1790. A lastimosa morte d'este mancebo suscitou as inspirações aos poetas de Lisboa, que á porfia se empenharam em dar a publico suas funebres composições, bem ou mal alinhavadas. — Alguns curiosos as reuniram, formando d'ellas um tomo em quarto, de arrazoada grandeza. Em uma d'estas collecções deparámos com a presente elegia, que tendo sempre escapado ás diligencias de todos os editores, não fora até hoje incorporada em algum dos volumes das obras de Bocage. Saíu em um folheto de outo paginas, com o seguinte frontispicio: — « Elegia, que o mais ingenuo e verdadeiro sentimento consagra á deploravel morte do ill^mo^. e ex^mo^. snr. D. José Thomás de Menezes, etc. etc. etc. — Seu auctor M. M. B. B. — Lisboa: Na officina de Lino da Silva Godinho: 1790. » Note-se que tendo Manuel Maria aportado a Lisboa em Agosto d'esse anno, esta é talvez a primeira producção da sua penna, escripta depois da volta da India.

Advirta-se tambem a inexactidão em que caíu José Agostinho, e os que o têm seguido, inculcando aquelle (nas « Considerações Mansas a pag. 35) que Bocage regressára a Lisboa em Agosto de 1791; pois pelo que fica dicto se mostra evidentemente que a sua chegada fôra em egual mez do anno antecedente.

Pag. 227 — Epicedio i.

Vê-se pelo conteudo que este epicedio foi consagrado á morte de uma dama, falecida em curta edade, e que parece tinha inspirado ao poeta mais do que simples estima. O seu nome porém ficou encuberto debaixo de um véo mysterioso; e baldadamente empregámos nossas diligencias para o descubrir.

Pag. 285 — Epicedio ii.

D. Pedro José de Noronha, quinto marquez de Angeja, coronel do regimento de cavallaria denominado do Caes, que passou depois a ter o numero 7, faleceu em 1804, segundo as indicações que até agora obtivemos.

Pag. 301 — Idyllio ii.

O Mandovi é um dos rios, em cuja foz fica situado o porto de Goa. O logar da scena designa pouco mais ou menos a data d'esta composição.

Pag. 316 — Idyllio v.

Alviéla, pequeno rio, que corre pelo logar de Pernes, comarca de Santarem, e entra no Tejo, com tres ou quatro leguas de curso.

PAG. 321 — IDYLLIO VI.

Tambem este foi composto em Goa, como se vê pelo verso 21.

PAG. 346 — IDYLLIO X.

Ou seja que este idyllio fosse ainda composto em Portugal, ou que o poeta o escrevêsse já na India, pretendendo commemorar as lembranças da patria, o facto é tel-o offerecido em Goa ao desembargador Barroco, então secretario d'aquelle Estado.

Este desembargador, promovido depois para a Casa da Supplicação de Lisboa, e falecido, ao que parece, pelos annos de 1802 a 1804, foi mui distincto poeta, merecendo como tal o suffragio de Francisco Manuel, que em varios logares de suas obras o menciona honrosamente. — Havia tomado o nome arcadico d'Albano. Vejam-se tambem a seu respeito as « Obras Poeticas da Marqueza d'Alorna » tomo I pag. 178 a 185.

PAG. 361 — IDYLLIO XII.

O conteudo d'este idyllio, escripto como d'elle se collige em Santarem, offerece claros visos de que o poeta quiz alludir a uma sua aventura pessoal, e de que a narrativa é toda historica, disfarçados apenas os nomes proprios das personagens. — O outro interlocutor, Josino, é sem duvida o seu officioso amigo José Salinas de Benavides, em cuja casa Manuel Maria era sempre cordealmente agasalhado em suas digressões á referida villa.

Traz no fim a seguinte advertencia, feita pelo auctor: — « Este idyllio, como verá o leitor versado n'isso, é escripto no estylo de Fernão Alvares do Oriente. »

PAG. 378. — IDYLLIO XIV.

De morte lastimosa extincto Daphnis.

Julio Cesar, cuja morte (segundo a opinião dos melhores expositores) serviu a Virgilio de assumpto na composição d'esta ecloga.

PAG. 379. — IDEM.

De um bello gado guardador mais bello.

« Traduzi este verso por dous modos; o segundo é assim: — Bellissimo pastor de um bello gado. — Note-se o mal que Leonel da Costa verteu este difficultoso verso. » (*Nota de Bocage.*)

Pag. 388 — Idyllio xv.

Cessem pois, Cypria deusa, os teus suspiros, etc.

« Este remate é meu, porque o do original, relativo ás festas annuaes celebradas em honra de Adonis e Venus, me pareceu pouco interessante. » (*Nota de Bocage.*)

Pela nossa parte convidamos o leitor estudioso a conferir, tanto esta versão, como a do « Amor fugido » de Moscho, com as que dos mesmos idyllios fez, e publicou o sabio Antonio Ribeiro dos Sanctos, e se acham nas « Poesias de Elpino Duriense » tomo I, a pag. 315 e 339, deixando ao juizo de cada um julgar do merito comparativo de umas e outras traducções.

Pag. 391 — Idyllio xvii.

Os idyllios — « Magoas amorosas d'Elmano » — e « Saudade materna » — são as ultimas producções de Bocage n'este genero. Tanto um como outro foram escriptos já no leito da morte, e ambos repassados d'aquella terna e melodiosa sensibilidade, que distingue em subido gráu as suas composições pertencentes a este periodo derradeiro d'existencia, entre-cortado alternativamente, ora pelas agonias da dor, ora pelos vislumbres de uma esperança, com que em momentos de allivio, se não conseguia illudir-se de todo ácerca do seu estado, forcejava ao menos por desprender-se dos lugubres, e melancholicos presentimentos, que lhe infundia o conhecimento da propria situação.

Pag. 394 — Idyllio xvii.

E tu, planta d'amor . . . . .

Esta passagem allude (segundo diz o poeta) a lindos versos, compostos e gravados por Analia em um tronco. Ácerca d'esta Analia consulte-se o que dissemos nas annotações do tomo I pag. 387.

Pag. 409 — Idyllio xx.

Este idyllio foi escripto e publicado pelo poeta pouco tempo depois da sua chegada a Lisboa. Saíu avulso em um folheto de quarto, impresso em 1791 na officina de Simão Thaddêo Ferreira, sem o nome do auctor. De um exemplar d'este folheto nos servimos na presente edição, corregindo por elle as faltas typographicas, que se acham no tomo V das « Obras posthumas de Bocage » colligidas por Marques Leão, onde a pag. 9 appareceu pela primeira vez reproduzida esta peça.

Só por meio de um minucioso, e acurado exame e confrontação d'esta com as edições anteriores (exceptuados quando muito os tres primeiros volumes publicados em vida do poeta) poderá o leitor adquirir, conscenciosa e cabalmente, a convicção da superioridade do nosso trabalho, e verificar por seus olhos a immensidade de correcções e emendas, com que conseguimos restabelecer a pureza e integridade do texto primitivo, em todas as poesias, quer posthumas, quer de novo incorporadas, que os antigos editores por desleixo indescupavel, ou supina ignorancia nos deixaram eivadas de erros, e de falhas de toda a especie.

FIM DO TOMO II.

INDICE

DAS POESIAS DE QUE SE COMPÕE ESTE SEGUNDO TOMO.

ODES.

ODES ANACREONTICAS.

CANÇÕES.

CANTATAS.

CANTOS.

ELEGIAS.

EPICEDIOS.

IDYLLIOS.